



## FESTA DO ESPÍRITO SANTO NO LADOEIRO E NO SUL DA BEIRA INTERIOR

### Feast of the Holy Spirit in Ladoeiro and in the South of Beira Interior

**Francisco José Ribeiro Henriques**

Antropólogo. Associação de Estudos do Alto Tejo. Centro de Estudos  
de Etnologia Portuguesa (Universidade Nova de Lisboa). [fjrhenriq@gmail.com](mailto:fjrhenriq@gmail.com)

**Palavras-chave** Espírito Santo, culto ao Espírito Santo, Beira Baixa

**Keywords** Holy Spirit, devotion to Holy Spirit, Beira Baixa

Vila Velha de Ródão, 2019

## Resumo

Este estudo caracteriza a festa do Espírito Santo no Ladoeiro e no sul da Beira Interior, nos anos de 1993 e 1994. Para o fazer usámos duas diferentes abordagens: uma intensiva ou monográfica, centrada na festividade de Ladoeiro e uma segunda, extensiva ou comparativa, usada para diversos lugares dos concelhos de Castelo Branco, Idanha-a-Nova, Proença-a-Nova e Vila Velha de Ródão. O modelo intensivo privilegiou a observação participante, em todos os momentos da festa, durante 13 meses. O modelo extensivo inventariou 29 manifestações festivas e de culto ao Espírito Santo em outras tantas localidades dos concelhos referidos.

Ao longo do texto confrontam-se duas visões de festa, ainda que mescladas: a defendida pela igreja e a comungada pelas populações rurais. A festa é a excepção ao quotidiano; é um elo extraordinariamente eficaz de ligação entre os membros de uma comunidade ou entre vizinhos, porque actualiza e intensifica as relações sociais. A divindade é o pretexto que as reúne, porque é mais importante o prazer, o corpo, e a exibição que o ascetismo religioso.

## Abstract

This study characterizes the feast of Holy Spirit in Ladoeiro and southern Beira Interior, in 1993 and 1994. For this two different approaches were used: one intensive or monographic, centered on the festivity of Ladoeiro and a second, extensive or comparative, used for various places in the municipalities of Castelo Branco, Idanha-a-Nova, Proença-a-Nova and Vila Velha de Ródão. The intensive model favored participant observation, at all times during the feast, for 13 months. The extensive model invented 29 festive and Holy Spirit worship events in many localities of the referred municipalities.

Throughout the text two perspectives of celebration are confronted, even if mixed: the one defended by the church and the one communed by the rural populations. The feast is the exception to everyday life; it is an extraordinarily effective link between members of a community or between neighbors because it updates and intensifies social relations. Divinity is the pretext that brings them together, because pleasure, body, and display are more important than religious asceticism.

## Dedicatória

Este escrito é inteiramente dedicado à Maria dos Anjos pela sua colaboração em todas as fases da elaboração do trabalho. Sem ela o resultado final seria outro, alguém do que se apresenta; perderia uma parte razoável da componente feminina da festa além de pormenores que só a sagacidade de uma mulher consegue captar.

Ao libertar-me de múltiplas tarefas quotidianas, mesquinhas mas indispensáveis, proporcionou-me mais tempo livre e maior disponibilidade para a realização deste trabalho assim como para os quatro anos de licenciatura. Foi ela que me incentivou nos momentos de desânimo e me suportou nos momentos de angústia porque, por muita colaboração que se tenha, a investigação é essencialmente um acto solitário.

## Agradecimentos

Este trabalho, ainda que simples, só foi possível com a colaboração de um grande número de pessoas e de algumas instituições. Quero manifestar a todos a minha gratidão.

Não poderei esquecer o modo como eu e a minha mulher fomos acolhidos no Ladoeiro, em 1993 e 1994, em casa de todos os festeiros do Espírito Santo. É de inteira justiça que mencione os seus nomes: Joaquim Flores, António Cabrito, João Relvas, Apolinário Antunes, Joaquim Carrondo, Manuel Teixeira, João Cordeiro, João Clemente e respectivas mulheres. Este agradecimento é extensivo a todos os informantes que me abriram as capelas e as portas de suas casas, sem que me conhecessem previamente. Um agradecimento ainda aos senhores padres António Escameia, pelos múltiplos serviços que me prestou; Adelino Américo Lourenço, pela aula que me proporcionou e Martinho Lopes Lourenço, por tudo quanto fez nas minhas idas a Monforte da Beira.

Um agradecimento sentido e profundo à Dr<sup>a</sup>. Paula Godinho pelo modo como ao longo de mais de um ano, com inesgotável paciência, orientou o trabalho. Ao amigo João Carlos Caninas pela revisão do texto. Aos amigos Jorge Gouveia, João Sena, António Romeiro de Carvalho, Manuel Garrido e Graça Baptista pela maneira como cada um contribuiu para o bom termo deste trabalho.

Ao nível das instituições é justo que mencione o Instituto Português da Juventude (delegação de Castelo Branco), a Junta de Freguesia do Ladoeiro, à Câmara Municipal de Idanha-a-Nova e à Adraces pelo apoio financeiro que deram à edição deste trabalho.

A todos o mais profundo Bem-Hajam.

## Introdução<sup>1</sup>

Ao longo dos últimos anos muita da nossa energia foi investida em prol de uma área geográfica – a Beira. A Beira telúrica que conhecemos e sentimos visceralmente.

Não é possível viver aqui, tomar conhecimento da cultura destas gentes e ficar indiferente. A consciência impõe a necessidade do registo das manifestações de um mundo de camponês, em vias de extinção.

Foi nesta linha de ideias que elaborámos este trabalho com o objectivo de tentar interpretar a festa do Espírito Santo no sul da Beira Interior, através de uma abordagem intensiva e extensiva do fenómeno festivo.

Intensivamente tentámos registar, de forma tão minuciosa quanto possível, as festividades no Ladoeiro e extensivamente fizemo-lo em toda uma área que à frente definiremos. Daremos sempre maior importância aos factos etnográficos que às suas interpretações. Porque, como diz o professor João LEAL (1984) “as interpretações passam, os factos, esses ficam, e se forem exaustivamente descritos, pode-se voltar a eles a qualquer momento.”

Remontam aos textos bíblicos do Antigo Testamento as primeiras referências ao Espírito Santo. A ideia de Espírito Santo foi algo que evoluiu e se aperfeiçoou do Antigo para o Novo Testamento.

Reconhece-se que, ao longo de toda a história da Igreja, o Espírito Santo foi uma das suas essências primordiais, a sua alma. Tem sido a energia que a catapultou, permanentemente, para novos desafios.

Pela sua complexidade e subjectividade nunca foi fácil definir Espírito Santo. Simplificadamente é a terceira pessoa da Santíssima Trindade. Procede do Pai e do Filho e com eles cria uma unidade de um só Deus, uma indivisa trindade. Espírito Santo ou Espírito de Deus é também sinónimo de poder divino, manifestado nas suas mais diversas formas. Mas, as palavras mais precisas para o definir continuarão a ser muito imprecisas para o fazer.

A fé dos cristãos reside na não questionabilidade da Trindade – Pai, Filho e Espírito Santo.

É uma ideia que continua nova e actualizada como provam as encíclicas *Divinum illud múnus*, de Leão XIII (1897), dedicada unicamente ao Espírito Santo, *Mystici Corporis*, de Pio XII (1943), que o dá como “o princípio de toda a acção vital e verdadeiramente salvífica em cada uma das diversas partes do corpo” e, recentemente, João Paulo II na encíclica *Dominum et Vivicantem* aborda a mesma temática (*O Espírito Santo na Vida da Igreja e do Mundo*).

A importância do Espírito Santo, como elemento central da Unidade/Trindade, foi reafirmada no novo Catecismo da Igreja Católica redigido depois do Concílio Ecuménico de Vaticano II.

Podemos concluir que sendo o Espírito Santo ânimo, alento e força, tem renovado cada vez mais a Igreja de Deus.

Pela importância que tem para a Igreja Católica é festejado anualmente cinquenta dias depois da Páscoa, no domingo de Pentecostes.

A iconografia religiosa representa-o como se manifestou materialmente, segundo os textos bíblicos, sob a forma de pomba. “Uma vez baptizado, Jesus saiu da água e eis que os céus se lhe abriram e viu o Espírito de Deus descer como uma pomba e vir sobre ele” (Mateus 3,16). E/ou sob a forma de línguas de fogo. “Subitamente ressoou, vindo do céu, um som comparável ao de forte rajada de vento, que encheu toda a casa onde se encontravam. Viram, então, aparecer umas línguas à maneira de fogo, que se iam dividindo, e poisam uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios de Espírito Santo e começaram a falar outras línguas, conforme o Espírito lhes inspirava que se exprimissem” (Actos 2, 3-4).

O culto do Espírito Santo é uma das características específicas da cultura popular portuguesa. Com os Descobrimentos e consequente colonização foi levado para a Madeira, os Açores, o Brasil e a Califórnia. Quanto à sua origem não há unanimidade entre os autores. Uns fazem-no remontar ao século XIV e atribuem-no à rainha Santa Isabel. Outros dão-lhe uma origem, muito mais antiga, que poderá remontar à Pré-História recente e atribuem-no à influência orientalizante que a Península Ibérica sofreu nos alvares da História. Foi no entanto reorientado nos séculos XV-XVI com o aparecimento dos cristãos novos.

<sup>1</sup> Este trabalho foi apresentado em 1994 no Seminário de Investigação da Licenciatura em Antropologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa publicado em 1996 no nº 1 da série monográfica Açaфа, editada pela Associação e Estudos do Alto Tejo, com os apoios do Instituto Português da Juventude, da Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, da Associação para o Desenvolvimento da Raia Centro-Sul e da Junta de Freguesia do Ladoeiro.

Autores como Micaela SOARES (1983) e João LEAL (1994) comungam, grosso modo, da primeira posição recorrendo para isso a documentação escrita dos séculos XVI e XVII<sup>2</sup>. Jaime CORTESÃO (1980) liga a sua difusão à época dos autores referidos mas “estabeleceu a relação entre o desenvolvimento deste culto sob a forma de império e a penetração dos franciscanos no país. Concluiu que, sendo Trás-os-Montes a região, onde, nos séculos XV e XVI, menor influência teve a Ordem de São Francisco, foi lá que não encontrou vestígios deste culto” (SOARES, 1983:10).

O antropólogo Pais de Brito associa o culto do Espírito Santo a Santo António e às fogueiras que o celebram. Lembra, para isso, dois importantes factos correlacionáveis: por um lado, que Santo António ingressou na Ordem dos Franciscanos e o papel desta Ordem na difusão do Império do Espírito Santo; por outro, o papel atribuído à rainha Santa Isabel na introdução do culto em Portugal. Para sintetizar: “Queremos realçar o facto de os Impérios do Espírito Santo se distribuírem no interior da área das fogueiras de Stº António, com uma grande condensação desse culto popular em torno de certos pólos de influência como Alenquer, Tomar, Leiria, Sintra, Santarém e ainda a Beira Baixa, sobretudo nas proximidades do Zêzere” (BRITO, 1989:532)

Seria também através dos Franciscanos que se difundiu a ideologia de Joaquim de Fiore, monge calabrês fundador da Ordem de Fiore, defendendo a chegada de uma época do Espírito Santo sustentada por valores espirituais e por uma Igreja dos pobres – milenarismo<sup>3</sup>.

Esta corrente de pensamento tem vindo a sustentar discursos ideológicos onde alguns pensadores portugueses como Breda SIMÕES (1986), Agostinho da SILVA (1985) e António QUADROS (1987) vêem “identidade nacional.”

<sup>2</sup> D. Rodrigues da CUNHA, (1642), *História Eclesiástica da Igreja de Lisboa*, Vol. 1, p.122, Lisboa. Fr. Manuel da ESPERANÇA, (1656), *História Seráfica de Ordem dos Frades Menores de São Francisco na Província de Portugal*, parte 1ª, livro I, capítulo XXXVIII, p.132-134 e 2ª parte, livro IX, capítulo XVII, Officina Craesbeeckiana, Lisboa. Frei Francisco BRANDÃO, (1672), *Sexta Parte. Monarchia Lusitana*, Lisboa. Manuel FERNANDES (1960), *Alma Instruída da Doutrina e Vida Cristã*, t.II, Lisboa. D. Fernando Correia de LACERDA, (1680), *História da Vida, Morte, Milagres, Canonização e Trasladação de Santa Isabel*, Sexta Rainha de Portugal, Officina de João Galvão, p.185-186, Lisboa.

<sup>3</sup> Milenarismo – corrente de pensamento judaico-cristã que advoga uma nova vinda de Jesus Cristo sobre a terra onde construirá um reino com os justos que durará mil anos. Esta corrente de pensamento foi importante no cristianismo primitivo, reapareceu durante a Idade Média e mantém-se nalgumas correntes de pensamento.

Ao invés dos autores acima mencionados Moisés ESPÍRITO SANTO (1988) faz recuar o culto do Espírito Santo à nossa Pré-história recente, aos tempos da forte influência mediterrânica. Defende o autor que o “culto vem directa e inteiramente da tradição hebraica.”

“Quem instituiu o culto? Diz-se frequentemente que foi a Rainha Santa. Tal afirmação é absurda. Os cultos populares não são, nem nunca foram, nem o poderão ser, «instituídos» por decreto ou pela boa-vontade de uma pessoa, seja ela a rainha beata ou santa.

... Aquela paternidade é uma invenção de Frei Manuel da Esperança, cronista da Ordem Franciscana.

...A «fundação» da Rainha Santa é falsa também pelo facto de certas capelas beirãs do Espírito Santo já existirem quando nasceu a rainha. No seu Santarém Quinhentista, Rocha Beirante diz igualmente que o culto do Espírito Santo em Santarém é anterior à Rainha Santa” (ESPÍRITO SANTO, 1988:144).

Moisés ESPÍRITO SANTO nas *Origens do Cristianismo Português* (s/d:119) foca a questão da ecumenicidade do Espírito Santo. O Espírito Santo poderia tornar-se no princípio comum a todas as religiões. O arquétipo [que] pode ser assumido por qualquer religião” escreve o autor.

Tendo o Espírito Santo como temática principal, ou mesmo secundária, pouco mais há, para esta área da Beira, que descrições etnográficas. A excepção é feita às múltiplas referências interpretativas que Moisés Espírito Santo faz sobre o culto e festividade do Espírito Santo na Beira (em geral). Dos casos que especifica, Zebreira (ESPÍRITO SANTO, 1988:127,128,134), Monsanto (ESPÍRITO SANTO, 1988:131,133) e Atalaia [Fundão] (ESPÍRITO SANTO, 1988:134), apenas os dois primeiros estão no interior da área de intervenção que estudámos.

Jaime CORTESÃO (1980) no *Mapa de Distribuição das Festas do Espírito Santo no Continente* assinala cinco pontos (?) na área destes quatro concelhos.

Em Maio de 1989, quando do restauro da capela do Espírito Santo em Alcains, Adelaide Salvado realizou uma conferência pública subordinada ao tema *A Devoção do Espírito Santo na Beira*. O conteúdo desta acção aguarda publicação.

Em Novembro de 1992, em Idanha-a-Nova, Maria Leonor Carvalhão Buescu realizou uma conferência denominada *O Trigo e as Rosas*. A problemática central rondou a

capela e o culto do Espírito Santo em Monsanto. Desconhecemos qualquer publicação com o conteúdo desta conferência.

A densidade de festas, imagens e capelas do Espírito Santo nas áreas limítrofes das estudadas, parece não variar muito a norte, nos concelhos do Fundão, Belmonte e Covilhã<sup>4</sup>.

A sul há registo do Espírito Santo em Niza<sup>5</sup> e em Amieira do Tejo (SOUSA, 1936:430-433). A oeste há também registos em Mouriscas<sup>6</sup>, Mação<sup>7</sup> e Castelo [Sertã] (DIAS, 1948:131)<sup>8</sup>.

---

<sup>4</sup> SARAIVA (1993). Este trabalho de seminário foi produzido em 1993 por quatro alunos da Licenciatura de Sociologia, da Universidade da Beira Interior. Mantém-se inédito. Seguiu a orientação do Prof. Doutor Manuel da Costa Garcia. O trabalho dá conta de 26 locais de culto do Espírito Santo, 40 altares e imagens com a figura ou em honra do Espírito Santo, 13 instituições canónicas ligadas ao culto do Espírito Santo, 16 festividades em honra do Espírito Santo (9 eclesíasticas e 7 mistas), 31 actos religiosos em honra do Espírito Santo e 15 topónimos ligadas ao Espírito Santo. De um modo muito rápido conclui que: “o Culto do Espírito Santo esteve na origem das Instituições Privadas de Solidariedade Social quando nos referimos às Misericórdias. Mas não mais do que isso. Hoje, não há relação entre as IPSS e o culto do Espírito Santo” (SARAIVA, 1993:114).

<sup>5</sup> FIGUEIREDO (1956:69-76), MOURA (1855:55-59). Deste último livro extrai-se a seguinte passagem. “É a primeira irmandade dos moços do Espírito Santo, que começou logo nos princípios da villa e consiste na reunião de alguns jovens lavradores com o fim de invocarem aquele Divino Criador, e Vivificador em nome da classe, aqui pertencem, nas suas plantações, e sementeiras, e como documentos dos benefícios, que d’elle teem recebido, ostentam tropheo no alto do pendão, as primícias da colheita do ano anterior. É para lhe offerecem estes cultos erigiram-lhe uma capella, alevantaram-lhe um estandarte, no alto do qual poseram um mólho d’espigas, e um bollo, emblemas da agricultura, e para exprimirem a sua majestade e grandeza nos dias de maior festividade improvisam um imperador, vestindo um mancebo na purpura dos Cezares, e cingindo-lhe a coroa e o diadema; e cercando-o e acompanhando-o com espadas em punho, como guarda pretoriana: Três vezes no anno se faz a cerimonia, e ajunta a corporação; no dia e procissão do Corpo de Deus, no de São João, e no da festa do glorioso patrono, que costuma fazer-se no mez de Setembro; e em todas eles tem logar a festividade do córte dos gallos; que é singular d’este povo, porque não nos consta, que se repita n’outro.

Concluídos os officios divinos e tomada uma ligeira refeição, correm os mordomos a villa pedindo ás lavradoras as primícias das suas criações d’aves domésticas para as emmolarem com innocentes victimas pelo repouso de suas famílias e prosperidade de seus rebanhos depois de obterem boa porção d’elles, volvem a casa do alferes, á porta do qual se acha a esse tempo atada e preparada uma corda, e levantado um solio para um imperador, que preside e toca a assembleia, e é crença vulgar, que nenhum monarca n’aquella tarde é tão despótico e absoluto, como aquelle; mas por uma graça especial do Divino Espirito, a quem é dedicado, acontece que não haja memoria de que elle usasse de um só de seus amplos magestáticos poderes: Separados e escolhidos os melhores gallos, são atados sucessivamente

Ao longo deste trabalho o leitor terá a oportunidade de se confrontar com dois modelos diferentes, ainda que complementares, de investigação. O modelo intensivo ou monográfico, que caracteriza todo o capítulo 1 e o modelo extensivo ou comparativo observável nos capítulos 2 e 3.

O modelo intensivo privilegiou a observação participante em todos os momentos da festa e limitou-se ao Ladoeiro. Os primeiros contactos, com os festeiros do Espírito Santo do Ladoeiro, foram feitos na última quinzena de Outubro do ano de 1993.

Ainda em Castelo Branco abordámos, duas ou três pessoas, do Ladoeiro, para obter informações acerca de alguns particularismos de que se revestiam as festividades do Espírito Santo nesta localidade. Estas pessoas comunicaram as nossas intenções e quando contactámos os primeiros festeiros já nos esperavam e sabiam, em traços largos, ao que vínhamos.

Quando da primeira reunião em 26 de Novembro de 1993, para a qual já fomos convidados, apresentámos aos restantes festeiros as razões da nossa presença. Concederam-nos então o estatuto de “faz de conta que faz parte da comissão.” A partir desta altura passaram a tratar-nos, formalmente, como elemento da comissão. Apenas formalmente porque na prática não tínhamos o dever, por exemplo, de participar das despesas.

Deslocámo-nos ao Ladoeiro por altura de qualquer trabalho ou reunião que foram, quase sempre, em fins-de-semana porque todos os festeiros tinham, também, as suas actividades profissionais, ou outras.

---

um a um na corda fatal, e sacrificados com uma espada por aquelles que os ajustam e compram à divindade, que se festeja”.

<sup>6</sup> COSTA, C., LOURENÇO, L., ROBALO, M. e ROLÃO, B., s/d, A Festa do Espírito Santo em Mouriscas (trabalho dactilografado), Universidade Nova de Lisboa/Faculdade de Ciências Sociais Humanas, Lisboa. Não foi possível localizar este trabalho.

<sup>7</sup> Informação oral prestada pelo padre Martinho Lopes Lourenço (Monforte da Beira).

<sup>8</sup> DIAS (1948:131). “A freguesia do Castelo (Sertã) tem como orago o Divino Espírito Santo, que venera representado em pesada e antiga escultura de pedra.

A mordomia, que todos os anos, depois de fazer o necessário peditório, promove a respectiva festa de Domingo de Pentecostes, é constituída exclusivamente por rapazes solteiros, porque, é tradição, que se dela fizer parte homem casado, depressa morrerá!

Tem grande virtude para os castelenses a venerada imagem do Espírito Santo, e todos os solteiros ou solteiras que desejam apressar o matrimónio, dão-lhe um abanão na primeira oitava (Domingo imediato ao de Pentecostes).

Quanto mais forte for o abanão, mais depressa se realizará o casamento”.

Duas grandes motivações estiveram subjacentes à escolha do Ladoeiro para a realização do trabalho intensivo. A primeira residiu no modo como esta comunidade ainda vive a festa do Espírito Santo. A segunda, tão importante como a primeira, decorre do facto de nunca ninguém a ter registado convenientemente. Jaime Lopes Dias descreveu as festas do Espírito Santo de Zebreira (DIAS, 1953:85-108), sumariamente as de Monforte da Beira (DIAS, 1953:109-111) e respigos da festa de Proença-a-Nova (DIAS, 1967:93-96). Maria Leonor Buescu descreveu os jantares do Espírito Santo de Monsanto (BUESCU, 1984:60-61). Do Ladoeiro conhecia-se, apenas, um pequeno artigo de jornal de António de CARVALHO (1991).

O modelo extensivo abrangeu os concelhos de Castelo Branco, Idanha-a-Nova, Proença-a-Nova e Vila Velha de Ródão.

A partir de uma listagem dos aglomerados populacionais, que integram cada um dos concelhos, tentámos saber os que tinham igrejas ou capelas, independentemente dos oragos. Seguidamente, ou em simultâneo, verificámos todos os que tinham imagem ou capela do Espírito Santo. Para o sucesso desta tarefa foi muito importante o trabalho que realizámos anteriormente (HENRIQUES, 1993).

A partir desta primeira identificação começamos a visitar, um a um, todos os locais com capela ou imagem do Espírito Santo e todos os outros em relação aos quais havia dúvidas quanto à existência de capela, imagem ou festa. Esta tarefa foi iniciada em Novembro de 1993 e terminou em Outubro de 1994.

Foi neste trabalho que surgiram as maiores dificuldades. A muitos locais tivemos de voltar duas e mais vezes para visitar a capela ou a imagem do Espírito Santo ou para entrevistar a pessoa, ou pessoas, recomendadas.

Chegados a qualquer lugar procurávamos a capela do Espírito Santo, desde que houvesse notícia da sua existência. O passo seguinte era procurar a vizinha do Espírito Santo que tinha a chave. Esta pessoa era quase sempre a zeladora da capela. Visitávamos, fotografávamos a capela e a imagem e recolhíamos informações. Privilegiámos as zeladoras como informantes porque nos apercebemos que eram as mais indicadas para satisfazer a nossa curiosidade. Quando a imagem estava na Matriz procurávamos o sacristão como informante.

No início do trabalho receámos não serem dignas de confiança as informações obtidas junto das zeladoras e dos sacristãos mas, com o evoluir do trabalho de campo verificámos que, em muitas comunidades, eram as únicas pessoas indicadas para responderem cabalmente às questões colocadas.

Se no início deste trabalho um dos objectivos era reconstruir a festa, mesmo nas comunidades onde já se perdera, depressa tomámos conta da dificuldade, e mesmo da impossibilidade, de o fazer recorrendo só à oralidade. As pessoas vão sabendo da existência segmentar dos fenómenos, mas não conseguem descrever o seu funcionamento como um todo. E, à medida que recuamos no tempo, maior é essa dificuldade. Outra coisa não seria de esperar.

Utilizámos um guião que se mostrou versátil para todo o trabalho extensivo (Anexo). Foi elaborado especificamente para a área desta intervenção e utilizado, unicamente, como orientação e auxiliar de memória durante as entrevistas. A sua utilização revelou-se importante no que toca à homogeneidade de matérias recolhidas, de comunidade para comunidade. Não foi utilizado no Ladoeiro.

Paralelamente ao trabalho de campo consultámos jornais regionais e monografias locais. Os jornais consultados foram o *Beira Baixa*, da sua origem à sua extinção (1937-1976), a *Reconquista*, da sua origem (1944) aos nossos dias, o *Concelho de Vila Velha de Ródão*, de 1982 aos dias de hoje, o *Mancha Verde*, de 1987 à actualidade, alguns números do *Raiano*, do *Aldeia Viva* e de outros periódicos que constam na bibliografia. Esta pesquisa ajudou a elaborar o Quadro 9 onde consta o inventário das festividades da Páscoa ao Corpo de Deus.

Ao nível das técnicas de registo utilizámos o bloco de notas, a gravação (52 cassetes) e a fotografia (cerca de 300) para a globalidade do trabalho. Em vídeo registámos (170 minutos) a festa dos madeiros e a festa do Espírito Santo no Ladoeiro.

A Beira Interior é vasta. Ocupa a parte oriental do centro de Portugal, entre o Douro e o Tejo. O “sul da Beira Interior” é um conceito vago, completamente artificial. Não há qualquer ponto de referência a partir do qual se determine o sul ou o norte. Não corresponde também a qualquer região natural ou cultural da Beira Interior. O único critério utilizado para subordinar uma área a esta designação foi o administrativo e o geográfico.

Restringiu-se a designação sul da Beira Interior aos concelhos de Idanha-a-Nova, Castelo Branco, Proença-a-Nova e Vila Velha de Ródão. Estes concelhos ocupam quarenta e seis por cento da área do distrito de Castelo Branco.

## 1. A festa do Espírito Santo no Ladoeiro

### 1.1. Ladoeiro: breve contextualização

Ladoeiro é uma das dezassete freguesias do Concelho de Idanha-a-Nova. Tem uma área de 6312 hectares e uma área social de 58 hectares (HORMIGO, 1979:1). Fazem parte da freguesia, além da sede, o Monte Rochão e outros montes agrícolas dispersos.

A sua fundação remonta a 1541. Em 1608 já aqui residiam mais de 150 famílias.

Do ponto de vista morfológico Ladoeiro está implantado no compartimento inferior da falha do Ponsul. O aglomerado populacional e todo o seu território de exploração assentam numa plataforma detrítica (arcoses) de altitude inferior a 400 metros. A paisagem é de peneplanície com áreas cultivadas, de pousio e incultas. Nestas últimas a cobertura arbórea predominante é o montado de sobre e azinho.

O clima tem características continentais, com verões quentes e secos e invernos frios e húmidos. Entre o verão e o inverno há grandes amplitudes térmicas.

O povoamento do concelho é caracterizado por aglomerados populacionais, que raramente atingem os 2000 habitantes, com dispersão intercalar de montes (unidades de exploração agrícola).

Até à década de sessenta a economia da região dependia, exclusivamente, da agricultura. Predominava, e predomina, a grande propriedade não murada (*openfield*). Estas grandes propriedades pertencem a poucos proprietários. “As maiores casas agrícolas eram do sr. Marques e do sr. Coelho e os dois vieram do nada.” Mas a maioria das famílias residentes tinham um chão<sup>9</sup>, na área envolvente do aglomerado populacional. Nos finais da década de cinquenta entrou em funcionamento a barragem Marechal Carmona, em Idanha-a-Nova. A barragem veio irrigar toda a área da campina de Idanha onde o Ladoeiro está implantado.

A barragem e a conseqüente irrigação veio alterar profundamente o cenário económico da região. A propriedade foi mais dividida. A povoação recebeu muita gente, que compensou a ausência dos que emigravam. Com a instalação de uma fábrica de queijos e, mais tarde, de outra de concentrado de tomate criaram-se postos de trabalho ligados à indústria. Estes factos deram origem a que o grosso da emigração fosse retardado para a década de 81-91, em plena crise agrícola.

<sup>9</sup> O mesmo que horta. Pequena área de terra arborizada com árvores de fruto e cultivada, situada quase sempre no aro da povoação.

Actualmente a fábrica de lacticínios está em subactividade. A fábrica de tomate encontra-se em situação idêntica e o pouco tomate que recebe tem, ainda, outras procedências que não a área do Ladoeiro. Consequentemente, toda a área mergulhou na crise geral da agricultura portuguesa. É convicção das pessoas que “se a fábrica do tomate não fechasse o Ladoeiro ainda se compunha, vinham muitos seareiros do Ribatejo e havia mais trabalho para as pessoas.” Um grande hotel, recentemente aberto, ocupa apenas cinco ou seis pessoas do Ladoeiro.

Toda esta área, antes da introdução do tractor, tinha um grande número de cabeças de gado bovino. Eram indispensáveis nas tarefas agrícolas. Com a expansão do tractor houve uma notória retracção deste número. Verificou-se, em contrapartida, um aumento progressivo das explorações industriais de gado bovino específico para produtos lácteos e alimentação.

Pela especificidade da região a ovelha foi, e é, o animal predominante na campina. Depois de anos de crise voltaram os grandes rebanhos. A União Europeia estimula-os oferecendo subsídios de valor razoável.

Do passado para o presente o nível sócio-económico das pessoas melhorou muito. Primeiro foi o trabalho na barragem, findo o qual se voltou à campina, agora irrigada. Por último foi a emigração para outros países.

Na campina as culturas predominantes foram o trigo e o centeio. Actualmente são o tabaco e o girassol, ainda que a espécie cultivada dependa essencialmente da cultura subsidiada pelo Ministério da Agricultura.

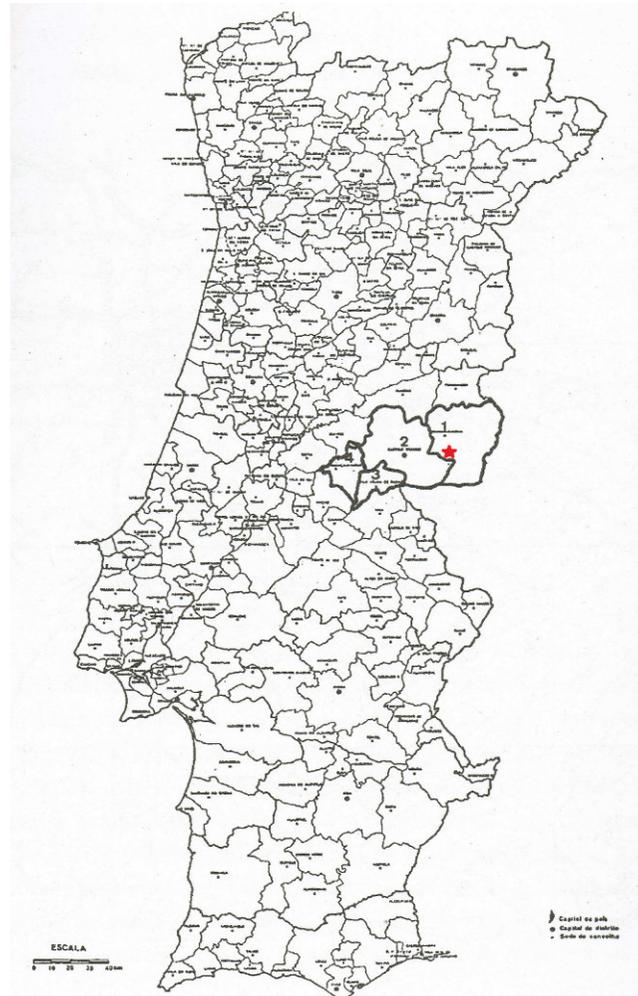
Como escrevia o *Jornal do Fundão* de 28 de Outubro de 1994 “*semearam-se muitos hectares. O girassol foi a benesse possível. Não se tratava de produzir, mas apenas de semear... O resultado vê-se agora, nos hectares abandonados onde apenas a morte do girassol é visível. É o giracídio, como lhe chamam os agricultores... É sobretudo, uma agricultura pensada à medida de tudo – menos do homem*”<sup>10</sup>.

Até à década de 80 todos os anos se fixavam 10-12 pessoas, com idade de votar. Posteriormente, devido à crise agrícola, esta tendência inverteu-se.

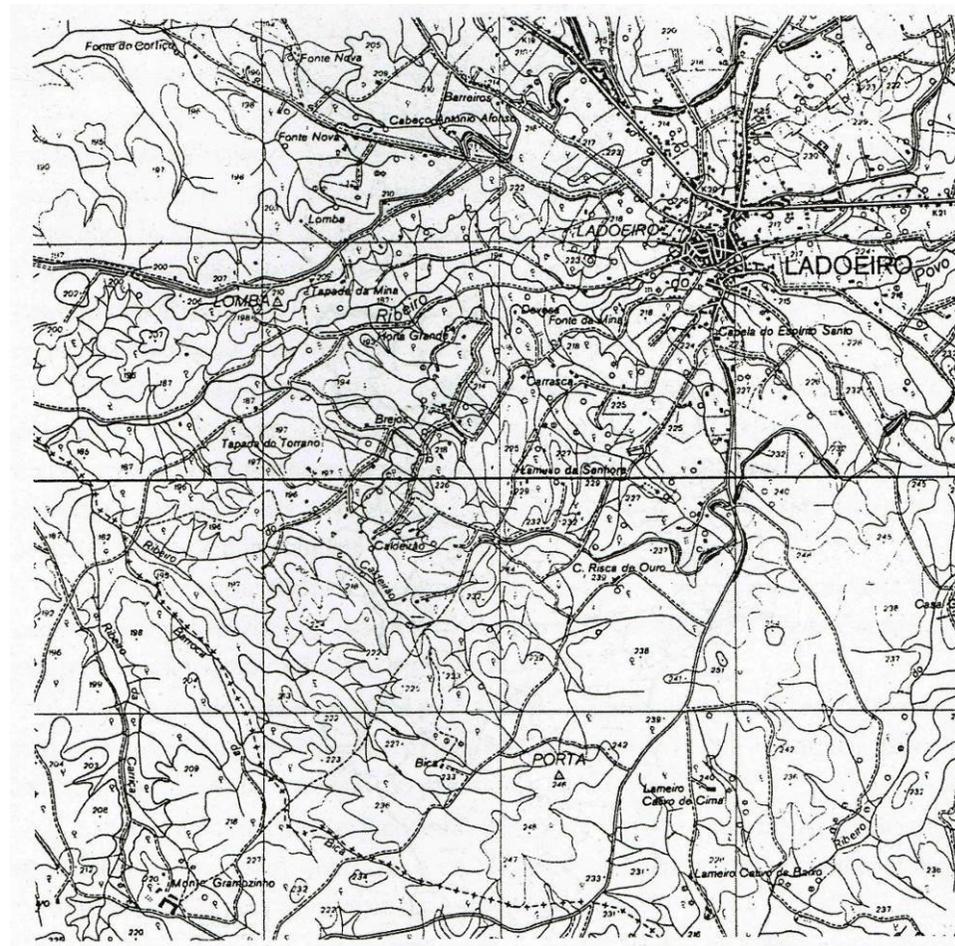
Numa leitura rápida do quadro 1 verifica-se que houve um crescente aumento da população no Ladoeiro de 1911 a 1960. Desde o início do século o saldo foi aumentado até atingir o máximo de 2531 pessoas no ano de 1960. Em 1960 o saldo continuou

<sup>10</sup> Como o jornalista faz subentender o agricultor é subsidiado consoante a área semeada. A colha, frequentemente, não se chega a fazer. Não interessa o resultado final.

positivo mas houve uma diminuição da taxa de crescimento da população de 15,7% para 8,9%. Da década de 60 à actualidade a tendência foi decrescente. Atingiu o máximo de -24,9% nos anos 70-80. Actualmente é possível que estejamos a assistir a uma tendência para a estabilidade. Este decréscimo de população ocorreu em todos os concelhos do sul da Beira Interior e não apenas no Ladoeiro.



**Figura 1.** Localização da área de estudo do território continental (1. Idanha-a-Nova, 2. Castelo Branco, 3. Vila Velha de Ródão, 4. Proença-a-Nova, \* Ladoeiro).



**Figura 2.** Ladoeiro e área envolvente (Excerto da folha nº 293 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25 000, Serviços Cartográficos do Exército, 1973).

O Ladoeiro mantém, e continua a manter, uma profunda rivalidade com Idanha-a-Nova. Isto porque as “pessoas do Ladoeiro – e é aldeia! – são mais ricas que as da vila. Aqui, no Ladoeiro, as pessoas ainda que trabalhassem para os ricos todos tinham a sua horta.”

Actualmente são três os edifícios religiosos da povoação (a Matriz, a capela do Espírito Santo e a capela da Misericórdia). No passado há notícia de outras três capelas, hoje destruídas (Santo Antão, São Pedro e São Sebastião).

Quadro 1. Evolução demográfica do Ladoeiro no séc. XX

ANO	FOGOS	FAMÍLIAS	POPULAÇÃO			Varição da
			Homens	Mulheres	Total	População em % *
1911	446		598	692	1290	-
1920	453		642	768	1410	+ 9,3 %
1930		495	789	888	1677	+ 18,9 %
1940	634	556	957	1050	2007	+ 19,6 %
1950		628	1103	1220	2323	+ 15,7 %
1960		773	1222	1309	2531	+ 8,9 %
1970		721	1200	1169	2369	- 6,4 %
1981		657	857	920	1777	- 24,9 %
1991		666	870	854	1724	- 2,9%

\* calculada em relação à década anterior.

## 1.2. Capela, imagem do Espírito Santo e insígnias

Na janela da capela-mor há um pequeno bloco de granito, móvel e de feição paralelepípedica. Sobre ele foi pintada a negro, recentemente, a data de 1658. Informaram ter sido esta a data da sua construção. Numa análise ao bloco não vimos qualquer outra gravação que apoiasse esta posição. HORMIGO (1979) data a capela dos séculos XVI-XVII.

Em Novembro de 1952 fazem-se os primeiros contactos para o calçetamento da rua que dá acesso à capela do Espírito Santo (BEIRA BAIXA, 29.11.1952).

Em Agosto de 1961 houve uma grande polémica entre o pároco e a junta de freguesia do Ladoeiro a propósito “*de que a Junta de Freguesia local ía apoderar-se da referida propriedade [Barrada do Espírito Santo] e da demolição de “cerca de cincoenta pocilgas existentes na dita propriedade cujos donos pagavam a respectiva renda à igreja...”*” (RECONQUISTA, 6.8.1961). A junta de freguesia respondeu num curto comunicado de cinco pontos de que se respiga o seguinte. “... *O aspecto do actual ambiente que cerca a capela do Espírito Santo melhorou, com a ausência das referidas pocilgas.*” “...*Quanto ao direito de propriedade do local, a Junta diz nunca ter ventilado tal assunto*” (RECONQUISTA, 20.8.1961).

Foi reparada em 1980. Há cerca de sete ou oito anos foi construído um muro a envolver, parcialmente, a capela. Desde a sua construção nunca este muro tinha sido caiado. Em 1994, antes do início das festas, foi caiado. A cal foi oferecida pela junta de freguesia e os festeiros ofereceram a mão-de-obra. Critica-se o padre por não ter contribuído com os meios financeiros. “Se ele ajudasse podia-se pintar a capela.”

O coroeiro mandou arranjar a pomba, que está no portão da capela. O serralheiro que a arranjou fê-lo gratuitamente.

A capela do Espírito Santo no Ladoeiro é um pequeno templo implantado no Alentejo, margem esquerda do ribeiro do Povo, a sul do aglomerado populacional e a escassos metros a leste da estrada que dá acesso a Monforte da Beira.

Além do ribeiro, hoje completamente coberto no interior da povoação, existem quatro importantes fontes (Fonte Pequena, Fonte das Lajes, Chafariz Velho e Chafariz Novo) em actividade, situadas cerca de 300 metros a norte da capela.

A capela é constituída por nave, capela-mor e sacristia. A nave tem três aberturas ao exterior: uma porta virada a poente, a principal, outra virada a norte e, sobre a primeira, uma abertura, em forma de rosácea, revestida a granito.

No interior da capela, à direita da porta principal, há uma pia de água benta, em granito. Está incrustada na parede e tem o formato de uma concha invertida. À esquerda da porta norte há outra pia de água benta. Incrustada na parede sul está uma peanha, em granito. Este suporte já foi pintado, repintado e neste momento mostra o granito. Actualmente tem uma pequena imagem do Menino Jesus, “só para não estar vazio.” As paredes estão revestidas a azulejo até cerca de um terço da sua altura. São azulejos modernos de fundo branco e motivos azuis.

A separar a capela-mor da nave há um arco triunfal, em granito.

A capela-mor tem uma estreita abertura ao exterior, na parede do lado sul. Na parede do lado norte abre-se uma porta que dá acesso à sacristia. Na parede nascente há um nicho onde se encontra a imagem do Espírito Santo. Este nicho parece recente. Recente é, pelo menos, a cercadura de granito que o contorna. Actualmente existem no altar-mor uns blocos paralelepípedicos e outros cilíndricos, em granito, oriundos da recente reconstrução da capela. Dois deles parecem ter sido lintéis de portas e os restantes fragmentos de coluna. Com alguns destes blocos improvisaram uma mesa, junto da parede norte, sobre a qual os festeiros depositam as insígnias do Espírito Santo, durante a cerimónia religiosa. Nesta área da capela há ainda uma imagem de Cristo crucificado, em tamanho grande. A cruz que o suporta está encostada à parede e assente no solo. Não está fixa.

A sacristia tem duas grandes aberturas ao exterior; uma janela virada a norte, para iluminação, e uma porta virada a poente. Tem no seu interior um grande armário em madeira, para guardar os paramentos, uma mesa de pinho, um conjunto de bancos e

um quadro com uma fotografia colorida da “comissão de festas do Divino Espírito do ano de 1989.” Segundo informações o senhor bispo já proibiu esta foto porque “se cada comissão pusesse aqui a sua fotografia daqui a pouco não havia espaço.”

A foto apresenta a seguinte legenda: “Comissão de Festas do Divino Espírito Santo do Ano de 1989, da esquerda para a direita, João Correia da Cruz, José dos Santos Constantino, Joaquim Afonso Raposo, Domingos Ribeiro Martins, António Joaquim Borges Esteves, José Francisco Cavalheiro, João António Cavalheiro, João Assunção Martins.” Exceptuando dois elementos os outros são pessoas de meia idade.

A imagem do Espírito Santo foi restaurada em 1980. É uma figura simétrica. Na cabeça tem uma coroa aberta e no topo dela uma pequena cruz. A face reflecte um aspecto sisudo a austero. A barba é castanha. O pluvial é vermelho decorado a dourado. A alva, sob o manto, é de um branco sujo. Presente-se a existência de cingulo. As mãos agarram a parte transversal da cruz. A figura está sentada sobre um cadeirão do qual apenas se vê o apoio para os braços. A cruz onde Cristo está crucificado tem a tonalidade escura da madeira. O segmento vertical da cruz, acima do travessão não existe como em muitas outras imagens é substituído pela pomba branca.

É uma imagem que não sai nas procissões. Este facto repete-se em muitos outros locais. Pode-se inclusivamente afirmar que a imagem do Espírito Santo, para fins de culto e festividade, não é importante. A festividade e o culto do Espírito Santo desenvolvem-se preferencialmente em redor das insígnias (bandeira, coroa, e ceptros). Em Segura, por exemplo, nem sequer há imagem ou capela. Em Castelo Branco há a procissão do Espírito Santo onde nem a imagem nem as insígnias (por não as haver) participam.

Em algumas localidades justificam a não saída da imagem em procissão devido ao seu peso. No Ladoeiro defendem-se com o seguinte argumento: “os santos saem quando a festa é num dia ou em dois, mas neste caso como temos a festa oito domingos seguidos sai só a representação do Espírito Santo que são a pomba, o estandarte e a coroa.” Ainda hoje lhe continuam a acender velas em sinal de devoção por promessa.

Todas as insígnias do culto do Espírito Santo são guardadas, de um ano para outro na casa do coroeiro. Os restantes festeiros guardam-nas apenas durante uma semana (de um domingo ao domingo seguinte). Merece realce o facto das insígnias não estarem guardados num recinto religioso. Colocámos a questão: “a quem pertencem as insígnias do Espírito Santo?” Houve unanimidade nas respostas: “pertencem ao Espírito Santo”, mas são geridas pelo coroeiro, durante o ano, e pelos festeiros em tempo de festa. As

insígnias em nenhuma ocasião são alvo de adoração, não se lhe reza, nem são iluminadas.

Cada festeiro procura a melhor solução para guardar as insígnias de uma semana para a outra. Mas quase todos mantiveram a bandeira aberta sobre uma mesa, uma cama ou pendurada no tecto. Não há solução comum. Para guardar de um ano para o outro, a esposa do coroeiro enrolou a bandeira, com as fitas e os ceptros das pombas, num lençol, depois embrulhou tudo numa colcha e guardou no guarda-fato. A coroa, as velas e as pombas guardou-as numa caixa, no interior do guarda-fato.

A coroa é o instrumento sagrado por excelência. É em prata. Durante a sua utilização não é tocada directamente com as mãos. Há um lenço específico que se entrepõe entre as mãos do coroeiro e a coroa. Este lenço está bordado numa das pontas. É o elo de ligação entre o sagrado e o profano.

A coroa é constituída por dois elementos: a coroa propriamente dita e um suporte. No local de união das quatro hastes, que partem do bordo da coroa, há uma na pequena cruz. O corpo da coroa é constituído por ramagens e sobre elas existe uma pomba. A coroa está fixa a um suporte de planta circular. É na parte mais delgada deste suporte que o coroeiro pega. Durante as cerimónias a coroa é decorada com 12 cravos, agrupados três a três. As cores têm por base o vermelho e o branco, ainda que possam surgir outras. Os cravos são fixos ao bordo superior da coroa através de uma fita branca de cetim.

A sacralidade da coroa e da cruz do topo da bandeira é observada na proibição de lhes tocar directamente com as mãos. A sacralidade da bandeira constata-se na proibição de tocar na parede da casa e no peitoril da janela de onde sai ou por onde entra.

Pelo que foi observado pode-se concluir que a sacralidade das insígnias apenas existe no momento do seu uso efectivo. Em todos os outros momentos as insígnias podem ser directamente manuseadas sem qualquer proibição.

Em Segura verificámos que uma insígnia do Espírito Santo (pomba) permanece como objecto sagrado para além do momento do seu uso efectivo.

Na Zebreira, o juiz da festa do Espírito Santo retirou a bandeira da casa da tesoureira pelo facto dela não se encontrar casada pela Igreja. Nesta povoação a bandeira do Espírito Santo não pode estar num quarto onde haja relações sexuais.

## Bandeira

Actualmente existem duas bandeiras do Espírito Santo. Uma maior e outra menor. A menor está na igreja e apenas participa nas procissões. A maior é utilizada pelo alferes do Espírito Santo.

A bandeira maior é em pano adamascado, de cor vermelha. No centro de uma das faces tem um rectângulo branco debruado a dourado. Neste rectângulo foi pintada uma pomba, em tons acinzentados, em posição de voo. A cabeça da pomba apresenta uma auréola. Toda a pomba aparece envolvida num halo amarelo. Da pomba partem sete raios avermelhados que terminam em línguas de fogo. Por baixo do rectângulo, tem a inscrição, em amarelo, “Vinde Espírito Santo.” Na outra face apenas os dizeres “Ladoeiro 1986.” A bandeira está enfeitada com fitas que lhe ocultam, parcialmente, a face anterior. Estas fitas podem ser fruto de promessas (ver Fitas de Homenagem).

Durante o desfile a bandeira está montada numa enorme e pesada haste de madeira que termina numa cruz metálica. Além do peso a dificuldade do seu manuseamento aumenta com o vento e mesmo com o calor. “Na festa do 15 de Agosto tive que tirar camisa, ceroulas e tudo, ía todo repassado” como referiu o coroeiro<sup>11</sup>. A distância da casa dos festeiros à capela era outro factor de acréscimo de dificuldade. “Eu chegava lá com os braços desgraçados” como chegou a desabafar, mais de uma vez, o alferes.

Até meados dos anos sessenta não se servia no domingo da Senhora do Almortão. Era costume a bandeira do Espírito Santo acompanhar o povo do Ladoeiro, a esta romaria, e participar na procissão da Senhora do Almortão. Num determinado ano houve tão grande zaragata entre o pessoal do Ladoeiro e de Oledo que ficou toda esfarrapada a bandeira do Espírito Santo<sup>12</sup>. A partir desse ano a bandeira do Espírito Santo deixou de participar na festa da Senhora do Almortão. “Há também quem diga que a Nossa Senhora do Rosário está trocada com uma deles, que também lá ia. Há quem diga isso porque a nossa era mais bonita e eles trocaram-na. Isto foi nos tempos antigos.” É um exemplo flagrante de como as rivalidades entre mortais são cristalizadas nas imagens sagradas.

<sup>11</sup> Num dos domingos de muito vento, o alferes, num momento inesperado dificuldade disse: “queres ver que esta puta se vai embora” referindo-se naturalmente à bandeira. Nesse dia “o Apolinário dava dois passos para a frente e um para trás” confirma outro festeiro.

<sup>12</sup> Referem que a origem da refrega esteve no facto da bandeira de Oledo querer entrar no adro primeiro que a do Ladoeiro. “E a lei estabelecia que era por ordem de letras”.

## Pombas

A pomba grande e a pomba pequena são, na prática, dois ceptros com hastes em madeira com uma pequena pomba de cor branca, no topo. O tamanho do ceptro e da pomba variam. Por isso uma toma a designação de pomba grande (ceptro e pomba maiores) e o outro de pomba pequena.

Na ordem hierárquica a pomba grande está depois do coroeiro e imediatamente antes da pomba pequena. Durante a sua utilização cada um dos ceptros é decorado com quatro cravos de cores branca, vermelha e outras. Apenas o vermelho e o branco são cores obrigatórias.

## Velas

As velas, hoje, são muito semelhantes às que os padrinhos usam nos baptizados. São em cera branca e decoradas em parte do seu corpo. Há cerca de quatorze anos eram velas comuns, sem qualquer decoração. Nunca foram, nem são, acesas. Durante as cerimónias cada uma das velas é decorada com quatro cravos, com predomínio para as cores vermelha e branca. Os cravos fixam-se ao corpo da vela através de um elástico que depois é camuflado por uma fita branca de cetim. No passado os cravos eram presos às velas e às pombas através de linhas de costura.



Foto 1. Quatro velas do Espírito Santo devidamente ornamentadas.

## Fitas de homenagem

As fitas de homenagem são em cetim e seda, de várias cores e tamanhos (Quadro 2), e são oferta dos devotos e dos festeiros ao Divino Espírito Santo. As fitas oferecem-se por devoção ao Espírito Santo e/ou no cumprimento de uma promessa. É o interessado que coloca a fita na bandeira. É hábito cada festeiro oferecer uma fita. A fita é, quase sempre, colocada na bandeira no dia em que o festeiro serve.

Oferecer fitas para a bandeira do Espírito Santo “é devoção e é para recordação do nome da pessoa que fica na bandeira.” O ofertante ao pendurar uma fita na bandeira está a manifestar o desejo de continuar ligado ao Espírito Santo e à sua festa. É um modo particular de perpetuar, para além do curto tempo da festa, o seu nome.

As fitas são penduradas no braço horizontal da bandeira do Espírito Santo. Anualmente a esposa do coroeiro retira um conjunto de fitas para evitar que a bandeira se torne demasiado pesada. As fitas subtraídas da bandeira são guardadas na capela do Espírito Santo, em dois fios montados para o efeito.

O hábito de oferecer fitas de homenagem, não é hodierna, tem, pelo menos, algumas décadas de existência embora seja recente a preocupação de as guardar (Quadro 3).

Algumas das fitas não possuem qualquer inscrição, outras possuem a data da oferta e algumas, as mais recentes, além da data possuem o nome do ofertante, uma dedicatória e podem mesmo conter uma gravura. As dedicatórias são essencialmente do tipo “*Oferece ao Divino Espírito Santo, Joaquim da Silva Marques, 1.5.1983*”, “*João José Tiago, sua família oferece ao Divino Espírito Santo*” mais raramente surgem registos do tipo “*Senhor fazei-me um instrumento da vossa paz, oferta de António Bernardo.*”

As figuras são geralmente constituídas por uma pomba e um cálice. Além destes elementos observa-se ainda a figura de um peixe ou de uma ramagem. As fitas com inscrição são mandadas gravar em Castelo Branco. É provável que as fitas mais antigas não tenham qualquer inscrição.

### 1.3. Preâmbulo ou Festa dos Madeiros

A festa dos madeiros consiste no arranque, transporte e descarga dos madeiros que são queimados nas fogueiras do Natal. O almoço no campo é o ponto alto da “festa” onde apenas participam homens. A responsabilidade desta tarefa está a cargo dos festeiros do Espírito Santo nomeados nesse ano.

**Quadro 2.** Cor das fitas por ordem decrescente do seu número

Cor da fita	Número
Branca	28
Rosa	17
Vermelha	14
Azul	13
Lilás	8
Verde	2
Amarelo	2
Várias cores	4

**Quadro 3.** Distribuição cronológica das fitas e lugares onde se encontram

Ano	Bandeira	Capela	Total
1960		1	1
1976		2	2
1980		6	6
1981		7	7
1982		4	4
1983		4	4
1984		4	4
1985	1	5	6
1986		5	5
1987		1	1
1988		1	1
1989	1		1
1990	2		2
1991	2		2
1992	2		2
1993	4		4
1994	1		1
s/data	7		35
<b>TOTAL</b>	<b>20</b>	<b>68</b>	<b>88</b>

### 1.3.1. Marcação dos madeiros

REUNIÃO PREPARATÓRIA (26 de Novembro 1993)

Realizou-se no restaurante do sr. Apolinário<sup>13</sup>, com a presença de todos os festeiros. Teve a duração de duas horas e iniciou-se às 19.30 horas.

<sup>13</sup> Nos outros anos as reuniões realizam-se em casa do coroeiro. Em 1993-94 as reuniões efectuam-se sempre no café ou no restaurante O Manhoso, propriedade do alferes. Isto porque o alferes possui espaços públicos confortáveis. Quando as reuniões são feitas em casa do coroeiro não é hábito este oferecer comida ou bebida aos participantes. Em vez disso, no final da reunião, vão em grupo tomar uma bebida ao café. Quando assim é as reuniões são iniciadas em casa e terminadas no café.

O objectivo desta reunião era definir os moldes em que se realizaria o almoço do dia seguinte, dia da marcação dos madeiros.

A reunião abriu de modo informal com cada festeiro a fazer o ponto da situação das tarefas de que tinha sido incumbido. Tinham comprado 110 litros de vinho, a uma pessoa da aldeia, a 100 escudos o litro. A pessoa responsável por esta operação pagou, inicialmente, do seu bolso. Deste vinho, 100 litros eram para a festa dos madeiros e 10 litros para o almoço do dia da marcação dos madeiros. Dois elementos tinham ido à Aldeia de Santa Margarida comprar 12 foguetes para utilizar durante a festa dos madeiros. Tinham também tratado de todo o processo burocrático (declaração de venda de fogo passada pelo pirotécnico, seguro para manuseamento do fogo, declaração do posto da GNR do Ladoeiro e declaração dos bombeiros de Idanha-a-Nova).

Um elemento informou que os festeiros do ano anterior haviam comprado para o dia da festa dos madeiros 20 quilos de sardinhas e 20 a 25 quilos de entrecosto.

Discutiu-se o transporte para o dia seguinte. Quem tinha carro prontificou-se a utilizá-lo e a levar consigo quem lá coubesse. Pela desistência de um elemento, impossibilitado de participar, concluiu-se caberem todos numa carrinha. Foi a opção escolhida.

Um festeiro comprometeu-se a levar pratos e copos de plástico para o almoço, o que é uma inovação, de outro modo cada um teria que levar o seu. Mesmo assim, cada participante ficou de levar o garfo e a navalha.

Para o almoço do dia da marcação dos madeiros tinha-se admitido, há algum tempo, que se procederia “como os demais anos.” Isto é, cada um levava comida e juntavam-na no campo. Depois cada um comia do que queria. Nesta reunião, um dos elementos do grupo apresentou uma nova proposta que consistia em comprar o que era preciso para o almoço e a despesa ser dividida, em partes iguais, por cada festeiro. Esta proposta acabou por conseguir a unanimidade. É a primeira vez que pela marcação dos madeiros o almoço adopta esta modalidade. É que “depois todos podem levar a mesma coisa e ninguém se quer ficar atrás e se um leva um frango o outro já leva dois e o outro leva três, cada um quer levar mais que o outro” argumentava o autor da proposta.

A ementa para o almoço do dia seguinte foi imediatamente aprovada e constava do seguinte: toucinho com febra, febras de porco, sardinhas assadas, salada de tomate, azeitonas retalhadas, queijo da região (ovelha), vinho do Ladoeiro e sumos. Os intervenientes excluíram o café e a fruta. O Sr. Apolinário ficou responsável pela comida e pela grelha.

O café do alferes foi escolhido como ponto de encontro para o dia seguinte, às 9.30 horas.

Um assunto recorrente ao longo da reunião foi as despesas efectuadas ou a efectuar. Há uma grande preocupação em querer pagar a todos os colaboradores da festa (fogueteiro, operador da máquina que arranca e carrega os sobreiros, etc.).

“Isto porque a gente não quer que nos enratem no nome, mesmo que eles digam que não é nada. É que já ouvi por fora que não lhes pagam e depois enratam” diz um elemento do grupo.

Surgiu ainda a proposta de lançar-se um foguete no momento da partida do grupo, para o campo. Mas era complicado. Não havia ainda licenças, nem seguros. Desistiu-se da ideia.

Desta reunião sobressai o sentido organizacional, a economia de meios, a divisão de tarefas, a participação de todos na discussão e o padrão comparativo, sempre presente, de que serve o ano anterior. “Queremos fazer o que se fez toda a vida.” Ainda que seja esta a intenção não é esta a prática quotidiana.

#### MARCAÇÃO DOS MADEIROS (27 Novembro de 1993)

Neste ano os madeiros vieram do Gramozinho - Monte Grande. É frequente terem esta origem<sup>14</sup>. Foram pedidos ao proprietário em Setembro. Os madeiros sempre foram pedidos, mesmo no passado. Quando do pedido convidaram o proprietário a participar no almoço do dia da festa dos madeiros. Declinou o convite. O feitor esclareceu posteriormente que “ele não é homem de grandes festas.”

Dias antes combinara-se com o sr. Albino, feitor do Monte Grande, o local e hora do encontro. Foi um único carro com sete festeiros (um não pôde estar presente) e com uma criança. Só indivíduos do sexo masculino participam na marcação dos madeiros e no almoço que se segue. À entrada do Monte Grande, enquanto aguardavam o sr. Albino, houve, logo ali, uma primeira distribuição de *whisky*.

Ao chegar ao local a primeira tarefa foi arranjar lenha para a fogueira. O dia estava frio, nublado mas não chuvoso. Um dos elementos limpou uma azinheira, outros recolheram ramaria seca.

<sup>14</sup> Os madeiros têm quase sempre esta origem, porque é uma das poucas áreas envolventes de Ladoeiro onde subsiste este tipo de árvores. Mais raramente vêm do monte do Rochão, a nor-nordeste da povoação.

O alferes ficou a preparar o almoço, por ser a pessoa mais indicada para o efeito, e a tomar conta do lume, como ficara estabelecido. A criança ficou com ele. Os restantes festeiros, acompanhados pelo sr. Albino, foram conhecer os sobreiros<sup>15</sup> que seriam cortados no dia 19 de Dezembro.

O sr. Albino antecipou a marcação dos sobreiros. Na véspera passou parte da manhã a marcá-los, sozinho. Os sobreiros estavam marcados a tinta branca, no tronco, com uma pequena cruz de braços sensivelmente iguais e distribuíam-se por uma área não muito grande. A marcação incidia sobre sobreiros secos mas não podres, “se estiver podre, dar-lhe de roda mas aventa-se com ele”, para que se aguentem mais tempo a arder. Quando estão podres ardem rapidamente e “para levar merda num vale a pena” diz o sr. Albino. E “aqueles sobreiros que têm um chaparrinho ao lado fazei os possíveis para que lá fique.” O feitor teve a preocupação de marcar um número excessivo de madeiros porque “não quer que digam «arranjaram-nos ali uma merda, nem os carros vêm carregados, nem o caralho».” Este trabalho selectivo acaba por contribuir para a sanidade do montado.

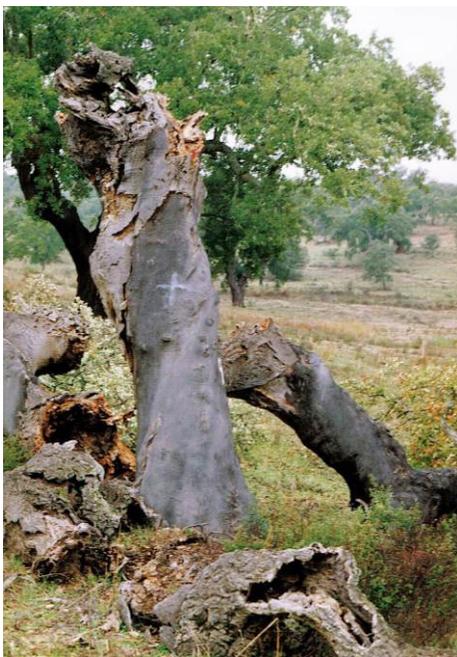


Foto 2. Cruz que assinala as árvores a abater.

<sup>15</sup> No passado, quando os madeiros vinham do monte do Rochão eram quase todos de azinheira.

“Este ano a malta está com a ideia de os arrancar” diz um dos festeiros, para que os madeiros tenham um impacto ainda maior junto da população. “Quanto maiores melhores.”

O terreno está coberto de sobreiros adultos, dispersos, e aqui e além alguma azinheira. A vegetação é rasteira. Não há mato.

Os festeiros têm a preocupação de localizar uma azinheira seca que sirva de combustível para a preparação do almoço da festa dos madeiros.



Foto 3. Dia 27 de novembro de 1993. Marcação dos madeiros no Ladoeiro. Almoço no campo.

É motivo de discussão o estado do terreno no dia 19. Há receio que os tractores se atolem como tem acontecido em alguns anos. Mas a presença de outros tractores e da escavadora sossega os festeiros.

Definiu-se uma “estratégia” para o dia dos madeiros “um grupo vai por um lado, outro vai pelo outro e, antes do almoço, juntamo-nos no cruzamento dos caminhos.”

A ementa do almoço obedeceu ao que ficara combinado. E, como se disse, cada participante deveria levar o garfo e a navalha. Contrariamente ao que se poderia pensar a navalha foi um instrumento muito utilizado, porque o pão e a febra eram primeiro

cortados com a navalha e só depois metidos na boca. Um dos presentes deixou a navalha sobre as toalhas de papel que revestiam a frente da carrinha, a qual serviu de mesa. No final, um dos festeiros chamou a atenção que no “dia dos madeiros não se podia deixar assim, senão fica-se sem ela.” Na caça passa-se algo semelhante. É quase um roubo ritual. Até há poucos anos a navalha era tida como uma arma ofensiva e defensiva e dava estatuto de homem ao seu portador. A sua propriedade tornava-se a aspiração de qualquer criança. A navalha surge como uma garantia do rito de passagem.

Regressou-se findo o almoço. Tomou-se café, fez-se as contas do almoço e marcou-se nova reunião para 17 de Dezembro. Só os festeiros pagaram. Coube de despesa a importância de 600 escudos a cada um. No final jogou-se à “sueca.” Durante o jogo os festeiros foram convidando os homens, que iam entrando no café, para participarem na festa dos madeiros, no dia 19 de Dezembro.

Perante as atitudes dos festeiros e pelo muito vinho que sobrara ia-se comentando “este ano não é malta de bebedeira.”

Entre os festeiros há sempre uma grande disputa no pagamento das despesas feitas nos cafés.

### 1.3.2.Festa dos Madeiros

#### REUNIÃO PREPARATÓRIA (17 de Dezembro de 1993)

A reunião iniciou-se às 20.00 horas, como estava previsto, com todos os festeiros presentes. O local foi mais uma vez o restaurante O Manhoso.

Discutiu-se a suficiência ou insuficiência dos 100 litros de vinho<sup>16</sup>. Tinham sobrado 5 litros da marcação dos madeiros; em caso de necessidade iriam também. Decidiu-se que aqueles 5 litros não iriam. Em caso de necessidade vinham comprar mais vinho.

No local do almoço seria montada uma torneira no pipo que estaria deitado sobre uma carrinha. Depois, cada um servia-se. O vinho que sobrasse do almoço seria transportado na carrinha, na cabeça do cortejo, de modo a poderem encher os garrafas daqueles que o distribuíssem, durante as paragens do cortejo (Espírito Santo, largo da Igreja, Avenida).

Há anos atrás o indivíduo que distribuía o vinho não trazia garrafão mas um caldeiro e um único copo, pelo qual todos bebiam.

Definiram-se os locais de descarga e o número de reboques a descarregar em cada local. Abandonou-se a ideia de distribuir os madeiros pelas portas dos cafés da aldeia. Optou-se por concentrá-los nos locais habituais (Espírito Santo, Avenida, largo da Estrada e largo da Igreja - ver fig. 3).

No sítio do Espírito Santo ficaria a carga de um reboque, excedentária, para juntar ao madeiro que não ardeu no ano anterior. Esta fogueira é pouco usufruída porque não há um café por perto. No largo da Igreja ficaria apenas a carga de quatro reboques, para não impedir o trânsito. No largo da Estrada ficariam dois. Os dois restantes seriam descarregados na Avenida. Havia intenção de deixar um madeiro em frente do posto da GNR mas o cabo não o permitiu porque o solo, de alcatrão, ficaria danificado.

A descarga dos tractores deveria seguir a ordem de “servir”: os primeiros quatro reboques iriam para junto da Igreja, o quinto e o sexto para o largo da Estrada, o sétimo e o oitavo para a Avenida e, finalmente, o nono para o Espírito Santo.

A adopção desta ordem implicaria a paragem do trânsito na Estrada Nacional. Enquanto o quinto e o sexto reboque descarregavam no largo da Estrada os três últimos reboques estavam em plena via impedindo o trânsito. Para obviar este problema aceitou-se que seriam os dois últimos reboques a descarregar no largo da Estrada.

Constata-se que a distribuição dos madeiros está muito subordinada à vontade dos festeiros. Os três lugares-chave são o largo da Igreja, o largo da Estrada e a Avenida. O quarto lugar é variável e está subordinado aos interesses dos festeiros, ficando quase sempre junto a algum café.

Os locais de descarga dos madeiros seguem a hierarquia do espaço. É dada maior importância ao centro (em frente da Igreja) que aos arrabaldes (Avenida, Estrada, Espírito Santo). Também é dada maior importância ao clássico em detrimento do moderno (a Avenida surge em plano secundário quando comparada com o largo da Igreja). No passado só havia fogueira no adro da Igreja.

O alferes precisava de um ramo de laranjeira. “Isso arranja-se, nem que se pegue num serrote e se vá roubar de noite.” O ramo de laranjeira é imprescindível para a decoração do tractor do alferes. É importante que o ramo tenha laranjas, nem que se pendure numa pernada pequenos ramos com laranjas.

Discutiu-se o percurso do cortejo com a preocupação de percorrer toda a aldeia. Perante a eventualidade de não se passar por uma das partes novas da aldeia alguém vetou a proposta “porque os daquela parte também são gente.” Houve, deste modo, uma

<sup>16</sup> Destes 100 litros de vinho sobraram apenas cinco litros.

preocupação em fazer circular os madeiros por todo o espaço “cultural” da aldeia. Com esta volta os madeiros deixam de pertencer aos festeiros para pertencerem à comunidade que os usufruirá na noite de Natal.

Em traços simples o percurso ficou definido com a seguinte sequência: Espírito Santo, Avenida, Estrada Nacional, lar da 3ª Idade, posto da GNR, Estrada Nacional, largo da Estrada, largo da Igreja, Avenida e finalmente Espírito Santo (fig. 3).

As despesas foram uma vez mais abordadas ficando combinado o pagamento de 2500 escudos, e almoço, ao sr. Sebastião, pelo lançamento do fogo. Este valor equivale a um dia de trabalho de um homem. Para pagar ao motorista da máquina carregadora cada festeiro ficou de contribuir com 1000 escudos, totalizando 8000 escudos. Esta contribuição foi igual à do ano anterior. Além disso ficou de se encher, com gasóleo, o depósito da máquina que é propriedade da Associação de Regantes. O serrador dos madeiros tinha informado que nada queria pelo seu trabalho. Pagariam apenas o óleo e a gasolina necessários ao funcionamento da motosserra (cerca de dez litros de óleo e dez litros de gasolina).

Ajustou-se a ementa que seria constituída por dez quilos de sardinhas para assar, dez frangos, vinte quilos de toucinho entremeado, dois presuntos de porco em febras para grelhar, pão, azeitonas retalhadas, queijo, café, vinho, sumos e aguardente. Autorizou-se a compra de cinco litros de aguardente ao preço, máximo, de 300 escudos cada litro. O Sr. Apolinário ficou responsável por arranjar toda a comida, as mesas, os guardanapos e as toalhas de papel. Pela primeira vez os festeiros do Espírito Santo levaram mesas para o campo.

É grande a preocupação que não falte comida ou bebida. “Mais vale sobrar, como sobrou hoje (dia da marcação dos madeiros) do que faltar. Isto são mais cinquenta menos cinquenta. Que haja fartura de tudo” defende o mais velho do grupo.

Um dos elementos ficou responsável por levar 60 litros de água para se beber e lavar as mãos.

Houve também grande preocupação em designar pessoas para fazer a “assada.” “Tem que ser pessoal chegado porque nesse dia não há tempo para grandes coisas.” Enquanto os festeiros estão preocupados com o carregar dos tractores outro grupo de pessoas deve preparar o lume, fazer o almoço e pôr as mesas. A grelha usada, de tamanho industrial, é utilizada na maioria das festas do Ladoeiro. Está guardada num pavilhão da junta de freguesia.

No dia anterior à festa dos madeiros as mulheres dos festeiros ficaram de se juntar em casa do sr. Apolinário, a pedido deste, para arranjam os frangos, cortarem as febras e o entrecosto para o dia seguinte e salgarem as sardinhas. Para fiscalizar a pesagem da carne o sr. Apolinário pediu a presença de dois outros festeiros (srs. Joaquim Flores e João Relvas).

Foi pedida colaboração para carregar o pipo do vinho numa carrinha, às 17.00 horas. Durante a tarde o coroeiro ficou de ir juntar lenha, ao local do almoço, para se acender a fogueira no dia seguinte. Nalguns anos esta operação não tem lugar.

Ficou decidido que todos os madeiros deviam ser arrancados e não cortados junto ao solo. Esta decisão tem a ver com a valorização estética do madeiro.

Alguns dos festeiros ficaram de comparecer cerca das 7.30 horas para ajudar a carregar o material (mesas e comida) para duas camionetas. Optou-se por não se levar cadeiras, “cada um come de pé.”

Na festa dos madeiros prevê-se a participação de cerca de 60 pessoas e cada participante deve levar o talher.

Merece destaque o elevado sentido organizacional deste grupo traduzido na distribuição de tarefas específicas a cada elemento.

#### FESTA DOS MADEIROS (19 de Dezembro de 1993)

Colocou-se a hipótese da festa dos madeiros se realizar dia 12 mas, com a marcação de eleições<sup>17</sup> para esta data desistiu-se da ideia. Outro grande inconveniente eram as duas semanas durante as quais os madeiros estariam a obstruir o trânsito em frente da Igreja. Deixaria de haver espaço, neste lugar, para se estacionar.

O largo da Avenida é o local da concentração das pessoas, da máquina e dos reboques. Às 7.30 horas lançou-se o primeiro foguete para dar início à concentração, embora a esta hora já estivessem presentes várias pessoas no Largo. Depois do lançamento do foguete as pessoas começaram a afluir em maior número. Chegou a máquina destinada a arrancar e carregar os madeiros e vários tractores com os pirlampos ligados. É uma confusão de luzes amareladas. O largo fica cheio de carros, tractores e de pessoas. Começa o burburinho. A saída, que estava prevista para as 8.00 horas, atrasa-se um pouco porque há um tractor que não pega. Poucos minutos depois da hora prevista lança-se um segundo foguete e inicia-se a partida.

<sup>17</sup> Eleições autárquicas em 12 de Dezembro de 1993.

Participam os festeiros do Espírito Santo e os convidados. Entre os convidados estão familiares, amigos, proprietários dos tractores que transportam os madeiros, o presidente da junta de freguesia, a GNR. O presidente da câmara municipal de Idanha-a-Nova foi convidado mas não compareceu. Cada festeiro convida quem quer. Nunca notámos que houvesse um número limite de convidados por festeiro.

A esta hora a luminosidade não é abundante até porque há neblina. O tempo está frio e húmido. Como não choveu nos últimos dias não há grande perigo dos tractores se atolarem.

Os participantes foram montados nos tractores, como tinha ficado combinado, porque “assim é que é festa.” Foram poucos os que levaram os seus próprios carros e os que o fizeram chegaram mais tarde. Os ocupantes de um reboque invectivavam os de outro. Cantava-se. Havia muita gente nova, toda do sexo masculino. Neste dia o local fica vedado às mulheres. Mesmo as crianças que participam são do sexo masculino.

Às 8.50 horas chegou-se a Três Malhões, local do almoço.

A partir daqui tudo decorreu como previsto. Algumas pessoas ficaram encarregues do lume e da preparação do almoço. Foram buscar as azinheiras secas para a fogueira do almoço. Cada festeiro acompanhou o seu tractor até ao local previamente determinado.

O arranque e o carregamento dos sobreiros teve início no sítio mais distante do local do almoço. Há sempre muita gente, que nada faz, no local das operações. Junto de cada árvore assinalada a máquina abre um fosso em redor do tronco e com a pá quebra-lhe as raízes maiores. Depois encosta a pá à parte cimeira do tronco e força-o a tombar. Com a árvore no chão o serrador entra em acção, limpando o tronco de todos os ramos. O que interessa levar é essencialmente o tronco e a cepa. Raramente se aproveita uma pernada. No passado o ritual era semelhante só os meios eram diferentes. Utilizava-se o machado para cortar o tronco e a ramaria.

Às 10.00 horas estavam três reboques carregados. As pessoas continuam a movimentar-se, lentamente, em volta do reboque que está a ser carregado e da árvore que está a ser arrancada ou limpa dos ramos. A gente mais nova acende fogueiras no sítio onde o arranque e carga se estão a dar. Sentam-se à sua volta e brincam, parecem um pouco alheados de toda a envolvimento.

Os tractores utilizados são, na generalidade dos casos, dos mais potente que existem na povoação e raramente são propriedade dos festeiros. Pertencem geralmente a

familiares e amigos. Os proprietários não recebem qualquer renumeração pelo empréstimo dos tractores mas são convidados a participar na festa.

A utilização dos tractores no transporte dos madeiros surgiu há cerca de 40 anos. Antes, este transporte era feito com carros puxados por juntas de bois também cedidos de livre vontade. O carregamento era feito à força de braços com os bois desengatados do carro. A carga algumas vezes era tão grande, tendo em conta o meio de transporte utilizado, que chegava a partir o carro. Por vezes, para facilitar carregamento, tiravam uma roda ao carro e reboavam o madeiro para o seu interior. Se mesmo assim não conseguiam pediam ajuda aos elementos dos outros grupo mas “andava tudo à inveja p'ra ver quem punha primeiro o madeiro em cima do carro.” Ao primeiro sobreiro cortado era lançado um foguete. Havia uma grande competição, “toda a gente queria ser o primeiro a cortar e a carregar o carro.” Porque cada festeiro, com os respectivos convidados, cortava e carregava o seu madeiro. Diz-se “cortar” e não “arrancar” porque nesse tempo não se arrancavam os madeiros, cortavam-se a machado, como já se disse. Colocavam-se duas pessoas em volta de cada árvore e, cadenciadamente, cortavam-na a golpe de machado.

Presentemente pretende-se levar a maior carga possível. No passado também havia esse desejo mas “o legal é os oito festeiros levarem os oito madeiros”<sup>18</sup>. Só que na altura a um madeiro correspondia uma carga e “quem levava o madeiro maior muitas vezes também tinha a infelicidade de ter que chamar os outros para o ajudar a carregar.”

Ao meio-dia estavam carregados cinco reboques. À medida que eram carregados os reboques a carga era apertada com cabos, por uma questão de segurança.

Um dos festeiros insistia em carregar mais um madeiro sobre o seu tractor mas foi desincentivado, “não é preciso partir o reboque ó homem” diziam. Mas a razão era outra. O seu reboque com mais um tronco iria suplantar, de longe, o tractor do alferes. E o tractor do alferes deveria levar a carga maior e a mais vistosa. O tractor do alferes é a cabeça do cortejo e o primeiro a ser descarregado no adro da Igreja.

Às 13.40 horas carregaram o último tractor. A gente nova parece um pouco alheada de tudo. Alguns começam a desandar para o local do almoço. É frequente os espectadores debandarem, para o almoço, quando faltam carregar um ou dois reboques. O coroeiro deve ficar até ao fim.

<sup>18</sup> Presentemente a unidade de medida já não é o madeiro, ainda continue a vigorar na linguagem. No passado cada carro trazia apenas um madeiro. Presentemente a nomenclatura de “madeiro” pode ser preferencialmente traduzida em “carga de reboque de tractor”.



Foto 4. Dia 19 de Dezembro de 1993.

Até há cerca de dez anos atrás o almoço tinha uma organização e dinâmica diferente da de hoje. Na altura cada festeiro levava almoço para si e para o seu grupo de convidados. “Era como se fosse para uma romaria.” O almoço era constituído geralmente por chouriço, queijo, presunto, pastéis de bacalhau, ovos, azeitonas, pão e sempre muito vinho.

O almoço tem lugar no final dos carregamentos e este ano a operação terminou um pouco mais tarde que o habitual. Por isso nem chegou a haver tempo para as “brincadeiras.” Contra a impaciência de alguns o almoço só se iniciou quando os reboques estavam carregados e os participantes se encontravam no sítio do almoço.

Os responsáveis pela preparação do almoço foram tendo notícias da evolução trabalho. Prepararam o lume com o brazido adequado e montaram as mesas.

Cobriram-nas com as toalhas de papel, dispuseram sobre elas os copos, os pratos e os guardanapos de papel e partiram o pão em fatias para dentro de um cesto de plástico. O barril de vinho tinha sido deitado sobre a traseira de uma camioneta para que cada um se servisse. Cobriram a enorme grelha com a primeira dose de sardinhas, toucinho e de entrecosto. Colocaram ao lume uma grande panela de ferro com água para fazer café.

Em suma, prepararam tudo para se iniciar o almoço logo que chegassem os últimos participantes. Iniciou-se o almoço logo que o coroeiro chegou e informou que terminara o carregamento. Lançaram-se alguns foguetes. Os responsáveis pelo almoço iam transferindo os assados da grelha para alguidares de plástico que estavam sobre a mesa. Daí, cada um servia-se. Tudo servia para apoiar o prato e o copo, as mesas propriamente ditas, as carroçarias das carrinhas, a pá da máquina, até o chão. As pessoas distribuíam-se em grupos que tinham mais a ver com o sítio onde apoiavam o prato do que com qualquer outro critério.



Foto 5. Almoço.

Os participantes comeram e beberam até à saciedade e, no final, foi servido café e aguardente. À medida que o almoço ia avançando o burburinho de fundo ia subindo de volume e as faces, das pessoas, iam passando do branco ao vermelho.

Comenta-se, em tom crítico, que agora pouco vinho se bebe que “antigamente nesta festa ia tudo a cair de bêbado, havia indivíduos que era preciso levá-los ao colo para casa.” Defendem outros que “não é verdade, agora há mais bêbados, só que antigamente nem todos podiam beber vinho todos os dias, o vinho tinha que ser muito regrado, por não se apanhar, as pessoas não tinham tantas posses. Quando o

apanhavam enchiam a barriga. Alguns só enchiam verdadeiramente a barriga de vinho em festas como esta.”



Foto 6.” Assada”.

Os mais velhos entretinham-se a conversar enquanto os mais novos brincavam. A brincadeira consistia em tombar desprevenidamente um indivíduo. Isto exigia a colaboração de dois rapazes. Um colocava-se de gatas por detrás do visado. O segundo empurrava-o para trás. A vítima acabava por cair de costas<sup>19</sup>. Por vezes os jovens envolviam-se em lutas amigáveis. No final do almoço houve música de acordeão tendo sido convidado, para o efeito, um acordeonista. Dizem os mais velhos “agora isto é mais um convívio. Porque, não é preciso trabalhar, nem fazer força.

A incorporação dos meios mecânicos (motosserras, tractores, escavadora), levou a inevitáveis alterações da festa. O binómio que no passado esta festa representava,

<sup>19</sup> Informaram-nos que este tipo de brincadeira teve início há cerca dois ou três anos. É de admitir que não existisse no tempo dos carros de bois. Os intervenientes, após tão grande esforço físico, não teriam vontade para brincadeiras deste tipo!?

esforço - lazer/prazer, no presente é caracterizado pela associação lazer/prazer/convívio, porque a maquinaria substituiu o esforço humano.”

No passado o elevado esforço exigido pelo corte e carregamento dos madeiros, exigia um almoço “bem comido e bem bebido.” Actualmente o almoço é unicamente festivo.

Findo o almoço, depois de arrumado o material e queimado o lixo, o pessoal sobe para cima dos madeiros e todo o cortejo se põe em movimento. Cada tractor leva os convidados do festeiro que representa, mas nem sempre isto acontece. A juventude ocupa preferencialmente o tractor do alferes, que é, em condições normais, um rapaz solteiro. Por isso os jovens têm uma maior afinidade com ele. O barulho é ensurdecedor, é o roncar dos motores dos tractores, são os cânticos de Natal, os gritos e os foguetes sempre que o cortejo pára.



Foto 7. Almoço.

Os sítios da paragem estão pré-fixados. A primeira paragem do cortejo é no entroncamento da estrada que liga Ladoeiro a Monforte da Beira. Lançam-se foguetes, há distribuição de vinho, canta-se o *Menino Jesus*. Ao fim de poucos minutos recomeça o movimento. O tractor com o madeiro do alferes abre o cortejo. Seguem-se mais oito, os carros e as carrinhas passaram para a frente do cortejo. Exceptuando o primeiro tractor

que é do alferes, a ordem sequencial dos restantes é idêntica à ordem de servir os jantares do Espírito Santo.



Foto 8. Foguete e fogueteiro.

Em frente da capela do Espírito Santo há nova paragem. É aqui que se dá o reencontro entre a população expectante e o cortejo dos tractores. Teoricamente está vedado o acesso a elementos femininos para além da capela que se situa no limite sul da povoação.

Repetem-se aqui as manifestações ruidosas da primeira paragem. Só que agora são ainda mais enérgicas. Há duas pessoas que continuam a oferecer, e algumas vezes a impor, vinho aos espectadores e a quem vem sobre a carga. A distribuição é feita por amigos ou convidados de um qualquer festeiro. Esta intervenção repetir-se-á sempre que houver paragem. Prática semelhante é usada na “volta dos caldeiros” na festa da Senhora da Consolação em Monfortinho (MESQUITA, 1984:63). Lançam-se mais foguetes. Canta-se mais. Algumas raparigas, adolescentes, ocupam também posições nos tractores, sobre os madeiros.



Foto 9. Cortejo de tractores com madeiros.

É nesta paragem que se enfeita a face anterior do reboque do tractor do alferes. Os elementos decorativos constituídos por um ramo de laranjeira, com laranjas, uma “bandeira de azinho” (ramo de azinheira) e um xaile de raiana têm permanecido sem alterações.

A “bandeira de azinho” é constituída por dois ramos de azinheira que se fixam, em posição vertical, na parte anterior do reboque do alferes. Um dos ramos de azinheira fica mais à direita e outro mais à esquerda. A “bandeira de azinho” havia sido preparada durante o arranque dos madeiros. O ramo maior de laranjeira, com laranjas, ocupou o espaço entre os dois ramos de azinheira. Foram ainda atados pequenos ramos, com três, quatro e cinco laranjas, ao ramo principal e mesmo aos ramos de azinho. O ramo de laranjeira foi arranjado, durante a manhã, por um festeiro ficou responsável por essa operação. Finalmente foi aberto o lenço de raiana, com franjas, à frente da base dos ramos de azinheira e laranjeira. O lenço, sobre um fundo preto, é decorado a vermelho, amarelo e verde. Este conjunto de elementos vai manter-se até ao momento da descarga.



Foto 10. Decoração do tractor do alferes.

Porquê a “bandeira de azinho”, os ramos de laranjeira e o lenço? Perante esta questão os festeiros ficaram-se por uma resposta nada esclarecedora: “é a tradição.” Vejamos, entretanto, alguns pormenores relativos à “bandeira de azinho.” No passado os madeiros eram de azinheira e não de sobreiro e tinham outra origem que não o monte do Gramozinho. Atenda-se ao facto do reboque do alferes não ser decorado com flores. É decorado com árvores de fruto. Por ser decorado por homens e não por mulheres!? A azinheira fornecia frutos que eram utilizados na alimentação das pessoas, do gado e na iluminação (a gordura da bolota depois de cozida). Ostentar rama de azinheira verde, na

vertical e em posição de destaque, seria sinónimo de vida, de juventude. Morta traziam muita, vinha deitada, na horizontal. Em São Pedro do Esteval (ver 2.20) o boi do bodo era morto numa grande azinheira.



Foto 11. Tractor com o madeiro.

Registe-se também as aparições de Nossa Senhora sobre azinheiras (Senhora dos Remédios, Vila Velha de Ródão, Senhora de Fátima, Ourém).

A “bandeira de azinho” depois de utilizada no embelezamento do reboque do alferes é abandonada no lugar de descarga. Ao fim de alguns dias está ressequida podendo ser utilizada como acendalha da fogueira do Natal.

No Rosmaninhal (ver 2.18.) era exactamente isto que acontecia. Só que a rama de azinheira era trazida por crianças e adolescentes que iam desgarrar azinheiras e transportar a rama para as fogueiras.

A utilização da laranjeira na decoração dos reboques de madeiros, para a fogueira de Natal, observa-se, além do Ladoeiro, em Idanha-a-Nova. Em Proença-a-Nova, Jaime Lopes Dias recolheu quadras, alusivas ao Espírito Santo (ver 2.16), com referências em duas delas à laranjeira e à flor de laranjeira. De laranjeira era também o ramo da rapariga no dia do casamento. Não será já a presença feminina? Até porque o alferes era, quase sempre, um rapaz casadoiro.

O lenço de raiana é outro sinal da presença feminina. O lenço pertencia à namorada e era ela que lho entregava na ocasião.

Compete ao reboque do alferes, como anteriormente referimos, levar o madeiro maior, o mais vistoso, a maior carga. “Quanto maior for o madeiro do alferes mais contente ficam.” No passado era também assim.

Iniciou-se seguidamente o percurso pela aldeia segundo a trajectória previamente definida (fig. 3). As pessoas vinham à janela ou à porta ou vinham para o meio da rua ver passar o cortejo, embora o maior número se concentrasse nos locais de descarga: A assistência é predominantemente masculina. No interior da povoação o sentido do percurso é contrário ao dos ponteiros do relógio. Os tractores seguem-se uns aos outros a escassos metros. Durante o trajecto é grande o barulho que fazem os que vão sobre a carga dos reboques. Sobre cada tractor o ambiente é de euforia. Cantam-se canções de Natal (Anexo 1), dão-se vivas ao coroeiro e ao alferes, chamam-se espectadores conhecidos e lançam-se foguetes. A intensidade de ruído é de tal ordem que no solo não é possível ouvir os cânticos.

A tarde avançou. Alguns reboques foram descarregados de noite. A gente nova continuou a beber e a pedir vinho ao homem do garrafão.

Junto da igreja matriz é deixada a maior quantidade de madeiros. São os quatro primeiros tractores.

Na época em que os madeiros vinham em carros de bois eram todos aqui descarregados. Havia uma única fogueira no centro da aldeia.

Na reunião de preparação ficara definido que a descarga seria feita “à mão”, sem a colaboração da máquina. Assim a rapaziada que vinha sobre os reboques e outra que subia na ocasião empurraria os madeiros para o solo. Uma descarga neste moldes tem maior vivacidade e participação das pessoas do que sendo feita com a máquina ou com a báscula do tractor. Quando é difícil há um sussurro em unísono para concentração de esforços. Ouve-se dizer com frequência: “faz força qu’eu gemo.”

O lenço, no reboque do alferes, é recolhido e as pernas de azinheira e laranjeira são atiradas para o chão e não se lhes liga a menor importância. Durante o percurso, pela povoação, os ocupantes do reboque do alferes podem arrancar laranjas, comê-las ou atirá-las a qualquer um. Actualmente este conjunto de elementos tem uma mera função decorativa. Perdeu-se qualquer outro valor simbólico que pudesse ter.

O ruído continua intenso, o motor dos tractores, os gritos, os cânticos, o toque de concertina, etc.

Conforme os reboques são descarregados saem do cenário de operações e dirigem-nos para casa dos proprietários. Há um prolongar da descarga que parece agastar alguns festeiros. A rapaziada da descarga pede vinho.

Finda a descarga junto da Igreja passam os três tractores que serão descarregados na Avenida e junto da capela do Espírito Santo<sup>20</sup>. Os dois últimos começam então a ser descarregados no largo da Estrada. Escureceu completamente. Alguns participantes manifestam nítidos sintomas de intoxicação etílica.

Durante a noite, num café, a GNR foi chamada a intervir numa contenda entre participantes da festa. Cenas de violência entre indivíduos do sexo masculino, geralmente adultos jovens, da mesma aldeia ou mais frequentemente de aldeias diferentes, em festas, em romarias e à porta das tabernas eram o “pão nosso de cada dia.” Uma boa festa não dispensava um bom arraial de porrada. Era uma violência ritualizada.

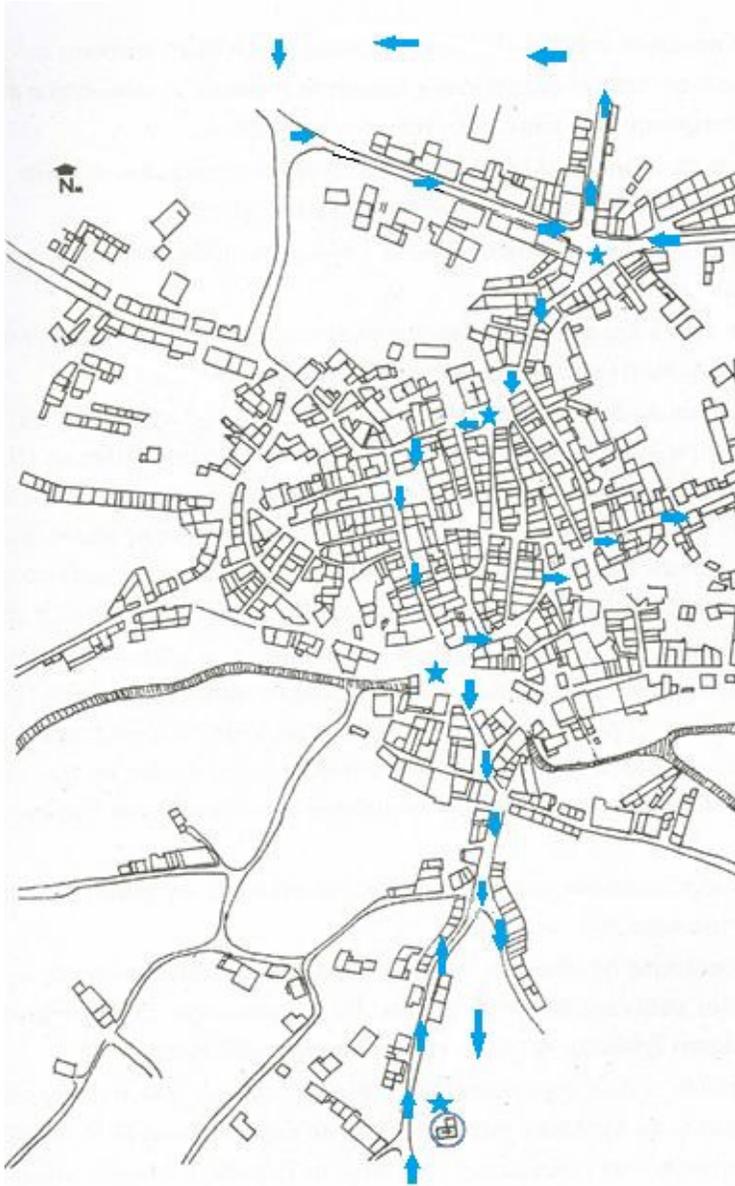
As preocupações dos festeiros do Espírito Santo, relativamente à fogueira de Natal, terminaram com a descarga dos madeiros.

No final da tarde e início da noite do dia 24 de Dezembro os rapazes novos acendem as fogueiras. Nos dias em que a fogueira está acesa é costume a rapaziada solteira passar parte da noite em volta dela comendo, bebendo e cantando canções alusivas à quadra natalícia.

São oito os elementos que fazem parte da comissão da festa do Espírito Santo. São todos designados “festeiros.” Designação específica tomam o coroeiro e o alferes. Não há tesoureiro, nem secretário. Mas há um elemento designado para esse efeito quando não é o coroeiro a fazê-lo. Para estas funções foi designado o sr. João Relvas por ter tempo disponível e ser pessoa habituada a lidar com a escrita.

O coroeiro é, durante toda a festividade, o portador da coroa. “Mas uma vez o coroeiro ficou muito doente e então a coroa andava pelas mãos de todos. Como já não iam nomear outro coroeiro cada um que servia tinha o objecto que lhe estava destinado e passava-se-lhe a coroa.” “O coroeiro é o mais importante, manda em tudo” “O coroeiro deve ser como o capitão de um barco, deve manter-se sempre até ao fim de todos os trabalhos.”

<sup>20</sup> Não tem sido costume, excepto nos anos de 1993 e 1994, deixar no Espírito Santo.



**Figura 3.** Percurso feito pelos tractores na distribuição dos madeiros (setas) indicando-se os locais habituais das fogueiras de Natal no Ladoeiro (estrelas) e a capela do Espírito Santo (círculo).



**Foto 12.** Pormenor da descarga no adro.

#### 1.4. Festeiros do Espírito Santo, funções, ideia de divindade e perpetuação

O alferes é sempre voluntário. É o festeiro que leva a bandeira. O lugar de alferes deve ser ocupado por um rapaz solteiro. O alferes é o indivíduo que abre o cortejo. A sua função simbólica é abrir/romper e só a energia de um jovem o pode fazer. Até porque, na prática, a bandeira é pesada e de difícil manuseamento, principalmente, quando há vento. É o porta-bandeira. Vai vaidoso da sua posição. É a melhor maneira de se expor e afirmar perante as raparigas da povoação, no seu novo estatuto, durante os oito domingos.

Quando o alferes é um rapaz solteiro, na prática, é a família a fazer-lhe a festa, porque ele não tem meios para o efeito. Por isso o alferes era, frequentemente, o filho de uma família remediada porque não era, nem é, barato fazer a festa. Para um casal de lavradores “era uma vaidade o filho ser alferes do Espírito Santo, ainda que essa

vaidade agora se tenha perdido um bocado.” “Era uma maneira de distinguir o pobre do rico.” “Um pobre quando era alferes tinha logo grande vaidade.”

A participação na festa do Espírito Santo como alferes, ou com outras funções, pode ser para o indivíduo o momento privilegiado para a sua reinserção social (caso de emigrantes, por exemplo) e para a ostentação de bens acumulados ao longo de uma existência difícil.

Domingo a domingo cada festeiro, e a respectiva mulher, veste o seu melhor fato. Compram-no, frequentemente, para esta ocasião. Nesse dia são eles o centro da festa. Convém que deslumbre, que brilhe, que se realce no meio dos restantes.

Com o objectivo de conhecer o que os principais protagonistas pensavam do Espírito Santo, em louvor do qual andavam fazendo festa com grande gasto de dinheiro, esforço e tempo, fomo-los inquirindo, informalmente, em diferentes momentos.

Perante a questão colocada ficavam, num primeiro momento, sem resposta. Depois, alguns iam dizendo o que pensavam, outros refugiavam-se num encolher de ombros ou num “não sei.” “Para explicar assim bem... (algum tempo de reflexão) não sei. Oh... olhe se quer que lhe diga o Espírito Santo para mim é uma coisa sagrada. O que é nem sei muito bem o que quer dizer. Mas dizem que o Espírito Santo é o sangue de Cristo, o corpo de Cristo. Isto é o que dizem os padres e a gente vai atrás. É uma festa que a gente gosta de fazer com alegria. É uma tradição e custa deixá-la morrer. Como me chegou à porta, aceitei. Pode ser uma festa como outra qualquer. O meu rapaz já foi alferes e o meu irmão que Deus tem já foi festeiro e então não quis deixar para trás. Chegou-me à porta e fiz a festa.”

**Quadro 4.** Listagem dos festeiros do Espírito Santo em 1993 – 94

Nome	Idade	Profissão	Função	Insígnia
Joaquim Caldeira Flores	55	Assalariado	Coroeiro	Coroa
Apolinário Lopes Antunes	54	Indust. hoteleira	Alferes	Bandeira
António Manuel Cabrito	30	Cantoneiro	Festeiro	Pomba grande
João Freixo Relvas	69	Reformado	Festeiro	Pomba pequena
Joaquim Ribeiro Carrondo	60	Reformado	Festeiro	Vela
Manuel André Teixeira	65	Agricultor	Festeiro	Vela
João Ramos Rijo Cordeiro	42	Tractorista	Festeiro	Vela
João Maria Clemente	80	Reformado	Festeiro	Vela

Nesta resposta e nas duas seguintes perpassa a ideia de Espírito Santo como sinónimo de festa, de convívio. De festa palpável, sentida. Religiosa ou de família, mas uma festa. Até porque a festa puramente imaterial não é concebida.

“O Espírito Santo foi acima de tudo uma convivência que eu tive com estas pessoas. Ao mesmo tempo aproximei-me mais da Igreja. Foi um convívio que a malta fez, apesar de no ano passado haver mais convívio que este ano. É uma festa religiosa, mas para mim conta mais o convívio e a amizade.”

O protagonista mais ligado à Igreja respondeu que “o Espírito Santo é uma festa de família. É a melhor festa da Igreja, porque é através do Espírito Santo que nasce tudo. É que nasce o desenvolvimento da Igreja. Para mim é a festa principal da Igreja, depois é a do Corpo de Deus.”

Não foram questionadas mulheres sobre a problemática anterior mas foram-se ouvindo frases como: “o Espírito Santo é uma força” disse uma senhora, cozinheira, ao colocar sobre a mesa, e perante a admiração dos comensais, uma enorme terrina de canja. Naquela ocasião a frase proferida foi entendida como: “estou a servir o Espírito Santo e ele dá-me forças para poder fazer o que viram.” Esta acepção, sinónimo de “vida ou força”, coincide, segundo Moisés Espírito Santo, com uma das visões populares do Espírito Santo na Beira.

Noutra ocasião, durante um jantar, quando alguém questionou a suficiência de determinado produto ouviu-se a seguinte resposta: “o Espírito Santo acrescenta tudo”, palavras proferidas com o objectivo de tranquilizar quem, porventura, receasse a falta de algo. Uma outra vez estando-se a falar do Espírito Santo houve quem dissesse a propósito: “é um mistério tão grande que não sei definir.”

Quão longe estão todas estas concepções do Espírito Santo cristão.

Oito dias antes da Páscoa os mordomos, em conjunto, convidaram os festeiros para o ano seguinte. Os novos festeiros devem conhecer-se na sexta-feira Santa, porque, nesta data, o coroeiro faz a primeira distribuição de tremoços e deve oferecê-los aos festeiros do ano seguinte. Aqui, ao contrário de que se verifica noutros locais, não se é festeiro no cumprimento de uma promessa excepto, ocasionalmente, o alferes.

Antes de iniciar os convites o grupo juntou-se no café do sr. Apolinário. Aí foi dada a informação que um rapaz, solteiro, já se tinha oferecido para alferes. O alferes, idealmente, é um rapaz solteiro mas, nestes últimos anos, tem sido um homem casado por falta de solteiros voluntários. Quando o alferes é solteiro e voluntário não tem que obedecer ao critério de residência, pode ser de qualquer rua da povoação. No passado, ainda recente, ofereciam-se para alferes os rapazes que namoravam, os que estavam prestes a casar ou os que tinham a rapariga “pedida.” Quando há mais que um candidato opta-se pelo primeiro que se oferece. Na falta de rapazes, voluntários, o

oitavo elemento a aceitar o convite assume as funções de alferes. O alferes do ano seguinte foi um jovem de 14 anos. A avó fez a promessa do neto servir como alferes no Espírito Santo.

A área de residência é o critério de escolha dos restantes elementos. A comissão segue o percurso do padre durante a visita pascal<sup>21</sup>, que há muito não se realiza, e consulta os residentes perguntando se desejam ou não integrar o grupo que realizará a festa do Espírito Santo do ano seguinte. Esta roda, como lhe chama Joaquim Pais de BRITO



**Foto 13.** Dia 27 de Março de 1944. Angariação de novos festeiros para a Festa do Espírito Santo de 1995.

(1990), não implica a totalidade dos vizinhos. Excluem-se indivíduos solteiros e viúvos de qualquer dos sexos<sup>22</sup> e casais muito idosos. Mas em 1993-94 serviu um casal relativamente idoso, o sr. Clemente e a mulher. Este casal contou que no ano anterior

<sup>21</sup> A volta já não é rigorosamente cumprida. As pequenas alterações surgidas ocorrem por desconhecimento dos festeiros, embora haja a preocupação de conhecer previamente o percurso do padre durante a visita pascal.

<sup>22</sup> A não inclusão de viúvos, além da situação de luto em que vivem, pode revelar-se um importante elemento quantificador da importância da intervenção dos dois sexos na festa, embora o homem a protagonize.

“passaram-me pela minha porta e saltaram-me” ao que a mulher se opôs argumentando “ainda cá estamos os dois e se não servirmos nós servem os nossos filhos.” É costume servir-se até cerca dos 70 anos.

É frequente ouvir-se que “um casal serve uma vez na vida no Espírito Santo” (vinte anos até ao casamento mais os cinquenta da roda perfaz os setenta). A roda permite que cada uma das famílias envolvidas desenvolva estratégias de afirmação perante o grupo.

A roda inicia-se nas casas do Adro, mais próximas da Igreja pelo lado ocidental, e fixa a ordem sequencial das ruas e das casas. A sua importância não é comparável às descritas por Pais de BRITO (1990) para Rio de Onor, por ser única e pelo escasso número de casas, anualmente, envolvidas.

A visita pascal e todos os restantes percursos rituais, nesta comunidade, movimentam-se de ocidente para oriente (sentido contrário ao dos ponteiros do relógio).

Esta roda, ou sistema de convite, porta-a-porta, seguindo a linha da rua, demora cerca de quarenta a cinquenta anos a percorrer a povoação. A última roda, que se fechou este ano, demorou cinquenta e cinco anos.

Os convites para os novos festeiros iniciam-se na rua 1º de Dezembro, na casa seguinte à residência do último festeiro de 193-94. Passam depois para a rua do Forno ou rua Afonso Henriques. O primeiro a aceitar o convite será investido com as funções de coroeiro. As três primeiras casas contactadas declinaram o convite. Em duas casas estavam unicamente as mulheres. Diziam “isso é com ele não é comigo.” “Isto já era para estar conversado, já há oito dias que se sabia. Foi dito na missa do sábado e na de domingo passado” esclarece um elemento da comissão. “A gente nem à missa vai” responde uma das senhoras. Segue-se em frente.

Nas casas onde ninguém atende passa-se à seguinte. Discute-se, entre os festeiros, se a hora para o início dos convites é a mais adequada. Não terá sido cedo demais? O convite, feito pelos festeiros, é à porta. Não são convidados a entrar. As mulheres estão sempre presentes, são elementos preponderantes na decisão final e parecem ainda mais interessadas que os próprios homens.

Presume-se que alguns homens saíram de casa para não terem que dizer explicitamente que não. “Há quem fuja de ser coroeiro, porque o coroeiro fica sempre sobrecarregado com despesas, é cerca do dobro de qualquer outro. Houve um fulano que já me tinha dito que aceitava ser festeiro mas não coroeiro” diz um elemento do grupo.

Finalmente surgiu um casal jovem cujo marido aceitou ser coroeiro. São proprietários de um dos cafés da aldeia. Os festeiros actuais mostraram o seu regozijo e comentaram que “se o Domingos não aceitasse ser coroeiro não sei onde é que iríamos a parar, já nos poupou umas boas passadas.”

Nem toda a população é renitente a entrar na festa. Ouvimos comentários do género: “sou festeira do Espírito Santo sempre que me calhar e até que for viva.”

“Mas a decisão é do seu homem” contrapôs um elemento da actual comissão. Respondeu rapidamente a senhora: “as mulheres também têm que decidir, porque o trabalho é delas.”

Tudo foi mais fácil depois da aceitação do elemento que desempenharia as funções de coroeiro. Depois a única indecisão surgiu de um elemento cuja mulher estava doente.

Os festeiros são confrontados permanentemente com a necessidade de respostas explícitas, sim ou não. A indecisão conta como resposta negativa. E para se evitar mal entendidos vai-se ao café chamar um elemento para que decida. Telefona-se para o local onde se pensa estar um outro. Vai-se à quinta de um terceiro. Apesar deste esforço a lista foi ainda refeita, à noite, depois da chegada das pessoas do campo. Introduziram-se duas novas pessoas e saíram as duas últimas que tinham sido convidadas durante a tarde.

Até por volta da década de 70 praticamente não havia recusas. Todas as pessoas aceitavam servir no Espírito Santo. Agora não. “É caro. Ainda que tenham posses de pagar o jantar daquele dia não o querem fazer. É que d'antes matavam um borrego e pouco mais. Era para os oito festeiros e para a família. Agora até convidam pessoas particulares. Há pessoas que chegaram a levar cinquenta e sessenta pessoas.”

Após cada convite e respectiva aceitação os festeiros em funções desejaram, ao novo festeiro, saúde e “que tudo corra bem.”

Os festeiros do Espírito Santo são, como se disse, homens casados, excepto o alferes que é preferencialmente solteiro. É uma garantia de continuidade/reprodução da festa e da comunidade.

Aquando da primeira distribuição de tremoços as pessoas exteriorizam um certo mal-estar provocado pela inclusão, com a alteração da listagem inicial, de um rapaz solteiro. Houve comentários do género “ou era o pai do rapaz ou o rapaz não entrava. Quando muito o rapaz oferecia-se para o ano como alferes.” Esta situação foi posteriormente resolvida com a substituição do nome do filho, que era contestado, pelo do pai.



Figura 4. Locais de residência do alferes (estrela) e dos restantes festeiros (círculos) do Espírito Santo.

Em caso de morte um festeiro será substituído por um familiar voluntário.

Se não houver voluntário será convidado um novo elemento, segundo o critério da residência. “Tem que haver sempre oito festeiros porque cada um tem o seu instrumento e todos eles têm que sair.”

Se durante os festejos um festeiro fica de luto, mesmo por um familiar muito próximo, o seu envolvimento na festa continua ainda que o jantar possa não possuir o aparato previsto.

Tivemos conhecimento de famílias que já serviram duas vezes, ou mesmo três, na festa do Espírito Santo. Este facto explica-se pela alteração de residência no interior da povoação, ou pela oferta de um filho para alferes. Também há famílias que nunca serviram. Por razão idêntica ou por não desejarem.

**Quadro 5.** Listagem dos festeiros do Espírito Santo para o ano 1994 – 95

Nome	Residência	Insignia
Domingos Lopes Sousa	Rua D. Afonso Henriques	Coroeiro
Gabriel António Silva	Idem	Pomba grande
Domingos Alonso Ricacho	Idem	Pomba pequena
Manuel dos Anjos	Idem	Vela
Joaquim dos Anjos Pedroso	Rua São João de Deus	Vela
Manuel Nascimento Ricacho	Idem	Vela
Sebastião Sabino Quarenta	Rua de Santo Antão	Vela
Nuno Miguel Dias Balhau	Largo de São Pedro	Alferes

Pode acontecer, por exemplo, que um festeiro já não resida oficialmente na casa pela qual serve. Um bom exemplo é o sr. Joaquim Carrondo que serviu pela casa que possui, e onde residiu, em frente da igreja ainda que actualmente ocupe uma nova casa perto da capela do Espírito Santo.

São de ordem social e religiosa as principais motivações que levam um homem, e respectiva família, a integrar a festa do Espírito Santo no Ladoeiro.

Motivações de ordem religiosa são as que dizem mais respeito à fé, “sou festeira porque tenho muita fé no Espírito Santo”, e ao receio de sanções divinas, “dizem que não é bom recusar ser festeira do Espírito Santo porque traz desgraças para a família.” Estes argumentos são essencialmente defendidos pelas mulheres dos festeiros.

Os homens argumentam motivações sociais, de duas ordens, para integrar a festa. A primeira motivação é o receio das sanções simbólicas e sociais pela quebra da cadeia de continuidade da festa. “Sou sincero sou do Espírito Santo só para não acabar a

tradição e para ninguém falar «passou à porta do... e ele não aceitou» ou “é um bem parecer” como também alguém disse.

A segunda motivação é um imperativo de memória que garante a comunidade como um todo. “Quando nascemos já cá encontramos isto”, “alguém tem qu'a fazer, senão acabou-se a tradição”, “é só para manter a tradição”, “gosto de servir, mas não que eu tenha uma grande fé”, “sirvo porque, na festa do Espírito Santo só se serve uma vez na vida.”

Estas sucessivas alusões à tradição, em termos antropológicos, são incorrectas. Correcto seria referir-se ao costume. Porque segundo HOBBSAWM (1984:9) a tradição é caracterizada pela invariabilidade e impõe práticas fixas como a repetição. Ao invés o costume pode mudar, mas não de uma forma vincada. Deve semelhar-se e identificar-se sempre com a prática ultrapassada. Entendendo a festa como foi exposta aqui não há lugar para a tradição mas sim para o costume.



**Foto 14.** Dia 1 de Abril de 1994. Tremoços em “adoçamento.”

Só a fé e um desejo de afirmação social muito forte motivam pessoas, com um leque muito vasto de carências, a aceitarem ser festeiros do Espírito Santo e, conseqüentemente, a gastarem duas ou mais centenas de contos. Facto só compreensível porque o que está em causa é o prestígio do indivíduo e da família.

Foram encontradas duas importantes razões para a não aceitação do lugar de festeiro do Espírito Santo. A primeira é de ordem financeira. Não é barato fazer a festa. Cada festeiro, em custos directos, pode gastar duzentos ou mais contos. Por isso, a exemplo do que aconteceu em 1993-94, é sempre mais difícil encontrar um coroeiro, por ser o elemento para quem a festa fica mais dispendiosa.

A segunda razão é a disponibilidade de tempo que a festa requiere. A festa “é uma prisão

prisão. É o compromisso de ter que se estar aqui durante, pelo menos, oito domingos seguidos.”

Não foram detectadas motivações religiosas ou morais para não fazer a festa. O estado de saúde debilitado da mulher é um constrangimento importante para a aceitação do cargo de festeiro.

## 1.5. “O que sobra é a nossa honra” – Sequência festiva no tempo denso

### 1.5.1. Distribuição de tremoços<sup>23</sup>

Cada um dos oito festeiros faz uma distribuição de tremoços na antevéspera de servir. O primeiro a fazer a distribuição é o coroeiro, na sexta-feira Santa. Cada um dos festeiros distribui, obrigatoriamente, tremoços aos sete restantes elementos que compõem o grupo, à totalidade dos festeiros que serviram no Espírito Santo no ano anterior e ainda a todos os festeiros que servirão no Espírito Santo no ano seguinte. É obrigatório, por isso, que se conheçam antecipadamente. Assim, cada festeiro recebe tremoços durante sete semanas (da Páscoa ao Pentecostes) em três anos consecutivos. É uma das facetas das prestações e contraprestações alimentares.

Cada um dos festeiros distribui ainda tremoços, sem carácter de obrigatoriedade, aos familiares, aos amigos, aos vizinhos e “a quem se devem favores e obrigações.”

A distribuição de tremoços realizada pelo coroeiro alarga-se assim a 23 festeiros: oito correspondendo aos festeiros do ano anterior, sete do ano corrente, e oito do ano seguinte. Receberam ainda tremoços todos os residentes na sua rua, todos os seus convidados da festa dos madeiros, o proprietário e o condutor do tractor que transportou o seu madeiro, o condutor da máquina que arrancou os madeiros, o serralheiro que reparou a pomba que está no portão do recinto da capela do Espírito Santo e todas as pessoas amigas. Houve uma octogenária que ao ver distribuir os tremoços pediu “dê-me um tremocinho do Espírito Santo.”

<sup>23</sup> O tremoço é fruto do tremoeiro (*lupinus albus* L. ssp. *albus*). É uma espécie de leguminosa com elevado valor proteico. No Ladoeiro utilizam dois tipos de tremoços. Uns, antes da cozedura, precisam estar umas horas de molho. Os outros antes da mesma operação são submersos num ribeiro, num poço ou num alguidar; este tipo precisa de mais tempo de adoçamento. É frequente, nesta área, ouvir-se dizer que utilizam urina humana para os adoçar.

É entendido como ofensa não dar tremoços a qualquer pessoa amiga ou a quem se devam obrigações. Quem os distribui, por sua vez, parece fazê-lo com um certo orgulho e vaidade. Ao receberem os tremoços as pessoas agradecem e dizem “que tudo corra bem.”

No final da distribuição sobraram tantos tremoços que dariam para fazer nova distribuição. E perante a interrogação quanto ao destino a dar a tanto tremoço surge a resposta “dão-se às pessoas que os queiram aceitar, à família e às outras pessoas que ainda faltam e quando tudo estiver farto botam-se aos animais.”



Foto 15. Primeira distribuição de tremoços.

Na distribuição dos tremoços o festeiro em causa seguiu a ordem geográfica de residência das pessoas a quem devia e a quem pensou distribuir tremoços. Iniciou-a no extremo ocidental da povoação, na entrada do Ponsul, e terminou num monte agrícola no extremo oriental da povoação. Na prática percorreu-se toda a aldeia.

Oferece-se a cada pessoa um prato de sopa bem cheio de tremoços. Às pessoas a quem se devem mais obrigações a dose pode duplicar.

Nesta distribuição participaram o coroeiro, a esposa e a sua filha mais nova (14 anos). O coroeiro levava no porta-bagagem do carro dois cestos cheios de tremoços, já escorridos, e ia acompanhando o percurso da mulher que levava um balde de cerca de 15 litros de tremoços, numa mão, e o prato-medida na outra. A mulher ia avançando de

casa em casa, a distribuir os tremoços. Quando o balde estava quase vazio vinha carregá-lo ao carro. A distribuição dos tremoços demorou três horas e quarenta minutos. Os tremoços oferecem-se sem sal, porque há indivíduos que gostam mais de sal do que outros e assim vão à vontade de todos<sup>24</sup>.

Cada festeiro centra a sua distribuição na sexta-feira que antecede o seu domingo de servir. Os tremoços que sobram podem ser distribuídos nos dias seguintes embora os principais intervenientes (festeiros, pessoas a quem se devam favores e outros) sejam contemplados no primeiro dia.

Actualmente cada festeiro compra, quase sempre em Castelo Branco, uma saca de tremoços que pesa cerca de 45 quilos<sup>25</sup>. No passado os festeiros cultivavam próprios tremoços porque sabiam, com a devida antecedência, que iriam precisar deles.

Porquê tremoços e não qualquer outra coisa? “Porque já vem do atrasado, já vem do antigo”, respondem os festeiros. Os tremoços são um bem que as pessoas não cultivavam regularmente, porque não são necessários no quotidiano nem para as trocas, salvo se prevêm precisar deles no ano seguinte para qualquer ocasião festiva.

Nas festas e feiras desta área encontram-se à venda, prontos a serem consumidos. Nalgumas comunidades, por exemplo na área de Proença-a-Nova, havia quem os cultivasse para consumir pela “Senhora de Agosto.” No Rosmaninhal o alferes da festa do São João “*oferece vinho e tremoços, em quantidade, a todos os que queiram e que venham fazer o arraial à sua porta*” (DIAS, 1948:145). Em Lardosa e Lourical do Campo, pela festa de São Sebastião, há oferta de tremoços e filhós (HENRIQUES, 1993). Em Ladoeiro e Penha Garcia, pelos casamentos, a noiva e a mãe desta ofereciam tremoços e doces às raparigas que vinham dar-lhe as despedidas de solteira. Durante as despedidas recitavam uma quadra que haviam feito previamente. O noivo oferecia aos seus amigos cigarros e vinho (DIAS, 1966:123). Relacionados com as festividades do Espírito Santo são também distribuídos em Segura.

<sup>24</sup> Embora esta explicação seja razoável e plausível na actualidade, pela acção das campanhas de sensibilização determinadas a reduzir o consumo excessivo de cloreto de sódio (sal das cozinhas), pensamos que, num passado não muito distante, a principal razão residia no facto do sal ser um bem escasso. Era função do homem ir comprá-lo e transportá-lo desde Abrantes, tarefa que não era fácil. Esta situação está bem documentada na literatura popular desta área.

<sup>25</sup> A unidade de medida tanto pode ser o litro como o quilo. 40 quilogramas de tremoços correspondem a cerca de 56 litros. O quilo do tremoço custa actualmente cerca de 125 escudos o quilo.

Fora da área geográfica desta investigação, mas em zona limítrofe, recolheram-se mais duas referências a tremoços. Assim, na freguesia do Castelo (Sertã) no dia de Todos os Santos as casas lavradoras fazem “bolos dos santos” para distribuírem às crianças da casa. “Aos estranhos dão geralmente tremoços, fruta ou pão” (DIAS, 1948:155). Nesta mesma freguesia no dia de Finados as mulheres e as crianças percorrem as aldeias vizinhas a pedir esmola. “Costumam receber azeite, pão, fruta e tremoços” (DIAS, 1948:157).

Jaime Lopes Dias recolhe a maldição dos tremoços feita pela Nossa Senhora durante a fuga para o Egipto. “*Eu vos amaldiçoo, tremoços, para que jamais farteis quem quer que vos coma. E desde então, assim o afirmam os povos de Segura e do Ladoeiro os tremoços deixaram de matar a fome aos que os comem*” (DIAS, 1944:79-80).

Como vimos, a gente do Ladoeiro, pela festa do Espírito Santo, atribui-lhe grande importância, por isso se oferecem em sinal de reconhecimento, de amizade e de boa vizinhança. Parece algo que raia o sagrado.

Pode-se concluir que o tremoço é um alimento de baixo custo, claramente convivial e ritual.

### 1.5.2. Preparação da Festa

#### Decoração da Capela

A decoração e limpeza do recinto são feitas pelas mulheres dos festeiros, sob a orientação da mulher do festeiro que servirá no domingo seguinte. Começa quinta-feira quando a mulher do festeiro vai à capela do Espírito Santo buscar as toalhas do altar para limpar e ainda lavar e passar a ferro, se necessário. Para a decoração da capela as mulheres reúnem-se, durante a tarde de sábado, no recinto da própria capela.

Algumas festeiras têm a preocupação de só colocar cravos vermelhos nas jarras do nicho do Divino Espírito Santo. No jarrão, situado em frente do altar, não há preocupação com o tipo e com a cor das flores. A preocupação é apenas estética. A decoração do jarrão e das outras jarras merece um zelo superior. Esta função é desempenhada pela esposa do festeiro que serve nesse domingo. Esta festeira pode pedir a colaboração a qualquer outra, quase sempre “à amiga mais chegada.” No final da celebração da palavra a responsável pela decoração, da capela, pode levar as flores utilizadas. O que, geralmente, não acontece.

“Desde que uma festeira peça ninguém na povoação nega flores para o Espírito Santo”, para decorar a sua capela ou as suas insígnias.



Foto 16. Pendão pequeno do Espírito Santo.

Entre as mulheres a rivalidade na festa passa também pela decoração e limpeza da capela. Dão grande importância aos arranjos florais das jarras.

Quando a Páscoa é muito cedo não há muitas flores disponíveis para a decoração. Então, é frequente os primeiros festeiros a servir terem de comprar as flores em Castelo Branco. Em 1994, por exemplo, o coroeiro gastou 6.000 escudos em flores porque os cravos que a mulher tinha plantado não “abriram a tempo. O tempo ia frio.”

No passado, para obviar este problema, punham durante o dia vasos com cravos nas janelas e na varanda. À noite, para não se queimarem com a geada, recolhiam-nos para o interior da casa.

O vermelho é a cor do Espírito Santo por ser a cor do fogo. Por isso, o pluvial da imagem do Espírito Santo é quase sempre de cor vermelha. A bandeira é de fundo vermelho. Associadas ao Espírito Santo surgem ainda as cores branca e mais raramente a rosa. Os cravos e a cor vermelha surgem também associados à imagem e

culto de São Sebastião. Na literatura popular desta área o cravo e a cor vermelha surgem associados à imagem do rapaz, adulto jovem (HENRIQUES, 1995).



Foto 17. Dia 3 de Abril de 1994 e seguintes. Coroa do Espírito Santo devidamente decorada.



Foto 18. Toalha cercada.

### Preparação das comidas

No sábado, e ocasionalmente na sexta-feira, quando o jantar não é servido no restaurante matam-se os animais necessários, fazem-se as sobremesas e adianta-se todo o serviço possível.

### Ensaio dos cânticos

O assunto foi pela primeira vez discutido em 19 de Novembro de 1993 e todos se mostraram de acordo. Para garantir uma melhor harmonia houve diversos ensaios, todos realizados no café do sr. Apolinário. O sr. Relvas distribuiu, “para que cada um saiba o que há-de cantar”, um papelinho com as letras do *Bendito* e do *Glória*. O último ensaio foi na noite do sábado de Aleluia.

Comentavam, durante o ensaio, “isto é uma música sem mestre, uns mais altos outros mais baixos, mas é uma tradição muito antiga.”

## Convites

O convite é feito aos “familiares mais chegados e aos amigos.” O familiar de um festeiro interrogado quanto ao motivo da sua comparência na festa respondeu conclusivo: “convidaram-me e parecia mal se a gente cá não viesse. A família até levava a mal, pensavam logo «não estão bem e estão-se a afastar».”

O convite e a obrigação de participar é importante na actualização e reforço dos laços de parentesco, de vizinhança e de amizade.

Há casos de familiares de festeiros que chegaram a vir, propositadamente, de França para assistir à festa, ajudá-la a preparar e a servir o jantar.

O facto do sr. Albino<sup>26</sup> fazer anos no dia em que o sr. Relvas servia foi motivo suficiente para que o festeiro o convidasse. “Só tens que dizer oito dias antes. Vou p'ró Manhoso.”

O sr. Carrondo e mulher, que residiram em França parte da sua vida, convidaram dois casais amigos de nacionalidade francesa.

### 1.5.3. Almoço<sup>27</sup>

Em cada domingo a concentração é por volta das 8.00-8.30 horas em casa do festeiro que serviu no domingo anterior. Nesse dia o festeiro serve o almoço aos restantes festeiros. Serve também o almoço aos familiares e convidados, mas de um modo mais discreto e praticamente só depois dos festeiros estarem saciados. Na ocasião em que



**Foto 19.** Cravos para a lapela nas mãos da mulher de um festeiro.

os festeiros tomam o almoço só eles, praticamente, o fazem. Sobre a mesa há somente oito chávenas. Conversam e riem. Há momentos de bom humor. As mulheres da casa, e especialmente a mulher do festeiro, preocupam-se em garantir que nada falte sobre a mesa, velam pela qualidade do serviço prestado e insistem para que as pessoas comam.

A esposa do festeiro em causa, antes ou depois do pequeno-almoço, oferece um cravo vermelho a cada um dos festeiros. Este cravo é colocado no bolso do casaco, junto da lapela. Ao alferes, como solteiro que deve ser, é oferecido um cravo branco.

O cravo branco oferecido ao alferes pode ser interpretado como sinónimo de virgindade, de pureza, porque é o único solteiro que pode pertencer ao grupo. Este símbolo mantém-se mesmo que a regra não se cumpra, isto é, também no caso de ser casado. É também um cravo branco que o noivo, no dia do casamento, leva na botoeira do casaco.

O cravo é sinal exterior de pertença a determinado grupo, neste caso ao grupo do Espírito Santo. É um distintivo. Pode também ser entendido como uma identificação com o santo que é festejado com cravos vermelhos.

O cravo em causa não se pode perder. O festeiro que o perca “paga a festa.” A multa é constituída por cinco litros de vinho pagos aos restantes elementos. Para o evitar o cravo é fixo pelo pé, com um pequeno alfinete, ao interior do bolso do casaco. A mulher do festeiro que serve pode ajudar a fixá-los.

Há momentos de humor curiosos, quando, por exemplo, a mulher de um festeiro começa a distribuir as pombas aos seus respectivos portadores e diz o alferes: “é melhor trocaram esse pau pelo meu qu'é maior.” Diz logo outro para a mulher do festeiro: “atão é você que vai dar o pau ali ao Apolinário?”

Há a preocupação de chegar atempadamente à capela. As pessoas começam a juntar-se à porta do festeiro. Sai a bandeira e inicia-se a folia.

Todos os festeiros dão apenas um pequeno-almoço. O coroeiro dá dois, um no dia de Páscoa, outro no domingo seguinte. “D'antes não havia pequeno-almoço, como agora, só havia jantar. Não havia tanta fartura como agora.”

<sup>26</sup> Feitor do Monte Grande de onde vieram os madeiros para a fogueira do Natal.

<sup>27</sup> Corresponde ao actual pequeno-almoço.

#### 1.5.4. Folia

No domingo de Páscoa a bandeira, e as restantes insígnias<sup>28</sup>, sai da casa do coreiro e, findas as cerimónias, regressa a casa deste por mais oito dias. É também na casa do coroeiro que são guardadas, durante o ano, as insígnias do Espírito Santo (coroa, pombas, velas e toalhas).

A janela por onde sai, ou entra, a bandeira do Espírito Santo é previamente preparada com material do festeiro. Se a casa tiver primeiro andar é por aqui entregue e recebida. A esposa do festeiro prepara a janela, ou varanda, colocando sobre o peitoril uma colcha vermelha e sobre ela uma toalha cercada<sup>29</sup> de cor branca. A bandeira só pode entrar em contacto com a toalha cercada. Todos os festeiros, e demais acompanhantes, aguardam sob a janela a recepção ou a entrega da bandeira. A bandeira, à semelhança do que acontece no João do Rosmaninhal e de Monforte da Beira, é sempre entregue e recebida por uma mulher. Nalgumas ocasiões a pessoa que recebe a bandeira benze-se antes de a receber.



Foto 20. Festeiros do Espírito Santo de 1993-1994.

Para que a bandeira possa sair e entrar em casa é indispensável que se desenrosque a cruz metálica já referida, a qual não deve ser tocada directamente com as mãos. Para

<sup>28</sup> Ocasionalmente pudemos ouvir o termo “a ferramenta” para designar cada uma das insígnias do Espírito Santo ou a sua totalidade. Expressões como “cada um com a sua ferramenta” eram habituais.

<sup>29</sup> A toalha cercada já fazia parte do enxoval. Cada rapariga devia levar duas, bordadas por si. Os homens nem sempre as levavam e se as levavam era a mãe ou as irmãs que as faziam. Estas toalhas eram utilizadas para cobrir um altar improvisado colocado à cabeceira de um morto. O altar era constituído por um crucifixo ladeado por duas velas uma de cada um dos lados.

evitar o contacto directo, das mãos, usa-se uma toalha branca semelhante às que cobrem os altares.



Foto 21. Saída da bandeira do Espírito Santo de uma casa.

Quando a bandeira sai, ou entra, de qualquer casa o alferes manobra o varão de modo a fazê-lo rodar sobre si. Nesta ocasião a mulher do festeiro, ou outro familiar do sexo feminino, deita através da janela pétalas de flores sobre a bandeira.

Segundo António de CARVALHO (1991) “*quer à saída, quer à entrada da casa do mordomo, o alferes «faz dançar» a bandeira, isto é, roda-a para um lado e depois para o outro, enquanto a dona da casa da varanda ou da janela lança pétalas de rosa. Depois de uma semana guardada em casa, a bandeira tem de ser purificada para que vá à reunião com Yavhé em estado condigno. Seguido a esta, tem de novo de ser purificada*



Foto 22. Saída da bandeira do Espírito Santo de uma casa. O “dançar” da bandeira e o arremesso de flores.



Foto 24. Folia do Espírito Santo.



Foto 23. Folia do Espírito Santo.



Foto 25. Entrada da bandeira do Espírito Santo na casa de um festeiro, Observe-se o chão coberto de pétalas de flores.



Foto 26. Fachada da capela do Espírito Santo

antes de entrar em casa de outro mordomo. São pois estes dois momentos os limites do acto sagrado.”

Nos sete domingos que se seguem ao domingo de Páscoa, os festeiros saem com a bandeira e todas as outras insígnias da casa do festeiro que serve e vão até à capela do Espírito Santo onde é celebrada a palavra. Finda a celebração da palavra vêm depositar as insígnias no altar secundário, do lado da Epístola, na igreja matriz. Vão depois percorrer os cafés ou ocasionalmente cada um para seu lado, “cada um à sua vida.”

Sempre que o cortejo procissional do Espírito Santo anda na rua, de um lado para outro, as pessoas que se cruzam com ele param, assumem uma postura de respeito e os homens descobrem-se (tiram o chapéu).

Das janelas dos pisos superiores das casas, vertem sobre o cortejo pétalas de flores vermelhas, de cor-de-rosa e arroz. Numa ocasião ouviu-se o comentário de uma festeira, a propósito de flores, para uma sua vizinha: “então, não tinhas lá flores para deitares sobre a bandeira. Foi preciso deitares arroz.”

Quando os festeiros estão sob a janela e prontos a iniciar a marcha cantam, ainda parados, o *Glória*. No final deste cântico inicia-se a marcha e canta-se repetidamente o *Bendito* até à porta da capela do Espírito Santo.

A marcha de São João, no Rosmaninhal, é também tocada repetidamente pela banda.

Ben-di-toe lou-va-do se-ja o San-  
tis-si-mo sa-ora - - men-to da Eu-ca-ri-  
sti-a Fru-to do ven-tre sa-gra-do da  
Vir-gem Pu-ris-si-ma San-ta Ma-  
ri-a  
ni-a  
FINAL  
Glória ao Pai e ao Fi-lho  
e ao Es-pí-ri-to San-to si-cut erat in prin-  
ci-pio et na-ve et sem-per et in  
se-cula se-clo-rum A-men

Figura 5. Pauta musical dos cânticos *Bendito e Louvado* e *Glória*.

O *Bendito e Louvado* é cantado durante todo o percurso, de forma repetitiva. Quando se chega à entrada da capela do Espírito Santo, à entrada da igreja ou à porta do festeiro que recebe a bandeira, pára-se e canta-se o *Glória*. O mesmo sucede à saída de qualquer dos lugares mencionados. O *Glória* canta-se sempre com os festeiros parados.

Terminado o cântico inicia-se a marcha e com ela o *Bendito* e *Louvado*. Se à chegada a qualquer dos lugares mencionados ainda se estiver a cantar o *Bendito* termina-se e depois canta-se o *Glória*.

Há dois cânticos base: o *Bendito e Louvado* e o *Glória*.

Nem todos os elementos cantam tudo. O grupo da frente constituído pelo alferes, pelas duas velas e pela pomba grande canta, quando é o *Glória*:

Glória ao Pai e ao Filho  
E ao Espírito Santo

Quando é o *Bendito e Louvado* canta:

Bendito e Louvado seja  
O Santíssimo Sacramento  
Toda a Eucaristia

O grupo de trás constituído pelo coroeiro, pelas duas velas e pela pomba pequena quando é o *Glória*:

Ena é de Princípio  
É de nunca é de Sempre é  
É de sempre Seclório Amém.

Quando é o *Bendito e Louvado* canta:

Fruto do Ventre Sagrado  
Em Virgem Puríssima  
Se mais Santa a Maria.

Jaime Lopes DIAS (1966:26-27) refere que “... onde se canta o *Bendito e Louvado* ou a *reza do Magnificat*, e até onde os seus ecos chegarem não cai raio ou peste.” Este cântico assume, assim, um carácter de benção comunal.

O coroeiro é o único que pode intervir nas duas fases do cântico. Os elementos que seguem o cortejo podem acompanhar ambos os cânticos nas suas duas fases. Não há acompanhamento de qualquer instrumento musical.

Os acompanhantes vão atrás dos festeiros ou, mais raramente, de lado. Nunca à frente da bandeira.

“Dentro deste quadrado trabalha sempre o coroeiro”, diz o sr. Relvas.

A actividade dos festeiros em cada um dos domingos resume-se a: tomar o pequeno-almoço em casa do festeiro que serve; sair desta casa e dirigir-se, sempre cantando,

para a capela do Espírito Santo; assistir nesta capela à celebração da Palavra. No final da celebração da palavra dirigem-se à Matriz, sempre cantando, onde deixam as insígnias. Segue-se depois a visita a alguns cafés. Parece haver preocupação em percorrer, cada domingo, todos os treze cafés desta comunidade.

Versão entregue aos festeiros:

*Bendito e Louvado*  
Bendito e Louvado seja  
O Santíssimo Sacramento  
Toda a Eucaristia  
Fruto do Ventre Sagrado  
Em virgem puríssima  
Se mais Santa a Maria

Versão erudita:

*Bendito e Louvado*  
Bendito e Louvado seja  
O Santíssimo Sacramento da Eucaristia  
Fruto do Ventre Sagrado  
Da Virgem Puríssima Santa Maria

*Glória*

Glória ao Pai e ao Filho  
E ao Espírito Santo  
Ena é de Princípio  
É de nunca é de Sempre é  
É de Sempre  
Seclório Amém.

*Glória*

Gloria, Patri et Filio et Spiritui Santo  
Sicut erat in principio et nune  
et semper et in saeculorum  
saeculorum. Amem

A ingestão de álcool começa no almoço, em casa de um festeiro, e prolonga-se pela tarde dentro. Parece estar institucionalizado que, neste intervalo de tempo, antes da missa se visite metade dos cafés da povoação e no final do jantar os restantes. Este grupo de festeiros apenas esboçou esta prática nalgumas ocasiões, não a executou cabalmente como dizem ser costume.

Numa altura em que alguns dos festeiros estavam num café a beber água, em vez de bebidas com álcool como manda o costume, alguém entrou no café e fez o seguinte comentário, em tom crítico, “o Espírito Santo já está a água!?”

Parece pois imprescindível apanhar-se uma bebedeira em cada domingo da festa do Espírito Santo, bebedeira em grupo, institucionalizada e ritual.

O excesso de álcool e de comida é tão frequente que “no *Ladoeiro chamam a esta festa a festa dos bêbados e dos comilões*” (CARVALHO, 1991). Em todo o sul Beira não se concebe festa sem excessos, sobretudo de ruído, de comida e de álcool.

Na Zebreira o juiz da festa do Espírito Santo proíbe, terminantemente, que qualquer um dos elementos beba em excesso. O consumo excessivo de bebidas alcoólicas é motivo suficiente para se ser expulso da mesa.

Os festeiros juntam-se, à porta da igreja matriz, uns minutos antes do início da missa. Assistem à missa, mas nem todos. Alguns vão para o exterior da igreja onde se conversa, se conta anedotas, histórias de padres e de sacristãos que passaram pelo Ladoeiro e acabam por ir para o café. Perto do final da missa regressam, estes festeiros, ao seu lugar na igreja.

Depois da missa dirigem-se todos os festeiros, com as insígnias, para casa daquele que servirá o almoço. Findo o demorado almoço voltam para os cafés que ainda não visitaram.

Na folia o número de pessoas que acompanham os festeiros do Espírito Santo vai aumentando, desde a saída da casa do festeiro até à capela do Espírito Santo. São geralmente mulheres que vão integrando o grupo. Dá-se fenómeno inverso no regresso; o grupo vai diminuindo, progressivamente, porque os acompanhantes vão ficando em casa.

Na ida e no regresso os festeiros fazem o seguinte percurso: capela do Espírito Santo, Barrada de São Pedro, rua de Santa Catarina e Adro (fig. 7).

### 1.5.5. Celebração da palavra

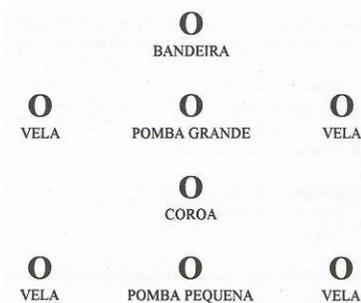
Na capela do Espírito Santo, em cada um dos domingos, há celebração da Palavra às 9.00 horas. Não há missa. Esta atitude do padre vai contra a vontade dos festeiros e da própria população. Os festeiros fizeram todos os esforços para que todos os domingos houvesse missa na capela do Espírito Santo e não só no domingo de Pentecostes.

No dia do convite aos novos festeiros, as pessoas foram apresentando a sua indignação face à intransigência do padre. A incompreensão das pessoas reside no facto do “padre ir lá fazer a celebração da Palavra e não dizer logo missa.” A mulher de um dos novos festeiros dirigiu-se ao sr. João Relvas<sup>30</sup> e pediu-lhe: “oh senhor João dê lá um jeito, porque não tem jeito nenhum as pessoas irem lá e não haver missa.” “O senhor padre é que manda nisso, a gente não vai fazer imposições”, respondeu o sr. João Relvas.

O Espírito Santo é sempre a temática de fundo da celebração da Palavra. Mas o tema é desenvolvido de modo hermético.

Em cada um dos domingos o festeiro que serve, ou os seus familiares directos (filhos, filhas e mulher), têm a responsabilidade de fazer as necessárias leituras durante a prática religiosa.

Os paramentos do padre são trazidos, em cada um dos domingos, pela mulher de um festeiro do Espírito Santo. No final a mesma senhora devolve-os à igreja.



**Figura 6.** Disposição dos “instrumentos” durante a folia. O sentido do movimento é da pomba pequena para a bandeira.

A capela-mor é um pequeno espaço de planta rectangular, onde se encontra o altar. É este o espaço ocupado pelos festeiros, pelos seus familiares, pelo padre e pelo sacristão. Os festeiros ocupam o espaço, do lado do Evangelho, assinalado por F na fig. 8 e distribuem-se como a figura mostra. Detrás do grupo de três festeiros e junto da parede do lado norte há uma pequena mesa onde são depositadas, durante a cerimónia religiosa, as velas, as pombas e a coroa. No altar, voltados para os fiéis, estão o padre ao centro (P), o sacristão à sua direita (S) e o festeiro que serve nesse domingo à sua esquerda (F). Do lado da Epístola estão as mulheres, as filhas e noras dos festeiros (M).

Este último espaço só é ocupado por indivíduos do sexo feminino. Todo o altar-mor é exíguo para tanta gente.

<sup>30</sup> Festeiro do Espírito Santo de 1993-94 e homem muito ligado à Igreja.



Foto 27. Celebração da palavra na capela do Espírito Santo.

A nave da capela está dividida por um corredor central. Existem, de ambos os lados, bancos com genuflexórios. Aos domingos, durante as festividades do Espírito Santo, esta área da capela está repleta. As mulheres ocupam o espaço mais próximo da capela-mor e os homens, quase sempre em pé, ficam à entrada do templo que é sempre insuficiente para os albergar a todos. Chegou a haver mais de 100 pessoas. A assistência era geralmente constituída por gente idosa.

A capela, em termos arquitectónicos, é um monumento equilibrado. Do ponto de vista estético destacam-se, pelo contraste com o resto do templo, as horríveis portas em alumínio castanho.

Finda a celebração da Palavra sai o cortejo da capela em direcção à igreja matriz, agora com maior número de acompanhantes porque assistiram ao ofício religioso.

Do ponto de vista simbólico a ida ao santuário, o passar sob o olhar do santo, o participar nos actos religiosos têm como objectivo a purificação do indivíduo. E qualquer um destes actos, na religiosidade popular, é o suficiente. A partir desse momento o indivíduo está apto para outras funções como o jantar cerimonial. O padre não acompanha o cortejo. Como convidado apenas participa no jantar.

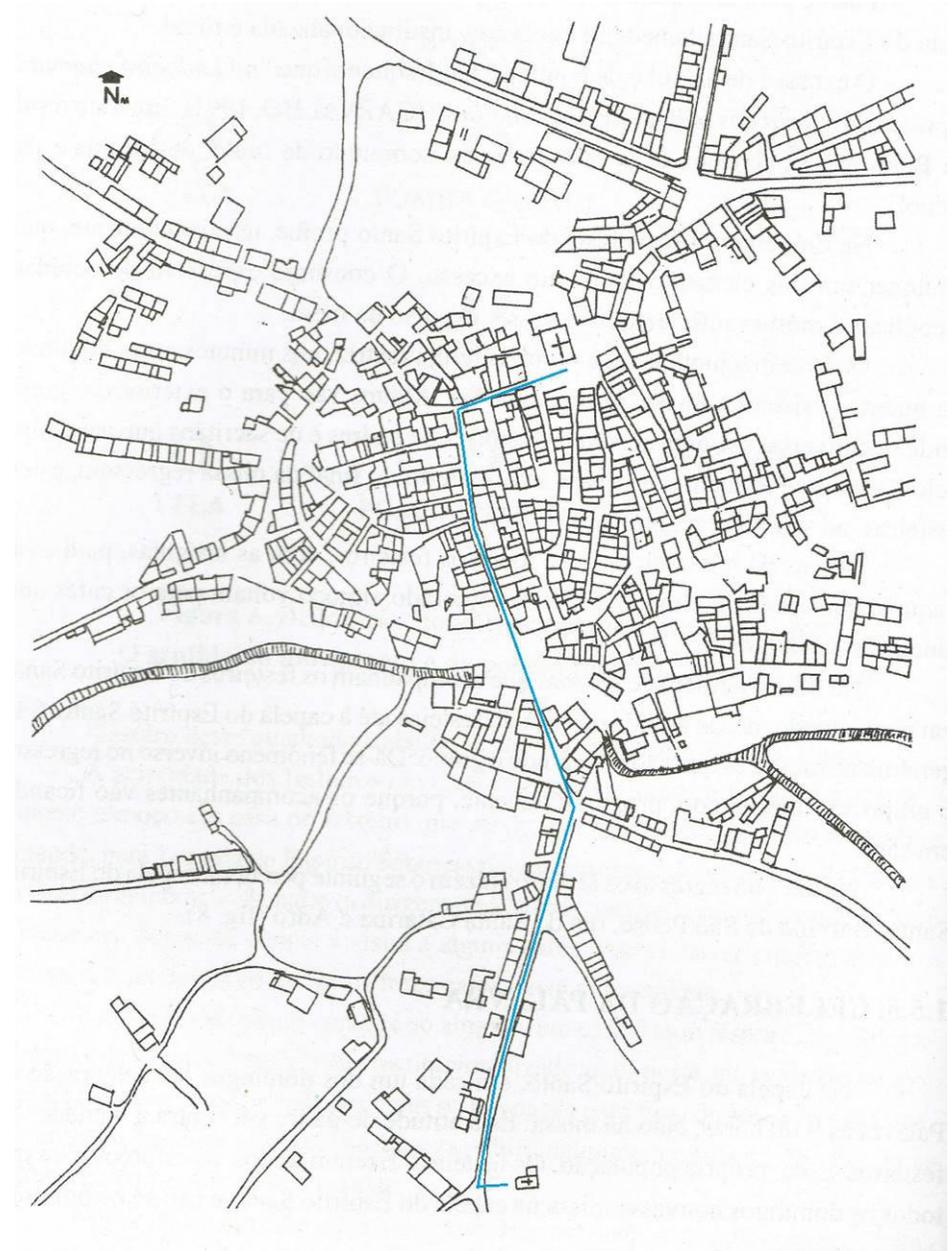
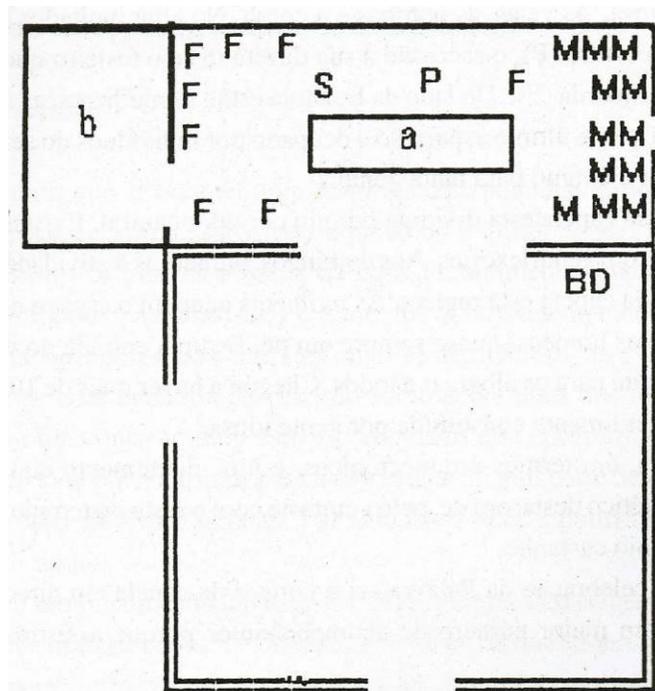


Figura 7. Percurso da folia no Ladoeiro em 1993-94.



**Figura 8.** Planta da capela do Espírito Santo no Ladoeiro com indicação da distribuição dos festeiros (F) e respectivas mulheres, filhas e noras (M) durante os ofícios religiosos (P - padre, S - sacristão, BD- local onde instalam a bandeira do Espírito Santo durante a cerimónia religiosa, a - altar, b - sacristia).

No domingo de Pentecostes a missa foi realizada na capela do Espírito Santo, por isso não houve missa na Matriz nem celebração da Palavra na capela. É neste dia que o padre dá a conhecer, durante a missa, os festeiros de 1995 embora sejam conhecidos desde o domingo de Ramos.

Para este dia estava prevista missa campal no recinto da capela. Devido às condições atmosféricas a missa realizou-se no templo. Chovia intensamente. Sobre a entrada principal da capela colocaram um grande impermeável de modo a proteger as pessoas que não cabiam no seu interior. O recinto da capela havia sido decorado com folhas de palmeiras que os festeiros tinham ido buscar nessa manhã. Ficaram por isso “repassados.” O pequeno-almoço foi tomado após a decoração do recinto da capela.

Devido à intensidade da chuva a bandeira e os festeiros foram, da casa do sr. Clemente para a capela, numa carrinha do sr. Apolinário.



**Foto 28.** Dia de Pentecostes. Preparação do recinto da capela.

### 1.5.6. Jantar<sup>31</sup>

O festeiro que dá o jantar num domingo dá o pequeno-almoço no domingo seguinte. No passado, como já se disse, o jantar do Espírito Santo era praticamente só para os festeiros e para as pessoas da casa. Actualmente dilatou-se a rede de convites a familiares mais afastados e a amigos. Consequentemente alargou-se o número de participantes nos jantares do Espírito Santo, provavelmente em consequência de uma melhoria da situação socioeconómica dos festeiros. Não se exclui também uma questão de prestígio, “ninguém quer ficar atrás de ninguém.” Este facto pode também contribuir para a não aceitação, por parte de alguns homens, do lugar de festeiro do Espírito Santo. Por tudo isto a festa mobiliza hoje mais gente há 20 anos atrás.

Houve sempre um cuidado especial na apresentação das mesas para o jantar. Além dos vários tipos de copos, de talheres, de pratos, havia sempre sobre cada mesa várias jarras com flores. Como sinal de luto não foram decoradas, com flores, as mesas do jantar que o sr. Apolinário serviu.

<sup>31</sup> Jantar é a designação antiga para o actual almoço.

Em 1993-94, cinco dos oito festeiros, utilizaram o serviço de um restaurante. Em todos estes casos o jantar foi servido no restaurante. Questionados, alguns dos festeiros responderam “porque as casas são pequenas.” Não será antes por uma questão de prestígio social e de despreocupação pessoal? Porque quando a casa é pequena sempre se arranja uma outra casa, uma garagem ou qualquer outro recinto para servir o jantar.

Alguns festeiros, os que não utilizaram o serviço de restaurante, vinham preparando o jantar há largos meses. Criaram borregos e galinhas, propositadamente, para o festim. No passado tinham que pensar também nos tremoços.

Quando o jantar é servido em casa a quantidade de comida preparada é intencionalmente excedentária, “porque mais vale que sobre do que falte e como a gente costuma dizer «o que sobra é a nossa honra», num quer que ninguém diga nim comer lá havia.”

Notava-se uma grande preocupação para que tudo corresse bem, que a comida estivesse boa, que não faltasse nada na mesa. O nervosismo era bem patente tanto na festeira que dava o jantar como na cozinheira que o preparava. Numa ocasião uma cozinheira fez a seguinte observação: “os nervos têm sido tantos, tantos, que ainda não comi nada desde sábado. Só provado o rancho.” Noutra altura disse a festeira que servia nesse dia: “tenho andado tão nervosa, tão nervosa, que até a boca rebentou.”

A competitividade, a tensão e o esforço, para que tudo corra bem, espelha-se no sistema nervoso de cada pessoa e em consequência disso, durante o tempo de festa, houve festeiros doentes com problemas gástricos e respiratórios.

Nos oito domingos do Espírito Santo, após o longo jantar, os festeiros têm a preocupação, quase obrigatória, como se referiu, de entrar em todos cafés da aldeia e beber. A função é embebedarem-se. Outros dizem que “antigamente, depois do almoço, cada um ia à sua vida.”

Quando algum dos festeiros não pode estar presente, para desempenhar a sua função em qualquer época do ano ou fase da festa, pode e deve fazer-se representar por quem entender. Esta representação quase sempre recai sobre um familiar muito próximo, do sexo masculino.

Os festeiros e o padre comem numa mesa à parte. Questionados quanto à razão desta disposição responderam: “é um dom dizer que os festeiros estão à parte.” E porquê o



Foto 29. Cena de jantar em casa particular. Mesa dos festeiros.



Foto 30. Cena de jantar em restaurante. Mesa dos festeiros com o padre.

padre? “Por ser uma autoridade.” Só eles, homens, têm o direito de comer nessa mesa. Em qualquer dos almoços observados o padre ocupou sempre, na mesa dos festeiros, uma posição marginal. Durante o jantar nada impede que sejam servidos por mulheres.



Foto 31. Cena de convívio entre os festeiros num café.

Os familiares ou convidados “comem à parte” e nestas mesas já se misturam ambos os sexos. Os convidados rondaram sempre algumas dezenas de pessoas, não ultrapassando, no entanto, as sete dezenas.

No domingo de Páscoa e no domingo de Pentecostes a mesa dos festeiros toma o aspecto que se observa na fig. 9.

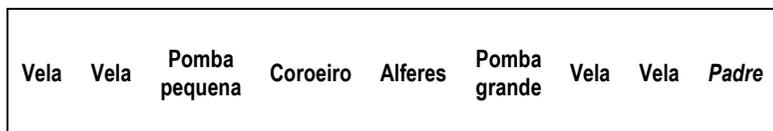


Figura 9. Disposição dos festeiros na mesa no dia de Páscoa e no domingo do Espírito Santo.

Nos outros domingos o festeiro que serve passa da sua posição tipo (mesa anterior), para o lugar que se cria entre o coroeiro e o alferes, conforme exposto na fig.10. O padre em qualquer circunstância ocupa um dos extremos da mesa.

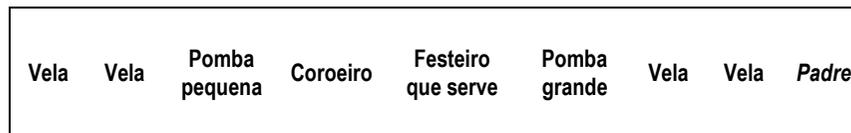


Figura 10. Disposição dos festeiros na mesa nos domingos depois da Páscoa.

A disposição dos lugares nesta mesa obedece a um critério hierárquico rígido. Os lugares centrais são ocupados pelo coroeiro e pelo alferes. O coroeiro tem imediatamente à sua direita a pomba pequena e duas velas. O alferes tem à sua esquerda a pomba grande e outras duas velas.

Conversa-se durante o almoço, independentemente do local onde se é servido, contam-se histórias envolvendo este e aquele indivíduo, anedotas (Anexo 2) em que os padres são protagonistas enovoados (ainda que o padre esteja presente). O almoço transforma-se assim num momento de confraternização e de bom humor.

Com o decorrer do almoço as pessoas vão ficando mais coradas, o burburinho aumenta, as conversas cruzam-se. O álcool exerce bem a sua função.

Os jantares prolongam-se por várias horas. Por isso, quando uma refeição é muito demorada costuma-se dizer, nesta região, que “é igual ao jantar do Espírito Santo.”

Cada festeiro realiza assim duas distribuições de alimentos: uma distribuição alargada, quando oferece os tremoços; uma distribuição restrita, quando oferece o jantar. No passado o jantar era uma refeição cerimonial restrita aos festeiros.

### 1.5.7. Participação nos jantares

Os jantares do Espírito Santo são em cada domingo o ponto alto da festa. Cada festeiro reparte este momento de alegria com o conjunto de pessoas que convida. O festeiro e os seus convidados unem-se pela amizade ou pelo parentesco.

O jantar proporciona a reunião de familiares deslocados, alguns fora do país. É, também, uma ocasião ideal para restabelecer e aprofundar laços de parentesco e de vizinhança.

Estiveram presentes cinquenta e dois dos cinquenta e sete descendentes dos oito festeiros (filhos, noras, netos e bisnetos). Os faltosos estavam fora do país. Dos

convidados presentes 60% eram familiares e 40% amigos<sup>32</sup>. Dos presentes nos jantares 56% eram de gerações mais recentes que os festeiros, 22% da mesma geração e 22% de gerações mais velhas que os promotores da festa.

Alguns dos amigos presentes foram vizinhos do casal festeiro durante o período activo, de trabalho. Outros são actualmente vizinhos e outros ainda são amigos dos filhos do casal festeiro. Frequentemente os casais convidados trazem consigo os filhos não adultos. O casal festeiro mais idoso e outro jovem utilizaram o jantar para promover uma reunião de família. Os restantes casais juntaram amigos e familiares.

Apresenta-se, seguidamente, um conjunto de sete diagramas relativos à participação dos familiares dos festeiros nos jantares.

### Observações sobre alguns jantares

No primeiro jantar faltaram muitos dos convidados por ser domingo de Páscoa e as pessoas preferirem estar com familiares mais chegados. O alferes não pôde estar, nem qualquer familiar que o pudesse representar, por servir nessa data um importante casamento no restaurante de que é proprietário. Como o dia estava agradável as crianças comeram na rua. Havia cinco mulheres para preparar e servir o almoço. Estas almoçaram após todos os restantes elementos. Durante o almoço contaram-se muitas histórias, anedotas, casos humorísticos. Parece que o objectivo de fundo era transmitir um ambiente festivo aos participantes. O padre chegou mais tarde. Com a sua chegada houve um nítido cerceamento da linguagem e das temáticas das conversas.

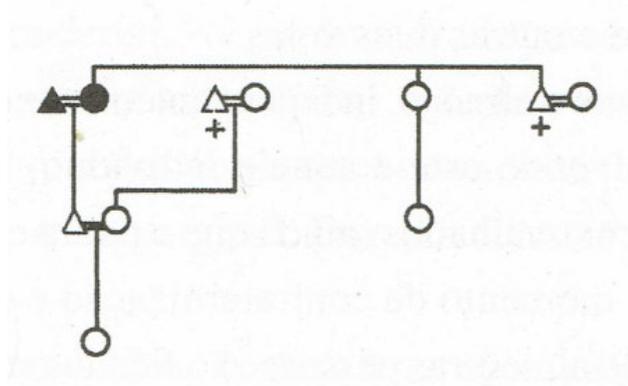


Figura 11. Relação de parentesco entre os participantes no jantar oferecido pelo festeiro A.

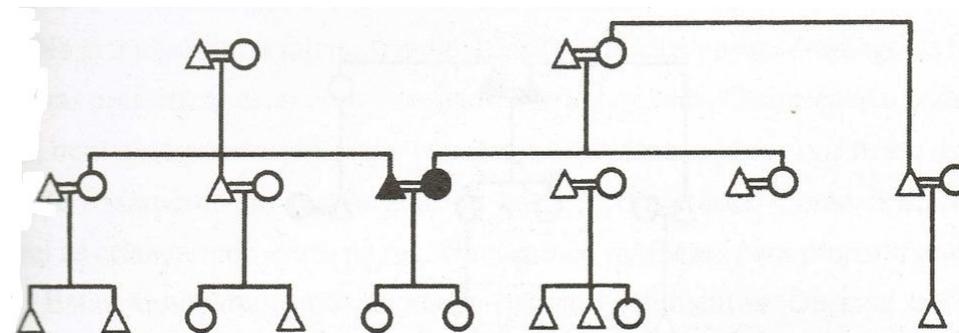


Figura 12. Relação de parentesco entre os participantes no jantar oferecido pelo festeiro B.

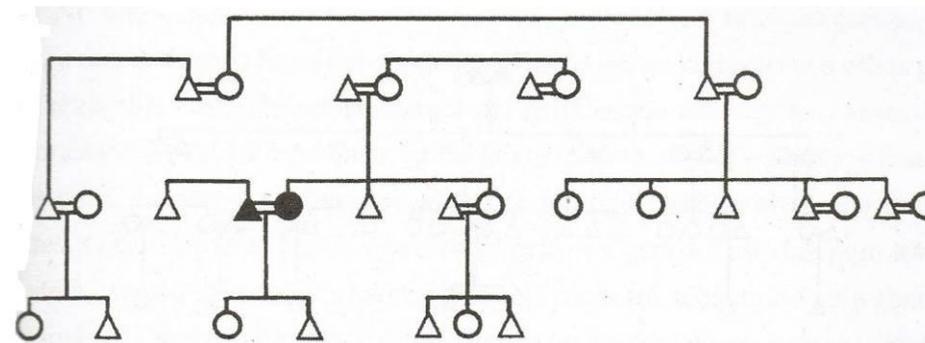


Figura 13. Relação de parentesco entre os participantes no jantar oferecido pelo festeiro C.

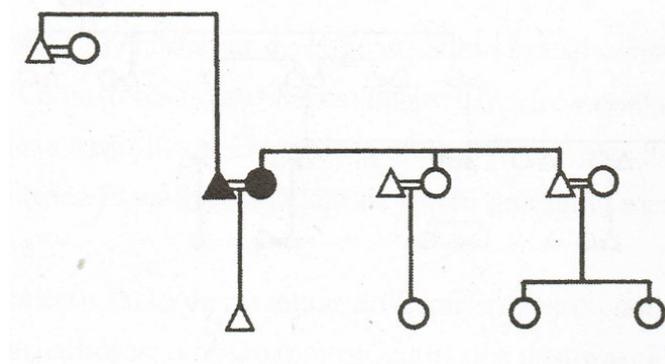


Figura 14. Relação de parentesco entre os participantes no jantar oferecido pelo festeiro D.

<sup>32</sup> Quando não existe vínculo de parentesco entre os presentes e o casal de festeiros anfitrião.

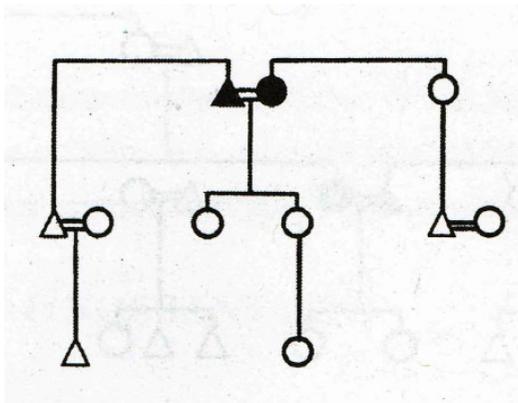


Figura 15. Relação de parentesco entre os participantes no jantar oferecido pelo festeiro E.

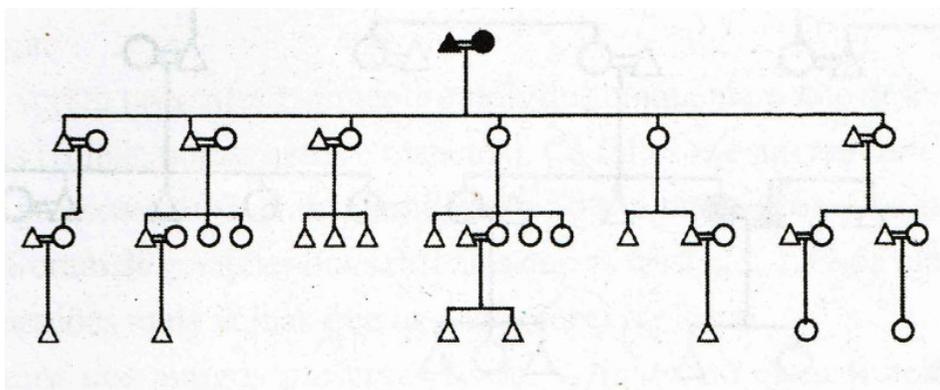


Figura 16. Relação de parentesco entre os participantes no jantar oferecido pelo festeiro F.

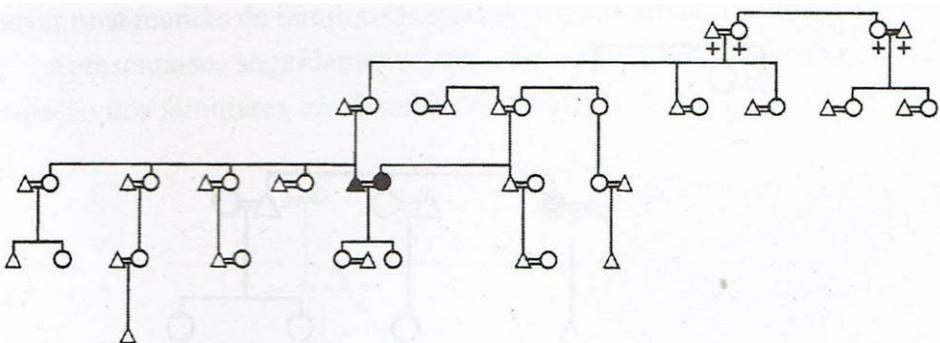


Figura 17. Relação de parentesco entre os participantes no jantar oferecido pelo festeiro G.

No oitavo jantar, quando todos estavam sentados e a refeição prestes a ser servida, o sr. Apolinário levantou-se, pediu silêncio e com lágrimas nos olhos pediu para se rezar um *Padre-Nosso* pela sua irmã Amália que morrera dias antes. O sr. Padre orientou a oração e no final pediu também uma *Avé-Maria* pelos festeiros doentes (sr. Clemente e sr. Joaquim Flores) e que, por esse motivo, não estavam presentes. O sr. Clemente fez-se representar pelo seu genro. O sr. Joaquim levou a coroa até à casa do alferes e foi para a cama. Na mesa foi substituído pelo genro do sr. Apolinário. Caso não houvesse uma situação de luto previa-se, para este jantar, a presença de mais de 100 pessoas e baile no final.

### 1.5.8. Ementas

“Antigamente<sup>33</sup> o jantar do Espírito Santo era só constituído por travia, vinho e tremoços. Os pastores nesses dias aviavam a travia, «aviavam a lata» que era uma merendeira de uns três litros. O festeiro pedia ao pastor para lhe guardar a travia para esse dia. Em troca dava-lhe meia lata de feijão que ia na mesma vasilha onde tinha vindo a travia.”

Merece realce o facto de no jantar do Espírito Santo ocorrer a troca directa de produtos dos agricultores, o feijão, por produtos dos pastores, a travia. Esta troca reflecte a importância dada à travia que só um grupo restrito de pessoas possuía (pastores).

“Depois, um casal sem filhos, que tinha algumas posses, introduziu a sopa de grão com massa grossa e pão. Mais tarde, a mãe de um dos actuais festeiros introduziu o bacalhau na sopa de grão. Depois passou a entrar ensopado de borrego ou cabrito com batatas, criado de propósito para esse dia. E hoje em dia vai-se ao restaurante, é o que se vê!”

Mesmo depois da introdução da carne, a travia com açúcar continuou a consumir-se como sobremesa. Mais tarde acabou por cair em desuso.

No passado a travia era um bem raro porque a maioria das pessoas não tinha ovelhas para fazer queijo. Havia somente quatro ou cinco casas que a produziam. Logo, quando a davam, recebiam em troca cereal. “Ainda agora é assim, logo eu o ano passado vieram-me trazer uma lata de travia eu dei à pessoa um quilo de açúcar e naturalmente a pessoa ficou toda contente” diz a mulher de um festeiro ao abordar esta questão.

A travia é um produto obtido da massa do queijo quando da sua feitura. Sai através dos orifícios do cincho quando a massa é pressionada pelas mãos do queijeiro. O produto assim obtido é depois “...fervido conjuntamente com algum leite e faz o requieijão ou

<sup>33</sup> Há 55-56 anos.

travia. Quando acaba de o mexer faz uma cruz e diz: *Deus te acrescente, as almas do céu para sempre*” (DIAS, 1955:91). O requeijão é um acepipe que entrava, e entra, em muitas das sobremesas confeccionadas em alturas festivas (DIAS 1970:41).

A região alvo deste estudo é especialmente vocacionada para a pastorícia de caprinos, na área ocidental, e ovinos, na área oriental.

Os judeus de Belmonte “*para a «saída» da festa (Páscoa), no penúltimo dia, preparam queijo, requeijão e mais modernamente iogurtes*” (GARCIA, 1993:84)<sup>34</sup>.

A travia também se utiliza na confecção das filhós em Segura.

A carne de cabrito ou borrego, sob a forma de ensopado, é um componente imprescindível nos almoços festivos desta região, sobretudo durante o verão<sup>35</sup>.

Os judeus de Belmonte segundo Antonieta GARCIA (1993:84) “...«*saem da lua*» degolando um cabrito ou um borrego, a carne permitida para o final da Pessah.” A carne de cabrito ou borrego surge por oposição ao porco, consumido no quotidiano, tornando-se um alimento de forte ritualidade.

Actualmente as ementas não variam de festeiro para festeiro mesmo que o jantar seja servido no restaurante. Se há pequenas variações é nas entradas. Como entradas e aperitivos destaca-se o vinho do Porto, o *martini* e o *whisky*, os frutos secos, os pastéis de bacalhau, os pastéis de carne, os queijos, os chouriços e os croquetes de peixe.

A canja de galinha foi a sopa servida em todos os domingos.

Quanto às carnes e peixes serve-se ensopado de cabrito (ou borrego) acompanhado por batatas fritas, febras ou costeletas de porco grelhadas, frango no forno ou bifés com cogumelos. Em todos os almoços se serviu bacalhau à Brás. Havia sempre salada de alface e de tomate.

Das sobremesas constam excelentes queijos da região, pudins variados e de vários tipos.

Sobre a mesa havia permanentemente pão, azeitonas, vinho, sumos, coca-cola, água e cerveja, de modo a que cada um se pudesse servir quando quisesse. No final era servido café e aguardentes velhas ou *whisky*.

<sup>34</sup> Não se pode deixar de mencionar a forte influência judaica em toda esta área. Há notícias de judiarias e de famílias judaicas por toda a raia.

<sup>35</sup> É o caso, por exemplo, da festa do São João do Rosmaninhal, da festa e dos bodos de Monfortinho e de Salvaterra do Extremo.

### 1.5.9. Almoço-convívio

A concentração dos festeiros e de alguns dos seus familiares deu-se às 9.00h na capela do Espírito Santo. Neste dia os festeiros não eram portadores das insígnias do Espírito Santo nem de cravo. Seguiu-se uma breve celebração da Palavra feita por um leigo.

Houve depois o carregamento do material (mesas, cadeiras e alimentos) em casa do sr. Apolinário e às 11.00 horas partiu-se para a barragem de Idanha-a-Nova. “O almoço é feito a pensar nas mulheres que tanto trabalho tiveram durante a festa.” “Este almoço é uma oferta dos homens para as mulheres” por isso “quem faz o comer são os homens, as mulheres não fazem nada, se é dia das mulheres, é dia das mulheres”, diz um festeiro em tom de graça.



Foto 32. Almoço-convívio na barragem Marechal Carmona em Idanha-a-Nova.

Participaram no almoço os festeiros e as respectivas mulheres, os filhos solteiros de cada um dos festeiros, independentemente da idade<sup>36</sup>, e dois amigos, adultos masculinos, do filho de um dos festeiros.

<sup>36</sup> Um dos participantes, filho de um dos festeiros, tinha cerca de 40 anos mas era, oficialmente, solteiro.

No local, quatro dos homens prepararam a salada, um preparou a carne, outro o lume, outro foi à água potável. As mulheres estavam sentadas à sombra, viam fotografias da festa do Espírito Santo e iam tecendo comentários.

Durante o almoço as pessoas distribuíram-se livremente pelas mesas e cadeiras. Após o almoço houve um tempo de descanso em que se contaram anedotas e histórias várias. O regresso deu-se por volta das 17.00 horas.

#### 1.5.10. “Passar a bandeira”

A passagem do testemunho é feita no dia do Corpo de Deus. Neste dia a bandeira sai da casa do alferes e vai directamente para a igreja. Não chega a ir à capela do Espírito Santo. Assistem à missa os novos e os velhos festeiros, mas não necessariamente lado a lado.

Como de costume alguns dos festeiros não assistiram a parte da missa e vieram até ao café. Ao café chegou também o novo alferes e um dos motivos da conversa foi a capacidade física dele levar a bandeira. O velho alferes foi-lhe dando conselhos práticos.

No final da missa realizou-se a procissão. Antes desta se iniciar o alferes distribuiu os cravos e cada um dos novos festeiros colocou-o no bolso do casaco.



Foto 33. Cena de convívio entre novos e velhos festeiros no dia da passagem da bandeira.

É nesta procissão que os novos festeiros têm o primeiro contacto físico com as insígnias do Espírito Santo. Na procissão os novos festeiros e os velhos seguem lado a lado. No início e no fim da procissão as insígnias são transportadas pelos velhos festeiros e num percurso intermédio são transportadas pelos novos<sup>37</sup>.

O receio quanto à capacidade ou à condição física do novo alferes levar a bandeira era justificada porque, durante a procissão, só a conseguiu transportar durante escassos minutos após os quais foi substituído pelo seu pai.

Finda a procissão os velhos festeiros, sempre cantando o *Bendito e Louvado*, levaram as insígnias a casa do novo coroeiro. Chegados à porta do novo coroeiro o alferes “fez dançar a bandeira.” Da janela da casa do novo coroeiro choveram pétalas de flores vermelhas sobre a bandeira.

O acto da passagem das insígnias é testemunhado por muita gente. Cada festeiro entrega a sua insígnia ao festeiro que o irá substituir e diz-lhe a quadra. O alferes foi o primeiro a entregar a bandeira. Disse a seguinte quadra:

Beija aqui este pauzinho  
E beija também o manto  
Estima os dois meu amiguinho  
E o Divino Espírito Santo.

O novo alferes beijou a bandeira e como parecia renitente em ajoelhar-se, e beijar o pau da bandeira houve uma pessoa da assistência que lhe disse “vá ajoelha e beija.” Ele assim fez.

Seguiu-se a entrega da coroa. O velho coroeiro disse a seguinte quadra:

Toma lá esta coroa  
Símbolo do Ladoeiro  
És o chefe do Espírito Santo  
E também o dos madeiros.

O novo coroeiro também ajoelhou e beijou a coroa.

No final da entrega de cada insígnia os intervenientes abraçaram-se energicamente e as pessoas presentes bateram palmas.

<sup>37</sup> Os festeiros transportaram as insígnias desde o meio do largo Eng. Carlos da Costa até ao início da rua da Igreja.

Jorge MESQUISTA (1984:55) regista idêntico procedimento na passagem da bandeira do São João no Rosmaninhal. “*Sucedese um profundo abraço, marcado grande emoção (“até choram”, dizem-nos).*”

No passado, ainda muito recente, no momento da entrega de cada insígnia o velho festeiro e o novo abraçavam-se e ambos pegando no testemunho “dançavam duas ou três voltas.”

A globalidade do acto de entrega foi rápido, revestiu-se de um ar solene ainda que um pouco atrapalhado. Pareceu-nos que os protagonistas se manifestaram nervosos.

As quadras pronunciadas pelos restantes festeiros foram as seguintes.

Pelo sr. Relvas:

Domingos, beija aqui esta pomba  
Como católico e cristão  
Espírito Santo Divino  
Nos dê vida, saúde e união.

Pelo sr. Cordeiro:

Beija a vela, beija a vela  
Beija a vela com devoção  
Serve a festa meu amigo  
Com amor no coração.

Pelo sr. Teixeira:

Toma lá esta vela  
Também ma deram a mim  
Toma lá o Espírito Santo  
Esta vela não tem fim.

Pelo sr. Cabrito:

Meu caro amigo Gabriel  
Entrego-lhe a pomba com muita estimação  
Espero que o senhor (???)  
A estime também (???)

O sr. Clemente não disse nenhuma quadra.

No momento da passagem não se conseguiu captar a quadra do sr. Joaquim Carrondo. Posteriormente referiu não se lembrar do seu conteúdo. O mesmo aconteceu com os últimos dois versos da quadra do sr. Cabrito.

Estas quadras são apenas recitadas, sem acompanhamento musical. Algumas delas foram feitas no café uns minutos antes da entrega.

Depois do cerimonial da entrega das insígnias os novos festeiros entram na casa do coroeiro e depositam-nas até ao ano seguinte.

Sublinha-se o facto da passagem das insígnias ser feita na rua, em ambiente natural, fora de qualquer edifício laico ou religioso.

FESTEIROS 1995	Pomba Grande	Alferes 1994	Padre	FESTEIROS 1994
	Alferes 1995		Pomba Grande	
	Vela		Vela	
	Vela		Vela	
	Pomba Pequena		Pomba Pequena	
	Vela		Vela	
	Vela		Vela	
	Coroeiro 1995	Coroeiro 1994		

Figura 18. Constituição da mesa do “passar da bandeira”

Até que ponto é que a quadra recitada, por cada um dos festeiros, pode ser comparada à passagem do segredo na Zebreira? (Ver 2.29 e DIAS, 1953:99). É pelo menos um apelo à manutenção e continuação da festa.



Foto 34. Momento em que o alferes novo leva a bandeira orientado pelo alferes velho.



Foto 35. Momento em que o pai do alferes novo passa a bandeira ao alferes velho.



Foto 37. Passar da bandeira. Abraço entre o alferes novo e o alferes velho.



Foto 36. Chegada a casa do alferes novo. O dançar da bandeira.



Foto 38. O passar da coroa.



Foto 39. Os novos festeiros com as insígnias.



Foto 40. Almoço do passar da bandeira. Na mesa da direita estão os festeiros novos e velhos.

É obrigação do novo coroeiro dar almoço aos oito elementos que constituem a nova comissão e aos oito elementos que terminaram as suas funções. Até há cerca de dez a 15 anos não era costume dar almoço com a variedade e quantidade de ingredientes que hoje se utilizam. O costume era juntarem-se os novos e os velhos e “comerem alguma coisa, como nós agora ao pequeno-almoço.”

Procedimento idêntico tinham os festeiros do bodo da Nossa Senhora da Consolação em Salvaterra do Extremo.

#### 1.5.11. Aspectos financeiros da festa

A discussão das despesas é um assunto permanente nas reuniões e ocupa uma boa parte do seu tempo. Isso acontece não por dificuldade de pagamento mas como precaução para que tudo fique bem esclarecido de modo a evitar dúvidas. Sabe-se que as questões financeiras são, frequentemente, geradoras de conflitos.

As maiores discussões e diferenças de pontos de vista, entre os vários elementos, observaram-se quando o tema era as finanças. Não eram as despesas correntes que geravam as dúvidas mas as dádivas, mais ou menos avultadas, ao Espírito Santo, como os 50 000 escudos do ano anterior<sup>38</sup>. As posições polarizaram-se, por um lado, em torno da criação de um fundo próprio que gerisse e mantivesse esta capela e, por outro lado, na manutenção da prática actual em que a conservação e outras despesas estão a cargo da fábrica da igreja paroquial do Ladoeiro. Praticamente todas as pessoas contactadas, inclusivamente mulheres, eram favoráveis à criação de um fundo autónomo<sup>39</sup>.

Demos conta de alguma revolta surda, entre elementos da comissão, por terem que pedir cal à junta de freguesia para cair os muros que envolvem a capela do Espírito Santo<sup>40</sup>, enquanto os fundos angariados nas celebrações da Palavra e outras dádivas revertem a favor da Igreja.

A capela não foi pintada por ser necessário comprar a tinta e pagar a quem a aplicasse. “O padre não ajuda nada a ninguém, é só para lá, só para lá [para a Matriz], quando é preciso dinheiro para o Espírito Santo nunca há” queixava-se um popular.

<sup>38</sup> Dádiva de Domingos da Silva Afonso, Santarém (RAIANO, 30 de Junho 1993).

<sup>39</sup> Para reforçar esta tese e a importância do Espírito Santo, do ponto de vista financeiro, chegaram a dar o seguinte exemplo: “aqui na igreja no dia da comunhão das crianças, com a igreja apinhada de pessoas, deu só 9 000 escudos. No domingo do Espírito Santo, a missa na capela, mesmo com muita chuva, rendeu 22 contos. Por isso veja lá só o valor do Espírito Santo”.

<sup>40</sup> O muro que envolve a capela foi construído há cerca de oito anos e nunca tinha sido caído.

Os actuais festeiros manifestaram o gosto de justapor um alpendre à face anterior da capela, de modo que, através deste artifício, fosse aumentada a sua lotação. Mas, mais uma vez, colocou-se a questão financeira. Os festeiros só por si não têm meios para o fazer “e agora o padre está é preocupado com as obras da igreja matriz que vão começar.”

Cada festeiro, no seu dia de servir, paga ao padre 1 200 escudos pela celebração da Palavra na capela do Espírito Santo. “É o preço de uma missa.” Oferece 1 000 escudos que coloca no açafate do peditório e oferece o almoço ao padre.

Numa ocasião, de passagem, tivemos oportunidade de ouvir o seguinte comentário: “hei-de dizer ao senhor padre que os 1200 são para a igreja, não é para lhe pagar a missa porque ele não diz missa nenhuma.”

Em termos gerais é ao coroeiro que a festa fica mais cara porque tem de dar dois almoços (no dia da recepção da bandeira a pelo menos 16 festeiros, novos e velhos, e no dia em que serve aos sete restantes festeiros) e dois pequenos-almoços (no domingo de Páscoa e no domingo seguinte). Além disso tem de enfeitar a igreja uma vez, tal como todos os restantes elementos, e tem de enfeitar as insígnias do Espírito Santo duas vezes (no domingo de Páscoa e no domingo seguinte) levando a coroa mais de uma dúzia de cravos e ainda quatro cravos em cada vela.

Para o coroeiro a despesa da festa pode rondar aproximadamente o dobro da efectuada por qualquer outro festeiro. Actualmente esse valor ultrapassa os 200 000 escudos.

O coroeiro é o primeiro a servir e quando a Páscoa é muito cedo e ainda não há flores na aldeia tem de as comprar em Castelo Branco, pelo que acresce mais essa despesa.

As pessoas encarregues de funções que exigem despesas vão assumindo os pagamentos. No fim dessas funções a despesa é dividida equitativamente.

A festa do Espírito é totalmente suportada pelos festeiros e ao contrário de muitas outras festas não há ramo nem peditório pela povoação. Na melhor das hipóteses alguns familiares ou “gente de fora”, extra-familiar, oferece mercearia mas não é significativo o valor destas dádivas.

A cada um dos oito festeiros coube pagar a importância de 10 641 escudos. O peditório na capela é feito, geralmente, por duas pessoas: o festeiro que serve nesse domingo e o festeiro que servirá no domingo seguinte. Findo o peditório são entregues ao padre os açafates que contêm o dinheiro. E este, por sua vez, entrega-os ao sacristão que os coloca sobre uma mesa estreita, por detrás dos festeiros.

No final de cada ofício religioso as mulheres dos festeiros vão em grupo, geralmente com a folia, reúnem-se em casa de qualquer uma, contam o valor das dádivas obtidas no peditório e registam-no num papel. Terminado o acto religioso esta é a primeira tarefa das mulheres. O dinheiro é guardado pela mulher do coroeiro até ao final da festa.

No cumprimento de uma promessa houve uma devota que no dia de Pentecostes, durante a missa, foi “pregar” com alfinetes duas notas de 5 000 escudos na bandeira do Espírito Santo. Nesse mesmo dia uma outra pessoa, também no cumprimento de uma promessa, colocou 500 escudos aos pés da imagem do Espírito Santo. No final da missa a pessoa que aí havia colocado a dádiva retirou-a e entregou-a às mulheres dos festeiros.

O dinheiro angariado durante os oito domingos, no peditório realizado na capela do Espírito Santo e outras possíveis dádivas, como os 20 000 escudos de Joaquim Ramalhão, revertem, na totalidade, para o conselho económico e social da fábrica da igreja paroquial.

No dia do Corpo de Deus, antes da saída da bandeira da casa do sr. Apolinário para a igreja, fizeram-se as contas do almoço de convívio feito em 29 de Maio, na barragem de Idanha (barragem Marechal Carmona). A importância foi dividida equitativamente pelos oito festeiros.

Na divisão das despesas não se teve em conta o número de familiares que cada festeiro levava e coube a cada festeiro a importância de 2 260 escudos que depois foi arredondada para 2 250 escudos. Este valor correspondeu à compra de febras de porco, costeletas, toucinho entremeado, vinho, sumos, águas, guardanapos, pão e carvão.

No Quadro 7 indicam-se as receitas apuradas nos ofertórios das missas do Espírito Santo de 3 de Abril a 22 de Maio (dia de Pentecostes), na celebração da Palavra com os familiares, sem o padre, no dia 29 de Maio de 1994 e a oferta de Joaquim dos Santos Ramalhão.

**Quadro 6.**Listagem das despesas com a festa dos madeiros

Descrição	Responsável	Valor (escudos)
Fogo – compra em Novembro	Joaquim Flores	2 500
Fogo – deslocação a St. Margarida	António Cabrito	750
Fogo – seguro	Apolinário	6 800
Fogo – licença de lançamento	João Relvas	652,5
Fogo – lançamento do fogo	a comissão	2 500
Madeiras – 110 litros de vinho	João Relvas	11 000
Madeiras –trabalho da máquina	a comissão	encher o depósito

Madeiros – motorista da máquina	a comissão	8 000
Madeiros – cortador de madeiros	a comissão	combustível gasto
Almoço – toucinho entremeado	a comissão	16 260
Almoço – sardinhas	Apolinário	2 268
Almoço – queijos (3 unidades)	Apolinário	4 788
Almoço – frangos	Apolinário	6 400
Almoço – pão	Apolinário	4 761
Almoço – vinho branco, tempero	Apolinário	110
Almoço – café e açúcar	Apolinário	900
Almoço – vinagre (2 embalagens)	Apolinário	150
Almoço – febra de porco	Apolinário	12 442,5
Almoço – toalhas e guardanapos	Apolinário	900
Almoço – sumos (12 garrafas)	Apolinário	2 268
Almoço – aguardente (5 litros)	João Relvas	1 500
Almoço – sal (4 pacotes)	João Relvas	180
<b>TOTAL</b>		<b>85 130</b>

**Quadro 7.** Receitas dos peditórios feitos na capela do Espírito Santo

Mês	Dia	Valor (escudos)
Abril	3	11 852,5
	10	5 625
	17	8 855
	24	8 232,5
Maio	1	9 875
	8	7 340
	15	22 637,5
	22	27 760
<b>TOTAL PARCIAL</b>		<b>102 177,5</b>
Celebração da palavra sem o padre		6 150
Dádiva de Joaquim Ramalhoso		20 000
<b>TOTAL</b>		<b>128 327</b>

Comentou-se, entre as pessoas envolvidas, que “este ano estamos a sair com menos dinheiro que o ano passado.” Esta conclusão gerou a discussão e houve quem acrescentasse de imediato: “pois o ano passado houve logo uma pessoa que deu 50 000 escudos e outra 20 000 escudos.” Outra pessoa defendeu que pelo facto de “não haver missa no Espírito Santo as pessoas não vão lá. Se houvesse missa as pessoas

íam e conseguia-se mais dinheiro. Enquanto este padre cá estiver vai ser assim. Este padre está feito com o bispo e o bispo está feito com ele. Vai à capela e diz tudo como numa missa, só não dá a comunhão. Se houvesse missa no Espírito Santo... Com missa juntava-se também muito mais dinheiro.”

Os elementos que jantaram no restaurante terão pago 3 500 escudos por pessoa.

## 1.6. Ciclo festivo e raio cerimonial no Ladoeiro

### 1.6.1. Ciclo Festivo

Como se pode observar no Quadro 8 o ciclo festivo do Ladoeiro é especialmente denso no período que decorre do Carnaval até ao Corpo de Deus, embora mantenha um ciclo amplo com realizações festivas distribuídas ao longo de todo o ano.

Os únicos meses sem festa são Setembro e Novembro. Aliás, a aldeia parece passar por um período de letargia que medeia da festa do verão ao Carnaval do ano seguinte, com uma curta interrupção pelo meio (festa dos madeiros, Natal e Ano Novo). Este tempo parece ser imprescindível para carregar energias para um novo ciclo festivo.

Tendo em conta o âmbito da participação e a capacidade de mobilização de pessoas, a festa do verão pode ser caracterizada como sendo de incidência regional (por mobilizar pessoas de todo o distrito). A festa de Santa Catarina de Sena pode considerar-se supra-local e as restantes festas com âmbito local.

O Ladoeiro quando comparado com outras comunidades vizinhas com idêntico estatuto administrativo (sede de freguesia) possui um ciclo festivo amplo com realizações distribuídas praticamente ao longo de todo o ano. Situação diferente podemos encontrar em Monfortinho, com apenas duas festas anuais<sup>41</sup>, ou Salvaterra do Extremo também apenas com duas festas<sup>42</sup>.

Ladoeiro viu renascer duas importantes manifestações festivas - a festa dos madeiros e a procissão dos homens, após um período de abandono. Viu desaparecer, como consequência das alterações sociais posteriores ao 25 de Abril de 1974, a festa dos rapazes das sortes. Os rapazes continuam a ir “às sortes” mas agora esta prática não tem o mesmo significado que tinha com a Guerra Colonial.

<sup>41</sup> Festa da Nossa Senhora da Consolação e festa de verão.

<sup>42</sup> Festa da Nossa Senhora da Consolação e festa de Santo António.

Surgiram, por sua vez, novas festas (festas onomásticas, festa dos marinheiros, dos caçadores) que podem responder, mais adequadamente, às necessidades da comunidade. As festas recém criadas ultrapassam, quase todas, a esfera de influência da Igreja. Estas últimas festas têm a característica de mobilizar apenas sectores específicos da comunidade.

### Procissão dos Homens

A procissão dos homens realiza-se todas as sextas-feiras da Quaresma, à noite. Depois do regresso do trabalho e após a ceia, cerca das 21.00 horas. É organizada pela mesa da Misericórdia do Ladoeiro. Sai da Misericórdia, vai à igreja matriz e volta à Misericórdia. Participam na procissão “ tudo quanto seja masculino e que não seja preciso andar ao colo.”

As mulheres vêm passar a procissão da janela das casas ou juntam-se nas transversais com velas acesas, ainda que actualmente já se possam ver algumas mulheres a participarem, pelos menos em parte do percurso. “A procissão é rápida, numa horita dá-se a volta.”

Canta-se o *Pai-Nosso* em cada uma das seis estações. O cântico é dividido entre o público e os irmãos da Misericórdia. Se na primeira estação, ainda dentro da capela da Misericórdia, o público iniciar o *Pai-Nosso*, os irmãos da Misericórdia terminam-no. Na segunda estação o público volta a iniciar o cântico do *Pai-Nosso* e os irmãos terminam-no. “Os que acabam o *Pai-Nosso* numa estação não o começam na estação seguinte.”

Para mais pormenores veja-se o trabalho de António Maria Romeiro CARVALHO (1993).

**Quadro 8.** Ciclo festivo anual no Ladoeiro (1993-94)

MÊS	DIA	FESTIVIDADE
Outubro 1993	4	Festa Onomástica – Os Franciscos
Dezembro	19	Festa dos Madeiros
	25	Festa de Natal
Janeiro 1994	1	Festa de Ano Novo
Fevereiro	15	Carnaval
	18	Procissão dos Homens I
	25	Procissão dos Homens II
Março	4	Procissão dos Homens III
	7	Festa dos Caçadores
	11	Procissão dos Homens IV
	18	Procissão dos Homens V
	25	Procissão dos Homens VI

Abril	1	Procissão dos Homens VII
	2	Festa dos Marinheiros
	3	Procissão de Domingo de Páscoa
	3	1º Jantar do Espírito Santo
	3	Festa de Santa Catarina de Sena
	4	Festa de Santa Catarina de Sena
	10	2º Jantar do Espírito Santo
	17	3º Jantar do Espírito Santo
	17	Romaria da Senhora do Almortão
	18	Romaria da Senhora do Almortão
	19	Romaria da Senhora do Almortão
	24	4º Jantar do Espírito Santo
	Maio	1
1		5º Jantar do Espírito Santo
8		6º Jantar do Espírito Santo
15		7º Jantar do Espírito Santo
22		8º Jantar do Espírito Santo
29		Convívio dos Festeiros do Espírito Santo
		Festa das Marias
	Festa dos Bigodes	
Junho	2	Passagem das Insignias do Espírito Santo - Jantar
	10	Festa Onomástica – Os Luíses
	13	Festa Onomástica – Os Antónios
	17	Festa Onomástica – Os Manuéis
	24	Festa Onomástica – Os Joões
	29	Festa Onomástica – Os Pedros
Agosto	14	Festa de Verão (Santíssimo Sacramento)
	15	Festa de Verão (Santo Isidro)
	18(?)	Festa Onomástica – Os Joaquins

### Santa Catarina de Sena<sup>43</sup>

A romaria realizou-se em 1994 nos dias 3 e 4 de Abril. O dia principal é segunda-feira de Páscoa. A bandeira do Espírito Santo participa na festa. Na segunda-feira a bandeira é acompanhada pela banda de música e transportada em procissão, pelo alferes, da casa do coroeiro onde está guardada para a capela de Santa Catarina. No final da festa fez-se o percurso inverso, em procissão e com a banda. Nesse ano, durante a procissão, a

<sup>43</sup> A capela de Santa Catarina de Sena está implantada na campina de Idanha e dista cerca de três quilómetros da povoação.

bandeira foi levada pelo alferes velho, pelo alferes novo, pela mulher do alferes velho e por uma outra senhora.

A festa de Santa Catarina é organizada por quatro raparigas solteiras. No Ladoeiro é a única festa, de tradição, organizada por mulheres.

A festa consta de missa na capela de Santa Catarina, de procissão, de almoço junto da capela para os convidados das festeiras e de arraial, à noite, no recinto de festas da aldeia.

Cada festeira convida quem quiser. Algumas convidam apenas familiares outras alargam o âmbito dos convites. Frequentemente estabelecem um número médio de convidados. Seja em que modalidade for o número de convidados por festeira não é, geralmente, inferior a 100.

Depois da missa e da procissão realiza-se o almoço. O almoço é servido campo, ao ar livre. Nele tomam parte os convidados mas “a rapaziada nova não precisa de convites, estão convidados por natureza.” É confeccionado no Ladoeiro em espaço adequado para o efeito. Para isso é frequente alugarem um salão ou uma grande garagem.

A preparação do almoço começa na quinta-feira anterior. Nesse dia e no seguinte fazem os bolos. No sábado preparam e assam as carnes e fazem ovos verdes, rissóis, pastéis e outros alimentos. No domingo continuam a trabalhar as carnes, fazem as sobremesas e adiantam tudo o que pode ser adiantado. Na segunda-feira enquanto a missa está a decorrer transportam todo o material (mesas, cadeiras, bancos e comida) para o local do almoço. Os pratos comuns na ementa deste almoço são o bacalhau à Brás e o arroz à valenciana. Qualquer um destes pratos é feito na povoação enquanto decorre a missa e a procissão. Finda a componente religiosa da festa inicia-se o almoço.

À noite há arraial no Ladoeiro. Para o animar é quase sempre convidado um artista ou um grupo musical.

Para a angariação de meios para esta festa é usado o seguinte conjunto de procedimentos:

- elaboração de um ramo. Para o ramo as ofertas são em géneros. O tipo de oferta depende da época do ano em se realiza. É comum as pessoas oferecerem batatas, cebolas, alhos, borregos, entre outros produtos;

- as festeiras, um mês antes da festa, começam um peditório porta-à-porta. Para esta contribuição as pessoas dão dinheiro;

- exploração do bar no dia do arraial, na povoação;

- venda, em leilão, de três bolos que cada uma das três festeiras oferece;

- venda, também em leilão, de uma fogaça oferecida pela quarta festeira.

Tanto os bolos como a fogaça são quase sempre comprados pelos pais ou avós das festeiras. Cada bolo pode render, em média, cento e tal mil escudos. Em 1993 um dos bolos atingiu o valor de 400 000 escudos e outro 450 000 escudos.

O lucro do bar e o dinheiro que provém da venda dos bolos e da fogaça são destinados a pagar as despesas da festa (o conjunto musical, a aparelhagem e outras despesas).

A despesa do almoço é dividida pelas quatro festeiras tendo sempre em conta o número de convidados de cada uma.

Para avaliar o tipo de festa e a quantidade de gente que movimenta contaram que “uma festeira, um destes anos, chegou a gastar, para este almoço, cinquenta dúzias de ovos.”

Do ponto de vista financeiro esta festa é, para as festeiras, muito mais dispendiosa que a festa do Espírito Santo. “Até há poucos anos eram os ricos que faziam a festa de Santa Catarina e eram sempre os mesmos.” Actualmente houve como que uma democratização da organização da festa. Cada ano há festeiras novas.

A Santa Catarina protege os soldados na guerra “foi por isso que não morreu nenhum soldado desta terra [na Guerra Colonial], mas para isso tinham que se comprometer com ela e por causa disso tem muito ouro”<sup>44</sup>. No sul da Beira a protecção aos soldados é feito, quase sempre, ao São Sebastião.

O pedido de protecção à divindade leva a que o homem negocie com ela como negocia com os seus semelhantes. Neste âmbito as trocas religiosas surgem como uma extensão das trocas sociais. A troca de bens por serviços prestados surge como um elo interactivo entre o mundo humano e o mundo sobrenatural. Estas formas de transacção constituem modelos das relações sociais e têm um elevado significado político e relacional.

A imagem de Santa Catarina é ainda invocada por ocasião do excesso chuva de ou falta dela. Deste modo, quando as condições atmosféricas estão prestes a desabar em calamidade vão buscá-la, em procissão, para a igreja. “Agora vão busca-la de carro e só lhe armam o andor ao pé da escola.”

<sup>44</sup> Estes atributos costumam, no sul da Beira Interior, ser atribuídos a São Sebastião (HENRIQUES, 1993).

Santa Catarina de Sena responde assim às preocupações de índole individual e colectiva. É a imagem sacra com maior devoção no Ladoeiro.

Em 1970 e após as cerimónias religiosas (missa, sermão e procissão) “...e consoante é já tradicional houve repasto ao ar livre onde se cantou e dançou em alegre convívio.

*Já na povoação realizou-se pela noite um arraial em que, além da aparelhagem sonora, actuou um jovem conjunto musical da cidade de Castelo Branco*” (RECONQUISTA, nº1298).

Esta capela foi reconstruída em 1872. São visíveis, junto deste monumento, vestígios de um monumento megalítico completamente destruído.

### **Domingo de Páscoa**

A festa no domingo de Páscoa é de cariz religioso. No final da missa realiza-se uma procissão que percorre o núcleo da aldeia. O seu sentido é contrário ao dos ponteiros do relógio. A procissão abre com um grande grupo de homens, geralmente idosos, seguido por um crucifixo e duas lanternas laterais transportadas por homens que envergam opa vermelha. Seguem-se depois os festeiros do Espírito Santo com todas as insígnias, depois a bandeira pequena do Espírito Santo, o pendão da Nossa Senhora de Fátima, o pendão de Santa Catarina de Sena, transportado pelas suas festeiras, o pendão da nossa Senhora do Rosário, o pendão do Santíssimo Sacramento e por fim o pálio.

As mulheres organizam-se em duas filas paralelas entre as quais seguem os pendões e o pálio. Canta-se durante toda a procissão e os sinos não param de repicar.

### **Festa de São Sebastião**

Na Matriz existe uma imagem de São Sebastião oriunda de uma capela há muito destruída. A festa de São Sebastião deixou de se realizar há muitos anos. Em 1952 há notícia da sua realização conjuntamente com a festa de São Pedro<sup>45</sup>. Era organizada por homens que eram nomeados. Realizava-se em pleno verão (Julho ou Agosto, cerca de dois meses após a festa de Santa Catarina)<sup>46</sup>. Deixou de realizar-se tendo em vista uma maior concentração de esforços, e de meios, nas outras festas do verão (Santíssimo Sacramento e Santo Isidro).

<sup>45</sup> No jornal *Beira Baixa* de 29 de Novembro de 1952 retiramos o seguinte: “...os festeiros das festas do Verão em honra de São Pedro e de São Sebastião compraram já uma imagem de São José, bem como dois castiçais, uma floreira e uma toalha bordada, para oferecerem à nossa igreja matriz...”

<sup>46</sup> Nada mais se conseguiu recolher acerca desta festa.

A imagem de São Sebastião ocupava, até à reparação da igreja (1994), o lado da Epístola do altar-mor. Tivemos a informação de ter estado, durante alguns anos, na sacristia.

### **Festa da Senhora do Almortão (romaria)**

Esta festa é vivida no Ladoeiro como se se tratasse de uma festa desta comunidade. Em 1994 realizou-se nos dias 17, 18 e 19 de Abril. No passado a bandeira do Espírito Santo do Ladoeiro também participava (ver 1.2. e 2.14). Esta romaria é um pólo catalisador de toda uma vasta região que a fronteira política não limita (ver 2.8).

### **Festas de Verão**

Realizam-se em Agosto. Em 1994 realizaram-se nos dias 14 e 15. A festa do domingo é dedicada ao Santíssimo Sacramento. Na procissão, nesse ano, a bandeira do Espírito Santo foi levada pelo coroeiro por impedimento do alferes. No passado esta festa era organizada por oito festeiros, todos jornaleiros. A festa de segunda-feira é dedicada a Santo Isidro (pequena imagem existente na Matriz). Esta festa era organizada por oito festeiros, pertencentes ao grupo dos lavradores. Estas festas tinham, nos bastidores, organizações diferentes embora publicamente surgissem com grande unidade.

Actualmente a única divisão, observável publicamente, refere-se ao transporte do pálio, sob o qual vai o padre; no domingo o pálio é transportado pelos festeiros do Santíssimo Sacramento e na segunda-feira pelos festeiros de Santo Isidro.

Para ambas as festas, actualmente, são nomeados cerca de vinte a vinte e cinco festeiros, um número maior que o necessário, porque muitos desistem. Os mais responsáveis são, geralmente, os recém-casados, garante da continuidade da festa comunal.

No passado, no dia de Santo Isidro, todas as vacas de trabalho se concentravam na Avenida. Finda a missa, em honra deste santo, realizava-se a procissão que parava na Avenida. Aqui o padre benzia o gado e a procissão continuava com a integração das vacas. Todo o indivíduo que tivesse uma junta de bois deveria participar na procissão. Quando a imagem de Santo Isidro chegava à porta da igreja era voltada para a rua e todo o gado que havia participado na procissão desfilava pela sua frente.

Com a introdução do tractor acabaram as vacas de trabalho. Quando isto aconteceu, e durante poucos anos, o ritual repetiu-se com as vacas leiteiras. Mas não resultou a experiência. Finalmente utilizaram o tractor durante um ou dois anos. Actualmente faz-se a procissão mas não há desfile de animais ou de tractores.

No presente as verbas são conseguidas ao longo do ano através da realização de outras festas, da feitura de um ramo, de um leilão de borregos e da angariação de fundos pelo povo.

Segundo informações relativas ao ano de 1993, o padre levou o dinheiro do peditório realizado durante a missa e as ofertas feitas durante a procissão. “A comissão de festas, por sua vez, nem lhe perguntou quanto era do seu trabalho.”

Desde há alguns anos que esta é uma das festas onde há maior investimento sendo considerada uma das melhores da raia centro. Em 1994 o seu orçamento rondou os 8 000 000 escudos. Em 1994 os Delfins realizaram um concerto que trouxe largos milhares de pessoas ao Ladoeiro.

Nestas festas é costume haver tourada à vara larga no largo em frente do edifício da junta de freguesia. No passado as ruas que dão acesso a este largo eram obstruídas com carros de bois. Cada rua era obstruída com dois carros colocados em posição inversa e cada um assente sobre uma das suas rodas. Actualmente utilizam-se tractores para o mesmo efeito. Nesta área um touro era corrido mais do que uma vez e a valentia do animal era aquilatada pelos ferimentos ou mortes provocadas nos humanos. Recordar-se, ainda, o “touro 13” que foi difficilimo de lidar tendo, uns dias antes, morto uma pessoa em Idanha-a-Nova.

### 1.6.2. Raio cerimonial

O Quadro 9 contém um inventário das festividades que decorrem, nos concelhos em estudo, no período do tempo denso da festividade do Espírito Santo no Ladoeiro, ou, seja do domingo de Páscoa até ao dia do Corpo de Deus.

No ciclo anual de festividades, desta região, não há outro período tão intenso como o que vai da Páscoa ao Pentecostes (ciclo da Páscoa, Maio e Espírito Santo). É o tempo das grandes romarias.

Dentro deste período ocorrem ainda dois picos com maior intensidade de festas. O primeiro vai do domingo de Páscoa (ciclo da Páscoa) até à terça-feira da segunda semana depois da Páscoa. O segundo pico corresponde a domingo de Pentecostes.

Segundo Jorge MESQUITA (1984:39) “a concentração de festas na segunda-feira posterior ao Domingo de Páscoa e ao Domingo de Pentecostes, infringe no entanto uma proibição da igreja, que considera que estes dias são uma altura privilegiada de primeira

ordem, o que significa não admitir durante os oito dias consecutivos nenhuma outra festa, a não ser a comemoração do Senhor na Missa e no ofício”<sup>47</sup>.

Neste quadro há a salientar o facto da quase totalidade das festas inventariadas pertencerem à parte oriental (concelhos de Castelo Branco e de Idanha-a-Nova) da zona em estudo. Das sessenta e uma festas inventariadas apenas cinco pertencem à parte ocidental (concelhos de Vila Velha de Ródão e de Proença-a-Nova).

As festas inventariadas concentram-se nos domingos (74%), nas segundas-feiras (15%) e quatro festas (7%) ocorrem em qualquer outro dia da semana.

**Quadro 9.** Inventário das festividades do dia de Páscoa ao dia do Corpo de Deus

DATA	LOCALIDADE	FESTIVIDADE
<b>Domingo de Páscoa</b>		
Domingo	Ladoeiro	Festa do Espírito Santo – 1º jantar
Domingo	Monforte da Beira	Festa do Espírito Santo – 1º jantar
Domingo	Segura	Festa do Espírito Santo – 1º jantar
Domingo	Tinalhas	Festa da Rainha Santa Isabel
Domingo	Póvoa Rio Moinhos	Festa Senhora da Encarnação
Segunda-feira	Rosmaninhal	Festa de Santa Madalena – romaria
Segunda-feira	Mata	Festa de São Pedro
Segunda-feira	Ladoeiro	Festa de Santa Catarina de Sena – romaria
Segunda-feira	Lousa	Festa de Santa Bárbara – romaria
Segunda-feira	Salvaterra Extremo	Festa da Nossa Senhora da Consolação - bodo
Segunda-feira	Proença-a-Velha	Festa da Senhora da Granja
Segunda-feira	Rochas de Baixo	Senhora dos Afritos – romaria
Segunda-feira	Rosmaninhal	Festa de São Roque
Terça-feira	Segura	Festa de Santa Maria – romaria
Terça-feira	Segura	Festa do Espírito Santo – 2º jantar
Terça-feira		
<b>1º Domingo Após a Páscoa</b>		
Domingo	Ladoeiro	Festa do Espírito Santo – 2º jantar
Domingo	Monforte da Beira	Festa do Espírito Santo – 2º jantar
Domingo	Escalos de Baixo	Festa de São Luis – romaria
Domingo	Moitas	Festa de São Gens
Domingo	Cebolais de Cima	Festa de Nossa Senhora dos Prazeres
Domingo	Zebreira	Festa de São Domingos
Domingo	Toulões	Festa da Nossa Senhora das Cabeças

<sup>47</sup> O texto possui uma nota bibliográfica com o seguinte teor: “Missal Quotidiano e Vespéral, Abbaye St. André, Bruges 1951”.

FESTA DO ESPÍRITO SANTO NO LADOEIRO E NO SUL DA BEIRA INTERIOR

Francisco José Ribeiro Henriques

Domingo	Soalheiras	Festa da Nossa Senhora das Necessidades
Domingo	Almaceda	Festa de Santo António
Segunda-feira	São Miguel de Acha	Festa de Santa Catarina
Segunda-feira	Proença-a-Velha	Festa da Senhora da Granja
Quinta-feira	Monfortinho	Festa da Nossa Senhora da Consolação - bodo
<b>2º Domingo após a Páscoa</b>		
Domingo	Ladoeiro	Festa do Espírito Santo – 3º jantar
Domingo	Monforte da Beira	Festa do Espírito Santo – 3º jantar
Domingo	Padrão	Festa da Nossa Senhora da Saúde – romaria
Domingo	Sobral do Campo	Festa da Nossa Senhora da Saúde
Segunda-feira	Idanha-a-Nova	Festa da Senhora do Almortão – romaria
Terça-feira	Castelo Branco	Festa da Nossa Senhora de Mércos – romaria
<b>3º Domingo após a Páscoa</b>		
Domingo	Ladoeiro	Festa do Espírito Santo – 4º jantar
Domingo	Monforte da Beira	Festa do Espírito Santo – 4º jantar
Domingo	Idanha-a-Nova	Festa da Nossa Senhora da Graça
<b>4º Domingo após a Páscoa</b>		
Domingo	Ladoeiro	Festa do Espírito Santo – 5º jantar
<b>5º Domingo após a Páscoa</b>		
Domingo	Ladoeiro	Festa do Espírito Santo – 6º jantar
Domingo	Monforte da Beira	Festa do Espírito Santo – 6º jantar
Domingo	Juncal do Campo	Festa da Nossa Senhora do Valverde – romaria
<b>6º Domingo após a Páscoa</b>		
Domingo	Ladoeiro	Festa do Espírito Santo – 7º jantar
Domingo	Monforte da Beira	Festa do Espírito Santo – 7º jantar
Domingo	Alcains	Festa de Santa Apolónia
<b>7º Domingo após a Páscoa</b>		
Domingo	Ladoeiro	Festa do Espírito Santo – 8º jantar
Domingo	Monforte da Beira	Festa do Espírito Santo – 8º jantar; transmissão das insígnias
Domingo	Escalos de Baixo <sup>48</sup>	Festa de São Sebastião (no passado)
Domingo	Castelo Branco	Festa do Espírito Santo
Domingo	Idanha-a-Nova	Festa do Espírito Santo
Domingo	Alcains	Festa do Espírito Santo
Domingo	Almaceda	Festa do Espírito Santo
Domingo	Proença-a-Nova	Festa do Espírito Santo

<sup>48</sup> No passado a festa de São Sebastião, nos Escalos de Baixo, era no domingo de Pentecostes. Actualmente, e tendo em conta a presença dos emigrantes, alteraram a data da festa para o primeiro domingo de Agosto.

Domingo	Sarnadas de Ródão	Festa do Espírito Santo
Domingo	Segura	Festa do Espírito Santo
Domingo	Zebreira	Festa do Espírito Santo
Domingo	Alcafozes	Festa do Espírito Santo
Domingo	Monsanto	Festa do Espírito Santo
Domingo	Tinalhas	Festa do Espírito Santo
Domingo	Oledo	Festa do Espírito Santo
Domingo	Segura	Festa do Espírito Santo – 3º jantar
Domingo	Torre	Festa do Espírito Santo
Segunda-feira	Almaceda	Festa da Senhora da Graça
<b>8º Domingo após a Páscoa</b>		
Domingo	Ladoeiro	Almoço convívio dos festeiros do Espírito Santo e familiares
<b>Corpo de Deus</b>		
	Ladoeiro	Festa do Espírito Santo – transmissão das insígnias
	Segura	Festa do Espírito Santo – transmissão das insígnias

**Quadro 10.** Inventário das festividades com datas fixas do dia de Páscoa ao dia de Corpo de Deus

DATA	LOCALIDADE	FESTIVIDADE
Abril último domingo	Pergulho (Proença-a-Nova)	Festa de São Marcos <sup>49</sup>
1 de Maio	Partida (Castelo Branco)	São Tiago de Maio (LEITÃO, 1991)
3 de Maio	Proença-a-Nova	Festa de Santa Cruz
Maio 1º domingo	Monsanto (Idanha-a-Nova)	Festa de Santa Cruz <sup>50</sup>
Maio 2º domingo	Alvaide (Vila Velha de Ródão)	Festa da Senhora da Piedade
Maio 3º domingo	Lousa (Castelo Branco)	Festa da Senhora do Alto dos Céus
Maio 3º domingo	Idanha-a-Velha (Idanha-a-Nova)	Festa da Nossa Senhora da Conceição
Maio 4º domingo	São Vicente da Beira (Castelo Branco)	Festa da Nossa Senhora da Orada
Maio último domingo	Oledo (Idanha-a-Nova)	Festa da Nossa Senhora do Rosário
Maio último domingo ou Junho 1º domingo	Lardosa (Castelo Branco)	Segunda fase da festa de São Sebastião

<sup>49</sup> Até há poucos anos esta festa realizava-se sempre no dia 25 de Abril. Actualmente celebra-se no último domingo de Abril.

<sup>50</sup> Esta festa realiza-se no primeiro ou no segundo domingo de Maio, depois do dia 3.

### 1.7. Síntese das principais atividades dos festeiros

Apresenta-se seguidamente no Quadro 11 o conjunto das principais actividades realizadas pelos festeiros da festa do Espírito Santo no Ladoeiro no período que corresponde ao anos de 1993 – 94.

**Quadro 11.** Síntese das principais actividades dos festeiros da festa do Espírito Santo no Ladoeiro 1993-94

DATA	ACTIVIDADE
10.6.93	Recepção das insígnias do Espírito Santo
15.7.93	Participação da bandeira na procissão das festas do Verão em honra de Santo Isidro e do Santíssimo Sacramento
Setembro 93	Pedido formal dos madeiros ao proprietário do monte
1.11.94 a 17.12.94	Contactos vários para aquisição de foguetes e legalização do seu lançamento, para compra de vinho, de aguardente e preparação das comidas para a festa dos madeiros
26.11.93	Reunião de preparação da marcação dos madeiros
27.11.93	Marcação/identificação dos madeiros a abater no monte Grande
17.12.93	Reunião de preparação da festa dos madeiros
19.12.93	Festa dos madeiros
12.3.94	Caição do muro que envolve a capela
19.3.94	Reunião de preparação do convite aos novos festeiros e da festa do Espírito Santo, no domingo de Páscoa
27.3.94	Convite aos festeiros para o ano de 1995
1.4.94	Distribuição de tremoços pelo sr. Joaquim Flores
2.4.94	Preparação e decoração da capela do Espírito Santo
3.4.94	1º jantar do Espírito Santo – coroa
4.4.94	Participação da bandeira na procissão de Santa Catarina de Sena
8.4.94	Distribuição de tremoços pelo sr. António Cabrito
9.4.94	Preparação e decoração da capela do Espírito Santo
10.4.94	2º jantar do Espírito Santo – pomba grande
15.4.94	Distribuição de tremoços pelo sr. João Relvas
16.4.94	Preparação e decoração da capela do Espírito Santo
17.4.94	3º jantar do Espírito Santo – pomba pequena
22.4.94	Distribuição de tremoços pelo sr. Joaquim Carrondo
23.4.94	Preparação e decoração da capela do Espírito Santo
24.4.94	4º jantar do Espírito Santo – vela

29.4.94	Distribuição de tremoços pelo sr. Manuel Teixeira
30.4.94	Preparação e decoração da capela do Espírito Santo
1.5.94	5º jantar do Espírito Santo – vela
6.5.94	Distribuição de tremoços pelo sr. João Cordeiro
7.5.94	Preparação e decoração da capela do Espírito Santo
8.5.94	6º jantar do Espírito Santo – vela
13.4.94	Distribuição de tremoços pelo sr. João Clemente
14.4.94	Preparação e decoração da capela do Espírito Santo
15.5.94	7º jantar do Espírito Santo – vela
20.5.94	Distribuição de tremoços pelo sr. Apolinário Antunes
21.5.94	Preparação e decoração da capela do Espírito Santo
22.5.94	8º jantar do Espírito Santo – bandeira
29.5.94	Almoço-convívio na barragem de Idanha-a-Nova
2.6.94	Passagem das insígnias aos festeiros do ano de 1995

## 2. Inventário das manifestações festivas e do culto do Espírito Santo no sul da Beira Interior

### 2.1 Alcafozes (Idanha-a-Nova)

#### Capela

A capela do Espírito Santo fica no extremo norte da povoação, junto a um antigo caminho de acesso a Idanha-a-Velha. É uma construção isolada. As casas mais próximas distam cerca de 100 metros, para sul.

É um monumento de médias dimensões, com uma única porta, voltada a poente. No exterior, por cima da porta, tem lavrado no granito uma coroa, uma pomba e debaixo da pomba uma pequena cruz com as letras E [spírito] S [anto].

No granito da ombreira da porta está lavrada a data 1946, que poderá corresponder à data de uma qualquer reparação. Sobre a porta há uma abertura ao exterior com o formato da cruz de Cristo. A porta é em chapa de ferro e ostenta o desenho de duas cruces, a de Cristo e a de Avis.

A capela tem dois espaços interiores: a nave e a capela-mor. O pavimento da nave é de cimento, pintado de vermelho, com um corredor central, pintado de amarelo, que vai da porta ao altar.

Tem tecto em três planos revestido a madeira pintada de azul. No plano central, a meio da nave, tem pintada a cruz de Cristo e uma estrela de seis pontas. No centro da estrela existe uma pomba em alto relevo com as asas partidas.

Este espaço tem aspecto de abandonado. É observável um confessionário, um andor, portas velhas e estrados de quermesse utilizados nas festas.

Um arco triunfal com impostas divide a nave da capela-mor. No fecho do arco vê-se a estilização de uma pomba, em alto relevo.

A capela-mor é um espaço pequeno com duas estreitas janelas, uma na parede norte e outra na parede sul.

Na parede nascente da capela-mor há um nicho em granito que contém a imagem do Espírito Santo. Parece um trabalho recente. A imagem é dos anos quarenta deste século. Datará o nicho e a imagem de 1946 o ano gravado na ombreira da porta?

O monumento e o seu recheio são muito pobres.

### Imagem

A imagem é recente. A cabeça é coberta por um objecto cuja tipologia se situa entre a tiara e a coroa. No seu topo há uma cruz. O cabelo, barba e bigode são compridos e de cor cinzenta. O pluvial é castanho decorado e debruado a dourado. A alva é azul suave. Tem cingulo, mas não tem estola. Não está sentado sobre um cadeirão mas sobre nuvens. A cruz é em madeira tendo no topo a inscrição JNRJ (Jesus de Nazaré Rei dos Judeus). A pomba, em pleno voo, está fixa ao peito da imagem do Pai Eterno.

### Estandarte

É uma bandeira vermelha, com haste central, em estilo moderno. Está guardada na igreja. Participa em todas as procissões. Tem fitas que são testemunho de promessas.

### Devoção

É frequente as pessoas entregarem-se ao Espírito Santo em situações de doença. Como promessa, os fiéis mandam dizer uma missa na capela do Espírito Santo, compram uma fita ou pagam o sermão do dia da festa. Não é costume oferecer ex-votos em cera ao Espírito Santo.

### Festa

A festa realiza-se no sábado e no domingo de Pentecostes. Sábado de Pentecostes faz-se, quase sempre, uma procissão para levar a imagem da sua capela para a igreja

matriz. Em 1994 foi a primeira vez que não se fez a festa laica. A festa religiosa realizou-se. Houve missa e procissão como nos outros anos.

Fazem parte da festa: a missa, a procissão, o arraial e a tourada. Realiza-se o leilão da perna do andor que é uma forma de angariação de fundos para a festa. Os andores saem da igreja e são colocados no adro. É aqui que se dá a disputa. “Quem fez promessa de o levar não o pode dizer porque senão chega a muito dinheiro.” Por vezes o leilão pode chegar a vinte ou mesmo trinta mil escudos. Este dinheiro é para os festeiros.

A tourada realizava-se no adro da igreja. Agora tem lugar em recinto apropriado, na Senhora do Loreto. No passado os touros eram gratuitos. Pediam-se a uma família rica. Actualmente tem outras origens. “Um destes anos vieram de Belmonte e já levaram cento e vinte e cinco contos.” Não há quotização para se assistir à tourada.

Se o padre tiver disponibilidade de tempo, a imagem do Espírito Santo regressa em procissão, ao fim da tarde, à sua capela. Caso contrário vai no domingo seguinte. Nas procissões a imagem é indiferentemente transportada por homens ou por mulheres. Quem a transporta leva uma opa branca com motivos vermelhos.

### Angariação de meios

Os festeiros nomeados organizam três ramos. O primeiro é feito três domingos antes da festa, o segundo dois domingos antes e o terceiro um domingo antes do evento. A generalidade da população contribui para estes ramos dando dinheiro ou trigo. O trigo é depois vendido em leilão.

No dia da festa faz-se o leilão da perna do andor.

Se num ano há lucro esse dinheiro reverte para os festeiros seguintes ou para beneficiações na capela. “Agora o padre não tem nada com o dinheiro da festa. Recebe o seu dinheiro e pronto.”

### Perpetuação

A festa é organizada por três rapazes solteiros e três raparigas também solteiras. Há cerca de quarenta anos era organizada apenas por três rapazes solteiros. Os festeiros tomam a designação de presidente, tesoureiro e secretário. Para cada um destes cargos há um rapaz e uma rapariga. Os novos festeiros são nomeados pelo padre, no fim da missa de domingo de Pentecostes.

## Outras festas da comunidade

Festejos da Quaresma e Semana Santa, a festa de Santo António, e a festa da Senhora do Loreto.

A procissão dos Penitentes realiza-se todas as sextas-feiras da Quaresma e é organizada pela confraria da Misericórdia. Na quarta-feira Santa os doze mordomos da Misericórdia, com o provedor, o tesoureiro e o secretário dão uma volta pela povoação para receber as ofertas da população. Recebem dinheiro, ovos, “o que as pessoas podem dar, até uma fatia de pão.” Depois fazem uma ceia entre eles. Nesta ceia não são admitidas mulheres excepto para servirem à mesa. Chama-se a esta ceia “comer a parva.” A festa da Senhora do Loreto realiza-se no primeiro domingo Setembro. A bandeira da Senhora do Loreto participava, todos os anos, na romaria da Senhora do Almortão.

## Outros recintos religiosos

Igreja matriz, capela de Santo António (particular) e capela da Senhora Loreto.

## Informantes

José Brás Andrade, 62 anos (Alcafozes).

## Bibliografia

HENRIQUES, 1993.

## 2.2. Alcains (Castelo Branco)

### Breve historial

*“A românica capela do Espírito Santo é o mais antigo templo de Alcains. Serviu, mesmo, de Igreja Matriz antes da primeira que existiu no local da actual.*

*O púlpito existente na capela tem gravada a data de 1689, o que não quer dizer que a edificação seja desse tempo. É que o púlpito é posterior à construção primitiva da capela, pelo que aquela data de 1689, ou é a do ano em que o púlpito foi construído, ou, então, refere-se a qualquer reparação posterior à construção da capela”* (ROQUE, 1975:71).

Em 1987, quando da recuperação da capela, surgiu na imprensa regional uma grande polémica acerca da transformação da capela do Espírito Santo em capela de velaturas. As opiniões dividiam-se entre apoiantes e contestatários desta solução. Fez-se uma

subscrição pública de donativos para as necessárias obras e em 13 de Maio de 1988 deu-se a “inauguração da capela mortuária”<sup>51</sup>. Deste modo está transformada em capela de velaturas.

## Capela

*“De atribuição romana temos também a fonte conhecida por «Fonte Romana.” Diz-se que esta fonte, primitivamente, era apenas um pequeno charco, onde nascia água em abundância. Ela era pouco profunda, não chegaria a um metro de profundidade. A nascente principal parecia vir dos rochedos do Monte do Outeiro, do cabeço onde se situa a Capela de invocação ao Divino Espírito Santo”* (ROQUE, 1975:55).

*“Interiormente, a Capela do Espírito Santo é muito bonita, podendo admirar-se o coro, a imagem em granito, e a grande pia baptismal, de velhos tempos. Contam-se no seu piso 24 sepulturas onde jazem os corpos de antigos habitantes da freguesia. De um deles sabemos o nome Manuel Mendes Caio, falecido em 29 de Junho de 1704.*

*A sacristia dá para o largo também denominado do Espírito Santo, largo com menores dimensões que as que teve no passado”* (ROQUE, 1975:77-78).

Referir-se-ão seguidamente alguns aspectos relativos à capela não mencionados por Sanches Roque na sua monografia.

A nave tem três aberturas ao exterior. A porta principal e a do púlpito (o púlpito é no exterior do monumento) estão voltadas a poente e a porta secundária voltada a sul. À direita da porta principal e da secundária há uma pia de água benta. Mantem-se a grande pia baptismal em granito. Desapareceram, após a recuperação, as vinte e quatro pedras tumulares referidas por Sanches Roque. O pavimento está agora revestido a tijoleira com um corredor central, que vai da porta principal à capela-mor, em granito. O espaço é ocupado por vários bancos sem genuflexórios. Os tectos da nave e da capela-mor estão forrados a madeira.

Um arco triunfal com impostas, em granito, faz a passagem da nave para a capela-mor.

A capela-mor tem uma porta que dá acesso à sacristia e duas janelas, uma na parede norte e outra na parede sul. O pavimento é em granito e em tijoleira. As paredes, até

<sup>51</sup> RECONQUISTA, n° 2177, 13 de Novembro de 1987, p.5; RECONQUISTA, n° 2178, 20 de Novembro de 1987, p.7; RECONQUISTA, n° 2179, 27 de Novembro de 1987, p.9; RECONQUISTA, n° 2188, 5 de Fevereiro de 1988, p.5; RECONQUISTA, n° 2225, 4 de Novembro de 1988, p.5; RECONQUISTA, n° 2252, 12 de Maio de 1989, p.5.

metade da sua altura, estão revestidas a azulejo com fundo branco e motivos azuis e amarelos (séculos XVII e XVIII).

O altar, em talha, tem um nicho central maior e dois laterais, mais pequenos. Junto da imagem do Espírito Santo, que ocupa o nicho central, estão muitas velas. São ofertas de devotos.

As imagens que ocupam os nichos laterais são São Francisco, do lado da Epístola, e a Senhora da Oliveira, do lado do Evangelho.

A sacristia está anexada à parede sul do monumento. Possui uma janela voltada a sul e uma porta voltada a poente. Uma parte da sacristia está transformada em sanitário e a outra tem um conjunto de sofás onde descansam as pessoas que velam os mortos.

### Imagem

A imagem do Espírito Santo é talhada em pedra (foto 41). Tem coroa aberta. O cabelo, a barba e o bigode são castanhos e compridos. Não tem aspecto de velho. O pluvial é vermelho debruado a dourado com o interior cor-de-rosa. A alva é branca. Não há vestígios de cingulo nem de estola. Sob a alva tem uma túnica azul debruada a dourado. Está sentado sobre um cadeirão que parece ser muito pequeno para imagem. A pomba assenta no braço horizontal da cruz. No passado a imagem saía nas procissões levada pelos festeiros.

### Estandarte

Não há bandeira.

### Devoção

Esta imagem continua a ter muitos devotos. As pessoas ofereciam-lhe flores vermelhas e velas. Actualmente é menos comum devido ao facto da capela se encontrar fechada. São de plástico as flores que agora lhe oferecem. Há pessoas que ainda pedem a chave para lhe acender um vela ou uma lamparina mas são dissuadidas a fazê-lo. São orientadas para o Santíssimo Sacramento, na igreja. Não é hábito oferecer ex-votos em cera a esta imagem. Há devotas que mandam dizer missas de acção de graças ao Espírito Santo. “Mas até estas são ditas na igreja.”

“As mães aqui pedem muito ao Espírito Santo para que dê luz, inteligência e vontade aos seus filhos na escola ou na vida.”



Foto 41. Imagem do Espírito Santo de Alcains.

**Festa**

*“Celebrou-se em Alcains a festa do Espírito Santo que constou de missa cantada e procissão que percorreu as principais ruas da terra.*

*De tarde e à noite, no largo fronteiro houve festival profano, com Kermesse e outros divertimentos e arraial nocturno, tudo abrilhantado pela filarmónica local. Na tarde do dia seguinte houve, ainda, festival profano a que se seguiu à noite como na véspera” (RECONQUISTA, 1949b).*

*“Realizou-se, no passado Domingo, a festa em honra do divino Espírito Santo. A missa da festa celebrou-se na igreja matriz e, da parte da tarde, realizou-se a cerimónia da procissão...*

*No final da procissão, muito concorrida, o P. António Afonso encerrou a festa com um sermão alusivo a este dia de festa.*

*Segundo apurámos, há já 22 anos que esta festa, com a componente popular, se deixou de fazer, por falta de festeiros. Resta agora só a parte religiosa que nunca se deixou de realizar” (RECONQUISTA, 1994).*

Quando a festa tinha a vertente laica só homens casados eram festeiros.

Na procissão da festa do Espírito Santo participavam, além desta imagem, a Senhora da Oliveira e o São Francisco. O Espírito Santo, como se disse, era levado pelos festeiros. A Senhora da Oliveira era, e é, levada pelas raparigas solteiras.

Desde que o recinto foi adaptado a capela mortuária diz-se missa, em alguns anos no domingo de Pentecostes.

**Angariação de meios**

A angariação de meios era feita através de uma quermesse. Não havia ramo. O da festa era destinado à comissão. Pagavam ao padre pelos seus serviços.

**Outras festas da comunidade**

Festas de Santo António, festa de São Sebastião, festa de Santa Apolónia e festas de verão ou festa das Papas.

Em 13 e 14 de Julho de 1952 realizaram-se as festas de Santo António (BEIRA BAIXA, 1952a). Também esta festa terminou há anos. Na altura havia dois dias de festa, sábado e domingo. A festa incluía a vertente religiosa e a laica.

A festa de São Sebastião realiza-se no domingo imediato ao dia 20 de Janeiro. Só se efectua a parte religiosa. Da parte laica restam os festeiros e uma alvorada com foguetes.

A festa de Santa Apolónia realiza-se no domingo anterior ao da Páscoa.

*“...chegámos ao local denominado S. Apolónia ficámos, deveras surpreendidos com o ambiente pitoresco e acolhedor que encontrámos: - Centenas de famílias lanchavam, alegremente...” (RECONQUISTA, 1966).*

*“... celebram as tradicionais festas de Santa Apolónia que a tradição invoca como «protectora dos que sofrem dos dentes”...*

*Trata-se de um vestuto Santuário distante de Alcains 2 quilómetros e com bom acesso, muito visitado pelos habitantes da vila e povos vizinhos.*

*... Do programa destacamos entre outros números animados pela Filarmónica de Lourçal do Campo, a celebração da Eucaristia às 12,30 h; exibição do Grupo Infantil da Casado Povo de Alcains, às 15,30 e devoção do Mês de Maria, às 19 h., seguido de procissão em torno da Ermida” (RECONQUISTA, 1985).*

As festas de verão ou festa das Papas realizam-se, actualmente, nos três primeiros domingos de Agosto. O primeiro domingo é em louvor do Santíssimo Sacramento, o segundo domingo em louvor de Nossa Senhora e o terceiro domingo em louvor de São Pedro. Era no último domingo que se faziam as papas. Actualmente não se fazem. Quando se faziam, as crianças, e não só, levavam a colher de casa para as comer. “Agora já as crianças não iam para lá a comer. Está tudo mais farto. Vinham também pobres das redondezas aqui comer e as pessoas daqui que tinham em casa pessoas velhas ou doentes levavam um tacho para as trazer”, esclarece a informante.

*“... São antiquíssimas estas festividades e datam do século XVII, há 300 anos, pouco mais ou menos, - sendo rei de Portugal D. João IV.*

*Uma praga de gafanhotos, invadiu os nossos campos, as nossas casas, numa assustadora destruição e, o bom povo desta freguesia, aterrado com tão grande calamidade, implorou com fé ardente a protecção divina. A sua misericórdia. O milagre fez-se. A invasão dos aracnídeos vem embater nas vetustas paredes da nossa igreja matriz, caindo em redor, completamente mortos.*

*Anualmente e com grande fervor e fé ardente se realizam constando de missa solene, sermão e procissão que acompanhada da filarmónica local, percorre as principais ruas desta vila. Pela meia tarde dos dias 28 de Agosto e 4 de Setembro, os festeiros e em*

*plena rua e em numerosas caldeiras são preparadas as papas e em seguida distribuídas a toda a gente: Tudo come e o rapazio com grandes colheres servem-se dos próprios tabuleiros [as papas depois de cozidas, eram vertidas nos tabuleiros de madeira].*

*Previamente e muito antes de se servir o delicioso doce, aparecem as «chacotas» - grupos de engraçadas raparigas com seus derriços, com um traje vistoso e alegre entoam às portas cantigas típicas ao som de concertinas, flautas e violas.*

*Dançam e bailam com acompanhamentos de muito povo da localidade” (BEIRA BAIXA, 1949).*

### Outros recintos religiosos

Igreja matriz, ermida de Santa Apolónia, ermida de São Domingos, ermida de São Pedro, capela de Santo António, capela de São Sebastião, capela da Senhora da Piedade, capela do Senhor Jesus do Lírio, capela da quinta de São Pedro e capela de Santa Bárbara.

### Observações

Existe um largo do Espírito Santo.

### Informantes

Antónia Carrega Barata, 63 anos (Alcains).

### Bibliografia

BEIRA BAIXA, n° 634, 20 de Agosto de 1949:4.

BEIRA BAIXA, n° 783, 5 de Julho de 1952a.

BEIRA BAIXA, n° 790, 23 de Agosto de 1952b.

DIAS, 1944:99-101.

HENRIQUES, 1993.

LOBO, 1988.

RECONQUISTA, n° 206, 17 de Abril de 1949a.

RECONQUISTA, n° 215, Junho de 1949b.

RECONQUISTA, n° 888, 13 de Maio de 1962:9.

RECONQUISTA, n° 1099, 5 de Junho de 1966:9.

RECONQUISTA, n° 1301, 16 de Maio de 1970:4

RECONQUISTA, n° 2053, 3 de Maio de 1985:3.

RECONQUISTA, no 2515, 27 de Maio de 1994.

ROQUE, 1975.

## 2.3. Alameda (Castelo Branco)

### Breve historial

A capela do Espírito Santo é considerado o monumento religioso mais antigo de Alameda. Serviu de Matriz até há pouco mais de cem anos. Actualmente, contra a vontade de muitos devotos, é utilizada como capela de velaturas.

### Capela

A capela do Espírito Santo está situada na entrada sudoeste da povoação, escassos metros a poente da estrada. A algumas dezenas de metros, a oeste, corre o ribeiro que divide a aldeia em duas partes.

A capela é constituída por três espaços: nave, capela-mor e sacristia.

A nave tem uma única porta voltada a poente e uma pequena janela na parede sul. O tecto é abaulado, pintado de azul e apresenta mau estado de conservação. O pavimento está revestido com uma alcatifa plástica. Tem uma pia de água benta imediatamente à esquerda da porta mencionada. O mobiliário da nave é constituído por dois grupos de bancos, divididos pelo corredor central, com genuflexórios.

Um arco triunfal, em granito, com impostas, separa a nave da capela-mor.

A capela-mor tem o pavimento e o tecto semelhantes aos da nave. Tem porta directa para a sacristia. Suspenso do tecto existe um candeeiro que serve de suporte a uma lamparina.

As cores do altar-mor são fundamentalmente branco e dourado. A imagem aparece sob um pórtico suspenso por duas falsas colunas de capitel jónico. Entre cada coluna e a imagem do Espírito Santo há uma tábuia pintada: uma com a figura de São Pedro a outra com a figura de São Paulo. Sob o nicho da imagem, e quase em toda a largura do altar, há outra tábuia pintada com três figuras. No remate do pórtico há uma pomba em posição de voo e abaixo dela três faces aladas. Junto do nicho há uma pequena imagem da Nossa Senhora da Conceição.

A sacristia tem porta voltada a poente e outra que dá acesso à capela-mor. Exerce as funções de arrecadação.

A limpeza da capela é feita pela zeladora. Na véspera da festa a capela é limpa pelas mulheres dos festeiros.

## Imagem

Ao olhar-se para esta imagem (foto 42) sobressai, numa primeira impressão, o seu aspecto atarracado e gordo. Tem coroa aberta. A barba e o bigode são castanhos em face gorda e corada. Tem o aspecto de um adulto maduro e não de um velho. O pluvial é vermelho debruado a dourado. A alva é branca também debruada a dourado e os sapatos são azuis. Não há vestígios de cingulo nem de estola. Está sentado e bem apoiado com os braços no cadeirão.

Cristo flecte a cabeça à direita e mais parece vestir uns calções que uma tanga. O braço superior da cruz é constituído pelo campo da inscrição JNRJ e sobre ela a pomba de asas abertas (movimento congelado).

É uma imagem em pedra que não participa nas procissões.

## Devoção

Segundo a zeladora a imagem do Espírito Santo continua a ter muitos devotos. “Pede-se ao Espírito Santo que nos dê inteligência, sabedoria e bondade.”

Continuam a oferecer-lhe, no cumprimento de promessas ou por devoção, garrafas de azeite e velas. O azeite é utilizado na iluminação da imagem. “Se não houver aqui azeite eu trago do meu” diz a zeladora. E acrescenta: “as pessoas comprem as velas e entregam-mas a mim, poucas vezes vêm cá pô-las.” Frequentemente, mas mais nos dias de festa, as pessoas vêm colocar dinheiro no altar do Espírito Santo. Este dinheiro é recolhido pela zeladora e entregue ao tesoureiro da festa.

A capela está aberta todos os domingos antes da missa. A missa é na igreja matriz.

## Festa

Oito dias antes do domingo de Pentecostes vão buscar, em procissão, a Senhora da Graça para a capela do Espírito Santo. No domingo de Pentecostes é aqui celebrada missa. Terminada a missa inicia-se a procissão que, depois de percorrer as ruas da aldeia, leva a Senhora da Graça à sua ermida. Além desta imagem participam as bandeiras da Senhora da Graça e do Santo António (imagem que está na capela da Nossa Senhora da Graça). Não há pendão do Espírito Santo. À cabeça da procissão vai a cruz do Senhor e em cada um dos lados uma lanterna. Na prática o que se passou foi a junção da festa da Senhora da Graça, que se celebrava segunda-feira de Pentecostes, com a festa de Pentecostes. Este casamento de festas é algo recente.



Foto 42. Imagem do Espírito Santo de Alameda.

Para a realização destas festas há uma comissão constituída por seis mordomos e dois tesoureiros. São quase sempre adultos jovens. Não há recusas ou desistências “porque se houver um que diga que não, que não quer saber, toda a gente fica a saber e a pessoa fica sempre um pouquinho em baixo.”

Os tesoureiros são um do Espírito Santo o outro da Senhora da Graça. Logo, um deve ser de uma margem do ribeiro e outra da outra margem. “Os tesoureiros são os que andam mais à frente.”

A angariação de meios é feita pelos festeiros, duas ou três semanas antes da festa. Para isso “dão uma volta pelo povo a pedir dinheiro, porque coisas de comer já dão pouco.” Há anos atrás ofereciam fogaças que eram leiloadas.

A organização da festa corre o povo todo. Os festeiros de um ano nomeiam os do ano seguinte. “Procuram sempre pessoas que sejam capazes de estar à frente das coisas.” No domingo em que os festeiros entregam as contas ao padre é nomeada uma nova comissão e os seus nomes são conhecidos no final de missa.

Durante alguns anos a festa do Espírito Santo esteve centrada nas mãos de uma família “andava nas mãos de uns ou era nas mãos de outros. A festa estava sempre nas mãos deles. A capela era como se fosse deles.”

No passado havia folia do Espírito Santo. O último ano de folia foi há cerca de sessenta e cinco anos.

No tempo da folia havia juiz, secretário e tesoureiro. Nenhum dos informantes conheceu ou ouviu falar de ceptro, bandeira ou coroa. A folia era constituída por homens. Saía todos os domingos desde a Páscoa até ao Pentecostes. “Andavam pela rua a cantar, a tocar viola e com um bombinho assim... e tinham também umas medalhas [algo tipo pandeireta]. Davam volta ao povo a cantar modas.” A informante, ainda que criança, lembra-se de uma assim:

Oh senhor alferes novo  
Bem se pode acautelar  
O senhor alferes velho  
Bem o quer enganar.

No dia do Espírito Santo davam às crianças, junto da capela, bolinhos de trigo. Estes bolinhos eram pães de tipo carcaça, mas mais pequenos. Para a distribuição as crianças colocavam-se em duas filas. Para a restante, população havia tremoços e vinho. O povo

dava aos mordomos trigo e tremoços. Quando eram insuficientes os mordomos compravam-nos.

“Conta-se que num ano em que não havia trigo, que nós aqui só comíamos pão de milho e de centeio, os mordomos estavam aflitos. Estavam a ver que se chegava o dia do Espírito Santo e não tinham trigo para fazer os bolinhos. E, então, numa noite estavam em casa e ouviram apregoar lá pela rua acima, na rua do Espírito Santo:

- Quem compra trigo pró Império?

Um homem veio cá fora e estava lá um velhinho com um burrinho carregado de trigo. Mediram o trigo e era a conta certa de que tinham precisão para aquela festa. O homem levou o trigo e foi buscar o dinheiro e quando voltou já não viu nada. Já não viu o homem.”

“A folia foi proibida por um padre que cá estava, mas teve que fugir à pressa porque o quiseram matar. Depois ele abalou e a igreja estava fechada e também diziam que a capela estava interdita.”

Contam que “no ano em que não houve folia encheram-se as oliveiras de uma doença. Depois agarraram-se outra vez à festa mas já não faziam folia.”

### **Outras festas da comunidade**

A festa de São Sebastião realiza-se no primeiro domingo após o dia 20 de Janeiro.

### **Outros recintos religiosos**

Igreja matriz e capela da Senhora da Graça.

### **Observações**

Há uma travessa e uma rua com o nome de Espírito Santo.

### **Informantes**

Armando Henriques Fernandes (Castelo Branco), Joaquim Manuel Gonçalves, 55 anos (Almaceda) e Maria Esménia da Conceição, 71 anos (Almaceda).

### **Bibliografia**

HENRIQUES, 1993.

## 2.4. Castelo Branco

### Breve historial

“A Capela do Espírito Santo situada a sul da antiga muralha, é um dos mais velhos templos da cidade. Da sua primitiva edificação, que data do séc. XIII, nada resta além de um portal românico muito sóbrio. Tinha outrora junto da fachada principal, virada a poente, um alpendre apoiado em três arcos de cantaria. Este alpendre sobre o qual estava o coro ainda existiu no século passado. A capela reconstruída no século XIX, nada possui digno de menção” (BEIRA BAIXA, 1953).

Foi pertença da Ordem de Cristo.

“Pegada à capela-mor e do lado do Evangelho, havia uma casa que servia de enfermaria para os viajantes... Tinha 35 palmos de comprido, 23 de largo e 15 de alto, sendo a telha-vã” (ESTUDOS DE CASTELO BRANCO, 1971). A confirmação desta origem vem corroborar a posição defendida por SARAIVA (1993).

Apresentam-se seguidamente alguns elementos relativos à toponímia histórica do Espírito Santo.

“PORTA DE SANTA MARIA / PORTA DO ESPÍRITO SANTO - Esta porta, dita de Santa Maria desde épocas recuadas, fazia a ligação da rua deste nome com a zona arrabaldina que só em finais do 1º quartel de quinhentos passaria a chamar-se do Espírito Santo... Daqui as duas designações porque foi conhecida...”

ARRABALDE DO ESPÍRITO SANTO - Zona fora de muros, ao sul da Porta de Santa Maria, tomaria esta designação após a construção da ermida do Espírito Santo por devoção do povo, sendo frei Francisco Lobeira, religioso da Ordem de Cristo, vigário de S. Miguel, em finais do 1º quartel do séc. XVI. Por tal motivo esta ermida não aparece nas vistas panorâmicas da vila, desenhadas por Duarte de Armas em 1509, nem vem indicada no Tombo de 1505. Mas acho-a mencionada em 1597, no instrumento de dote e arras que o doutor Diogo da Fonseca, natural de Castelo Branco, deu a seu filho Manuel da Fonseca para casar com D. Francisca Teles; aqui se refere, entre outras coisas, a uma sua quinta sita na dita Vila, junto à ermida do Espírito Santo” (CASTELO BRANCO, 1985:14).

Em 1878 temos grandiosos festejos ao Espírito Santo com bodo aos presos e aos pobres. Em 1941 e 1942 a festa do Espírito Santo foi constituída por missa cantada e sermão (BEIRA BAIXA, 1941 e 1942).

Em 1952 um grupo de cidadãos constituiu uma comissão cujo objectivo era a “edificação do templo do Divino Espírito Santo” e dirigiram-se ao bispo de Portalegre D. António Ferreira Gomes.

Na resposta o dito bispo condicionou as obras da igreja ao prévio arranjo e acabamento da Matriz, à autorização escrita da subscrição e à representação da Igreja, na comissão, pelo sr. pároco.

Perante estas condicionantes o grupo de cidadãos tomou a seguinte posição: “...deliberamos com sincero pesar, regressar silenciosamente às nossas ocupações habituais, desistindo do empreendimento em curso, e dado como dissolvida desde este momento a Comissão Pró-igreja do Divino Espírito Santo” (RECONQUISTA, 1952).

Em 1991 foi feito o restauro do altar-mor desta igreja.

Texto patente à entrada da igreja do Espírito Santo: “Esta igreja é um dos mais antigos templos de Castelo Branco ignorando-se a data em que foi construída. Da sua primitiva edificação há apenas o seu portal românico. Foi reconstruído no século XIX. Pelo Dec. Lei 26/82 de 26 de Fevereiro foi considerada como monumento de valor concelhio.

Foi esta igreja pertença da Comenda da Ordem de Cristo. Chama-se a atenção, nesta igreja, para a talha do altar-mor em estilo barroco.”

### Capela

A capela está hoje no interior do perímetro urbano da cidade. Está praticamente rodeada de vias de comunicação. É conhecida como igreja do Espírito Santo e a área envolvente é denominada de Espírito Santo.

Tem torre sineira que parece ter sido justaposta à estrutura do edifício. A entrada principal está virada a poente e é constituída por um portado manuelino (século XVI). Uma outra porta, de menores dimensões, está virada a norte. Na parede sul tem duas grandes janelas, uma aberta na nave a outra na capela-mor. Na parede norte da nave existe outra janela.

O interior do edifício é constituído por nave, capela-mor, coro e sacristia. O chão da nave é revestido com grandes blocos de granito, de formato paralelepípedo, forrados com um estrado de madeira, com poucos centímetros de altura. O pavimento está dividido ao meio por uma passadeira vermelha havendo, de um e do outro lado, bancos corridos com genuflexórios.

O púlpito em granito, actualmente forrado a cimento, está implantado na parede sul no terço da nave mais próximo da capela-mor.

A nave é protegida por um paravento montado na porta principal. Passando o paravento, à esquerda, há uma bela pia de água benta, em granito. Há direita temos as escadas que dão acesso ao coro e à torre sineira. Outra pia de água benta, de pequenas dimensões, está incrustada na parede norte, à esquerda de quem entra.

O tecto tem três planos, em madeira, pintados de azul.

Na parede nascente da nave há um arco, em granito, que dá acesso à capela-mor. De cada um dos lados do arco há uma peanha. A Nossa Senhora de Fátima está no lado norte e a Santa Teresinha no lado sul do referido arco.

O chão da capela-mor é em granito. O tecto é abaulado e pintado de branco. Tem no centro um círculo azul no interior do qual está uma estrela de oito pontas, pintada de amarelo. No centro dela está a figura de uma pomba, de cor branca, vista de baixo para cima, em posição de voo.

A parede nascente do altar-mor está forrada a talha barroca. Da globalidade da talha chama-se a atenção para uma figura solar existente no fundo do altar, posterior à figura do Espírito Santo, e para as colunas salomónicas decoradas com uvas e pombas comendo as uvas. No topo da talha barroca observa-se o escudo de Portugal.

Na parede sul da capela-mor há uma porta que dá acesso à sacristia. Na sacristia observa-se uma lápide tumular sob um grande armário.

Foi igreja de velaturas enquanto a capela de São Marcos esteve em reparação. Actualmente é utilizada para casamentos.

### Imagem

Esta imagem é conhecida por Divino Espírito Santo (foto 43).

Segundo a informante a imagem é em pedra. O Pai tem aspecto de homem idoso. Possui uma coroa aberta na cabeça. O pluvial é vermelho e a alva cinzenta. Está sentado sobre um cadeirão com braços em azul. Não se vê a parte posterior do cadeirão. O joelho direito da imagem está desviado para a direita da linha média.

À frente desta imagem temos uma cruz com Cristo crucificado. A cruz não tem braço superior.

A imagem não tem pomba. Partiu-se segundo a informante.



Foto 43. Imagem do Espírito Santo de Castelo Branco.

## Festa

No dia do Espírito Santo não há festa laica. Há missa na igreja e procissão. Na procissão não participa a imagem<sup>52</sup>. Como não há estandarte, a cruz e as lanternas abrem a procissão. Estes objectos vêm da sé paroquial.

Na procissão homens e mulheres vão muito misturados, ainda que haja tendência para os homens irem à cabeça. O circuito da procissão não vai além da área envolvente da igreja e o seu sentido é contrário ao dos ponteiros do relógio.

Uma das zeladoras informou que as pessoas ainda têm muita devoção pelo Espírito Santo e que nos dias de festa vêm “pessoas de toda a cidade.”

É costume as pessoas acenderem velas em honra do Espírito Santo. As flores que ornamentam esta igreja costumam ser vermelhas e brancas. “Porque o vermelho é sangue e o branco é pureza.”

## Comensalidade

*“Por iniciativa dos officiaes de cavaliaria n.º8, e mediante uma subscrição aberta na cidade de Castelo Branco fizeram-se no ano de 1878 esplendidas festas ao Espírito Santo. Na vespera houve trasladação do Espírito Santo da sua capella para a igreja matriz, vespera e completas, e á noute arraias na Deveza e um bonito fogo de vistas. No domingo alvorada, festa religiosa, e á noute cavalhadas á antiga portugueza na Deveza, iluminações. Na segunda feira, trasladação do santo para a capella, bodo aos presos, e aos pobres na Deveza, servido pelos principaes cavalheiros presentes ao acto, á noute iluminações, cavalhadas, e marcha aux flambeaux.*

*Houve tambem um bazar todas as tres noutes, cujo producto foi para o Monte Pio de Castello Branco.*

*A Deveza estava transformada em esplendido jardim com repuchos e cascatas. A's festas concorreu muita gente do districto. Não houve uma só occorrença policial” (ROXO,1890:226-229).*

Actualmente não há prestações alimentares.

## Angariação de meios

As pessoas que fazem promessas entregam os donativos às zeladoras ou depositam-nos na caixa das esmolos. As promessas ao Espírito Santo são pela saúde ou por aflição do próprio ou de um familiar.

O Espírito Santo é frequentemente iluminado por lamparinas de azeite. Para isso “e contra a vontade do senhor padre” as pessoas entregam às zeladoras meio litro ou um litro de azeite<sup>53</sup> para ser iluminado durante a semana, porque nos domingos há aqui missa.

Nenhum dos informantes se lembra de confrarias dedicadas ao Espírito Santo. As pessoas costumam oferecer flores e dinheiro para flores. O dinheiro para as flores é depositado numa caixa existente para o efeito na igreja. O dinheiro das restantes promessas é levado para a Sé. É também a fábrica da igreja paroquial que custeia as despesas da capela.

## Outras festas da comunidade

Festa de Santa Teresinha, procissão das Lanterninhas, procissão do Senhor dos Passos, festa da Nossa Senhora de Fátima, festa de Santo António, festa de Santa Ana e romaria da Senhora de Mércules.

Em 25 de abril de 1948 realizou-se na capela do Espírito Santo a festa de Santa Teresinha (BEIRA BAIXA, 1948).

Em 2 de Abril de 1949 realizou-se a tradicional procissão das Lanterninhas da igreja da Graça para a Sé (BEIRA BAIXA, 1949a).

Nos dias 3 e 15 de Abril de 1949 efectuaram-se as procissões do Senhor dos Passos e enterro do Senhor, respectivamente, às 17.00 e 21.00 horas daqueles dias (BEIRA BAIXA, 1949a).

Em 14 e 15 de Maio de 1949 realizou-se na capela do Espírito Santo a festa em louvor da Nossa Senhora de Fátima, com procissão de velas, missa e sermão (BEIRA BAIXA, 1949b).

Em 11,12 e 13 de Junho de 1949 realizou-se a festa de Santo António, com missa cantada, sermão e procissão. “No largo contíguo á capela haverá deslumbrantes arraias (BEIRA BAIXA, 1949c).

<sup>52</sup> A informante ouvira dizer que uma vez a imagem saiu na procissão, transportada por homens, e partiram-lhe a pomba. Por isso esta imagem ainda hoje não tem pomba sobre a cruz.

<sup>53</sup> Um litro de azeite dá para cerca de uma semana.

*“Tendo sido publicada neste semanário, no seu número anterior, uma nota em que se anunciava a festa de Santo António com arraial nos dias 11, 12 e 13 do corrente mês, esclarece-se que nada tem o divertimento anunciado com a festa de Santo António, cuja comissão autorizada pelo reverendo vigário da freguesia, anda angariando esmolos e a solicitar ofertas para o dia da festa - dia 12 - constando de missa cantada com sermão, pelas 12 horas e procissão pelas ruas da cidade, pelas 17 horas.*

*As esmolos que se solicitam, destinam-se não a festejos profanos, mas a conseguir um saldo para obras na igreja de Santo António - uma das mais lindas da cidade...*

*Nada tem pois o arraial com a festa, o que se anuncia para que se não estabeleçam confusões”* (BEIRA BAIXA, 1949d).

Em 15 de Junho de 1952 houve festa de Santo António na capela da Misericórdia com missa, sermão e procissão *“...sendo em seguida distribuído o pão de Santo António às crianças da catequese e a alguns pobres”* (BEIRA BAIXA, 1952b).

Em 22 de Junho 1952 é inaugurada, após as obras de remodelação, a capela de São Martinho. *“...Haverá missa Campal e com sermão logo a seguir á benção do São Martinho na capela de Sant’Ana e a procissão até ao Marco Geodésico.*

*Não se efectuarão divertimentos profanos, especialmente bailes, mas durante a tarde fazem-se cavalhadas, corridas de bicicletas, jogos de cântaros, ring, péla e outros...”* (BEIRA BAIXA, 1952a).

Em Julho de 1952 há registo de festa religiosa em honra de Sant’ Ana (BEIRA BAIXA, 1952c).

Realiza-se anualmente a romaria de Nossa Senhora de Mércules, quinze dias após a Páscoa, sendo a terça-feira o dia mais importante. É nesta data que tem lugar o feriado municipal.

### Observações

Havia nesta cidade a igreja de Santa Isabel (Rainha Santa) que era pertença da Misericórdia (velha). *“A igreja de hoje não é a da primitiva fundação; não sendo possível averiguar ao certo senão que foi edificada no século 16, ...”*

*“A Santa Casa da Misericórdia esteve instalada nas dependências da Igreja da Rainha Santa Isabel até ao ano de 1835”* (ROXO, 1890:45). Nesta data passou da igreja anterior para o convento da Graça devido à extinção das ordens religiosas à exiguidade do espaço (BEIRA BAIXA, 1952d).

Na igreja da rainha Santa Isabel existiram as confrarias da Ordem Terceira, de São Francisco e de Santo António. Após a transferência da Misericórdia para o convento da Graça, Santo António tornou-se o orago desta igreja que passou a designar-se por igreja de Santo António (BEIRA BAIXA, 1952e).

Actualmente é possível que a imagem da Rainha Santa esteja na igreja de Santo António ou no museu de arte sacra da Misericórdia.

### Informantes

Cónego Assunção e Maria da Conceição Jorge, 64 anos, zeladora há mais 20 anos, natural de Belmonte.

### Bibliografia

- BEIRA BAIXA, n°215, 31 de Maio de 1941.  
 BEIRA BAIXA, n° 264, Maio de 1942.  
 BEIRA BAIXA, n° 565, 24 de Abril de 1948.  
 BEIRA BAIXA, n° 614, 2 de Abril de 1949a.  
 BEIRA BAIXA, n° 620, 14 de Maio de 1949b.  
 BEIRA BAIXA, n° 623, 4 de Junho de 1949c.  
 BEIRA BAIXA, n° 624, 11 de Junho de 1949d.  
 BEIRA BAIXA, n° 781, 21 de Junho de 1952a:4.  
 BEIRA BAIXA, n° 782, 28 de Junho de 1952b.  
 BEIRA BAIXA, n° 786, 26 de Julho de 1952c.  
 BEIRA BAIXA, n°792, 6 de Setembro de 1952d:1.  
 BEIRA BAIXA, n°793, 15 de Setembro de 1952e:1.  
 BEIRA BAIXA, n°823, 11 de Abril de 1953:1.  
 CASTELO BRANCO, 1985.  
 CASTELO BRANCO, 1990:7-8.  
 ESTUDOS DE CASTELO BRANCO, n° 36, 1971:13.  
 LEITE, 1991.  
 NUNES, 1980.  
 RECONQUISTA, n° 381, 17 de Agosto de 1952:1,4.  
 RECONQUISTA, n° 988, 12 de Abril de 1964:1-2.  
 RECONQUISTA, n° 2246, 31 de Março de 1989:9.  
 RECONQUISTA, n° 2374, 13 de Setembro de 1991:2.  
 ROXO, 1890:226-227.  
 SARAIVA, 1993.

## 2.5. Escalos de Baixo (Castelo Branco)

Não há capela nem imagem do Espírito Santo.

*“Em Escalos de Baixo (Castelo Branco) grupos de homens, raparigas e mulheres novas, vestidas de branco, cantam no dia do Espírito Santo pelas ruas e, dando voltas às capelas, a chacota, que tem música própria.*

*Depois da volta, dançam ao som dos adufes e realejos ou harmónios tocados por tocadores que se lhes juntam”* (DIAS, 1967:96).

Há imagem da Rainha Santa Isabel. Jaime Lopes DIAS (1966:17) descreve o milagre das rosas e o pobrezinho, recolhido nesta localidade.

### Outras festas da comunidade

Festa do Sagrado Coração de Jesus, festa de São Sebastião e festa de São Luis.

Em Setembro de 1950 há registo da festa do Sagrado Coração de Jesus com missa cantada e procissão (BEIRA BAIXA, 1950).

Em Agosto realizam-se as festas em louvor de São Sebastião. No passado recente esta festa realizava-se no dia do Espírito Santo.

### Bibliografia

BEIRA BAIXA, n° 691, 26 de Setembro de 1950.

DIAS, 1966.

DIAS, 1967.

HENRIQUES, 1993.

## 2.6. Escalos de Baixo (Castelo Branco)

### Breve historial

A imagem do Espírito Santo está na igreja matriz. Desconhecem-se referências orais ou escritas à existência de uma capela do Espírito Santo. No extremo su-sudeste da povoação encontrou-se uma rua com a designação de Espírito Santo. É uma pequena rua, perpendicular à Estrada Nacional, que nos leva ao cemitério. Esta rua tem o sentido este-oeste e é ladeada por um conjunto de casas pouco significativo e um grande palacete abandonado. A algumas dezenas de metros a leste do cemitério existe o ribeiro do Espírito Santo. Cremos que terá existido na área desta rua uma capela dedicada ao culto do Espírito Santo.

Diz-nos o informante, catequista, “eu sempre conheci o Espírito Santo como uma imagem abandonada debaixo do altar, numa arrecadação que lá há. Foi uma imagem reparada há cerca de trinta anos quando a igreja também foi.”

### Igreja

A porta principal da Matriz está voltada para poente. Duas outras portas, de menores dimensões, estão voltadas uma a norte e outra a sul.

A imagem do Espírito Santo está na nave da igreja, do lado da Epístola. Assenta sobre uma peanha que está sobre a pia baptismal.

Estão na nave, além da imagem do Espírito Santo, São Sebastião, São José, o Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora de Fátima.

Na capela-mor temos as imagens de São Pedro (do lado da Epístola), Jesus Crucificado (sobre o sacrário) e duas Senhoras da Conceição (do lado do Evangelho).

Mas nem sempre a disposição foi esta. Antes da reparação referida a imagem de São Pedro, que é o padroeiro da freguesia, estava sobre o sacrário. O São Sebastião estava no lugar actualmente ocupado pelo São Pedro. A Senhora da Conceição ocupava o mesmo lugar e o Cristo Crucificado ocupava uma das capelas laterais da nave.

### Imagem

É uma imagem típica do Espírito Santo. É talhada em pedra. A coroa é aberta e sem cruz. As barbas são castanhas e a tez clara. O pluvial no exterior é vermelho-acastanhado e no interior vermelho vivo. Antes da reparação o pluvial era vermelho vivo. A túnica é cinzenta e os sapatos pretos. A imagem está sentada sobre um cadeirão de cor castanha. O filho é uma imagem aparentemente rústica com uma pequena tanga. A cruz está pintada de preto e não tem segmento superior o qual é substituído pela pomba.

É uma imagem que não sai nas procissões. Está sobre a pia baptismal, “por simbolizar o baptismo.”

### Festa e culto

Além da missa do dia de Pentecostes não há festa do Espírito Santo. Não há estandarte do Espírito Santo. Desconhecem-se promessas a esta imagem. Não há caixa de esmolas específicas para o Espírito Santo.

## Outras festas da comunidade

Festa de São Pedro, romaria de Santa Bárbara e festa da Senhora da Ajuda.

No mês de Maio, ainda que a fonte não refira a data, realizou-se a festa em honra de São Pedro (BEIRA BAIXA, 1948).

A população dos Escalos de Cima partilhava, com a população da Lousa, a romaria de Santa Bárbara. Realizava-se esta festa na segunda-feira após o domingo de Páscoa (RECONQUISTA, 1985).

A festa da Senhora da Ajuda realiza-se no segundo domingo de Outubro. É uma festa de cariz religioso. A Senhora da Ajuda tem capela no interior da povoação. Esta festa começa sábado com a vinda, em procissão, da imagem da sua capela para a Matriz. No domingo diz-se missa na Matriz e realiza-se a procissão para devolver a imagem à origem. Almoça-se em casa e pelas 15.00 ou 16.00 horas faz-se um ramo onde cada pessoa entrega a sua oferta. Os bens ou valores, com origem no ramo, revertem a favor da fábrica da igreja paroquial.

Para a organização da festa a povoação está dividida em dois grupos. Um deles é constituído por todas as casas que, de um e de outro lado, acompanham a Estrada Nacional. O outro grupo é constituído pelas restantes casas. Cada ano é um destes grupos a organizar a festa.

## Observações

A limpeza e decoração da igreja matriz utiliza uma “roda.” Assim, em cada semana há uma rua diferente responsável por tais cuidados. “E nunca faltam flores nem que tenham que se comprar.” Quando se compram flores para a igreja a rua em causa divide, entre os seus membros, o valor da despesa.

## Informante

Joaquim Jesus Duarte, 48 anos (Escalos de Cima).

## Bibliografia

BEIRA BAIXA, n° 572, Junho de 1948.

HENRIQUES, 1993.

RECONQUISTA, n° 2051, 19 de Abril de 1985:11.

## 2.7. Fratel (Vila Velha de Ródão)

### Capela

A actual capela do Espírito Santo é a terceira de que há memória na povoação. A primeira estava implantada no Rossio, lugar central deste povo. Depois foi transferida para o local ocupado pela escola primária. Finalmente foi transferida para um lugar a cerca de cinquenta metros a sul da escola primária.

A segunda capela referida estava à beira de um caminho que ainda hoje se mantém mas alargado e melhorado neste local. Esta via fazia a ligação entre esta aldeia e Gardete. Este recinto tinha duas portas, uma virada a poente e a principal, servida por alguns degraus, virada a norte.

A actual capela está, tal como a anterior construção, na periferia da povoação, no extremo sudeste.

Na área envolvente da capela do Espírito Santo destaca-se a actual escola primária, algumas casas e uma importante nascente de água que deu origem à fonte do Carrascal.

Esta capela tem cerca de quarenta anos e é incaracterística do ponto de vista artístico. Possui, do lado poente, uma sacristia que serve hoje de arrecadação do material de limpeza. A porta principal está virada para nor-nordeste.

A capela em questão possui no seu interior as imagens de São Mateus, de Santa Bárbara e do Espírito Santo, a última das quais ocupa a posição central no altar. As duas primeiras imagens afiguram-se relativamente recentes.

No interior do templo observa-se um prato com um copo utilizado como lamparina e, numa das janelas, uma caixa para esmolas ao Espírito Santo.

A chave da capela está na posse de um particular que se responsabiliza também pela limpeza. Não é remunerado pelos seus serviços. A capela não possui despesas regulares. Não possui água nem luz. Não há critérios específicos para a selecção da zeladora; opta-se, geralmente, pela “pessoa que se prontifica.”

### Imagem

A imagem do Espírito Santo é a mais antiga das três referidas. É uma imagem em pedra, pequena mas pesada, “por isso nunca sai nas procissões” (foto 44).



Foto 44. Imagem do Espírito Santo de Fratel.

Representa um homem idoso, uma cruz de três braços e uma pomba. Não existe o braço superior da cruz, espaço que é ocupado pela pomba.

A imagem está muito mal repintada. A pomba é castanha ou de cor amarelo-acastanhada. Jesus Cristo está vestido com um calção idêntico a um calção de banho. O idoso tem a boca relativamente aberta. As barbas são compridas e de cor cinzenta. Está sentado sobre um cadeirão “almofadado.” Exteriormente está coberto por um pluvial avermelhado e sob o manto surge uma túnica castanha escura. Possui tiara. É uma figura que aparenta ser do século XV ou XVI.

Não se realiza festa do Espírito Santo.

### Outros recintos religiosos

Igreja matriz e capela de São Sebastião.

### Informantes

José Guerra (Fratel) e José Alexandre Martins (Fratel).

## 2.8. Idanha-a-Nova

### Breve historial

*“Havia á entrada da vila uma outra capela, do Espírito Santo, talvez do século XIV ou XV. Foi demolida por necessidades urbanísticas e transferida para a zona alta da vila”* (CRESPO, 1985:46).

A capela estava implantada na entrada norte da vila. O local está actualmente ocupado pelo jardim público e por um edifício. Junto desta capela existia uma fonte denominada fonte da Laranjeira. A capela do Espírito Santo era sempre visitada quando cantavam as alvíssaras.

### Capela

A actual capela do Espírito Santo está implantada entre o posto da GNR e o hospital. É um templo amplo, harmonioso, de construção e linhas modernas. É utilizado para fins religiosos pelo menos duas vezes por semana.

### Imagem

Nesta capela existem duas imagens do Espírito Santo. Uma delas está exposta na capela-mor. A outra está situada num corredor de uma área de serviços. Ambas assentam sobre grossos troncos de azinheira.

A imagem exposta tem tiara dourada, barba comprida e cinzenta, pluvial vermelho debruado e decorado a dourado. Não tem estola nem cingulo. A alva é branca debruada também a dourado. Vê-se apenas um sapato. O Filho, pregado na cruz, inclina a cabeça à direita. A cruz está completa e sobre ela está uma pequena pomba branca. O cadeirão é pequeno para a figura dado que o apoio dos braços está ao nível dos joelhos. É uma imagem de madeira.

A imagem exposta no corredor lateral é de menores dimensões que a primeira. Tem tiara, no topo da qual está uma pequena pomba branca, barba cinzenta e curta, pluvial vermelho decorado e debruado a dourado. A estola é vermelha, debruada e com franja dourada, cruzada sobre o abdómen. A alva é branca decorada e debruada a dourado. Ao nível da cintura e sobre a alva e estola tem o cingulo também dourado. Vêm-se os dois sapatos pintados a castanho. A cruz é grande com os três braços rematados com dourados. O Cristo, de face voltada para a direita, olha para o solo. Ao contrário da imagem anterior este cadeirão, de espaldar aberto, parece demasiado grande para a figura. Esta imagem é muito semelhante à de Oledo.

### Estandarte

É uma bandeira antiga. Tem ao longo de toda a altura uma manga onde é enfiado o cabo de madeira. No topo da bandeira e perpendicular à haste existe outra manga, mais fina que a anterior. Nesta última enfia-se um ferro, de secção circular, que prende ao topo da haste.

A bandeira tem cor vermelha. Numa das faces tem um círculo amarelo que inscreve a figura do Pai Eterno com o Filho. Na outra face tem um círculo idêntico com a pomba.

Pendem do braço horizontal fitas, de várias cores, que praticamente tapam uma face da bandeira. Estas fitas são ofertas dos devotos. A bandeira é muito pesada e de manuseamento difícil.

Tal como no Ladoeiro a bandeira entra e sai pela janela da casa dos festeiros. A bandeira está na posse de um dos festeiros. Sai na procissão no dia de Pentecostes e participa, anualmente, na romaria da Senhora do Almortão.

### Devoção

Nesta localidade o Espírito Santo é preferencialmente designado por Divino Espírito Santo ou por Pai Eterno. Não é costume associarem o Espírito Santo às ceifas.

Há o hábito de oferecer ex-votos, em cera, ao Espírito Santo. Junto da imagem foi vista uma cabeça com um laço, de fita de seda branca, ao pescoço.

### Festa

A vertente religiosa da festa realiza-se sempre no domingo de Pentecostes. Neste dia há missa e procissão. Em 1970 há notícia da festa ter durado três dias com “*vários divertimentos e cerimónias religiosas.*”

No sábado de Pentecostes as mulheres dos festeiros do Espírito Santo limpam, arrumam e decoram a capela com flores. Neste dia, há a preocupação de ornamentar este recinto com cravos vermelhos.

Finda a missa do domingo de Pentecostes inicia-se a procissão. Sai a imagem do Espírito Santo, que está exposta, e a bandeira. Os três festeiros, envergando opas vermelhas, abrem a procissão com a bandeira do Espírito Santo. A cruz e as lanternas não fazem parte dela. É o festeiro central, no meio dos dois outros, quem transporta a bandeira. Actualmente, o grupo dos homens fecha a procissão. Vão mesmo atrás da banda ou já integram as filas como as mulheres. No passado os homens iam, em grupo, na dianteira da procissão.

Nas filas, no cumprimento de promessas, podem ver-se mulheres descalças ou com velas acesas. O andor é transportado por quatro homens a quem os festeiros antecipadamente solicitaram essa tarefa. Pode acontecer que, no cumprimento de uma promessa, sejam os interessados a pedir aos festeiros para levar a imagem. Durante a passagem da procissão é costume as pessoas deitarem pétalas de flores sobre a bandeira e sobre a imagem.

O percurso seguido pela procissão é contrário ao seguido pelos ponteiros do relógio.

No passado, no dia do Espírito Santo, havia arraial à porta da capela do Espírito Santo.

Nesse dia era tradição haver tourada - a *tourada do Espírito Santo*. No passado os touros eram, muitas vezes, fornecidos pelas casas ricas de Idanha-a-Nova. Actualmente os touros são alugados. Por isso as mulheres dos festeiros colocam-se às portas do recinto e oferecem uma flor a quem entra. Em contrapartida recebem um contributo monetário que paga, ou ajuda a pagar, o aluguer dos touros. Esta contribuição tem carácter voluntário não havendo, por isso, um valor previamente estipulado.

Jaime Lopes Dias caracteriza a tourada em Idanha-a-Nova como: “*divertimento predilecto daquele povo*” (DIAS, 1963:149; DIAS, 1955:144-152).

No passado ornamentavam o(s) touro(s) com as coleiras coloridas, também usadas pelos bois que traziam os madeiros do Natal. Havia um prémio para quem as conseguisse tirar. As pessoas entusiasmavam-se. “Na altura os homens levavam

aquelas bengalas que aqui chamamos garrotas e acontecia que muitas vezes enquanto o toiro estava a investir contra a porta os homens dentro de casa, com a bengala tentavam tirar-lhe a coleira. O prémio era dinheiro que estava dentro da coleira.”

No dia da festa o padre anuncia na missa os novos festeiros.

Já se perdeu o carácter festivo e social dos jantares do Espírito Santo. O que resta é um almoço festivo, no dia do Espírito Santo, entre os três festeiros.

Os festeiros não tomam designação formal. Não é costume os festeiros cantarem pela rua porque, quando vêm com a bandeira para a missa, a filarmónica acompanha-os desde casa. A coroa é transportada, sobre uma bandeja, por uma criança de sexo masculino com a idade aproximada de dez a doze anos.

Para a festa do Espírito Santo costumam realizar um ramo, em Agosto. Os festeiros juntam-se e escolhem uma data que comunicam ao padre. Este, por sua vez, anuncia-a na missa.

O ramo começa na sexta-feira. Numa casa, onde existe todo o material necessário, cedida pela câmara municipal, juntam-se as mulheres dos três festeiros. Depois, os familiares, os amigos, ou aqueles que devem obrigações aos festeiros vão a esta casa, “bater os pães-de-ló ao Espírito Santo.” Quem vai leva todos os ingredientes (ovos e açúcar) excepto a farinha. A mulher do festeiro dá a farinha.

No domingo mais próximo os festeiros reúnem-se no centro cívico da vila, com os respectivos pães-de-ló, e fazem um leilão. Não são atribuídas virtudes a este pão-de-ló.

É hábito os festeiros do Espírito Santo pagarem ao padre pelos seus serviços. “Dão-lhe qualquer coisa por dizer a missa.”

No dia 8 de Dezembro, os festeiros do Espírito Santo vão buscar os madeiros que irão arder na noite de Natal, em frente da capela.

Convidam, para isso, outras pessoas para os acompanhar e cada festeiro leva almoço para si e para os seus convidados.

No passado, quando os madeiros vinham em carros de bois, ornamentavam o pescoço dos bois com coleiras de cores garridas (vermelhas e amarelas). Estas coleiras eram rematadas com franjas ou flores, em tecido. Os carros vinham decorados com rama de laranjeira e folhas de palmeira (esta decoração ainda hoje se observa). Os homens vinham com cintas coloridas e barretes.

Existe uma rua do Espírito Santo e uma Misericórdia.

## Promessas

Os devotos costumam cumprir as suas promessas no dia do Divino Espírito Santo. As ofertas são geralmente em dinheiro. A entrega do dinheiro é feita no interior do templo. Não é costume fazê-lo durante a procissão. O dinheiro recolhido fica na posse da Igreja.

## Outras festas da comunidade

Romaria da Senhora do Almortão e romaria da Senhora da Graça. Cantam-se alvíssaras pela Páscoa:

*“... É a tradicional e típica manifestação popular das alvíssaras ao senhor Vigário. Um grupo de mulheres, manipulando os seus adufes cantaram antes e depois da chegada da banda em frente do sr. Padre Adelino, o que também já tinham feito no guarda-vento da igreja...”*

*Se já havia muita gente, a concentração engrossou de forma fantástica, com a chegada da banda de música e seus acompanhantes, após terem percorrido as principais ruas da Vila.*

*Depois foi um enorme coral, cantando quadras em louvor de Nossa Senhora do Almortão, por largo espaço de tempo e que culminou com a distribuição de amêndoas pelo senhor Padre Adelino” (RECONQUISTA, nº2004).*

A Romaria da Senhora do Almortão realiza-se na segunda segunda-feira após o domingo de Páscoa.

*“... Apesar do tempo se ter mostrado chuvoso e frio, mesmo assim, ainda teve uma grande afluência de romeiros.*

*Parece que, já em tempos, a mesma romaria se fez no mês de Setembro. Se fosse transferida para essa data parece-nos que seria vantajoso sob todos os aspectos: deveria dar melhor rendimento, por já estarem feitas as colheitas e o tempo também permitiria maior afluência” (RECONQUISTA, 1961).*

*“... Mas mais ainda, toda a região que fez parte do antigo reino sediado em Idanha-a-Velha (Edigitânia) é devota da Nossa Senhora do Almortão e é ver os nossos vizinhos espanhóis de Alcantara, Moraleja, Zarza-la-Mayor acompanhados dos seus párocos, comparecerem em força e quando os de cá cantam:*

*Senhora do Almortão  
Minha tão linda Arraiana  
Voltai costas a Castela*

*Não querais ser castelhana.*

*os espanhóis respondem:*

*Senhora do Almortão*

*Minha tão linda Arraiana*

*Estais no termo de Idanha*

*Sendes meia castelhana.*

*Estes cânticos são entoados ao som dos adufes, tocados desde a entrada do santuário pelos ranchos que vão chegando.*

*Depois, é o abrir dos farnéis em alvas toalhas, estendidas á sombra amiga das azinheiras seculares” (RECONQUISTA, 1989).*

A romaria da Nossa Senhora da Graça realiza-se no terceiro domingo após a Páscoa. “... Com a realização da festa da Nossa Senhora da Graça, terminou o ciclo festivo das romarias tradicionais da nossa terra...

... A romaria da Senhora da Graça, era de total contraste á da Senhora do Almortão, modestamente vivida, sem pena nem glória, como na gíria se diz...” (RECONQUISTA, 1976).

### Outros recintos religiosos

Igreja matriz, igreja da Misericórdia, capela de São João, capela de São Francisco, capelinha da Nossa Senhora das Dores, capela da Senhora do Rosário (destruída), capela de Santo André (destruída) e capela de São Pedro (destruída).

### Informantes

Adelino Américo Lourenço, pároco de Idanha-a-Nova, João Ramos Rijo Cordeiro, 42 anos, de Idanha-a-Nova (residente em Ladoeiro) e Maria José Pedro, 59 anos (Idanha-a-Nova).

### Bibliografia

CRESPO, 1985:46.

DIAS, 1963:149.

DIAS, 1964:181.

DIAS, 1955:144-152.

HENRIQUES, 1993.

RECONQUISTA, n° 833, 23 de Abril de 1961:9.

RECONQUISTA, n° 1303, 30 de Maio de 1970:11.

RECONQUISTA, n° 1502, 20 de Abril de 1974:4.

RECONQUISTA, n° 1607, 14 de Maio de 1976:6.

RECONQUISTA, n° 2004.

RECONQUISTA, n° 2054, 10 de Maio de 1985:3.

RECONQUISTA, n°2246, 31 de Março de 1989:9.

## 2.9. Idanha-a-Velha (Idanha-a-Nova)

### Breve historial

*“A capela do Espírito Santo é hoje um barracão grande de paredes caiadas e madeiramento apodrecidos. Encontrámos nela uma curiosa imagem de Deus Omnipotente com o crucifixo entre os joelhos e a pomba pousada na cruz...*

*Notável púlpito de granito pintado a vermelho e branco. Sob a pintura e esculpidas na pedra, vimos a representação estilizada de uma flor de lis ao centro, ladeado por duas cruces do Templo e várias cruces de Santo André. Apesar da capela do Espírito Santo ser hoje depósito de alfaias e objectos usados nas procissões...” (FERREIRA, 1970: 100-101).*

### Capela

A capela do Espírito Santo situa-se no extremo nordeste da povoação, no largo Espírito Santo. O rio Ponsul corre 200 metros a leste da capela. O local foi completamente descaracterizado pela construção, em tijolo e cimento, de estruturas de apoio (palco e bar) às festas locais. O solo foi nivelado tendo para o efeito sido destruídos um cruzeiro, que estava perto da capela, e alguns túmulos escavados na rocha.

Esta capela está em vias de ser recuperada há já alguns anos. Todo o exterior foi picado para tornar visíveis os blocos graníticos da sua construção. Posteriormente à edificação foi alteada alguns centímetros, com placas de xisto, o que contrasta com todo o resto e desfeia o monumento.

Na nave, a porta principal está virada a poente e a porta secundária virada a sul. A capela-mor tem duas pequenas janelas uma virada a sul e outra a norte.

Esculpida sobre a porta principal observa-se o interior de uma concha e sobre ela um pequeníssimo vaso de onde saem ramos estilizados e uma pomba de tamanho muito superior ao vaso.

É um monumento de estilo maneirista do século XVI ou XVII.

A dividir a nave da capela-mor existe um arco chanfrado, em granito. O altar é em madeira e está em muito mau estado de conservação. Todo o restante espólio da capela transitou para a Matriz até à conclusão das obras.

Partindo do largo do Espírito Santo, paralelamente ao Ponsul, há uma rua designada do Espírito Santo.

### Imagem

A imagem (foto 45) está, actualmente, na igreja matriz, no lado do Evangelho, numa zona que já pode ser considerada de capela-mor. Encontra-se sobre um banco baixo, o que a torna acessível a qualquer criança. É uma imagem de madeira. Possui coroa aberta, aspecto de homem envelhecido, barba, cabelo e bigode cinzentos. Tem pluvial vermelho decorado e debruado a dourado. A alva é de cor azul suave debruada a dourado e os sapatos avermelhados. A estola, comprida, está cruzada sobre o peito e o cingulo, dourado, sobre a estola e a alva. A figura está bem sentada sobre um cadeirão azul, com o espaldar quase totalmente ocupado.

O filho está crucificado e com a cabeça ligeiramente flectida para a esquerda, ao contrário de muitas outras. Uma pequena tanga de cor branca cobre-lhe os genitais. A cruz tem os quatro braços bem evidentes assentando a pomba sobre o superior. A pomba é branca de bico e patas cor de laranja.

### Bandeira

A bandeira do Espírito Santo está actualmente exposta na igreja matriz (ex-igreja da Misericórdia) na parede leste da nave. É uma bandeira semelhante à bandeira de Idanha-a-Nova. Está em mau estado de conservação. Até há poucos anos esteve enrolada numa arca na sacristia da Matriz. A bandeira é de tecido adamascado vermelho e possui franja amarela em toda a volta, excepto no lado do cabo. Numa das faces, no interior de uma coroa, está o Pai Eterno, a cruz e a pomba. Na outra face, no interior de uma coroa circular, observa-se simplesmente uma pomba. Já não participa nas procissões.

### Festa

Não há festa do Espírito Santo.

Nesta comunidade o Espírito Santo também é denominado por O Santo e O Altíssimo.



Foto 45. Imagem do Espírito Santo de Idanha-a-Velha.

**Outras festas da comunidade**

Festa da Nossa Senhora da Conceição, festa de Santa Filomena e festa de São Sebastião.

A Nossa Senhora da Conceição é a padroeira de Idanha-a-Velha. Na procissão a Nossa Senhora da Conceição é sempre transportada por homens.

A sua festa tem lugar no terceiro domingo de Maio. Por ocasião desta festa há memória de sempre se fazerem touradas. Até há poucos anos realizavam-se num largo, no

interior da povoação. Recentemente, construíram um recinto apropriado para a tourada, junto da capela do Espírito Santo. No passado os touros eram, emprestados ou

alugados pelas casas ricas de Idanha. Actualmente alugam-nos no Alentejo.

*“A procissão (da nossa Senhora da Conceição) dá a volta à aldeia... Quando chegam à porta da igreja ficam ajoelhados até o santíssimo entrar. Assistem, então, à benção do santíssimo e jantam a seguir, após o que o povo se reúne no terreiro para «dar alvissaras» à Nossa Senhora da Conceição e ao Espírito Santo...”*

*Na capela:*

*Ó Divino Espírito Santo  
a pombinha quer saire  
soltai-a, Senhor; soltai-a (bis)  
que ela tornará a vire (bis)*

*Nós já nos vamos embora  
nós a pé nos q 'remos ire (bis)  
Deus nos dê tanta saúde (bis)  
pró ano tornáremos a vire (bis)”  
(FERREIRA, 1970:113,115).*

*Ó Divino Espírito Santo  
a pombinha quer boare (bis)  
soltai-a, Senhor, soltai-a (bis)  
que ela tornará a voltare (bis)*

Nos finais dos anos sessenta e início dos anos setenta fazia-se, em Agosto ou Setembro, a festa de Santa Filomena, juntamente com a de São Sebastião. Actualmente deixaram de se realizar.

**Outros recintos religiosos**

Estão abertos ao culto a igreja matriz (ex-igreja da Misericórdia) e a capela do Espírito Santo (quando as obras terminarem).

Estão fora de culto ou foram destruídas as capelas de São Dâmaso (guardava, até há alguns anos atrás, material arqueológico proveniente das escavações), de São

Sebastião (transformada em museu arqueológico), de São Domingos (destruída), de São Brás (destruída), de Santa Maria (outrora igreja matriz). Depois de ficar em ruínas a Matriz passou para a igreja da Misericórdia. Após os trabalhos arqueológicos aqui efectuados esta igreja passou a ser conhecida por catedral visigótica.

**Observações**

Referem-se seguidamente algumas rezas populares que têm o Espírito Santo como protagonista.

*“Quando se fecha aporta, para se deitar:*

*Com Deus me fecho  
E a Deus m 'entrego  
E á Virgem Maria  
E ao Pai Eterno” (FERREIRA, 1971, 94).*

*“Quando se deitam rezam o seguinte (ao começarem a despir-se)*

*Com Deus me dêto  
Com Deus m 'alevanto  
Com a graça de Deus  
E Devino Espírito Santo (ou Espírito Santo)  
Quatro cantos tem a casa  
Quatro silhos estão a arder  
Quatro anjos m'acompanham” (FERREIRA, 1970:110).*

**Informantes**

Adelino Américo Lourenço, pároco; Joaquim Manuel Baptista dos Santos, 34 (Idanha-a-Velha) e Maria Amélia Baptista, 39 anos (Idanha-a-Velha).

**Bibliografia**

FERREIRA, 1970.  
HENRIQUES, 1993.  
MARROCOS, 1936.

**2.10. Medelim (Idanha-a-Nova)****Capela**

A capela está implantada no centro do largo do Espírito Santo. É provável que à data da construção ocupasse uma posição periférica em relação ao aglomerado populacional.

Esta capela é conhecida e designada por uns de Espírito Santo, por outros de São Sebastião.

Tendo em consideração o facto de se situar no largo do Espírito Santo e junto da rua do mesmo nome é admissível que esta tenha sido, originalmente, a capela do Espírito Santo.

A cerca de 40 metros a norte existe um grande poço público designado por poço do Outeiro.

A capela é um recinto pequeno dividido em três áreas distintas: nave, capela-mor e sacristia. A nave tem porta principal voltada a poente e porta secundária voltada a sul. O pavimento é constituído por blocos paralelepípedicos de granito. O tecto está forrado a madeira. O púlpito e respectivas escadas de acesso estão adocados à parede norte. Do lado direito de cada uma das portas referidas existe uma pia de água benta com forma de pirâmide invertida.

Um arco triunfal em granito divide a nave da capela-mor. A capela-mor tem janela voltada a sul. O tecto e o pavimento são semelhantes ao da nave. O altar é de talha barroca. São Sebastião, Santa Teresinha, Nossa Senhora da Conceição, Santa Catarina, São Brás, São Tiago e Jesus na Cruz são as outras imagens sacras presentes neste espaço.

A sacristia possui o mesmo tipo de revestimento no pavimento que os dois espaços já mencionados. Podem observar-se as imagens de Santo António e de Santa Madalena.

Esta capela, ainda que tenha recebido recentemente obras de beneficiação, necessita de reparação profunda e urgente. Há infiltração de água e a base do altar está praticamente destruída. O exterior da capela, em parte do seu perímetro, tem cotas mais elevadas que o interior o que facilita a infiltração de água. Parte da humidade infiltra-se através do tecto da capela.

### Imagem

A imagem ostenta tiara dourada e azul com cruz no topo (foto 46). O bigode e a barba são pretos. Não tem pescoço. O pluvial é vermelho no exterior e cor-de-rosa no interior, a alva é branca e os sapatos vermelhos. Não há vestígios de cingulo ou de estola. A cruz do Filho quase não tem braço superior que é substituído pela inscrição INRI. A imagem não tem pomba. Está em mau estado de conservação.



Foto 46. Imagem do Espírito Santo de Medelim.

Actualmente a imagem já não sai nas procissões. Quando saía era transportada por homens que vestiam opa vermelha. No passado “ainda ía havendo aqui missa. Porque uma outra pessoa prometia. Agora não. É o que vê tudo arruinado.”

### **Festa**

A festa não se realiza há muito tempo. “Quando se fazia havia um ramo.”

### **Outras festas da comunidade**

Actualmente apenas se mantém a festa do Senhor do Calvário, no último fim de semana de Agosto.

### **Outros recintos religiosos**

Igreja matriz, igreja da Misericórdia e capela do Senhor do Calvário.

### **Observações**

Existe uma rua do Espírito Santo e um largo do Espírito Santo. Houve Misericórdia de que resta apenas a igreja.

### **Informantes**

Maria José, 77 anos (Medelim) e António Manuel Afonso Cabrito, 30 anos (residente em Ladoeiro).

### **Bibliografia**

HENRIQUES, 1993.

## **2.11. Monforte da Beira (Castelo Branco)**

### **Breve historial**

A imagem do Espírito Santo esteve na capela da Misericórdia até à sua destruição. Encontra-se, actualmente, no museu do seminário de Portalegre. Assim, pode afirmar-se que não há imagem, nem capela do Espírito Santo. No entanto existe rua do Espírito Santo.

### **Estandarte e outras insígnias**

A bandeira é de estilo antigo e é feita de tecido adamascado vermelho. Na parte central da bandeira, numa das faces, observa-se um círculo raiado de cor amarela que inscreve um triângulo azul que, por sua vez, inscreve uma pomba branca, de bico vermelho, em

posição de voo (asas e cauda abertas). Na outra face tem uma coroa, semelhante à do Espírito Santo, bordada a branco e decorada com pérolas e fio dourado.

No topo, em toda a largura, tem uma cercadura de flores e ramagens, em papel. Em todo o perímetro exhibe uma pequena franja de cor dourada.

Fazem parte da bandeira várias fitas de cores vermelha e branca. Cinco delas, brancas, distribuem-se ao longo da bandeira. As restantes estão dispostas na origem e no fim da bainha que sustenta o varão horizontal. No topo da haste está uma pomba, que mais parece um papagaio, pintada de dourado e prateado com bico e patas vermelhas. Esta bandeira apresenta uma inovação, em relação a todas as outras; tem uma bolsa para receber as dádivas em dinheiro. Até à confecção da bolsa o dinheiro, sobre a forma de notas, era “pregado” numa das fitas da bandeira com um alfinete.

Inerente à bandeira há ainda um acessório, tipo aljava, onde o alferes introduz a base da haste da bandeira durante o seu uso. Este elemento vai a tiracolo e facilita muito o transporte da bandeira.

Para além dos domingos, entre a Páscoa e o Pentecostes, a bandeira sai ainda na procissão do dia do Corpo de Deus e na procissão da festa de Nossa Senhora, no dia 15 de Agosto.

Nestas procissões, a bandeira do Espírito Santo abre o cortejo. Em circunstância alguma a bandeira, ou qualquer outra insígnia, é alvo de adoração.

Quando a bandeira sai de uma casa é frequente os elementos dessa família beijarem-na. Por vezes “até dá vontade de chorar.”

A coroa é em prata (foto 47). É de grande dimensão e está decorada com motivos vegetais. Foi concebida para figurar na cabeça de uma imagem visto apresentar elemento de fixação. Durante o uso é transportada por uma criança. Para evitar danos resultantes de possíveis quedas a coroa é atada com uma fita branca, de cetim, ao pescoço da criança. Presentemente, não há proibição de lhe tocar com a mão. Mas, em todas as ocasiões em que a coroa é usada no ritual, usa-se um pano vermelho, adamascado, com franja dourada em todo o seu perímetro, exibindo num dos cantos as letras D(ivino) E(sprito) S(anto). É com este pano que a criança pega na coroa.

As duas velas existentes são usadas durante os percursos de ida e volta para a igreja. São velas comuns. Durante o uso são decoradas com flores de papel branco e vermelho.



Foto 47. A coroa de Monforte da Beira.

O ceptro é transportado pelo juiz. É uma curta, mas grossa, vara em madeira. É decorada com flores e ramagem de papel de cor branca e vermelha.

A vara, como o nome indica, é um bastão de madeira decorado no topo com uma rosa vermelha e ramagem. É usada pelo rei.

Nestes últimos anos as insígnias têm sido acompanhadas por uma garrafa de vinho de mesa e uma nota de 1 000 escudos.

### Devoção

É frequente “pedir-se” ao Espírito Santo por um animal doente.

A única designação dada pela população ao Espírito Santo é Divino Espírito Santo.

### Festa

As bandeiras do Espírito Santo e de São João estão na posse da população. Por isso se diz que “esta festa e a de São João são festas do povo, não são festas da Igreja.”

A comissão de festas do Espírito Santo é composta por sete elementos. O alferes é o elemento que leva a bandeira. Deveria ser solteiro mas a falta de rapazes novos obriga que o lugar seja ocupado por um homem casado. O juiz leva o ceptro. Foi ele que guardou as insígnias durante o ano e actualmente é o responsável pelo dinheiro. O secretário ou rei leva a vara com a flor na ponta. O coroeiro leva a coroa. Esta função é desempenhada por uma criança. Os padrinhos em número de dois vão a ladear o alferes. Levam ambos uma vela. Há ainda um elemento que ocupa o lugar de ajudante do alferes.

Todos os sete festeiros trazem uma flor de papel, de cor vermelha, na lapela do casaco.

O coroeiro era frequentemente o filho de um festeiro. Se os elementos que integram o grupo de festeiros não tiverem filhos crianças, pode servir o sobrinho de qualquer um deles ou, o filho de um vizinho. A figura de coroeiro pode também variar de domingo para domingo. É o que acontece se no grupo de festeiros houver mais do que uma criança e os seus pais desejarem que também seja coroeiro. Este lugar é obrigatoriamente desempenhado por um rapaz. No passado, a tendência era o coroeiro manter-se ao longo dos sete domingos. No presente, a tendência é para a mudança. Quatro ou cinco anos é a idade ideal para a criança servir como coroeiro. Não há lugar para a coroação.

Ao lado da criança vai sempre um elemento, frequentemente o juiz, “para tomar conta da criança.” Este indivíduo, um adulto, no passado, levava sempre a sua mão sobre a cabeça da criança.

Nos jantares não há mesas específicas para os festeiros. Cada um escolhe o local onde quer comer.

Num passado recente, a festa do Espírito Santo apenas mobilizava as famílias intervenientes. Não existia a figura de convidado de modo tão extensivo como no presente. As mulheres, mesmo de família, não participavam no jantar. No jantar só participavam os elementos da festa. Nesta altura a ementa era igual para todos os festeiros e era constituída por pão, tremoços, queijo, azeitonas e vinho<sup>54</sup>. Depois dos festeiros estarem saciados e já fora de casa convidavam-se os vizinhos (homens e mulheres) para comerem e beberem alguma coisa.

Os festeiros, findo o jantar, percorriam as tabernas da população, hábito que ainda se mantém.

O ano de 1994 foi excepção. Findo o jantar depositaram as insígnias na casa do festeiro que serviu no domingo seguinte e cada um ocupou-se como queria.

No presente convida-se quem quer. As ementas são mais variadas ainda que seja pouco comum comer-se carne de porco. Não há o hábito de levar festeiros e convidados para o restaurante.

“D’antes era à maneira pobre, agora é à maneira rica. Agora os jantares são mais um desperdício.”

Perante uma refeição demorada é frequente dizer-se: “isto está pior que um jantar do Espírito Santo.”

É frequente, nos tempos mais recentes, fazer-se um pequeno arraial no domingo de Pentecostes. O arraial é organizado pelos festeiros velhos e inicia-se após a entrega das insígnias aos novos festeiros. É contratada uma “aparelhagem” e um conjunto musical, explora-se um pequeno bar, os festeiros velhos oferecem tremoços e alguns bolos aos presentes.

O dinheiro recolhido na bandeira financia esta iniciativa. Quando é insuficiente, o valor em falta é dividido equitativamente pelos festeiros.

O festeiro que serve em cada um dos domingos paga a missa ao padre e convida-o para o jantar.

O festeiro e a mulher, no dia em que servem, vão quase sempre com fatos novos, comprados para o efeito.

A festa nos dias de hoje, segundo um dos informantes, e contrariamente ao que diz Jaime Lopes DIAS (1953:109-120), “vai pela gente mais pobre e não pela gente mais rica. Tem sido a classe mais baixa que faz a festa.”

Na ida e na vinda da igreja canta-se sempre o *Bendito e Louvado*. Ao entrar na igreja matriz, com a bandeira, os festeiros avançam pelo corredor central até ficarem perto do arco triunfal. Chegados a esta área param, cantam três vezes o *Bendito e Louvado*, uma vez o *Glória* findo o qual vão colocar a bandeira encostada à parede norte da nave, junto da imagem de São José.

Os festeiros assistem à missa no altar-mor, no lado do Evangelho, em dois bancos aí colocados para o efeito. A missa é em louvor do Espírito Santo e por intenção do festeiro desse domingo. O festeiro em causa não ocupa lugar especial nem tem funções particulares.

Os familiares dos festeiros não têm lugares reservados na igreja, embora tentem ficar o mais perto possível do altar-mor.

Acabada a missa, os festeiros do Espírito Santo vão jantar a casado festeiro que serve. Findo o jantar dão uma volta pelos cafés e por volta das 17.00 horas vão buscar a bandeira à igreja. Retiram a bandeira e juntam-se novamente no corredor central, sob o arco triunfal. Aí, com a bandeira e restantes insígnias, cantam três vezes o *Bendito e Louvado*, uma vez o *Glória* e iniciam a marcha para o exterior levando as insígnias a casa do festeiro que servirá no domingo seguinte.

As velas dos padrinhos são colocadas nos altares da nave, uma do lado da Epístola, outra do lado do Evangelho, e mantêm-se acesas no decorrer da missa.

Os festeiros são renovados anualmente e nomeados publicamente pelo padre no fim da missa de domingo de Pentecostes.

### Angariação de meios

As promessas ao Espírito Santo são quase sempre satisfeitas em dinheiro, até não há imagem. É uso, embora tenda a rarear, a oferta de fogaças. Este tipo de dádiva é leiloada no arraial organizado pelos festeiros do Espírito Santo. O dinheiro é colocado na

<sup>54</sup> Esta era também a ementa do almoço de um casamento.

bolsa sempre que a bandeira sai (procissões, folia) ou nos curtos períodos em que está arrumada na igreja.

Em 1993-94 a bandeira esteve armada, na casa do juiz, pelo que as ofertas surgiram ao longo de todo o ciclo festivo.

No dia de servir todos os festeiros costumam pôr dinheiro na bandeira.

### Perpetuação

No passado, e ainda hoje, o sistema de perpetuação fazia-se por ruas. Parece terem existido grupos pré-formados de famílias, em cada rua. Os vizinhos de um ano nomeavam os vizinhos do ano seguinte. Devido ao número reduzido de habitantes e a muitas recusas a última volta demorou apenas seis anos.

Até há poucos anos “quem agarrava o Espírito Santo fazia a festa de Agosto (festa da Nossa Senhora da Ajuda, dia 15).” Como o “pessoal já estava de uma certa idade” e a festa exigia grande investimento e muito trabalho poucas pessoas aceitavam fazer o Espírito Santo. Acabaram por abolir a exigência anterior “para não morrer a festa do Espírito Santo.”

Os festeiros de um ano não consultam os elementos do ano seguinte quanto ao seu desejo de integrar o grupo de festeiros.

Actualmente a comissão de festeiros só se preocupa em encontrar um casal que fique com a bandeira. Se uma família aceita a bandeira, o que é cada vez mais difícil, os festeiros seguintes surgem por nomeação. Como não são previamente consultados acontece que alguns nomeados não aceitam o lugar. Quando isto acontece os festeiros restantes procuram um novo elemento a menos que qualquer casal se ofereça.

Mesmo com a dificuldade em arranjar anualmente novos festeiros, não é hábito os elementos de um ano continuarem no ano seguinte.

No domingo de Pentecostes dá-se a passagem dos festeiros velhos para os festeiros novos. É dever do novo juiz, neste dia, oferecer um pequeno lanche aos festeiros velhos e novos. Nesta cerimónia a participação dos festeiros velhos está quase sempre assegurada o que nem sempre acontece com os novos.

Até ao presente nenhuma mulher foi festeira do Espírito Santo. Em 1993-94 houve festeiros nomeados que não aceitaram integrar a comissão e apareceram viúvas a oferecer-se. É provável que num futuro próximo a festa termine ou então comece a integrar viúvos e viúvas na sua organização.

### Outras festas da comunidade

Festa de São João Baptista e festa da Nossa Senhora da Ajuda. São João Baptista protagoniza uma festa de grande devoção. Há dezoito anos chegaram a participar nestas festividades duzentos e quatro burros (DIAS, 1953:112-120). No passado, os homens iam sempre à frente nas procissões do Corpo de Deus e da festa da Nossa Senhora da Ajuda (em 15 de Agosto). Actualmente encerram a procissão, seguindo atrás da banda.

### Outros recintos religiosos

A igreja da Misericórdia foi destruída pelo alargamento da via de comunicação, após ter estado longo tempo em ruínas. Situava-se na entrada sudoeste da povoação. Era uma igreja com elevado valor artístico, diz quem a conheceu, mas há muito que estava transformada em arrecadação.

A capela de Santo António ainda está aberta ao culto. A capela de São Pedro é actualmente utilizada como capela mortuária. Situa-se dentro do perímetro urbano, junto do cemitério. Da capela de São Francisco ainda se podem observar as ruínas. Finalmente a capela de São Silvestre foi destruída há muitos anos.

### Observações

Se “há pessoas que não aceitam a bandeira”, por motivos diversos, outras há que dizem logo: “se eu não pegasse o Espírito Santo num ano, eu ficava com remorsos para toda a vida.”

São as seguintes as imagens existentes na igreja matriz: Rainha Santa Isabel, Senhora da Conceição, Senhora das Lágrimas, São Sebastião, São João Baptista, Cristo Crucificado também conhecido por Santo Nome de Jesus, Senhor dos Passos, Santa Teresinha, São José, Santo António e São Silvestre.

A Rainha Santa Isabel veio da igreja da Misericórdia. É uma imagem de roca. Está junto da entrada principal da Matriz. Veste manto de cor creme. No domingo do Espírito Santo a Rainha Santa Isabel é vestida com um manto vermelho e colocam-na, sobre uma mesa, junto do altar-mor. Neste dia, há quem lhe ofereça fogaças no cumprimento de promessas. Estas fogaças são constituídas por pão, vinho, chouriços e queijos. No passado estas ofertas eram vendidas, em leilão, num pequeno arraial realizado no dia do Espírito Santo, junto da capela da Misericórdia. Actualmente são vendidas pelas crianças da catequese que as leiloam na rua. Dizem ter esta imagem muitas jóias.

São João Baptista é um das figuras mais antigas da igreja e está junto da pia baptismal. Já esteve no museu do seminário de Portalegre. São Silvestre está na sacristia. A imagem da Senhora da Anunciação já não integra o espólio da Matriz.

Monforte há cerca de quarenta anos era uma povoação muito mais rica que o Ladoeiro. O Ladoeiro só ganhou vantagem depois da construção da barragem de Idanha-a-Nova.

No passado Monforte da Beira era uma povoação com grande poder económico. Contribuía para a câmara de Castelo Branco com mais rendimentos que a própria cidade. Há cerca de dez anos foram identificados oitenta portais quinhentistas. Tinha, e tem, uma economia de base agrícola.

A igreja tem na frontaria a data 1721. Mas quem conhece a história local defende que este templo assenta sobre um outro de menores dimensões. A igreja é muito rica.

### Informantes

Conceição Videira, 72 anos (Monforte da Beira), Francisca da Conceição, 70 anos (Monforte da Beira), Francisco Coelho, 68 anos (Monforte da Beira), João Maria Pinheiro, 69 anos (Monforte da Beira), Maria dos Santos Mastins Pinheiro, 60 anos (Monforte da Beira), Martinho Lopes Lourenço, 57 anos, pároco de Monforte há 18 anos e Padre Alfredo Dias, 73 anos (Proença-a-Nova).

### Bibliografia

DIAS, 1953.

## 2.12. Monfortinho (Idanha-a-Nova)

### Breve historial

Existiu capela do Espírito Santo “mas caiu quando houve um terramoto ou não sei o quê.” A actual imagem do Espírito Santo dizem ter sido encontrada nos escombros daquele templo.

Na área onde se presume ter existido a capela há uma rua e uma travessa com a designação de Espírito Santo. A capela ficava no extremo noroeste da povoação.

### Capela

A capela da Nossa Senhora da Consolação, onde está a imagem do Espírito Santo, está implantada no interior da povoação. É utilizada como capela de velaturas.

Compõem-na três espaços: nave, capela-mor e sacristia.

Tem porta principal voltada a poente. O tecto é de três planos forrado a madeira. O pavimento é forrado por lajes de xisto e blocos de quartzito. O púlpito, em madeira, está no terço da nave mais próximo da porta principal. À direita da porta principal existe uma pia de água benta e uma pia baptismal assente sobre uma base troncónica.

A separar a nave da capela-mor há um arco triunfal em granito, com impostas.

Em cada um dos lados do arco triunfal há um poial onde assentam as imagens de Nossa Senhora de Fátima (lado da Epístola) e de Nossa Senhora do Rosário (lado do Evangelho). Esta última é uma imagem de roca.

A capela-mor tem uma pequena janela voltada a sul, tecto semelhante ao da nave e pavimento revestido com blocos graníticos. O altar-mor é em madeira. Possui duas colunas a fechar o espaço central sobre o qual estão quatro cabeças. Do lado da Epístola temos as imagens do Espírito Santo e de São Pedro, do lado do Evangelho temos o Sagrado Coração de Jesus e São Sebastião. Ao centro está a Nossa Senhora da Consolação.

Esta capela é actualmente usada como capela de velaturas. Por isso, a sacristia foi recentemente transformada em casa de banho, contra a vontade de alguns fiéis.

### Imagem

É uma imagem de tez escura, fâcies de velho, barba e bigode cinzentos, tiara vermelha e dourada sem cruz no topo (foto 48). O pluvial é vermelho com debrum a castanho dourado. O cingulo está bem visível. A alva é branca amarelada. Não tem estola. Na mão direita tem os dedos médio e indicador partidos. Na mão esquerda estão partidos os dedos mínimo e indicador. Os sapatos têm tonalidades de verde e vermelho.

A imagem está bem sentada, sobre uma almofada, com os braços apoiados no cadeirão. O espaldar do cadeirão simula uma cobertura de couro.

A imagem não tem pomba nem cruz. É provável que as tenha perdido aquando acidente da capela.

A imagem é limpa com aguardente ou com água benta. Não participa em procissões.

### Estandarte

A bandeira do Espírito Santo é vermelha debruada a amarelo. É uma bandeira moderna. Tem numa das faces uma pomba pintada. No topo da haste leva uma pomba. A bandeira antiga era em tecido adamascado e os motivos apresentavam-se bordados.



Foto 48. Imagem do Espírito Santo de Monfortinho.

### Devoção

Referiram-nos ter ainda muitos devotos que lhe oferecem fitas vermelhas e dinheiro. “Aos santos que as pessoas deitam mais dinheiro é à Senhora da Consolação e ao Espírito Santo.”

A imagem é preferencialmente denominada de Espírito Santo e mais raramente de Pai Eterno.

### Festa

A festa do Divino Espírito Santo é em Setembro. “Que é por causa de cá estar mais gente, mais emigrantes.”

Não há dia certo para a sua realização; depende da disponibilidade do padre. É organizada por cinco mordomas da capela da Nossa Senhora da Consolação. Consta de missa e procissão.

Não se realizou em 1994 por desavenças com o padre. Questões de ordem financeira estiveram na origem do conflito.

### Angariação de meios

Por vezes faz-se um pequeno ramo.

### Outras festas da comunidade

Festa da Nossa Senhora da Consolação e festa da Nossa Senhora de Fátima.

A festa da Nossa Senhora da Consolação inclui bodo. “A nossa Senhora da Consolação de Salvaterra é mais bonita que a nossa. Eles roubaram a Monfortinho aquela imagem. Mas esta imagem, por eles fazerem vigarice, tem mais poder. As pessoas pegam-se a esta imagem e têm muita fé com ela. Nossa Senhora ouve as pessoas. A Nossa Senhora pode pedir a Nosso Senhor e Nosso Senhor ouvi-la. De maneira que é uma fé, uma fé com a Senhora da Consolação que nem calcula. É que dantes o bodo era feito aqui os dois juntos [de Salvaterra e Monfortinho]. Um dia era o de Salvaterra outro dia era o de cá. Depois um dia eles apanharam as pessoas todas coisa... vieram e roubaram a santinha por uma janela da sacristia.”

A festa da Nossa Senhora da Consolação realiza-se anualmente para cumprimento de uma promessa feita por ocasião de “uma grande invasão de gafanhotos.” Tem lugar numa quinta-feira, dez dias depois da Páscoa. Nesse dia faz-se uma procissão com a Senhora da Consolação da sua capela para a igreja matriz. Esta procissão é aberta

pelas lanternas e cruz. A seguir vai o guião e depois a imagem. Na igreja matriz é dita missa. No final da missa inicia-se uma nova procissão que passa pela porta da capela da Senhora da Consolação. Esta procissão é também aberta pela bandeira do Espírito Santo. Quando da passagem são integrados na procissão o São Pedro, o Sagrado Coração de Jesus, o “Martle” Santo Bendito (São Sebastião) e a Nossa Senhora do Rosário. A ordem sequencial é a referida. A Senhora da Consolação é a última imagem e já vinha na procissão. Daqui a procissão segue para a Cruz, local do bodo.

Na Cruz têm aprontada uma mesa com uma mostra das dádivas para o bodo (vinho, pão, um chouriço e ensopado). Chega a procissão, o padre e a Senhora da Consolação ficam em frente desta mesa. O padre faz depois um sermão, acerca da festa da Nossa Senhora da Consolação, findo o qual benze as iguarias que estão sobre a mesa.

Como se disse a Nossa Senhora está em frente da mesa. Atrás dela, um pouco mais acima, estão todas as outras imagens ao lado umas das outras. Em frente estão painéis de ferro a cozer a carne.

Jorge MESQUITA (1984:60-63) faz uma minuciosa descrição desta festa.

A festa da Nossa Senhora de Fátima realizou-se em 1994 por volta do dia 25 de Setembro.

“Aqui em Monfortinho as festas de domingo passaram para sábado. Domingo está o padre muito ocupado.”

### Recintos religiosos

Igreja matriz.

### Bibliografia

DIAS, 1948:133-134.

## 2.13. Monsanto (Idanha-a-Nova)

### Breve historial

A capela do Espírito Santo é datada do século XVI ou XVII.

### Capela

“... (A povoação), na meia encosta leste, organiza-se em declive como um espaço igual em que, num dos vértices, se situa a torre sineira, o Relógio, afastado da Matriz, e nos

*outros dois as capelas do Espírito Santo e de Santo António, encostadas intramuros, à direita (de quem entra) das duas portas, os arcos da Vila...*” (BUESCU, 1984:17).

A capela do Espírito Santo está implantada no extremo nordeste da povoação junto de uma das portas da muralha. Visto de fora é um monumento construído com blocos paralelepípedicos de granito. Tem duas portas para o exterior. A porta principal está voltada a poente e a secundária a sul. Sobre a porta principal há uma pequena sineta.

A limpeza da capela é feita, actualmente, pela “vizinha do Espírito Santo, que tem a chave.” O conselho económico e social é o responsável pelas despesas da capela do Espírito Santo.

### Imagem

A imagem do Espírito Santo está na sua capela. É uma imagem em pedra, muito pesada. Por isso, já lhe abriram no dorso uma cavidade<sup>55</sup>, para facilitar o transporte.

Actualmente a imagem encontra-se sobre o andor que por sua vez está sobre o altar. O peso da imagem não permite que se ande a colocá-la e a retirá-la do altar. Sai em procissão, com a coroa, no dia de Pentecostes.

A imagem é limpa, pelo sacristão, com aguardente. Não é grande a preocupação de usar uma flor, ou uma cor, específica para enfeitar o andor ou a imagem, nem no dia do Espírito Santo.

### Estandarte

A bandeira e as restantes insígnias estão na igreja matriz. Quando se realizam jantares ocasionais as insígnias saem durante o dia para o exercício das suas funções no ritual.

A bandeira do Espírito Santo é de estilo moderno. “A velha levou caminho.” Numa das faces tem uma pomba e na outra línguas de fogo. É uma bandeira de cetim (?).

Não existe o hábito de oferecer fitas à bandeira do Espírito Santo. Actualmente a bandeira sai em todas as procissões.

Existem duas coroas do Espírito Santo, uma nova e outra velha. A coroa velha é de prata e a nova é possível que seja de outro material. A coroa velha era utilizada pelos festeiros do Espírito Santo. No dia da festa (domingo de Pentecostes) durante a procissão, a imagem levava a coroa velha enquanto os mordomos transportavam a coroa nova numa bandeja. Durante a folia a coroa andava sobre a bandeja.

<sup>55</sup> O mesmo sucedeu à imagem da Senhora do Castelo em Vila Velha de Ródão.

Em cada um dos domingos o almoço era oferecido pelo portador da coroa. O portabandeira tinha dado o almoço no domingo anterior.

### Devoção

Ocasionalmente, as pessoas oferecem uma garrafa de azeite para a lamparina do Espírito Santo ou uma vela. Este tipo de ofertas é, geralmente, fruto de promessa como a maioria dos jantares. A doença é a principal situação que leva o indivíduo ou os familiares a recorrerem ao Espírito Santo.

É denominado preferencialmente por Divino Espírito Santo e raramente por Eterno.

### Festa

A missa da manhã do domingo de Pentecostes realiza-se na capela do Espírito Santo. No fim da missa inicia-se a procissão da imagem em direcção à igreja matriz. Neste dia o sacristão arma quatro bandeiras que seguem na procissão pela seguinte ordem: a primeira é de São Salvador, a seguir a de Nossa Senhora da Azenha, depois a da Sagrada Família e por último a do Espírito Santo. A coroa do Espírito Santo vai à frente da sua bandeira e a imagem, a única que participa, vai logo atrás.

No final da “missa da uma”, na Matriz, a imagem regressa à sua capela em procissão. O sentido desta procissão é contrário ao dos ponteiros do relógio. Actualmente o ritual festivo resume-se ao que ficou descrito.

No passado, quando havia mordomos, eram eles que levavam a imagem do Espírito Santo na procissão e os restantes festeiros seguiam imediatamente atrás do andor. Actualmente é transportado pelas pessoas que o sacristão convida. Quem leva o andor vestia opa vermelha. Os outros homens vão em amontoado à frente da procissão e as mulheres seguem em duas filas. O padre não leva pálio.

Toda a orgânica festiva exposta por Jaime Lopes Dias e Maria Leonor Carvalhão Buescu deixou de existir. Já não há mordomos do Espírito Santo. Nem se realizam jantares.

*“Os mordomos são sempre os mesmos e apenas substituídos por morte ou crescidos das pessoas que, tendo tido grande mercê ou graça do divino Espírito Santo, pedem a sua admissão.*

*Todos os anos deitam sortes sobre qual o domingo em que cada um deverá dar o seu jantar.*



Foto 49. A pedra de honra de Monsanto.

*Em todos esses domingos, como se disse, da Ressurreição ao Pentecostes, vão, todos, com suas opas vermelhas, à capela do Espírito Santo fazer as suas orações, dirigindo-se depois, com a coroa e a bandeira, a casa do confrade que dá o jantar. Este segue no meio do grupo e leva, numa salva, a coroa engrinaldada e ornamentada com cordões, brincos e outros objectos de ouro.*

*Findo o jantar, toda a confraria acompanha a coroa, a cantar até à casa do festeiro que deverá dar o banquete no domingo imediato e coloca-a ali em lugar de honra, na melhor sala da casa, num presépio ou pequeno altar improvisado, com um céu (doce) feito de lençóis e colchas de seda.*

*Antigamente havia, e ainda hoje há nalgumas casas uma pedra própria para receber a coroa, a pedra de honra, que tive ocasião de ver” (DIAS, 1948: 130-131).*

*“Os jantares do Espírito Santo - O Espírito Santo, venerado numa pequena capela românica junto de uma das portas da Vila é objecto da mais constante devoção do povo. A capela, onde raramente se faz o culto, está, no entanto, permanentemente iluminada por promessas dos devotos, em agradecimento de favores obtidos. Para alcançar essas graças, persiste o costume, em plena vitalidade, da promessa dum jantar do Espírito Santo. Em muitas casas existe, mesmo, uma espécie de altar de pedra, na sala, expressamente para aí ser colocada a coroa e as insígnias do Espírito Santo, por ocasião do jantar. Os jantares do Espírito Santo caracterizam-se por uma grande demora, o que se tornou proverbial para designar qualquer refeição ou acto demasiado prolongado.*

*Os jantares começam no domingo de Páscoa e terminam no Domingo do Espírito Santo. No ano anterior são nomeados os mordomos do ano seguinte. Esta nomeação representa o cumprimento da promessa.*

*A Bandeira do Espírito Santo, vermelha, e uma coroa de prata, enfeitada com cordões de ouro, fitas de seda e flores, é conduzida pelo mordomo que dá o jantar no domingo de Páscoa. Esta condução faz-se em procissão da casa do mordomo até à Capela do Espírito Santo, onde se canta o Bendito e Louvado e dali seguem para a igreja para assistirem à missa, cantando sempre durante o percurso, ficando ali depositadas as insígnias (coroa e bandeira) até tocar o sino (toque à bandeira) sinal para os mordomos irem para o jantar, levando as insígnias.*

*Notemos que a capela, situada intramuros, junto da porta ocidental da Vila, de pura traça românica, possui ainda uma imagem de granito, representando a Trindade, com a*

*figura do Pai, sustentando o Filho, na figura de uma criança, e encimado pela pomba. Trata-se de um exemplo de uma forma rara da estatuária religiosa.*

*Estas refeições são iguais, na ementa, às das bodas dos casamentos, mas canta-se, de pé, o Bendito, e reza-se um padre-nosso antes de se iniciar a refeição e no intervalo de cada iguaria.*

*Os mordomos deitam bilhetes (sorteiam) para fixarem o dia que lhe pertence dar o jantar.*

*A coroa fica depositada toda a semana em casa do mordomo que dá o jantar no domingo seguinte, para o que é levada, em procissão, cantando sempre pelas ruas o Bendito; à porta daquele, antes de entrar e depositar as insígnias, canta-se cinco vezes o mesmo cântico.*

*A coroa e a bandeira estão guardadas numa arca durante a semana, sendo só armadas e enfeitadas no domingo seguinte.*

*O altar ou trono, feito na casa que dá o jantar, é armado pelo sacristão, convidado obrigatório.*

*O último prato que se serve é uma terrina, ou alguidar, muito bem tapado, cheio de flores à maneira de surpresa. Ao ser descoberto, cada um dos convivas tira uma flor, com que anda enfeitado todo o dia. No domingo do Espírito Santo, há uma festa, com fogo-de-artifício e música, paga pelos mordomos.*

*As insígnias são confiadas todo o ano ao mordomo a quem caberá dar o jantar no ano seguinte” (BUESCU, 1984: 60-61).*

*De tudo isto resta a missa na capela do Espírito Santo e a procissão.*

*Hoje em dia quando alguém, no cumprimento de uma promessa, quer dar um jantar do Espírito Santo, e o último foi há três anos, tenta-se proceder à montagem de todo um ritual já desaparecido. O sacristão é a pessoa ideal para o remontar, porque no passado era um “convidado obrigatório” de todos os jantares.*

*Como as duas transcrições anteriores não cobrem todo o ritual festivo, tentaremos completá-lo seguidamente.*

*Após o almoço<sup>56</sup>, tomado em casa do festeiro que serviu o domingo anterior<sup>57</sup>, os festeiros dirigiam-se, sempre cantando o Bendito e Louvado, para a capela do Espírito*

<sup>56</sup> Equivale actualmente ao pequeno-almoço.

Santo. Chegados à porta da capela paravam e cantavam três vezes o *Bendito Louvado* e uma vez o *Glória*. Entravam e punham a coroa na cabeça do Divino Espírito Santo. Continuavam a cantar. Entretinham-se um pouco e saíam até ao pequeno adro da capela. Passado um bocado entravam novamente no recinto, cantavam o mesmo cântico e retiravam a coroa à imagem do Espírito Santo. Voltavam a colocar a coroa na bandeja, utilizada no seu transporte, e dirigiam-se para a igreja matriz. A coroa era transportada pelo festeiro que servia nesse domingo ou, na actualidade, pelo indivíduo que fez promessa. A coroa e todas as outras insígnias podiam ser tocadas com as mãos. Durante os cânticos não havia acompanhamento de instrumentos musicais. Vestiam opas vermelhas apenas os festeiros que levavam a bandeira, a coroa e os que transportavam os copos das velas (lanternas).

Da capela do Espírito Santo iam para a igreja matriz onde depositavam as insígnias no altar da Nossa Senhora do Rosário<sup>58</sup>. Os cânticos continuavam durante todo o percurso e mesmo dentro da igreja. Assistiam à missa de domingo. Finda a missa dirigiam-se, com todas as insígnias, para casa do festeiro que servia o jantar.

Os jantares decorriam do domingo da Ressurreição até ao domingo de Pentecostes. Sendo numerosos os mordomos, os jantares podiam estender-se até ao dia do Corpo de Deus. Nestas situações servia-se também na quinta-feira de Ascensão.

Chegados à porta do festeiro que dava o jantar cantavam três vezes o *Bendito e Louvado* e outras três vezes o *Glória*. Findo o cântico o homem da coroa elevava os braços e a coroa acima da cabeça. O homem da bandeira inclinava a bandeira para que esta fizesse uma vénia de cumprimento aos da casa. Entravam. Colocavam a coroa sobre o altar (pedra da honra)<sup>59</sup> e a bandeira aberta a seu lado. O altar e a área da parede envolvente tinham sido previamente embelezados, pelo sacristão, com lençóis, flores e colchas de seda.

Os mordomos comiam todos juntos, uns de um lado outros do outro, na cabeceira de uma mesa onde também se sentavam os familiares, alguns amigos do festeiro que oferecia o jantar, o padre e o sacristão.

Quando os participantes já estavam sentados, antes do início da refeição, o sacristão levantava-se. Pedia que todos os intervenientes o seguissem e rezassem um *Pai-Nosso*

e uma *Avé-Maria*. Finda a oração era colocado o primeiro prato sobre a mesa. Ninguém se servia e, com todas as pessoas de pé, cantava-se o *Bendito e Louvado*. Enquanto cantavam viravam-se todos e olhavam para a coroa. No fim uns pegavam na travessa e outros em copos de vinho e diziam: “graças ao Divino Espírito Santo.”

No intervalo de cada prato os intervenientes no jantar levantavam-se e cantavam o *Bendito e Louvado*.

Era a seguinte a ementa do jantar.

Primeiro prato (sopa seca): juntam-se couves à água de cozer a carne, que será servida num dos pratos seguintes. Depois de cozidas vertem-se (a água e as couves) para travessas contendo fatias de pão. Da travessa escoar-se a água excedente e o prato está pronto a servir. Não era usada carne de porco “mas eu sei que deitavam um pouco de toucinho na panela da sopa. Mas o toucinho não aparecia na mesa era para dar tempero à couve e punha a couve mais macia”, acrescenta o informante.

Segundo prato: era servido o sangue do animal preparado, para o efeito, com fressura e brulhões. Os brulhões são um alimento com aspecto semelhante aos maranhos. São feitos a partir de pedaços do estômago do animal morto onde se colocam pequenos pedaços de tripa e pontas de carne que noutras condições seriam desprezadas. Não levam arroz como os maranhos. Os animais mortos eram ovinos ou caprinos.

Terceiro prato: carne cozida de ovino ou caprino, sem qualquer outro acompanhamento (sem batatas, arroz ou massa). Este prato é servido numa travessa da qual cada pessoa se serve à vontade.

Quarto prato: ensopado de borrego ou cabrito.

Sobremesa: queijo e azeitonas. Havia sempre vinho com fartura.

Quinto prato: uma travessa tapada com uma outra. Os comensais não sabem o que contem. Dentro desta travessa estão flores (rosas, cravos) ou raminhos de flores. Cada elemento tira uma unidade e mete-a na lapela do casaco. Este raminho de flores não é utilizado para identificação do indivíduo nem lhe são atribuídos atributos terapêuticos ou profilácticos. Não havia multa para quem perdesse o raminho.

Entre o quarto e o quinto prato já não se canta.

No tempo em que havia mordomos, participavam cerca de cento e vinte pessoas em cada jantar. Era uma refeição que ficava muito cara a quem a realizava. Havia famílias que, depois do cumprimento dessa promessa, ficavam em situação difícil do ponto de

<sup>57</sup> No domingo de Páscoa e no domingo seguinte é o juiz que dá o almoço.

<sup>58</sup> Altar secundário implantado na nave, do lado do Evangelho.

<sup>59</sup> A pedra da honra, ou altar como lhe chamam, é uma peanha em granito que parte da estrutura da própria casa sendo montada no momento da sua construção.

vista financeiro, ainda que a maior parte das pessoas tivesse ovelhas ou cabras que guardavam para matar neste dia. Os de menos posses geralmente convidavam menos gente; os festeiros e alguns familiares mais chegados. Os mais abastados convidavam família e amigos. Era uma grande sala cheia de pessoas.

O sacristão avisava: “nada de bebedeiras. Vocês têm de estar com respeito. Então na frente do Espírito Santo. Quando abalarem daqui não há problema. Mas aqui não vamos fazer espectáculos ridículos. Estamos na frente de Deus.”

Havia uma multa, em dinheiro, para quem se embebedava, “mas no meu tempo nunca sucedeu porque eu repreendia-os logo no princípio.” Os jantares terminavam no dia de Pentecostes mas, havendo muitos mordomos, podiam ir até ao Corpo de Deus. Era costume servir quinta-feira da Ascensão.

Quem servia à mesa eram mulheres da família do festeiro. A loiça utilizada era do próprio, excepto nos últimos jantares dispersos que foram servidos no forno<sup>60</sup>, nos quais todo o material pertencia à câmara municipal de Idanha-a-Nova.

Nem no tempo dos mordomos, nem nos jantares dispersos da actualidade, há baile ou arraial.

No passado, no dia de Pentecostes, o sacerdote de Monsanto mandava vir um outro padre para fazer a pregação. No sábado de Pentecostes à noite havia, por vezes, uma pequena prática. O festeiro que servia pagava ao padre a missa respectiva.

### Angariação de meios

No dia da missa, que se realiza na capela, tem lugar um peditério mas o seu produto “é coisa insignificante” e reverte para a Igreja. Não há ramo.

### Perpetuação

Em Monsanto era-se festeiro por promessa. Quando o candidato a festeiro decidia servir falava com o padre e este mandava-o contactar com os restantes festeiros. Havia festeiros que serviam todos os anos porque “tinham prometido servir até que pudessem.” A nomeação era feita pelo padre na missa de domingo de Pentecostes. Depois de nomeados os festeiros reuniam-se para conhecer a ordem de servir utilizando

o método descrito nos textos de Jaime Lopes DIAS (1948: 130131) e de Maria Leonor BUESCU (1984:60-61).

O estado civil dos festeiros não era importante. Podiam ser casados ou solteiros. Mas teriam de ser sempre do sexo masculino. Nenhum dos festeiros tomava nome especial, embora houvesse sempre um mais activo que contactava o padre e tratava de diversos assuntos ligados à festa. Como havia festeiros que vinham dos anos anteriores não havia lugar à transmissão das insígnias. No final do último jantar levavam-se as insígnias a casa do mordomo que viesse a servir o almoço no dia de Páscoa seguinte.

### Outras festas da comunidade

Festas de cariz unicamente religioso: em Agosto tinha lugar a festa do Sagrado Coração de Jesus (era a festa da primeira comunhão das crianças; deixou de realizar-se porque deixou de haver crianças); em Outubro é a festa de Santo António, o santo que se recorre pelos animais doentes.

Festas com arraial: festa de São João (realiza-se no domingo mais próximo do dia de São João); festa de São Pedro de Ver-a-Corça (realiza-se uma semana após a anterior); festa do Mártir São Sebastião (realiza-se no primeiro domingo de Setembro) e festa da Senhora da Azenha (realiza-se no segundo domingo de Setembro).

A bandeira do Espírito Santo não participa na festa da Senhora da Azenha. A imagem sai da Matriz, em procissão, para a sua capela que dista seis ou sete quilómetros. Há pessoas que acompanham a pé a imagem.

*“Foi uma festa de grande nomeada em toda aquela região. Há pessoas que se recordam de que juntava mais romeiros que a Senhora do Almortão. Ali vinham também grande número de espanhóis, no tempo da sua “guerra civil.”*

*As grandes romarias que então mobilizavam as populações da zona eram as Senhoras da Azenha, Almortão e Granja - triângulo tendo por centro Idanha-a-Velha” (RECONQUISTA, 1986).*

*“A uns quilómetros de Penha Garcia, fica a humilde e simples ermida da Nossa Senhora da Azenha, em pleno azinhal. Romaria de séculos passados, cheia de tradições e lendas: “a Virgem Maria salvou as crianças de serem engolidas por duas serpentes, visto adormecerem no tronco de uma azinheira, enquanto guardavam o seu gado.” Ainda hoje lá se encontram pintadas as duas serpentes, na parte superior do altar de Nossa Senhora da Azenha, na sua capelinha” (RECONQUISTA, 1994).*

<sup>60</sup> O “forno” é um salão recuperado de um antigo forno comunitário. É propriedade da câmara municipal de Idanha-a-Nova sendo gerido pela junta de freguesia local. Este espaço está equipado com todo o material necessário para qualquer tipo de festa.

## Outros recintos religiosos

Capela de São Miguel do Castelo (primitiva igreja matriz), capela de São Salvador (actual igreja matriz), igreja da Misericórdia, capela de Santo António, capela da Senhora de ao Pé da Cruz, capela de São Sebastião, capela da Nossa Senhora de Fátima, capela Nossa Senhora da Azenha, capela de Santa Maria (dentro do castelo), capela de São João, capela de São Domingos, capela de São Lázaro, capela de São José, capela da Senhora do Socorro, capela de São Marcos, capela de São Lourenço e capela de São Pedro de Ver-a-Corça. Estes templos situam-se em Monsanto e nos seus arredores.

## Observações

Na quinta-feira da Ascensão era costume as crianças apanharem passarinhos juvenis nos ninhos para os deitar a voar, na igreja, no final da missa desse dia. Neste mesmo dia distribuíam cabazes com pétalas de flores pelo corredor central da nave da igreja. O padre descia do altar, avançava pelo corredor e lançava punhados de flores sobre as pessoas. Este acto é conhecido por *Hora*.

Não é hábito oferecerem ex-votos em cera ao Divino Espírito Santo. É frequente fazer este tipo de oferta à Nossa Senhora das Dores.

## Informantes

Florinda Iria, 69 anos, residente em Monsanto há 25 anos, José Henriques de Almeida, 76 anos, sacristão 1 (Monsanto), José Manuel Soalheiro Dionísio, 57 anos (Monsanto) e Maria Manuela Pires Amador (Monsanto).

## Bibliografia

BUESCU, 1984.  
DIAS, 1948.  
DIAS, 1963:23-239.  
DIAS, 1970:260-261.  
HENRIQUES, 1993.  
LOBO, 1988:105-121.  
RECONQUISTA, n° 2048, 29 de Março de 1985:5.  
RECONQUISTA, n° 2102, 2 de Maio de 1986:3.  
RECONQUISTA, n° 2323, 21 de Outubro de 1990:18.  
RECONQUISTA, 1994.

## 2.14. Oledo (Idanha-a-Nova)

### Breve historial

Durante alguns anos a capela do Espírito Santo foi utilizada como escola primária. Com a construção de edifício apropriado a capela foi abandonada e ficou em ruínas. Foi recentemente restaurada e inaugurada em Junho de 1992.

### Capela

A capela do Espírito Santo está implantada no extremo nor-nordeste da povoação. Antes da abertura de novas vias situava-se junto do caminho que conduzia a São Miguel de Acha. Junto da capela existe um chafariz, em granito, que recebia água de um nascente situado cerca de 300 metros a oeste da capela, denominado fonte de São Pedro.

A capela é constituída por dois recintos: a nave e a capela-mor.

A nave tem a porta virada a poente. Tem em cada uma das paredes, norte e sul, uma grande janela pouco comum em capelas pequenas como esta. É possível que estas janelas tenham sido rasgadas quando o recinto foi utilizado como escola. O pavimento está revestido com tijoleira e o tecto com placa de cimento. A nave está parcialmente ocupada com bancos de genuflexórios.

Um arco triunfal em granito, com impostas, divide a nave da capela-mor. Da capela-mor destaca-se o altar moderno e o nicho que contém a imagem do Espírito Santo. Do nicho, em granito, sobressaem duas pseudo-colunas que suportam um pórtico. Em cada uma das extremidades deste pórtico há uma pomba, em alto relevo, e no centro uma cruz.

Para além do Espírito Santo não há outra imagem religiosa.

Na actualidade a capela só é usada no domingo de Pentecostes. Está previsto que o templo seja usado uma vez por mês “mas nós temos dificuldade com padre que tem quatro freguesias.”

A limpeza da capela é feita duas vezes por ano, antes e depois da festividade. É uma das funções dos festeiros. “A capela tem pouco movimento, por enquanto. Lá há uma vez ou outra que uma pessoa me pede a chave para cumprir uma promessa.”

### Imagem

A imagem do Espírito Santo, presente nesta capela, foi comprada pouco antes de Junho de 1992. Sobre a tiara dourada e branca poisa uma pomba, de asas abertas. A pomba é

de cor branca com patas e bico cor de laranja. O Pai apresenta tez clara, cabelos, barba e bigode cinzentos. O pluvial é vermelho debruado e decorado a dourado. A alva é branca decorada e debruada a dourado. A estola vermelha e dourada está cruzada sobre o peito. O cingulo é dourado e vermelho. Os sapatos têm cor castanho-avermelhada. O cadeirão tem os braços demasiado altos para a figura. O Pai segura a cruz onde o Filho está crucificado.

Há notícia de uma imagem antiga, em pedra, que desapareceu aquando do incêndio da igreja matriz em 1963.

### **Estandarte**

A bandeira foi oferecida, recentemente, por uma devota. É vermelha e tem letras douradas dizendo *Oferta ao Divino Espírito Santo*. Há quem ofereça fitas de seda que são fixas na bandeira. A bandeira é leve e de tamanho médio. Está guardada na igreja.

### **Devoção**

É uma imagem com poucos devotos. Também é designada por Oráculo Divino Espírito Santo. “O Divino Espírito Santo dá inteligência. Os meus pais diziam-me para rezar três *Avés-Marias* ao Espírito Santo para nos abrir a inteligência e a memória.”

A esta imagem costumam oferecer dinheiro e fitas para a bandeira.

### **Festa**

A festa do Espírito Santo realiza-se no sábado e no domingo de Pentecostes. É constituída por missa, procissão e um pequeno arraial. Sábado à tarde realiza-se um pequeno ramo que continua no domingo.

A procissão realiza-se na tarde de domingo. O seu sentido é contrário ao dos ponteiros de um relógio. A procissão é aberta pelo crucifixo ladeado pelas lanternas. A imagem do Espírito Santo não participa. Apenas a bandeira está presente. Na procissão a bandeira é transportada por um dos festeiros. Os outros dois vão com uma vela acesa, um de cada lado da bandeira. Não se chegam a formar filas. Os homens costumam ir à frente e as mulheres atrás.

Para o arraial “contrata-se uma aparelhagem e há dois ou três foguetes.” O arraial começa sábado. Provém da comissão o dinheiro para pagar a aparelhagem e os foguetes.

O padre não se faz pagar pelos seus serviços.

É uma festa em pequena escala.

### **Angariação de meios**

O “ramozito”, como o informante o designou, é um dos meios utilizados na obtenção de fundos.

As dádivas em dinheiro são de pouca monta.

### **Perpetuação**

Os festeiros de um ano (três pessoas) escolhem os festeiros do ano seguinte. Os nomes são nomeados pelo padre no fim da missa de Pentecostes. Até esta altura constituem segredo. “Até se costuma dizer: ah tu não pagaste então para o ano faze-la tu.” As mulheres podem ser nomeadas festeiras.

Se algum festeiro se recusar a festa é feita por dois elementos.

### **Outras festas da comunidade**

Festa da Senhora do Almortão, festa de Santo António, festa de São Pedro e festa da Nossa Senhora do Rosário.

Antes do incêndio na igreja era costume levar o pendão do Espírito Santo à festa da Senhora do Almortão. Agora não participa. Na altura ia-se de burro, a pé ou de carroça. Enfeitavam-se os burros. Marcava-se uma hora para a concentração no recinto da festa, depois “vestia-se a bandeira” e o povo de Oledo seguia atrás dela até à capela. “Custa ver, agora, ir a de Idanha-a-Nova e de Alcafozes<sup>61</sup> e a nossa não ir.”

A festa de Santo António realizava-se no dia de Santo António. Agora realiza-se no primeiro domingo de Agosto. Houve alteração da data por causa das férias dos emigrantes. Esta festa é feita por nove pessoas: três residentes em Oledo, três residentes em Lisboa e os três restantes em França.

A festa de São Pedro é a festa do padroeiro. Actualmente, além da parte religiosa, realiza-se apenas uma tourada. “Como a terra é pequena deixou-se de fazer a festa de São Pedro para só se fazer a de Santo António quando cá estão os emigrantes.”

No passado “não podia haver festa de São Pedro sem haver tourada. Os touros vinham da casa do marquês da Graciosa e da casa do senhor Trigueiros Aragão. No primeiro dia vinham da casa do senhor marquês, porque o gado era mais forte. No segundo dia,

<sup>61</sup> De Alcafozes participa a Senhora do Loreto.

que o pessoal andava mais coiso, vinha da casa Trigueiros. Não se pagava pelos touros. Dava-se apenas de comer aos homens que vinham com o gado. Na véspera partiam daqui quatro ou cinco homens, com um saco de pão com chouriços e iam ajudar a buscar o gado. Agora paga-se cinquenta ou sessenta contos pelo aluguer dos touros que vêm de Flor de Rosa. A tourada é na rua. Por isso fecham as ruas que vão ter em frente da igreja.”

A festa de Nossa Senhora do Rosário realiza-se no último domingo de Maio. É automaticamente festeira desta festa a filha mais velha de cada casal. Para esta festa

realiza-se um ramo no dia 15 de Agosto<sup>62</sup>. No passado, ofereciam pães leves e chouriços. Agora dão dinheiro.

### Outros recintos religiosos

Igreja matriz e capela de São Sebastião (destruída).

### Observações

Existe uma rua do Espírito Santo.

### Informante

António Borrego Raposo, 58 anos, sacristão de Oleado (Oleado).

## 2.15. Penha Garcia (Idanha-a-Nova)

### Breve historial

“Dizem que o Espírito Santo foi roubado pelos monfortinheiros.” Actualmente a capela do Espírito Santo é usada como capela de velaturas.

### Capela

A capela do Espírito Santo situa-se no interior do perímetro urbano. Na época da sua construção é provável que se localizasse junto à entrada da povoação, no exterior da muralha. Foi objecto de obras para alargamento das ruas.

É um templo muito pequeno, constituído por dois espaços: nave e capela-mor.

A nave tem porta virada a poente, tecto pintado de azul e barra da mesma cor junto do pavimento que é de pimento. Entre a nave e a capela-mor há um arco triunfal, ogival e

com impostas, em granito pintado. O granito do arco tem profundamente lavrado um jogo do moinho<sup>63</sup>. A barra azul das paredes sobe e contorna o arco triunfal.

Sobre peanhas estão expostas na nave as imagens de São Lourenço, de Santo António e de Nossa Senhora do Rosário.

Da capela-mor sobressai uma pequena janela rasgada na parede sul e o altar muito simples em madeira. No altar estão expostas as imagens de Nosso Senhor dos Passos (nicho central), de São Sebastião e uma pequena imagem do Sagrado Coração de Jesus.

### Imagem

Não há imagem. No seu lugar está o Senhor dos Passos. Por esse motivo está-se a perder a anterior designação de Espírito Santo a favor da nova imagem (capela do Senhor dos Passos).

### Outras festas da comunidade

Festa de Nossa da Conceição e festa de Nossa Senhora da Azenha.

A festa da Nossa Senhora da Conceição realiza-se no domingo mais próximo de 15 de Agosto. É a festa da padroeira. Há arraial com música de conjunto, foguetes, quermesse e ranchos folclóricos.

A festa da Nossa Senhora da Azenha é uma romaria que se realiza no segundo Domingo de Setembro. Penha Garcia divide com Monsanto a organização da festa ( ver 2.13).

### Outros recintos religiosos

Igreja matriz, capela de São Sebastião (destruída) e capela de São Lourenço (destruída).

### Observações

Existe uma travessa do Espírito Santo.

### Informantes

Júlio, sacristão de Penha Garcia e Maria Luisa Morais, 69 anos (Penha Garcia)

<sup>62</sup> Esta data coincide com a maior afluência de pessoas à aldeia.

<sup>63</sup> Existe uma gravação idêntica sobre afloramento granítico no interior do castelo de Idanha-a-Nova e num bloco do chão da capela de São Miguel, em Monsanto (HENRIQUES, 1982).

## Bibliografia

HENRIQUES, 1982.

HENRIQUES, 1993.

RECONQUISTA, n.º 2074, 11 de Outubro de 1985:4.

## 2.16. Proença-a-Nova

### Breve historial

CATHARINO (1933:122) diz o seguinte acerca do Espírito Santo de Proença-a-Nova:

*“Antiga capela, situada na parte nascente do largo 5 de Outubro (a grande festa dos proenceses é feita ao Divino Espírito Santo, no Verão em dia não fixo).*

*Sem rendimento próprio, a festa é feita com o produto dos taboleiros e fogaças que as devotas capricham em ofertar e que são vendidas em leilão no dia da festa.”*

“Isto desapareceu tudo. Já não se faz nada disto. Há trinta e sete anos quando cá cheguei e tomei conta da freguesia já nada existia. Lembro-me de alguma coisa porque nasci cá. Era uma festa tipo popular onde apareciam adufes, cantavam e dançavam, tudo admissível é claro”, diz-nos o padre Alfredo.

### Capela

Mantem-se o enquadramento atrás mencionado. A nordeste da capela, a poucas centenas de metros, passa um ribeiro e existe uma fonte denominada fonte das Três Bicas.

A capela do Espírito Santo, provavelmente um dos mais antigos templos de Proença-a-Nova, tem-se mantido aberta ao culto.

Em 1993-94 recebeu melhoramentos no telhado. Cerca de doze anos antes foram recuperadas as paredes “mas eu não queria morrer sem ver o tecto também arranjado e tenho sofrido tanto por causa disso...” afirmou-nos a zeladora.

A capela está electrificada mas não tem contador de luz, para evitar o pagamento da respectiva taxa. A luz é oferecida, sempre que necessário, por uma vizinha.

### Imagem

A actual imagem do Espírito Santo foi comprada pelo padre António Cardoso Sequeira. “Andava na altura com obras na igreja e por desconhecimento trocou a imagem antiga por uma imagem moderna que lá está”, esclarece o padre Alfredo.

Informaram-nos posteriormente “que a imagem antiga foi para Portalegre, depois veio esta”<sup>64</sup>.

A actual imagem do Espírito Santo “saiu apenas uma ou duas vezes na procissão, depois partiu-se um pouco e a partir daí deixou de se levar. Além disso é muito pesada”, palavras da zeladora da capela. As poucas vezes que saiu em procissão era levada por homens que envergavam opas vermelhas. Segundo o padre esta imagem não participa nas procissões porque nunca houve esse hábito além de que a constituição dela não o permite por ser em terracota.

A imagem é limpa com “um paninho molhado e depois passa-se com um pouco vinho branco.” E esclarece: “já era costume da minha avó”<sup>65</sup>.

A imagem do Espírito Santo é ornamentada com flores, de preferência cravos vermelhos, ou vermelhos e brancos. Quando não os há podem ser rosas vermelhas e brancas.

Não há bandeira do Espírito Santo.

### Devoção

Em Proença-a-Nova a designação mais frequente para o Espírito Santo é Divino Santo ou Pai Eterno. Designações menos comuns mas também ouvidas pelos informantes são O Altíssimo, O Divino, O Misericordioso e O Bendito.

As pessoas recorrem ao Espírito Santo por uma grande aflição na vida e para terem sucesso nos exames escolares.

“Há alguns anos atrás havia aqui um padre que era professor no colégio e trazia todos os anos os alunos aqui, à capela, para fazerem uma novena ao Espírito Santo para que ficassem bem nos exames.” “Vinham pedir ao Espírito Santo que os iluminasse, para terem boas notas”, diz a zeladora.

Segundo o padre Alfredo, habitualmente não se acendem velas ao Espírito Santo. “Nós próprios temos defendido a pureza da devoção. Isso de acender velas a um santo não custa nada. A vela a acender-se somos nós e a ficar lá algum tempo somos nós. É muito fácil acender uma vela e ir-se embora. Isso não custa nada.”

<sup>64</sup> Chama-se a atenção para o facto da imagem do Espírito Santo de Monforte da Beira ter ido também para o museu do seminário de Portalegre.

<sup>65</sup> Prática idêntica tinham com a imagem de São Sebastião em Sobreira Formosa (HENRIQUES, 1993).

Informa, a zeladora da capela, que os devotos oferecem azeite para a lamparina que ilumina a imagem e dá para o ano inteiro. “No dia do Espírito Santo todas as pessoas vêm trazer uma fita ao Divino Espírito Santo e todos dão também uma esmola.”

Ainda há grande devoção ao Espírito Santo por parte das pessoas da vila.

A uma das informantes foi perguntado: o que é o Espírito Santo? Reflectiu um pouco e respondeu: “é um mistério tão grande que não sei definir.”

### Festa

“Tiveram até há poucos anos grande pompa, em Proença-a-Nova, e poderiam classificar-se de «Festas da Vila» em virtude da grande concorrência de fiéis e da variedade de divertimentos que as comissões respectivas porfiavam em apresentar, as festas promovidas em honrado divino Espírito Santo, que tem a sua capela própria na Devesa.

Além da novena nos dias que precediam o domingo de Pentecostes, realizavam, no próprio domingo da festa, a «alvorada» com filarmónica, foguetes e toques de sinos.

Pela tarde vendiam as fogaças (doces, fruta, pães-de-ló, etc.) que, levados ao ombro dos homens ou à cabeça das raparigas, acompanhavam a procissão, que percorria as principais ruas da vila.

A venda era feita em leilão, revertendo o produto para as despesas dos festejos e obras de conservação da capela.

O povo divertia-se nos bailes que se realizavam no largo da Devesa onde, ao som de adufes, se cantava também o divino Espírito Santo.

Velho amigo recolheu e enviou-me as seguintes quadras, que eram entoadas com música própria:

- |   |   |   |  |
|---|---|---|--|
| 1 | <i>Divino Espírito Santo<br/>Aqui Vos venho trazer<br/>Uma pequena fogaça<br/>Que bem me custou a fazer.</i>                                  | 2 | <i>Divino Espírito Santo<br/>Olhai por mim, olhai<br/>Sou filha de uma viúva,<br/>Sou orfã não tenho pai.</i>      |
| 3 | <i>À porta Espírito Santo<br/>Nascem flores amarelas;<br/>Sobem os anjos ao Céu<br/>A pedir pelas donzelas.<br/>À porta do Espírito Santo</i> | 4 | <i>Vamos moças, vamos todas<br/>Bem vestidinhas de branco<br/>Vamos fazer oração<br/>Ao divino Espírito Santo.</i> |

*Nasceu uma laranjeira;  
Ditosa daquela alma  
Que lhe colhe a primeira.*

- 5 *Divino Espírito Santo  
A Vossa capela cheira  
Cheira a cravos, cheira a rosas,  
Cheira a flor de laranjeira.*

- 7 *Divino Espírito Santo,  
É tarde, eu quero sair,  
Deitai-me a vossa bênção,  
Que sem ela não me hei-de ir.*

- 9 *Divino Espírito Santo,  
Pegai-me cá pela mão;  
A ladeira é comprida  
Não me ajuda o coração.*

- Divino Espírito Santo,  
Está a olhar para a porta;  
Está a ver se entra  
Alguma Sua devota.*

- 11 *À porta do Espírito Santo  
Nascem flores encarnadas;  
Sobem anjos ao Céu  
A pedir pelas casadas”  
(DIAS, 1967:93-96).*

Quando do trabalho de campo em Proença-a-Nova recolheu-se apenas uma quadra das referidas por Jaime Lopes Dias. É a sexta quadra. Ao nível da musicalidade é semelhante à que é cantada na Senhora do Almortão.

Ouvimos entretanto o *Bendito* e *Louvado* cuja letra e musicalidade é semelhante ao cantado no Ladoeiro.

*Bendito e louvado sejam  
O Santíssimo Sacramento da Eucaristia  
Fruto do ventre sagrado*

- 6 *Divino Espírito Santo  
Olhai o que diz o mundo:  
Detrás do Vosso altar  
Está um pego sem fundo.*

- 8 *Divino Espírito Santo,  
Divino Amparador,  
Amparai a minha alma;  
Quando deste mundo for.*

- 10 *Divino Espírito Santo,  
Está olhando para a rua;  
Está vendo se vê entrar  
Alguma devota Sua.*

*Da virgem puríssima Santa Maria*<sup>66</sup>.

Segundo VILHENA (1995:391) *“nenhuma das minhas informadoras, mesmo as mais idosas, se lembram de festa alguma desse género. Lembram-se apenas de um grupo de mulheres que iam prestar homenagem ao Espírito Santo de um modo curioso: abriam a porta da capela, certamente rezavam alguma oração e, cá fora, cantavam e dançavam, tocando adufe (que ainda existe em casa da Ti Carma Padeira e a que chamavam pandeiro) e castanholas.”*

Actualmente, da festa resta a novena que se inicia nove dias antes do domingo de Pentecostes. A missa, que se realiza na capela, já não tem lugar no domingo de Pentecostes mas no sábado. No domingo de Ramos faz-se, nesta capela, a benção dos ramos e segue-se em procissão para a igreja.

No passado, a “malta miúda” começava a tocar o sino da capela do Espírito Santo cerca de um mês antes do dia de Pentecostes. Faziam fila para tocar o sino. Nos domingos tocavam-no mais que nos outros dias. O sino estava dias inteiros a tocar. Esta prática terminava no domingo de Pentecostes<sup>67</sup>.

A festa profana durava apenas um dia. Cantava-se, dançava-se e bebia-se vinho. Para o efeito eram montadas tabernas na Devesa. A festa religiosa começava, como se afirmou, nove dias antes.

Eram os homens que organizavam a festa (contacto com o fogueteiro e com a filarmónica) sempre sob a orientação do padre.

A procissão progredia em sentido contrário ao dos ponteiros de um relógio. Os homens iam à frente e as mulheres atrás. Também na capela havia separação por sexos.

As fogaças a que se refere Jaime Lopes Dias eram constituídas por carne assada, azeite, pão, pão-de-ló, bolos vários e vinho.

A festa do Espírito Santo não mobilizava pessoas das aldeias vizinhas.

### **Angariação de meios**

<sup>66</sup> Quando o padre era chamado a administrar a extrema-unção, fora da terra, as mulheres acompanhavam-no cantando o Bendito e Louvado até ao limite povoação. Havia um toque especial do sino que anunciava o evento. Chegados ao limite da povoação o padre dava a benção do Santíssimo Sacramento e seguia. As mulheres voltavam para trás.

<sup>67</sup> Existia prática semelhante pela festa dos Reis em Tinalhas.

De alguns anos a esta parte a zeladora da capela fica com o dinheiro das dádivas ao Espírito Santo, incluindo as do dia de Pentecostes. Ela e uma outra senhora têm uma conta própria na Caixa Geral de Depósitos. São também-responsáveis pelas despesas da capela, incluindo as obras. Esta retenção de verbas foi acordada com o pároco.

“Agora para as obras tenho pessoas que me deram 25 000 e 20 000 escudos. Eu descaradamente peço a este e àquele e todos dão esmola.”

A este respeito convida-se o leitor a consultar Jaime Lopes DIAS (1967:93-96).

### **Outras festas da comunidade**

Festa em honra da Nossa Senhora do Rosário de Fátima, festa em honra da Purificação de Nossa Senhora, festa do Sagrado Coração de Jesus, festa em louvor de Santo António, cerimónias da Semana Santa e festa em honra de Nossa Senhora do Rosário.

Festas em honra da Nossa Senhora do Rosário de Fátima realizaram-se em 22 de Outubro de 1949, com missa, sermão e procissão (BEIRA BAIXA, 1949).

A festa em honra da Purificação de Nossa Senhora é uma festa de cariz religioso (BEIRA BAIXA, 1952a).

Da festa do Sagrado Coração de Jesus há notícia de se ter realizado no dia 3 de Setembro de 1950 (BEIRA BAIXA, 1950).

A festa em louvor de Santo António é religiosa e profana (BEIRA BAIXA, 1951). As cerimónias da Semana Santa realizaram-se em 1952 (BEIRA BAIXA, 1952b).

Finalmente, da festa em honra de Nossa Senhora do Rosário há notícia de se ter realizado em Outubro de 1948 e em 1952 com missa cantada e procissão (BEIRA BAIXA, 1948).

### **Outros recintos religiosos**

Igreja da Misericórdia, capela de Santo António, capela de São Bartolomeu, capela de São Sebastião, capela de São Lourenço, capela de São Francisco de Borja (demolida), capela de São Domingos (demolida) e capela da Senhora das Neves (demolida em 1911 - situava-se em frente da capela de São Sebastião).

Templos situados noutras povoações: capela de São Roque - Caniçal Cimeiro; capela de São Bento - Corujeira; capela da Nossa Senhora da Conceição - Cabeço do Moinho; capela de São Gens - Moitas; capela da Senhora das Dores - Cimadas Fundeiras; capela de São Sebastião - Vergão (capela particular); capela da Nossa Senhora do

Carmo - Corgas; capela de São Miguel - Eiras; capela de São Marcos -Pergulho; capela da Nossa Senhora de Fátima - Vergão; capela da Nossa Senhora da Piedade - Vale de Água; capela da Nossa Senhora da Guia - Vale d'Urso; capela de São Lourenço - Casais (edificada em 1969).

### Observações

O padre Alfredo coloca a hipótese de ter existido uma confraria do Espírito Santo.

Existe Misericórdia em Proença-a-Nova.

Ao contrário de Sobreira Formosa, em Proença-a-Nova não é costume haver garraizadas ou touradas.

A capela existente na aldeia do Malhadal tem como orago a Rainha Santa Isabel (RECONQUISTA, 1948).

Guilhermina Farinha é a actual zeladora da capela do Espírito Santo. Antes dela foi zeladora a sua mãe e antes da sua mãe a sua avó.

### Informantes

Padre Alfredo Dias, 73 anos, natural e residente nesta vila (Proença-a-Nova), Guilhermina Lopes Farinha, 65 anos (Proença-a-Nova), Benedita Lopes Farinha, 60 anos (Proença-a-Nova), Martinho Cardoso, 68 anos (Proença-a-Nova), Patrocínia da Conceição Tavares, 73 anos (Proença-a-Nova).

### Bibliografia

BEIRA BAIXA, n° 591, 23 de Outubro de 1948.  
 BEIRA BAIXA, n° 643, 22 de Outubro de 1949.  
 BEIRA BAIXA, n° 690, 16 de Setembro de 1950.  
 BEIRA BAIXA, n° 730, 23 de Junho de 1951.  
 BEIRA BAIXA, n° 762,9 de Fevereiro de 1952:2.  
 BEIRA BAIXA, n° 774, 3 de Maio de 1952:4.  
 BEIRA BAIXA, n° 797, 11 de Outubro de 1952:4.  
 CATARINO, 1933.  
 DIAS, 1967.  
 HENRIQUES, 1993.  
 RECONQUISTA, n° 1994, 24 de Fevereiro de 1984.  
 VILHENA, 1995.

## 2.17. Proença-a-Velha (Idanha-a-Nova)

### Breve historial

Depois da demolição da capela a imagem do Espírito Santo foi para a igreja matriz. Daqui foi levada por um padre para a casa paroquial, onde se manteve vários anos. Há cerca de três ou quatro anos o sacristão, com o consentimento do padre, foi buscá-la para a igreja. “Agora já para lá não vai. Se há-de lá estar só a ver ratos fica aqui, como já tinha estado cá noutros tempos”, diz o sacristão.

### Capela

Havia capela do Espírito Santo a nordeste da povoação, na saída para Medelim. Um cruzeiro assinala o sítio.

Junto à antiga capela passava um ribeiro que se foi tornando num vazadouro de dejectos. Actualmente está coberto com placa de cimento.

A capela foi demolida depois de entrar em ruínas. Um nicho existente na parede exterior da capela foi transferido para uma casa vizinha. Com o alargamento da rua e a demolição da casa o nicho foi transferido para uma das paredes norte do edifício do centro de dia.

### Imagem

A imagem do Espírito Santo é de madeira (foto 50) e encontra-se num altar lateral, do lado da Epístola, da nave da igreja matriz. No mesmo altar estão São José, Santa Filomena e Nossa Senhora da Conceição.

A imagem está sentada sobre um cadeirão cujo espaldar imita uma cobertura de cabedal. A imagem não utiliza os braços do cadeirão para apoiar os seus. Esta imagem apresenta tez muito escurecida e bigode, barba e cabelo pretos. O couro cabeludo está parcialmente coberto com uma tiara. O pluvial é vermelho no exterior e cinzento no interior. A alva é cor de laranja, a estola escura e os sapatos pretos. Notam-se vestígios de cingulo. O dedo indicador da mão esquerda está partido.

A cruz tem os quatro braços. Na parte superior do braço vertical tem a inscrição JNRJ. Jesus Cristo está crucificado, com a cabeça ligeiramente flectida para a direita e olha o solo. Sobre a inscrição está uma pequena pomba de cor cinzento-azulada com as asas fechadas. A imagem necessita reparação.

### Estandarte

“O Espírito Santo ainda tem dois estandartes mas muito esfarrapados.” Devido às más condições em que se encontram já não saem nas procissões. “Os dois tinham lá desenhado uma pomba.” As bandeiras descritas são do tipo mais antigo (semelhantes às de Idanha-a-Nova, de Idanha-a-Velha e de Segura). “As pessoas punham fitas na Bandeira.”

### Devoção

Actualmente a imagem quase não tem devotos. Ocasionalmente oferecem uma garrafa de azeite para iluminar a imagem. Não há qualquer preocupação em escolher flores de tipo e cores específicas para o altar onde está o Espírito Santo. Pai Eterno é outra designação que pode tomar a imagem do Espírito Santo.

Não há memória de ter existido confraria do Espírito Santo. O informante lembra-se apenas da confraria da Misericórdia e da confraria do Sagrado Coração de Jesus.

### Festa

Actualmente não se faz festa. “É que morreu a comissão que fazia a festa.” A imagem também não sai nas procissões. No passado, “há muito mais de quarenta anos”, saía em procissão no dia de Pentecostes, juntamente com outras imagens. Nessas alturas os homens que levavam o andor vestiam opas vermelhas. A festa era só no dia de Pentecostes. “Havia banda, foguetes e à noite faziam um pequeno arraial.” A festa era organizada por três festeiros, todos eles do sexo masculino. Além dos festeiros havia os mordomos que os ajudavam a levar a bandeira.

A bandeira saía todos os domingos da Páscoa ao Pentecostes e em cada semana ficava em casa de um mordomo.

“Havia também uma coroa”, diz o informante. Questionado acerca do seu paradeiro respondeu que terá sido roubada num dos muitos assaltos que a igreja foi alvo.

A perpetuação fazia-se pela “linha da rua.” A riqueza ou o prestígio não eram tidos em conta na escolha dos novos festeiros. “Por vezes até eram os mais humildes.”

“No passado havia um alferes, havia almoços e havia uns versos, mas isso era no tempo que a capela estava boa. Até davam umas voltas com a bandeira à frente da porta da capela.”



Foto 50. Imagem do Espírito Santo de Proença-a-Velha

A angariação de meios para a festa revestia-se de duas modalidades: “faziam ramo do Espírito Santo e tiravam esmola pelo povo.” O dinheiro assim obtido destinava-se a pagar a banda.

### Outras festas da comunidade

Festa do Senhor do Calvário, festa da Senhora da Assunção e romaria da Senhora da Granja.

Em 3 de Setembro de 1950 houve festa, com missa cantada e sermão, em ara do Senhor do Calvário tendo, nesse dia, sido inaugurado o alpendre da capela. À noite realizou-se arraial (BEIRA BAIXA, 1953).

Em Janeiro de 1953 realizou-se uma “*imponente festa em honra da Sagrada Família.*” “*À tarde efectuou-se o ramo para a festa do Senhor do Calvário cuja mesa estava repleta de ofertas que foram vendidas por bom preço*” (RECONQUISTA, 194).

Segue-se parte de um pequeno texto elaborado há alguns anos pelo informante, a propósito da festa da Senhora da Assunção. Foi lido na rádio Voz de Monsanto.

*“A festa da Quinta-feira da Assunção em Proença-a-Velha passou a ser comemorada no Domingo seguinte à Quinta-feira...”*

*...Na Quarta-feira da Assunção algumas mulheres com cestos iam pelas quintas à procura de rosas. Estas rosas eram desfolhadas e as pétalas eram aventadas sobre os altares da igreja e sobre a custódia que estava exposta nesse dia...*

*...Os rapazes na Quinta-feira, logo de manhãzinha iam aos ninhos dos passarinhos apanhavam-nos e deitavam-nos a voar no coro da igreja à hora do terço. Por isso o povo diz:*

*Se os passarinhos soubessem  
Quando era a Assunção  
Não comiam nem bebiam  
Nem punham os pés no chão.*

*Depois do almoço vários grupos de jovens iam pelos campos, e eram muitos nesse tempo, iam para o campo com os instrumentos musicais e alguns até com o lanche. Por lá cantavam e dançavam trazendo depois para casa algumas espigas. Por isso agente lhe chama a Quinta-feira da espiga.”*

A quinta-feira da Assunção é dez dias antes do domingo do Espírito Santo.

A romaria da Senhora da Granja realiza-se anualmente na segunda-feira de Páscoa (1º dia) e oito dias mais tarde (2º dia).

*“Os homens de Aldeia de Santa Margarida reuniram-se no dia 11 de Abril, no recinto de Nossa Senhora da Granja, para manterem a tradição de conviverem oito dias depois da realização da Santa Padroeira de Proença-a-Velha.*

*No recinto dos festejos marcava presença o borrego, o bom vinho da região e o queijo que serviram de refeição aos presentes.*

*... O almoço convívio juntaram-se também pessoas de outras aldeias vizinhas, num total de cerca de 70 homens”* (RECONQUISTA, 1994).

### Outros recintos religiosos

Capela de São Sebastião (destruída, no seu lugar foi construído um chafariz), capela do Pai Eterno (transformada em casa particular, o seu lugar é hoje assinalado por um nicho existente no exterior da casa), capela de Santo António (em uso), capela do Senhor do Calvário (em uso), capela da Senhora da Granja (está em uso e situa-se no campo) e igreja da Misericórdia (“há quem diga que é a segunda mais antiga do país, primeiro é a de Lisboa e depois esta”).

### Observações

A igreja matriz teve uma imagem da Rainha Santa Isabel que se partiu.

No passado houve touradas no largo do Curro. Os touros eram emprestados pelos grandes lavradores desta área. As ruas que davam acesso ao largo eram fechadas com carros de bois e as portas fechavam-se comum taipal.

### Informante

José Trolho, 78 anos, sacristão, o pai do sr. Trolho também era sacristão (Proença-a-Velha).

### Bibliografia

BEIRA BAIXA, nº 690, 16 de Setembro de 1950.  
BEIRA BAIXA, nº 812, 24 de Janeiro de 1953:2.  
HENRIQUES, 1993.  
RECONQUISTA, nº 2510, 22 de Abril de 1994.

## 2.18. Rosmaninhal (Idanha-a-Nova)

## Breve historial

A capela do Espírito Santo foi provavelmente construída, ou beneficiada, em 1620, data lavrada no granito do púlpito. Informam ter já servido como pocilga.

Em 1936 a capela do Espírito Santo substituiu a igreja matriz durante a reparação desta última.

Houve Misericórdia. Dela apenas resta a capela.

## Capela

A capela do Espírito Santo está implantada no centro da Devesa. A Devesa é um dos quatro bairros do Rosmaninhal. Os outros bairros são o São Pedro, a Vila e o Arrabalde. Cerca de 100 metros a norte situa-se o poço da Devesa.

No exterior a capela apresenta um elevado número de grossos contrafortes, nas paredes norte e sul. Tem a porta principal voltada a poente e a porta secundária virada a sul. A capela-mor é iluminada por uma pequena fresta aberta na parede sul.

É uma capela de grandes dimensões com tecto, em madeira, em três planos.

A meio da nave existe um púlpito com escadas em granito, ambos guarnecidos de balaústres em madeira. O púlpito tem inscrita a data 1620. O chão está forrado de azulejo. Há vários bancos, sem genuflexórios. Em cada uma das portas, do lado direito da entrada, existe uma pia de água benta. Actualmente estas pias estão cobertas com cal e tinta. Num passado, não muito distante, a nave estaria dividida em duas partes. As paredes norte e sul da nave mostram ainda vestígios dessa divisão. A parte mais próxima da porta principal seria reservada aos homens, enquanto a parte mais próxima da capela-mor seria ocupada pelas mulheres. Esta última parte ocupava cerca de quatro quintos da nave.

Um arco em granito, forrado a cal, separa a capela-mor da nave. Ainda na nave, de cada um dos lados do arco, estão as imagens do Sagrado Coração de Jesus e da Nossa Senhora do Carmo.

O chão da capela-mor está revestido com um estrado de madeira com cerca de 20 centímetros de altura. Sobre o estrado e fixos no interior do arco existem dois conjuntos de balaústres que separam a capela-mor da nave. Entre cada uma das balaustradas há um espaço para circulação. No passado este espaço seria fechado por um cancelo.

O nicho que alberga a imagem do Espírito Santo está pintado com cores fortes e de um modo muito *naif*.

O centro do altar é ocupado pela imagem do Divino Espírito Santo e lateralmente pela imagem da Senhora de Fátima. Em frente desta última imagem há um ex-voto em cera com a configuração de uma menina.

A sacristia tem porta voltada a poente. No seu interior pode observa-se um sacrário, um grande armário e uma arca onde se guarda o esquite do Senhor. Estes bens vieram da Matriz quando da sua reconstrução.

A capela continua aberta ao culto realizando-se missa com certa regularidade. É ainda utilizada para a catequese.

## Imagem

A imagem do Espírito Santo é em pedra (foto 51) “por isso não sai nas procissões.” Possui coroa aberta com uma grande cruz sobre a cabeça. A tez é um pouco escura. A barba e o cabelo estão pintados de castanho. As feições da imagem são orientais. O pluvial é vermelho debruado a dourado. A alva é em branco sujo. A estola está pintada sobre a alva e pressente-se a existência de cingulo. Os sapatos são pretos.

A cruz não tem o segmento superior que é substituído pela pomba. Recentemente para fixarem a pomba colocaram-lhe uma base de gesso. A pomba é de um branco sujo e está fixada assimetricamente. Jesus Cristo está pregado na cruz com cabeça coroada de espinhos e virada à direita. A tanga é branca e muito curta. É uma imagem muito ensanguentada. Vêem-se as barras laterais do cadeirão. Esta imagem deve ter já sofrido várias pinturas.

As zeladoras da capela tentam que as flores do Espírito Santo e do Santíssimo Sacramento sejam vermelhas.

## Bandeira

Há notícia de ter existido uma pequena bandeira do Espírito Santo. Acompanhava os romeiros do Rosmaninhal à festa de Santa Madalena. Esta bandeira “tinha uma pomba de um lado e do outro as palavras «Espírito Santo».”

## Festa

No passado a festa do Espírito Santo tinha doze festeiros e havia distribuição de tremoços. “Era uma grande festa.” Ninguém a conseguiu reconstituir. Actualmente apenas se diz missa.



Foto 51. Imagem do Espírito Santo de Rosmaninhal.

### Promessas

A devoção manifesta-se na oferta de garrafas de azeite para iluminar a imagem, sempre associadas a promessas.

### Outras festas da comunidade

Havia nesta localidade uma confraria do Espírito Santo. Anualmente, deslocava-se com as suas insígnias à festa de São Domingos (capela existente entre Zebreira e Rosmaninhal), na terça-feira após o domingo de Páscoa. Por desavenças os povos de Zebreira e Rosmaninhal a festa terminou em 1891.

*“...Realizou-se na capelinha do Espírito Santo servindo de Matriz a esta freguesia a festa do Sagrado Coração de Jesus...” (RECONQUISTA, 1950).*

*Na segunda-feira de Páscoa é costume realizar-se a romaria da Santa Maria Madalena que localmente toma apenas a designação de Santa.*

*No passado “... Pela tarde, no regresso, realizam velho costume, corridas de cavalos na Quelha do Espírito Santo.*

*Reunidos todos os cavaleiros, desafiavam-se e correm dois a dois. O que, na primeira corrida, consegue ganhar desafia um terceiro, um quarto, um quinto, e assim sucessivamente até ao apuramento final.*

*O que ganha até ao fim fica todo o ano orgulhoso e é apontado nas feiras e nas festas, e tanto nas da localidade como nas das redondezas.*

*O cavalo ou a égua vencedores são chamados o amo ou a ama” (DIAS,1948:126).*

*“Tiveram brilho invulgar, este ano, as festas tradicionais da Páscoa com a sua Romaria, que há três se vinha reduzindo á missa votiva para um punhado de devotos na sua ermida...*

*E tudo aconteceu graças á generosidade do casal Lobato Carriço - Domingos Mendes... e por ter levado a sua generosidade ao ponto de nada querer para custear as enormes despesas mas tudo destinar para a urgente reparação da vetusta capela do Espírito Santo...” (RECONQUISTA, 1972).*

### Outros recintos religiosos

Igreja matriz, igreja da Misericórdia, capela de Santa Marina (há muito destruída, HENRIQUES, 1993:72), capela de Santa Maria Madalena, capela de São João, capela

de São Pedro, capela de São Roque e capela de São Tiago (em 1505 há notícia de ter existido no sítio da Fonte da Telha).

### Observações

No passado, no dia 30 de Maio, havia uma grande feira. Fazia sempre parte da feira uma “chega de bois.” Os bois eram propriedade dos grandes lavradores desta área. Estes bois tinham o privilégio de pastarem pelo meio do “pão” e pelo meio das cevadas. Os lavradores queriam-nos gordos e suficientemente fortes para derrotar os restantes.

A “chega de bois” dava-se na Devesa. O público gritava e incitava os animais.

Na noite de Natal havia nesta terra cinco fogueiras: no Adro, na Guarita, no Espírito Santo, na Misericórdia e em São Pedro.

Entre os varões não havia grupo etário ou social específico para ir buscar o madeiro do Natal. Mas eram, geralmente, os adultos jovens a fazê-lo. Os madeiros eram transportados em carros de bois que eram emprestados pelos proprietários.

Neste mesmo período, a rapaziada de onze, doze ou treze anos ia à rama. Isto é, “íamos às azinheiras e desgarrávamos as pernadas e trazíamos as pernadas de rasto até ao Espírito Santo, para quando fosse a noite de Natal atear os madeiros. Porque só com ramos é que se pode atear os madeiros. A gente arranjava então aquele monte de ramos e por vezes até os vínhamos aqui ao Arrabalde roubá-la. Até os madeiros chegávamos a roubar aos outros. Os madeiros da Misericórdia e do Espírito Santo nunca eram roubados. Eram roubados os da Guarita e os do Adro porque era a descer até aqui em baixo.”

Tinha esta terra, assim como muitas outras da raia, o privilégio de não se poderem fazer soldados por estar próxima de Castela e da praça de Alcântara. Era um privilégio real.

### Informantes

Amélia Pinheiro (Rosmaninhal) e Mário Lobato Chambino, 36 anos (Rosmaninhal).

### Bibliografia

BEIRA BAIXA, n° 130, 7 de Outubro de 1939:6.

CHAMBINO, 1989.

DIAS, 1944.

DIAS, 1948:126.

HENRIQUES, 1993:72.

LOBO, 1988.

RECONQUISTA, n° 273, 23 de Julho de 1950:4.

RECONQUISTA, n° 1401, 1972:5.

## 2.19. Salvaterra do Extremo (Idanha-a-Nova)

### Capela

Não há capela do Espírito Santo.

### Imagem

Fizeram-se três tentativas fracassadas para observar a imagem do Divino Espírito Santo. Em virtude da igreja matriz se encontrar em obras as imagens foram colocadas na igreja da Misericórdia. A chave desta igreja está na posse de um particular.

### Estandarte

A bandeira, de estilo antigo, foi confeccionada em tecido adamascado vermelho com franja amarela em todo o seu perímetro, excepto do lado da haste (foto 52).

Uma das faces não tem qualquer motivo. A outra face tem no centro uma pomba, em pleno voo, vista de baixo para cima. É uma pomba bordada a branco com demarcação das asas, da cauda e de algumas penas a preto. Está em mau estado de conservação.

A bandeira tem um conjunto de fitas que as pessoas oferecem, por promessa.

A bandeira esteve “toda a vida” na posse da população. Recentemente foi entregue à Igreja. O que significa que morreu todo o ritual que envolvia a coroa e a bandeira.

Não foi possível observar a coroa por estar também no interior da igreja da Misericórdia.

### Festa

Não há qualquer actividade festiva ligada ao Espírito Santo. A missa e a procissão do Espírito Santo estão dependentes da disponibilidade do padre.

Até há poucos meses a coroa e a bandeira estavam na posse de um casal. Ambas as insígnias participavam nas procissões. A coroa era levada pela pessoa que a tinha em casa e a bandeira pela pessoa a quem se havia solicitado e a quem se oferecia almoço. Outras vezes o marido levava a bandeira e a mulher a coroa. Isto “porque há só velhos e os pouco novos que há não têm interesse pela Igreja.”

Quando a coroa saía era enfeitada com cravos e levada dentro de um açafate, de verga, forrado com um pano bordado.

“Deixei a bandeira porque já não podia e nem a minha mulher me podia ajudar. Falei então com o senhor padre e disse-lhe «a quem quer que eu entregue a bandeira» e ele disse-me para eu a entregar na igreja.”

No passado, recente, quando a bandeira saía de casa para a igreja, ou voltava a casa, cantava-se o *Bendito e Louvado*.

No regresso da bandeira, à porta de quem a tinha “os rapazes mediam-se para saber qual é que conseguia dar mais voltas com a bandeira no ar [voltar]. Às vezes estavam lá uma hora e mais. Quem dava mais voltas com a bandeira não ganhava nada era só o dizer de ter dado mais voltas à bandeira.”

A bandeira do Espírito Santo abria as procissões. Recentemente passou a ser a bandeira da Nossa Senhora da Consolação a fazê-lo.

### Outras festas da comunidade

Festa de Santo António e festa da Nossa Senhora da Consolação.

Em relação à festa Nossa Senhora da Consolação achamos útil transcrever o seguinte texto.

*“O grande cortejo [ida do povo de Salvaterra ao bodo da Senhora da Consolação em Morfortinho], com pendões e cruces, em que se incorporavam carros, carroças, cavaleiros e peões, com a bandeira do Espírito Santo à frente seguia, mal o sol despontava, vagarosamente (que outra coisa não permitia os velhos caminhos) a cumprir o voto, a rezar, e a dar aos pobres e a todos os que quisessem servir-se, pão, caldo, vinho, e carne em abundância”* (DIAS, 1948:135).

Transcreve-se também a descrição do bodo feita em 1961 por Arménio Nunes Folgado.

*“Quem por estrada se dirige a Salvaterra do Extremo encontra à esquerda, já muito perto da aldeia, uma capelinha ali construída em honra da Nossa Senhora da Consolação para cumprir o voto feito em momento de grande aflição.*

*Ali se realiza todos os anos, em Segunda-feira de Pascoela, a festa, vulgarmente conhecida por festa do bodo, que, pelas suas características é, talvez, única do país. Dela vamos dar aos nossos leitores uma ideia geral.*

*Estava-se em 1880. A primavera findava. As searas a aloirar e as árvores cobertas de frutos era um encanto para a vista e uma promessa de colheitas abundantes.*

*Porém, vindo não se sabia de onde, enormes bandos de gafanhotos invadiram os campos e como uma praga, iniciaram a sua obra de devastação. Em pouco tempo as árvores começaram a estar despidas e os trigais arrasados.*

*Apesar da luta sem tréguas em que toda a população se empenhou, nada detinha os gafanhotos.*

*Sentindo-se impotentes, os homens levantaram os olhos para o céu a invocar o auxílio divino e a protecção de Nossa Senhora da Consolação, com a promessa de uma grande festa durante a qual seria distribuído aos pobres um lauto bodo. E a promessa tem-se cumprido. Durante alguns anos os festejos realizaram-se na vizinha povoação de Monfortinho, até há pouco anexo de Salvaterra do Extremo, onde se deslocavam quase todos os habitantes desta freguesia, utilizando os mais variados meios de transporte.*

*Mas por volta de 1905, reconhecendo os incómodos da viagem (cerca de 15 quilómetros por caminho velho) alguns proprietários mandaram edificar a capela de Nossa Senhora da Consolação e a festa começou a realizar-se em Salvaterra do Extremo.*

*O fundamental do programa das festas é um grande jantar (grande pelo número de pessoas que nele tomam parte) servido ao ar livre no qual se consomem apreciáveis quantidades de alimentos.*

*Segundo a informação de festeiros de vários anos, gastam-se em média, 550 quilos de carne, 55 a 60 alqueires de trigo transformados em pão, 120 quilos de arroz, 65 quilos de chouriço e toucinho, 750 a 800 litros de vinho, além de azeite necessário.*

*Mas de onde vêm todos estes géneros?*

*Logo a seguir ao tempo das eiras os festeiros nomeados começam a percorrer a freguesia, em vários Domingos, a pedir o trigo e dinheiro para a compra do vinho.*

*Na semana a seguir ao Domingo de Páscoa os festeiros visitam os arraiais e choças dos pastores onde fazem o peditério do gado: ovelhas, cabras, borregos. Fazem-se acompanhar de borrachas com vinho e de tabaco. Dois dedos de conversa, um golo de vinho e uma cigarrada fazem com que proprietários e pastores contribuam com a rez mais gorda.*

*Ao mesmo tempo as festeiras vão às casas mais abastadas da aldeia onde recebem chouriços, toucinho, azeite, arroz, etc.*

*Chega o Domingo de Pascoela. Logo de manhã procede-se à matança do gado e durante todo o dia continuam os preparativos para a refeição do dia seguinte: lavagem de tripas, migar da carne, etc.*

*É tradicional a visita que os mais abastados fazem, à tarde, ao recinto que serve de cozinha onde os festeiros lhe oferecem um petisco: rins grelhados, pão e vinho.*

*Quando os espíritos começam a estar alegres aparecem as cozinheiras que se dirigem a cada um dos presentes cantando quadras improvisadas de boas festas no que são acompanhadas pelo som do adufe que elas tocam num ritmo apropriado à música que, entoam. As gorjetas dão entrada num cofre comum e são depois distribuídas por todas.*

*No dia da festa já muitos pobres vão almoçar ao «bodo» tripas cozinhadas com arroz e outras miudezas.*

*Ao meio dia a imagem da Nossa Senhora da Consolação, que na véspera fora trazida para a igreja matriz, é conduzida procissionalmente até à capela. À frente um enorme guião levado pelo mais possante dos festeiros. Todo o povo acompanha procissão entoando cânticos.*

*Depois da missa, algumas bacias com alimentos, o pão e o vinho são colocados sobre uma toalha muito branca, estendida sobre a relva, e a imagem é conduzida a percorrer o recinto, à volta da improvisada mesa, para que abençoe os alimentos.*

*A procissão recolhe à capela. Inicia-se então a parte mais característica dos festejos: o jantar.*

*Grupos e grupos de pessoas, geralmente reunidas por famílias, munidos de colher e garfo, tomam lugar no recinto, sentadas em pequenas pedras.*

*A comida é-lhes fornecida em bacias de lata de onde todos comem: primeiro, arroz com chouriço e toucinho e depois ensopado, tudo cozinhado em grandes panelas de ferro e em caldeirões que são, assim como as bacias, propriedade da Santa.*

*Homens transportando cestos cheios com fatias de pão circulam por entre os grupos a fazer a distribuição e outros, munidos de grandes caldeiros de cobre e de copos de lata percorrem constantemente as diferentes «mesas» oferecendo vinho de que todos se servem à discrição. A algazarra aumenta à medida que as caldeiras se esvaziam, mas a pipa é grande e todos sabem que o vinho não se acaba. Podem beber até fartar porque «o vinho de nossa Senhora não emborracha.»*



Foto 52. Bandeira do Espírito Santo de Salvaterra do Extremo

*Acabada a refeição, o povo dispersa e vai folgar. Mas as caldeiras continuam circular pelo arraial. Bebe-se mais. Observa-se aqui e ali os efeitos do vinho; mas decorre ordeiramente.*

*A comida sobra sempre e os pobres das freguesias vizinhas que acorrem a Salvaterra atraídos pela fama de mesa farta no dia do bodo, são convidados a satisfazer appetite.*

*Ao fim da tarde todos regressam à aldeia acompanhando as bandeiras, porque a imagem da Santa, essa fica na capela, virada para os campos como que a lançar sobre eles as suas bençãos para que as árvores frutifiquem abundantemente e as searas amadureçam livres dos gafanhotos” (RECONQUISTA, 1961).*

Acerca do bodo ver também MESQUITA (1984: 57-59).

### **Outros rescintos religiosos**

Igreja matriz, igreja da Misericórdia e capela da Senhora da Consolação.

### **Informantes**

Bonifácio Ramos Marques, 70 anos (Salvaterra do Extremo).

### **Bibliografia**

BARGÃO, 1945.

DIAS, 1948.

HENRIQUES, 1993.

MESQUITA, 1984.

RECONQUISTA, n° 831, 9 de Abril de 1961.

## **2.20. São Pedro do Esteval (Proença-a-Nova)**

### **Breve historial**

Existe na igreja matriz uma imagem do Espírito Santo. Esta imagem não participa nas procissões nem lhe fazem festa. Foi restaurada há cerca de dois ou três anos aquando das obras de recuperação da igreja.

A imagem teria vindo de uma capela da qual apenas restam vestígios, troços de parede muito larga. O local, ermo na actualidade, é conhecido por Espírito Santo. As ruínas, completamente cobertas de grandes estevas, situam-se num suave plano inclinado voltado a nascente, à beira de um caminho de terra batida, que dá actualmente acesso a Vale Canhestro. Este local fica a cerca de 1 000 metros a nor-nordeste da actual igreja

matriz de São Pedro do Esteval e a 100 metros a este do depósito da água que serve a povoação.

É uma imagem pela qual não parece haver grande devoção. Não há cumprimento de promessas a esta imagem.

Há referências orais à existência de uma igreja (Igreja Velha) que antecedeu a actual igreja matriz. O local foi visitado. Actualmente observa-se, à superfície, grande quantidade de placas de xisto que indiciam restos de construção, abundantes fragmentos de tijoleira, fragmentos de telha mourisca e esquirolas ósseas. O local ocupa uma pequena cumeada e está plantado de oliveiras de médio porte.

O lugar da Igreja Velha situa-se cerca de 200 metros a sul do depósito de água referido. Está, por isso, relativamente perto (cerca de 200 metros) do sítio do Espírito Santo.

Não parece que as áreas do Espírito Santo e da Igreja Velha tenham sido ocupadas em extensão. Julga-se, por isso, que os dois templos estariam mais ou menos isolados e dariam apoio a um conjunto de pequenos aglomerados populacionais situados em redor (Picoteira Fundeira, Picoteira do Monte, São Pedro do Esteval e Vale Canhestro).

Antes da penúltima reparação da igreja a imagem do Espírito Santo tinha uma localização diferente. A própria igreja tinha outra disposição. A porta principal estava voltada para nascente. Nessa área fizeram um acréscimo e implantaram a capela-mor. Na fase anterior a capela-mor estava no lado poente da nave. Entre a nave e a capela-mor existe um arco em granito. Era sobre este arco, no alto, que estava a imagem do Espírito Santo.

Actualmente, após as últimas alterações, a porta principal ficou virada para poente e a imagem do Espírito Santo ocupa uma pequena capela, na nave, do lado do Evangelho.

Outras figuras sacras da igreja de São Pedro do Esteval são Nossa Senhora de Fátima, São Pedro, São Paulo e o Sagrado Coração de Jesus.

### **Imagem**

A imagem do Espírito Santo (foto 53) não difere da generalidade das imagens da Santíssima Trindade já observadas. Como se disse, foi recuperada há pouco tempo.

“Ele vem tão bonito que de certeza que o trocaram”, disse uma senhora. É imagem constituída pelo idoso, pela pomba e pelo Cristo Crucificado. A curiosidade desta imagem reside na sua assimetria. Tendo em conta a linha média, os ângulos formados pelo ombro esquerdo e pelo ombro direito são substancialmente diferentes.

O idoso está sentado sobre uma cadeira constituída apenas pela parte anterior e pelas duas laterais; não tem face posterior. O pluvial é vermelho com um friso decorado a dourado. A alva é de cor rosa com castanho, muito suave, à mistura. As barbas são cinzentas. A tiara é vermelha debruada a dourado tendo no seu topo um globo com uma pequena cruz. A pomba, de cor branca, está presa ao peito da imagem.

A cruz com o Cristo crucificado assenta sobre uma calote esférica de cor azulada.

### Bodo

O bodo realizava-se no domingo imediatamente anterior (3º domingo de Agosto) ao dia de São Bartolomeu (24 de Agosto). Ainda hoje se realiza a festa do Bodo, na mesma data. Há missa, procissão e um baile, animado por um conjunto musical. Conta com a participação dos familiares que estão fora, “mas... já não matam o boi.” Hoje a festa é organizada pelos adultos jovens, solteiros ou casados.

No passado o bodo surgiu do cumprimento de um voto pelo afastamento de uma praga de gafanhotos.

O bodo consistia na matança de um boi que era comprado pelos festeiros e morto numa enorme azinheira que existia na Tapada do Bodo. Este local situa-se hoje no interior do perímetro urbano da aldeia. Eram atribuídas propriedades terapêuticas ao sangue do boi degolado. Era regra os participantes lavarem as feridas com o referido líquido.

Segundo Assunção VILHENA (1995:96) “as pessoas que sofriam de «mal de fígado» e lhes gretava a pele das mãos, principalmente, iam à “Tapada” lavar as mãos no sangue quente do boi e saravam.”

Os participantes do bodo ofereciam quantidades variáveis de trigo. Em troca recebiam um bocado de carne, crua, proporcional à esmola que haviam feito e uma “merenda” (pequeno pão de trigo tipo carcaça).

A exemplo de outros bodos (como o de Salvaterra do Extremo) atribuíam a estas merendas qualidades especiais (“não apodreciam nem se estragavam”) e tinham mais a finalidade de serem guardadas do que serem ingeridas. Protegiam a família ou a casa? Tinham finalidades terapêuticas? Eram as mulheres que guardavam anualmente estas merendas.

As pessoas vinham de longe para assistir ao bodo. “Chegavam a vir do outro lado do Tejo.” O responsável pelo bodo era o último casal que se havia casado na freguesia. “O bodo morreu porque houve um casal que não o fez num ano e depois nunca mais o fizeram.”



Foto 53. Imagem do Espírito Santo de São Pedro do Esteval.

Neste bodo não participavam mendigos. “Só vinham pessoas que tinham promessas.”

Esta versão difere ligeiramente daquela que é apresentada por Jaime Lopes DIAS (1948:154).

### Outras festas da comunidade

Em São Pedro do Esteval, no dia 22 de Fevereiro, era comemorado o dia da Cadeira de São Pedro. Este dia era considerado dia santo. “A comida dos animais e das pessoas era levada na véspera para casa.” Nesse dia faziam-se ofertas (em géneros) a São

Pedro ainda que as ofertas referidas revertessem todas a favor do padre local. As pessoas iam, directamente, levar as esmolas a casa do padre e não à igreja. Outras festas da freguesia são: o São João, festejado na aldeia do Padrão e o Sagrado Coração de Jesus, festejado na Lameira d'Ordem.

### Observações

Na freguesia vizinha de Peral (Proença-a-Nova) a confraria das almas canta “*os reis, em noites de luar, próximo da Quaresma*” (DIAS, 1967:84). Uma das quadras refere-se especificamente ao Espírito Santo:

“Divino Espírito Santo  
Da Corte celestial,  
Vimos pedir prás almas,  
Que elas Vos hão-de ajudar” (DIAS, 1967:85).

### Informantes

João Vicente Dias, 68 anos (São Pedro do Esteval), Joaquim Alves, 81 anos (São Pedro do Esteval), Luis Cardoso Marques, 56 anos (São Pedro Esteval) e pároco de São Pedro do Esteval.

### Bibliografia

DIAS, 1948.  
DIAS, 1967.  
VILHENA, 1995.

## 2.21. São Vicente da Beira (Castelo Branco)

É possível que nesta localidade tenha existido, associada a uma albergaria (CASTELO BRANCO; 1990:8), uma capela ao Divino Espírito Santo.

## 2.22. Sarnadas de Ródão (Vila Velha de Ródão)

### Breve historial

Em 1979, quando o Núcleo Regional Investigação Arqueológica realizou uma campanha de prospecção arqueológica na área de Sarnadas de Ródão, foi recolhida, sobre esta capela, a seguinte versão: “...esta área da povoação sempre foi conhecida por Espírito Santo mas ninguém se lembrava de ter aqui existido capela.

A capela do Espírito Santo era uma arrecadação da igreja onde guardava o material dos funerais (esquife, opas e lanternas). Mas quando há mais de setenta anos o pedreiro José António, falecido, procedia a obras no recinto veio a descobrir na parede sul o altar com a imagem do Espírito Santo.”

A imagem e o altar estavam emparedados e perfeitamente camuflados, por um pano de parede. A partir dessa altura voltou a ser a capela do Espírito Santo.

### Capela

A capela do Espírito Santo situa-se no interior do perímetro urbano de Sarnadas de Ródão. É possível que à data da sua construção ocupasse uma posição marginal, na entrada sul da povoação. Hoje, a capela forma um gaveto entre duas ruas.

A fonte da Pernada está a cerca de 200 metros a norte da capela. No passado foi uma fonte de chafurdo. Depois colocaram-lhe uma bomba manual e agora está ligada à rede pública.

A capela é um pequeno recinto com cerca de 45 metros quadrados. Tem duas aberturas para o exterior: a porta, virada a nordeste, e uma janela, na zona do altar-mor, virada a norte.

O pavimento está forrado com lajes O tecto, em três planos, está revestido a madeira pintada de cor-de-rosa. As paredes têm mais de um metro de espessura. Estão pintadas a branco com uma barra de cor cinzento-azulado.

Não há nenhum elemento que faça a separação entre o altar-mor e a nave.

O espaço é pobre em mobiliário: bancos simples, bancos com genuflexórios e uma pequena mesa de apoio às actividades religiosas. Uma tira de alcatifa forra o solo que vai da porta ao altar. O altar existente é de placas de xisto e cimento. A cobri-lo tem uma grande laje de xisto azulado da região. O nicho da imagem é em granito de grão fino e ocupa a parte central da parede do fundo. No centro do nicho há uma penha onde assenta a imagem.

O recinto não tem luz eléctrica nem água canalizada.

### Imagem

A imagem, em madeira, foi restaurada há pouco tempo. A figura do idoso assenta sobre um cadeirão com espaldar e apoios para os braços. Ambas as partes laterais do cadeirão têm um motivo rosáceo, em alto relevo, de cor dourada. É uma imagem confortavelmente sentada.

O couro cabeludo está completamente tapado pela tiara. A barba é cinzenta embora o rosto tenha aspecto jovem. O pluvial é vermelho-acastanhado decorado a dourado. Sob o pluvial tem a alva de cor branca decorada com pequenas flores azuis. A cruz e a pomba são recentes. As anteriores estavam em adiantado estado de degradação. A pomba assenta sobre o braço superior da cruz.

Presas ao braço superior da cruz e pendentes para cada um dos lados, da imagem, existem fitas vermelhas, oferecidas por devotos; são os próprios a colocá-las. Devido ao seu grande número a zeladora da capela vê-se obrigada a tirar algumas e a aguardá-las. Entre as fitas guardadas viu-se apenas uma branca, sendo vermelhas as restantes.

“Pertence ao Espírito Santo as flores serem vermelhas”, embora também se usem, de outras cores.

A limpeza da imagem é feita “com um paninho branco molhado.”

Os devotos do Espírito Santo continuam a oferecer-lhe velas. Muitas vezes é a zeladora que passa pela capela para as pôr a arder.

Actualmente não tem bandeira. Segundo uma das informantes parece ter existido uma no tempo do sr. padre José Neves.

A imagem é vulgarmente denominada Divino Espírito Santo. Há também pessoas mais velhas que o denominam O Misericordioso ou O Altíssimo Espírito Santo.

As pessoas continuam a oferecer dinheiro, velas, braços ou outros órgãos de cera ao Divino Espírito Santo, no cumprimento de promessas. Há quem prometa dar voltas à capela, de joelhos.

### Festa

No domingo de Pentecostes, se as condições meteorológicas o permitem, diz-se missa na capela. Quando chove a missa é dita na igreja porque a capela é pequena para tanta gente. No passado, além da missa, chegou a realizar-se procissão.

### Angariação de meios

A zeladora da capela entrega o dinheiro da caixa das esmolas ao conselho económico e paroquial da fábrica da Igreja. Segundo o pároco da freguesia, as dídivas não ultrapassam os 10 000 a 12 000 escudos anuais.

Há alguns anos atrás o estado de degradação da capela era acentuado e, como a Igreja não tinha meios, os vizinhos do Espírito Santo organizaram-se para a indispensável reparação. Actualmente todas as despesas inerentes à capela do Espírito Santo são incorporadas nas despesas da Igreja.

### Outras festas da comunidade

São Sebastião é o padroeiro, com festa no primeiro domingo de Setembro (HENRIQUES, 1993). A imagem do Espírito Santo participa na procissão da festa de São Sebastião. Na procissão é sempre transportado por homens “vizinhos do Espírito Santo”; os que residem perto da capela. São eles que se organizam e levam a imagem em procissão até à Matriz. De regresso, também em procissão, o padre, acompanhado, pela banda, leva o Espírito Santo à sua capela, fazendo o mesmo com a imagem de Santa Ana.

A capela do Espírito Santo era um dos locais sempre visitados, no sábado de Aleluia, quando se cantavam as alvíssaras.

*“Um dos antigos usos que ainda conserva este povo são as alvíssaras, que também se conserva em algumas outras aldeias da Beira Baixa.*

*No Sábado de Aleluia, pela meia noite, reúne-se quase todo o povo da aldeia junto da igreja matriz, cantando diversas estrofes, percorrendo depois todo o lugar, e repetindo esses cantos junto das diversas capelas, dando assim as alvíssaras a todos os santos pela nova aurora da Redenção”* (GOODOLPHIN, 1904:22).

Junto da capela do Espírito Santo cantam:

“Alevant-se, vigário  
erga-se, não durma tanto,  
que nós já vamos seguindo  
todos ao Espírito Santo.  
Divino Espírito Santo  
Ó! Divino amparador;  
Sêde amparo da minh'alma  
quando d'este mundo for.

Divino Espírito Santo  
a pombinha quer voar;  
quem fôra anjo do céu,  
quem pudesse acompanhar”  
(GOODOLPHIN, 1904:28-29).

Além das quadras anteriores uma das informantes cantou-nos a seguinte:

Divino Espírito Santo  
À vossa porta cheguei  
Tantos anjos me acompanhem  
Como de passadas dei.

As versões de Salles Viana incluídas nos jornais *Terras da Beira* e *Reconquista* semelhantes à de Goodolphin.

### Observações

No passado havia uma imagem sacra, em pedra, com cerca de 40 centímetros de altura. Esta imagem nunca foi identificada e não estava exposta. “Era uma imagem que metia medo e acontecia que as crianças da catequese iam espreitá-la no sítio onde estava e depois fugiam com medo.”

A capela do Espírito Santo já serviu de capela de velaturas, antes da construção de um recinto apropriado. A chave da capela está na posse de uma vizinha do Espírito Santo que tem a seu cargo a limpeza.

Na povoação existe a capela de Santa Ana na posse de um particular.

### Informantes

Ana Conceição Crespo (Ana Roberta), 69 anos (Sarnadas de Ródão), Dionísia Castelo, 76 anos (Sarnadas de Ródão), Maria da Saudade Belo, 54 anos (Sarnadas de Ródão) e Tomás Farinha, 59 anos, pároco de Sarnadas de Ródão.

### Bibliografia

AFONSO, 1985.  
DIAS, 1970.  
GOODOLPHIN, 1904.  
HENRIQUES, 1986.  
RECONQUISTA, n° 1132, 29 de Janeiro 1967.  
TERRAS DA BEIRA, n°7, 1 de Outubro de 1929.

### 2.23. Sarzedas (Castelo Branco)

#### Capela

#### “CAPELA DE S. PEDRO

*Ermida de modestíssima feição é das mais antigas de Sarzedas, sabendo-se que, devido ao seu estado, nela se fizeram obras em 1745; foi erguida junto, ou mesmo no local, da Capela do Espírito Santo, da qual não há qualquer vestígio. Á sua frente ergue-se o cruzeiro de 1603, adiante mencionado, cruzeiro que, se não fazia parte do conjunto da Capela do Espírito Santo e foi levantado aquando da construção da de S. Pedro, documentará, assim, a remota existência desta”* (OLIVEIRA, s/d: 121).

### Observações

Não persiste na memória popular qualquer informação relativa à capela do Espírito Santo. Além disso são desconhecidas, na freguesia, imagens do Espírito Santo. Não há menção a festejos entre a Páscoa e o Pentecostes.

**Bibliografia:** OLIVEIRA, s/d.

### 2.24. Segura (Idanha-a-Nova)

#### Breve historial

*“Na freguesia de Segura são muito antigas a devoção e as festas em honra do Espírito Santo”* (ANDRADE, 1949:332).

#### Capela

Não há capela do Espírito Santo.

### Imagem

Não há imagem do Espírito Santo. No passado parece ter existido imagem. “Mas passou por cá um padre que levou os santos velhos para um museu.” Mário de Andrade (1949) refere a sua existência na igreja matriz.

### Estandarte e outras insígnias

*“Têm uma bandeira em damasco encarnado, com duas oleografias, uma em cada face. A extremidade da haste da bandeira apresenta uma pomba em madeira, que se pode pôr tirar e que representa o Espírito Santo. A travessa horizontal onde é enfiada a bandeira é encimada por um silvado de flores encarnadas”* (ANDRADE, 1949:332).

A actual bandeira do Espírito Santo não é a descrita, mas é muito semelhante. A bandeira actual foi oferecida em 1992 por “um senhor que achou tanta curiosidade isto que disse caso o deixassem fazer a festa que ele compraria uma bandeira nova, porque a outra já estava muito velhinha.”

Retiraram da bandeira anterior a oleografia central. O tecido é damasco vermelho tendo como motivo de fundo o círculo, que se inscreve num quadrado que por sua vez se inscreve na cruz de Cristo.

É uma bandeira de estilo antigo semelhante, por exemplo, à de Monforte. Tem uma franja vermelha em todo o perímetro, excepto do lado da bainha onde entra a haste. Ao longo da travessa horizontal há uma cercadura com flores plásticas imitando rosas de Santa Teresinha.

No centro da bandeira, inscrita num cordão vermelho, há uma oleografia sobre couro (?) que representa o Pai Eterno com barba cinzenta, muito comprida, sem tiara, com pluvial azul e não vermelho, alva azul mais claro, com o ceptro na mão direita e um globo, com uma cruz, na mão esquerda. Está bem sentado num cadeirão espaldar alto. Por detrás do cadeirão partem raios de cor amarela. Sobre a cabeça do Pai Eterno e no interior de um raio mais largo está uma pomba. Estes motivos foram elaborados a partir de uma base de cor azul marinho.

A bandeira é sempre guardada de modo a não quebrar a figura.

Há fitas brancas na bandeira que são fixas com alfinete. Podem ter duas origens: ou são oferta de pessoas no cumprimento de promessas ou são oferta dos festeiros. É hábito cada festeiro que serve colocar uma fita na bandeira. Algumas fitas têm uma inscrição com frases como: “ao Divino Espírito Santo oferece Maria Isabel e José Manuel Soares”, ou, “Fátima Nogueira e família”, ou ainda, “oferta de Manuel e Ivone Fernandes - Segura 26.5.1985.”

Os festeiros de 1993 possuem uma fita que tem escrito: “... e ... oferecem em acção de graças ao Divino Espírito Santo.” A fita tem desenhada numa das pontas uma pomba em posição de voo, cinco flores vermelhas e ramagem.

A pomba do Espírito Santo coloca-se no topo da haste da bandeira. É de cor branca e de um tamanho menor que o natural. Sob as asas e sob a cauda está pintada de dourado. Possui um corpo um pouco arredondado, asas abertas, cauda curta, patas flectidas e o olhar virado para o solo. Para melhor ajustamento da pomba à haste existe uma peça, em madeira pintada de cor dourada, e um conjunto de cordões vermelhos.

A pomba é objecto sagrado por excelência. Não pode ser tocada directamente com as mãos. Para o fazer é usado um lenço branco, bordado em todo o seu perímetro. No interior, num dos cantos, há uma pomba, bordada a branco, com um ramo no bico, do qual pendem três frutos redondos.

Os homens que pegam nas borlas da bandeira levam, na outra mão, uma vara encimada por um ramo de flores de papel, de cor vermelha e ramagem verde.

### Devoção

O Espírito Santo é habitualmente designado O Divino e Divino Espírito Santo.

Pede-se ajuda ao Espírito Santo em situações de doença e “há cá uma rapariga que já se pôs duas vezes com o Espírito Santo por os filhos irem para a tropa.”

A devoção mantém-se viva porque a festa continua a realizar-se.

### Festa

A festa é feita por promessa. Por exemplo, há muitos anos a sogra da nossa informante prometeu uma festa ao Divino Espírito Santo, mas nunca houve oportunidade para o seu cumprimento. Estando hoje viúva, e com 75 anos de idade, o seu filho e a nora receberam que morresse sem a cumprir. Por isso, “pediram a vez a outras pessoas que estavam à sua frente.” Como a senhora já estava viúva foi a informante e o seu marido a “representá-la.”

A bandeira do Espírito Santo sai quatro vezes durante o ano: no domingo de Páscoa, na festa de Santa Marina (terça-feira de Páscoa), no domingo de Pentecostes e dia do Corpo de Deus.

Em cada uma destas saídas dá-se jantar aos doze mordomos do Espírito Santo, às doze mordomas e à população que aparecer. Para o efeito preparam-se três mesas em locais distintos. Os mordomos e as mordomas comem em casa, mas em sítios diferentes. A população come à porta de casa. A ementa das três mesas é semelhante e consta de tremoços, filhós e vinho. A mesa das mordomas tem sumo em vez de vinho e a mesa posta na rua raramente tem vinho.

Na sala onde comem os mordomos está exposta a bandeira do Espírito Santo, sem pomba. A pomba é retirada da bandeira e guardada logo que entra em casa. Em 1994 a pomba foi retirada a partir do primeiro andar e a bandeira entrou pela janela do rés-do-chão. “A pombinha só anda na procissão e na igreja.”

Ninguém pode entrar na sala onde os mordomos estão a comer, excepto a pessoa que os serve. Não importa o sexo da pessoa que serve à mesa mas é indispensável que seja sempre a mesma pessoa. Qualquer outra pessoa que entre na sala paga uma multa no valor estipulado pelo juiz. Em 1994 o valor era 500 escudos. Além desta importância cada um dava o que queria. Houve pessoas que entraram só para pagar a multa. “No último jantar os mordomos tiraram 12 contos.” O festeiro que serve nada tem a ver com o dinheiro da mordomia.

Nenhum dos comensais pode voltar as costas à bandeira, nem a pessoa que os serve. Para o conseguir tem que fazer várias arrecuas. Aquele que violar esta norma paga multa no valor estipulado pelo juiz. As multas são sempre em dinheiro e são cobradas imediatamente.

A toalha da mesa, os pratos, os copos e tudo o resto são obrigatoriamente de cor branca. Com a toalha branca pode utilizar-se material transparente. Este requisito só se verifica para a mesa dos homens. Não se aplica à mesa das raparigas.

Na mesa das mordomas a proibição, relativamente à entrada de pessoas na sala é semelhante à dos mordomos. “Mas no fim elas deram o dinheiro aos homens” esclarece a informante.

Em 1994 as pessoas que comeram no exterior foram as que acompanharam a bandeira do Espírito Santo até à casa do festeiro e não eram mordomos.

Cada uma das vezes que a bandeira chega a casa do festeiro as vizinhas e as amigas já estão preparadas com açafates de pétalas de flor, folhas de oliveira e arroz para lançar sobre a bandeira.

No dia do Espírito Santo a bandeira sai da casa do festeiro e vai para a igreja. Aí, integra-se na procissão que se realiza antes da missa. No fim da procissão entra na igreja e aguarda até ao final da missa. É neste dia a passagem da bandeira. Assim, terminada a missa, o festeiro velho vem com a bandeira e com os mordomos para o adro da igreja onde já o aguarda o festeiro novo. No momento da passagem da bandeira os festeiros velho e novo abraçam-se. A bandeira está entre eles. O festeiro novo pega na bandeira e fá-la voltar. Os assistentes dão então vivas ao Espírito Santo e ao festeiro novo. O festeiro com a bandeira, os mordomos e os familiares e amigos seguem a bandeira para casa do festeiro que acabou de receber a bandeira.

Durante o percurso de ida e volta da casa do festeiro para a igreja, e vice-versa, canta-se o *Bendito e Louvado*. Nestas ocasiões todos os elementos da mordomia

acompanham a bandeira. O festeiro leva a bandeira e dois mordomos pegam nas suas borlas. Há sempre muitos populares a participar no cortejo.

Os mordomos e o festeiro, enquanto andam com a bandeira e na folia, são portadores de uma braçadeira em veludo canelado com sete ou oito centímetros de largura, de cor vermelha, com a seguinte inscrição bordada: D. E. SANTO.

As mordomas usam uma faixa transversal de cor vermelha.

A missa e a procissão de domingo de Pentecostes é paga, facultativamente, pela pessoa que faz a festa. “Mas quase toda a gente paga.” Se o não fizer a confraria responsabiliza-se pelo seu pagamento.

É obrigação de todos os mordomos seguir sempre a bandeira nas procissões, durante a folia e participar nos jantares. Isto exige disponibilidade de tempo. “Os elementos da confraria são homens que estão reformados e vêm para cá.”

Actualmente não há tourada. No passado faziam no domingo do Espírito Santo uma garraia à porta da igreja da Misericórdia. O acesso ao largo era obstruído com carros.

As filhós são feitas com farinha, fermento, azeite, sal e travia. Não levam açúcar nem ovos. Para cada uma das quatro saídas há quem amasse 50 quilogramas de farinha. Para o dia de Páscoa fazem-se mais porque há muita “gente de fora.” Mulheres da família e amigas da festeira ajudam-na a preparar e a fazer as filhós, em contrapartida recebem o almoço.

É propriedade do Espírito Santo, sendo gerido pelos festeiros, um fogão industrial e dois grandes caldeiros que se utilizam para fazer as filhós. Estes bens foram doados por uma devota do Espírito Santo.

Depois de fazer as filhós para o dia de Pentecostes a festeira precisa de lavar e limpar todo o material de modo a entregá-lo, atempadamente, à festeira seguinte que servirá no dia do Corpo de Deus.

### Angariação de meios

A população ajuda o festeiro que faz o Espírito Santo. As pessoas raramente dão dinheiro; se o fizerem reverte a favor do festeiro. Em contrapartida dão vinho e géneros (azeite, óleo e farinha) para fazer as filhós.

Com o dinheiro das multas os mordomos compraram uma aparelhagem sonora para igreja e, em alguns anos, contratam um conjunto musical e realizam um baile para a população. Este baile tem lugar na noite de sábado para domingo de Pentecostes. Para

este baile cada uma das mordomas costuma fazer um bolo que é oferecido e leiloado. O dinheiro assim obtido reverte a favor do baile seguinte. Cada um dos bolos pode atingir o máximo de 20 000 escudos.

### Perpetuação

Existe uma confraria composta por doze homens e doze raparigas solteiras. Junta-se a este grupo o indivíduo que serve anualmente o Espírito Santo. Em 1994 só compareceram seis raparigas às cerimónias por falta de moças solteiras na aldeia. “Se aceitassem mulheres!” diz a informante. Os homens não estão condicionados pelo estado civil.

Os interessados em fazer a festa do Espírito Santo inscrevem-se junto dos elementos da confraria. Actualmente há uma lista de espera. “Depois eles [os da confraria do Espírito Santo] vão avisando «prepara-te que para o ano és tu».” Num passado muito recente durante um ano não houve festividades. Nesse ano as insígnias do Espírito Santo ficaram na igreja. Quando recomeçou, o festeiro deu apenas jantar aos mordomos, não houve tremoços nem filhós para a população. Fizeram a festa “só para a bandeira não ficar na igreja.”

### Festas da comunidade

Para conhecimento de outros detalhes acerca das festas de Segura ver ANDRADE (1949).

São festas religiosas e profanas a festa de Santa Marina, na terça-feira de Páscoa, e a festa da Nossa Senhora da Conceição, em 15 de Agosto.

A comissão da festa de Santa Marina é constituída por sete elementos masculinos, sendo três de Lisboa, um de Castelo Branco e três de Segura. Havia um ramo para esta festa, em Setembro, mas já não se faz. Aproveitava-se a época de férias e, conseqüentemente, um acréscimo da população residente.

Em 1949 realizaram-se as festas de Santa Marina. Esta festa era organizada por um juiz, um secretário e um tesoureiro, todos do sexo masculino, e por três festeiras do sexo feminino (BEIRA BAIXA, 1949).

A comissão da festa da Nossa Senhora da Conceição é constituída por três rapazes e três raparigas, todos solteiros. Destes seis elementos três devem residir em Lisboa e três em Segura. Até há pouco tempo cada rapaz e rapariga juntavam-se e faziam um ramo. Aqui, o ramo tem o sentido de fogaça e era leiloado.

São festas religiosas a festa de São Sebastião (20 de Janeiro), os festejos da Semana Santa (com procissões várias, lava-pés, a ceia dos mordomos da Misericórdia) e a festa de São Pedro (29 de Junho).

Na quinta-feira Santa os mordomos da Misericórdia, em número de doze, fazem uma ceia. Na sala onde esta se realiza ninguém pode entrar. A mesa é antecipadamente posta com a comida e todo o material necessário. Se faltar algo é um mordomo que se levanta e o vai buscar.

O jantar é feito na casa de um mordomo nomeado anualmente. Para a realização desta ceia a família do mordomo conta com a colaboração de várias mulheres voluntárias. Os mordomos bebem vinho mas não comem carne. Comem bacalhau, ovos, grão cozido, esparregado de couve, de nabo e de “ervas que vão buscar ao campo” e arroz doce.

O provedor é o chefe. “Mas correcto é chamar provedor ao mordomo que dá a ceia.”

A festa de São Pedro consta unicamente de missa e procissão. O dinheiro angariado dá entrada no conselho económico e social da Igreja.

### Outros recintos religiosos

Igreja da Misericórdia, capela de São Sebastião, capela de Santa Marina, capela de São Pedro (restaurada em 1994), capela de Santo António (transformada em arrecadação dos CTT) e capela de Santana (em ruínas).

### Observações

Segue-se a transcrição de um texto de Mário Marques de Andrade acerca da festa e confraria do Espírito Santo em Segura.

*“Compõe-se a Confraria de doze irmãos: juiz, alferes, secretário, tesoureiro oito mordomos.*

*Ao juiz pertence uma insígnia, que é uma vara delgada, com um metro de comprimento encimada por um ramallete de flores artificiais, e ao alferes a bandeira do Espírito Santo, que transporta em todas as festas e sempre que sai em procissão, sendo por isso mesmo o porta-bandeira.*

*Em todos os domingos e dias-santos, desde o domingo de Páscoa até ao Espírito Santo, no dia de Corpo de Deus e no dia de Todos-os-Santos, sai a confraria com a bandeira que durante todo o ano está guardada em casa do alferes.*

*A instituição não possui qualquer Compromisso ou Estatutos, mas segue um ritual que se tem transmitido de geração em geração.*

*A Confraria reúne sempre em casa do alferes, donde sai para a igreja, em procissão, a que se junta muita gente do povo e estranhos, como sucede no domingo de Pentecostes.*

*Logo que termina a missa conventual regressam a casa do alferes, onde é servida uma refeição aos elementos da confraria, em primeiro lugar, e, depois, ao público.*

*Só no domingo de Páscoa, que é a primeira vez do ano em que sai a irmandade Espírito Santo, o juiz lê a todos os confrades, antes de irem para a igreja, os seus deveres, que são os seguintes:*

*1º - Cada membro da Confraria deve apresentar-se na casa do alferes, engravatado, bem preparado, limpo e muito bem engraxado, e sempre antes dos sinos darem o sinal da terceira chamada para a missa.*

*2º - Voltar as costas à bandeira do Divino Espírito Santo, com excepção do alferes.*

*3º - Sentar-se ou levantar-se sem que o juiz dê a voz de «sentar» ou «levantar». 4º - Comer ou beber antes do juiz.*

*5º - Entornar vinho ou deixar cair migalhas de filhós.*

*O não-cumprimento de qualquer destes deveres é pago por meio de uma multa em dinheiro, sendo ainda o transgressor alvo de chacota dos restantes. As multas são pagas acto contínuo e cobradas pelo tesoureiro.*

*O primeiro a servir-se no comerete é o juiz, que depois serve o da direita, e assim sucessivamente até ao último. Nesta refeição o alferes, que tem detrás de si a bandeira do Espírito Santo, fica à esquerda do juiz. Os restantes lugares são ocupados, sem distinção, pelos mordomos.*

*O alferes tem que por na mesa: dois litros de vinho, dois charões ou bandejas de filhós e dois pratos de tremoços. O comerete resume-se a estas iguarias, servidas sempre com abundância e à discrição.*

*Quando a confraria se dirige para a igreja, vai cantando o «Bendito e Louvado»:*

*Bendito e louvado sejas  
O Santíssimo Sacramento  
Da Eucaristia,  
Fruto do Ventre Sagrado*

*Da Virgem Puríssima  
Santa Maria.*

*Dentro da igreja cantam uma vez o «Glória Patri.»*

*Assistem à missa, finda a qual regressam a casa do alferes, cantando o «Bendito e Louvado», acompanhados sempre de muita gente estranha à Confraria.*

*Chegados à residência do alferes, este, segurando a bandeira com ambas as mãos, voltei-a no ar cinco vezes, soltando o juiz um «viva» a cada volta, pela seguinte ordem:*

*Viva o Divino Espírito Santo!*

*Viva o nosso alferes!*

*Viva a mordomia!*

*Viva a bela sociedade!*

*Vivam todos quantos aqui estão!*

*A bandeira é introduzida na sala, onde vai ser servida, acto contínuo, a refeição de que se falou.*

*Findo o comerete, o alferes sai com a bandeira, que é encostada a uma janela ou varanda da sua casa, donde uma menina ou uma senhora tira a pomba, com a mão envolvida num lenço de seda, pois não é permitido tocar-se-lhe com as mãos nuas. Em seguida o juiz ajuda, com a sua vara, a subir a bandeira, que é introduzida em casa, sendo depois acondicionada por ele.*

*É então que o alferes abre a porta ao público, o qual, por sua vez, se banqueteia à vontade com as iguarias já referidas, bebendo vinho também à discrição.*

*Estas festas são sempre mais concorridas no domingo do Espírito Santo. Os nossos vizinhos espanhóis nunca esqueciam este dia e quando a passagem na fronteira era fácil, vinham, em grande número, para tomar parte no festim, a que chamavam «mesa franca».*

*No domingo do Espírito Santo a Confraria faz uma grande festa, preparada e organizada pelo alferes, cujas despesas correm por sua conta. É ajudado pelos restantes mordomos e pelo povo que acorre a sua casa, levando não só dinheiro, mas também os mais variados presentes, tais como galináceos, borregos, ovos, trigo, tremoços, azeite, farinha, etc., que vão sendo convertidos em dinheiro.*

*A festa compõe-se de missa cantada, sermão e procissão, com todas as imagens. Segue, o percurso do costume, isto é, Largo da Igreja, Amoreira, Rua da Amoreira, Rua de Santo António, Terreiro, Rua da Outeiro, Rua das Portas de Cima, Praça e Igreja.*

O sacerdote vai sob o pálio.

A lista dos novos irmãos, nomeados em segredo pelos que saem, é entregue ao pároco, que no fim do sermão a dá a conhecer ao público, lendo-a. Na procissão, e acompanhando a bandeira do Espírito Santo, incorporam-se também os nomeados, que tomam igualmente parte no comerete que se segue ao terminar a procissão.

A bandeira continua ainda na casa do alferes antigo até Quinta-feira do Corpo de Deus, dia em que se faz a entrega das insígnias aos novos irmãos. Esta cerimónia realiza-se antes da missa, em frente da porta principal da igreja, na presença de todos os mordomos, novos e antigos e de muita gente do povo que acompanhou a bandeira desde a casa do alferes.

Chegados ao local da cerimónia, o alferes que sai volteia a bandeira por três vezes, dando o juiz antigo um «viva» a cada volta, pela seguinte ordem: «Viva o Divino Espírito Santo! Viva o alferes velho! Viva a mordomia!», após o que ajoelham os dois alferes. O novo beija então a bandeira, que lhe é entregue pelo antigo. Os juizes ajoelham igualmente; o nomeado beija a vara, recebendo-a, em seguida, do antigo.

Assistem depois à missa, no fim da qual se segue o comerete para todos, mas agora já em casa do alferes novo.

A confraria do Espírito Santo sai no dia de Todos-os-Santos, só voltando a aparecer no Domingo de Páscoa do ano seguinte.

É costume cantarem alguns mordomos quadras à porta do alferes que entrou de novo, em sua honra e no da sua família. São do seguinte género:

Divino Espírito Santo,  
 Já tendes alferes novo,  
 Tomou conta da bandeira  
 Diante de todo o povo.  
 Divino Espírito Santo,  
 Meu raminho' de ouro fino,  
 Dai saúde ao nosso alferes,  
 Que ele se chama Rufino.  
 Divino Espírito Santo,  
 Meu raminho da camélia  
 Dai saúde ao nosso alferes  
 E também à sua Adélia.

Além da festa religiosa, no Domingo do Espírito Santo, realiza-se também uma tourada, organizada pelos mordomos em exercício.

Esta tourada é retribuída pelos novos, na segunda feira do Corpo de Deus.

Na quinta-feira d'Ascensão (dia da espiga») o povo de Segura assistia sempre a uma tourada promovida por um grupo de amadores aficionados pelo toureio" (ANDRADE, 1949:331-336).

### Informante

Maria Leonor da Conceição Ferreira Gil, 52 anos (Segura).

### Bibliografia

ANDRADE, 1949.  
 BEIRA BAIXA, n° 618, 30 de Abril de 1949.  
 HENRIQUES, 1993.

## 2.25. Sobral do Campo (Castelo Branco)

### Breve historial

Sobre a porta da capela do Espírito Santo está gravada a data 1721. Em 1994 estava em reparação.

### Capela

A capela do Espírito Santo situa-se no extremo ocidental da povoação.

No passado, no largo do Espírito Santo (adro da capela) havia uma grande nascente de água.

O templo tem duas portas abertas para o exterior: uma na fachada voltada a poente, outra na parede sul. O interior está dividido em três espaços diferenciados: nave, capela-mor e sacristia.

Na nave as paredes estão forradas, até cerca de um metro de altura, com azulejos fundo branco e motivos azuis. O tecto está revestido com placa de cimento. O pavimento é forrado com tijoleira. Na parede norte há um enorme nicho que contém o Senhor dos Passos. A parede sul, além da porta, tem uma janela. Do lado direito de cada uma das portas há uma pia de água benta incrustada na parede.

A separar a nave da capela-mor existe um arco triunfal, em granito.

A capela-mor tem o tecto semelhante ao da nave e pavimento revestido a placas de xisto e blocos de granito. Tem uma janela na parede sul e uma porta, que dá acesso à sacristia, na parede norte. O altar é em talha barroca com colunas salomónicas decoradas com uvas, seres alados e pássaros. De um e do outro lado do altar há uma pintura sobre tábuas. A tábuas do lado da Epístola representa o São João. A tábuas do lado do Evangelho representa uma freira (Rainha Santa Isabel?). Na parte superior do nicho do Espírito Santo há quatro rostos que o olham. Motivos semelhantes observam-se no frontal do altar com os rostos a olharem a nave. No fecho do altar há um escudo com uma pomba.

A sacristia tem uma porta para o exterior voltada a poente. É espaçosa. Tem móveis a necessitar de tratamento. Actualmente este recinto exerce as funções de capela de velaturas.

### Imagem

A imagem do Espírito Santo é relativamente pequena para o comum. Pelo seu peso é provável que seja uma imagem em pedra. Tem tiara com cruz no topo. O pluvial é vermelho no exterior e azul ou verde no interior, com debrum dourado. A alva parece ter sido branca ou dourada. Apresenta cingulo à cintura e estola cruzada sobre o peito. Agarra os extremos da cruz com os dedos. É uma imagem com aparência de velho com barba e cabelo cinzentos. A pomba, branca com tonalidades de cinzento, está sobre o segmento vertical da cruz. O cadeirão é grande com espaldar a imitar cabedal.

É uma imagem rica em dourados. Necessita de restauro. As zeladoras da capela limpam a imagem com clara de ovo. Bate-se a clara de ovo “em castelo” e limpa-se a imagem utilizando algodão.

### Estandarte

Não há bandeira do Espírito Santo.

### Devoção

No cumprimento de promessas as pessoas oferecem ao Espírito Santo fitas de seda, azeite (para o iluminar) e, mais raramente, figuras de cera. As fitas de seda apresentam um laço e são colocadas no pano que forra o andor, com a ajuda de um alfinete.

“As pessoas daqui têm mais fé no Espírito Santo e no São Sebastião.” “A gente quando tem uma aflição pedimos ao Espírito Santo para nos acudir, para nos valer na doença.”

### Festa

A festa do Espírito Santo é no último domingo de Junho. Nunca se conheceu outra data. É uma festa de dois dias (sábado e domingo). Há missa, procissão e arraial que tem lugar no largo fronteiro à capela (largo do Espírito Santo).

Nesta procissão não participam outras imagens sacras além do Espírito Santo. O seu sentido é contrário ao dos ponteiros do relógio. Nesse dia a imagem é decorada com cravos vermelhos e brancos.

### Angariação de meios

Tem havido grandes conflitos entre o padre e a população acerca da divisão do dinheiro da festa. Presentemente o conflito está resolvido: o padre fica com o dinheiro do andor e do cofre e os festeiros com os resultados da exploração laica da festa, não sendo obrigados a pagar os serviços ao padre.

Esta prática estende-se a todas as outras festas da comunidade. “Mas ele agora amola-se. O povo sabe que o dinheiro é todo para ele e já lá não o põem [no cofre e nos andores]” acrescenta um elemento da povoação.

### Perpetuação

No passado as festas eram feitas por ruas. Havia uma rua responsável pela organização da festa. No presente, a aldeia está dividida em quatro partes e cada uma das partes organiza todas as festas do respectivo ano.

### Outras festas da comunidade

São festas religiosas os festejos da Quaresma e a Semana Santa (encomendação das almas - primeira metade da Quaresma; Martírios do Senhor - segunda metade da Quaresma; procissões, etc.)

Têm carácter religioso e laico a festa de São Sebastião, a festa de Santo António e a festa da Senhora da Saúde.

A festa de São Sebastião realiza-se em dois tempos. O primeiro é dia 20 de Janeiro. O segundo é no primeiro domingo de Setembro. Qualquer deles é organizado pela confraria. Realiza-se uma procissão que percorre todas as ruas da povoação demorando em média quatro ou cinco horas. “Por vontade do senhor padre não se fazia procissão nenhuma, não gosta de procissões.”

A festa de Santo António realizava-se em Setembro. Foi depois transferida para Agosto por causa dos emigrantes. “É quando ela dá mais dinheiro.” É uma festa com a duração de quatro dias. E em 1994 teve um orçamento de 3 000 contos.

A festa da Senhora da Saúde realiza-se quinze dias após a Páscoa.

São festas laicas a festa dos Sebastões (20 de Janeiro), a festa dos Josés (1 de Maio), a festa dos Antónios (13 de Junho) e a festa dos Manuéis.

### Outros recintos religiosos

A igreja matriz, a capela de Santo António e a capela dos “Sarafanas” (particular).

### Observações

No passado iam cantar as janeiras à porta da capela do Espírito Santo.

### Informantes

António Veríssimo Cardoso, 57 anos, residente no Sobral do Campo há 12 anos e Maria do Carmo dos Reis, 74 anos (Sobral do Campo).

### Bibliografia

HENRIQUES, 1993.

## 2.26. Tinalhas (Castelo Branco)

### Breve historial

A capela do Espírito Santo, em 1882, foi recuperada da ruína em que se encontrava.

Em Janeiro de 1961 (dia da festa dos Reis) fez-se uma colecta no largo do Espírito Santo para substituir a sineta da capela do Espírito Santo que se encontrava partida. O resultado do peditório foi entregue ao padre (RECONQUISTA, 1961a).

Em Fevereiro de 1961 teve lugar a benção do sino novo da capela do Espírito Santo (RECONQUISTA, 1961b). Esta capela é actualmente usada como capela de velaturas.

### Capela

A capela do Espírito Santo está situada no lado sudoeste da povoação, no largo do Espírito Santo. É provável que à data da sua construção se situasse na periferia do aglomerado populacional.

É um edifício relativamente grande para o comum. A fachada possui um portado sóbrio, considerado renascentista, e sineta sobre a porta principal. No exterior, de cada um dos lados da porta principal, tem um cruzeiro em granito. Na parede sul existem cinco cruzeiros, em granito, quatro dos quais semelhantes aos da entrada principal.

A porta principal está virada a poente e a porta secundária virada a sul. Na fachada principal tem duas janelas rectangulares. No interior do templo, à direita da porta principal, há uma pia de água benta. O tecto é de três planos forrados a madeira pintada de azul. Está pavimentada com mosaicos. Ladrilhos de uma outra coloração configuram uma passadeira que vai da entrada principal ao arco triunfal. A nave está ocupada por bancos sem genuflexórios, cadeiras e um paravento montado junto da porta principal.

A dividir a nave da capela-mor há um arco em granito, com impostas.

A capela-mor mantém o pavimento original constituído por grandes blocos paralelepípedicos em granito. A nave tinha pavimento semelhante. Depois que começou a ser usada como capela de velaturas o pavimento original foi arrancado e substituído por mosaicos “para facilitar a limpeza.” Tem uma janela de tamanho razoável aberta na parede sul. O tecto é igual ao da nave.

O altar é em madeira pintada de branco com motivos dourados em relevo. Tem no topo uma pomba branca a olhar o solo. Existem também quatro “colunas” de tonalidade azul. Além da imagem do Espírito Santo existe, do lado da Epístola, a Nossa Senhora de Fátima e, do lado do Evangelho, o Sagrado Coração de Jesus.

### Imagem

A imagem é de madeira e ocupa uma posição central no altar (foto 54). Tem aspecto de ancião. Não tem tiara nem coroa. Em substituição tem, sobre a cabeça, um alfinete irradiando pequenos raios dourados. Tem cabelo e barba cinzentos e olhar fixo. O pluvial é vermelho no exterior e cor-de-rosa no interior. A alva é branca acastanhada. Ainda que não se veja reconhece-se a existência de cingulo. Apoia os braços sobre o cadeirão. A cabeça é assimétrica em relação à linha média do corpo. A pomba assenta sobre o segmento superior da cruz. Actualmente não sai nas procissões.

### Estandarte

Existe um estandarte do Espírito Santo na igreja matriz e continua a sair nas procissões.

### Devoção

Pede-se ao Espírito Santo que dê inteligência. Era frequente ver a mãe e o filho (aluno), na altura de exames, na capela do Espírito Santo. Há alguns anos, no cumprimento de promessas, davam-lhe azeite e acendiam-lhe velas.

Foi ouvida a seguinte reza/cântico a uma das informantes:

Meu Divino Espírito Santo

Meu Divino Salvador  
Salvai a minha alma  
Quando deste mundo for.

### Festa

*“...Desde tempos antigos, existe na freguesia a Confraria do Espírito Santo com capela própria; que igualmente existiu, até há pouco, a folia do Espírito Santo; que esta, todos os Domingos, desde a Ressurreição ao Pentecostes, tocava a alvorada com o tambor que figurava no Ah! que se chá!..., e que depois da missa conventual dava volta à povoação.*

*O Alferes levava a bandeira, o juiz fazia-se acompanhar da vara ou cetro, e os mordomos iam entoando as canções próprias da folia.*

*A confraria mantém-se ainda hoje com seu juiz, tesoureiro e mordomos que servem por um ano e escolhem os que lhe devem suceder no ano seguinte” (DIAS, 1955, 124-130).*

Nada do que Jaime Lopes Dias refere se observa actualmente.

A festa do Espírito Santo terminou há cerca de 50 anos. Constava de missa, procissão e arraial. A imagem do Espírito Santo era levada em procissão por homens envergando opas vermelhas. Eram quase sempre os vizinhos do Espírito Santo que o levavam na procissão. A procissão era aberta pela sua imagem. Seguiam-se os homens, o padre, a banda e por fim as mulheres. Agora não há missa na capela, nem dia de Pentecostes.

JORGE (1996:155-157) descreve a festa do Espírito Santo deste modo:

*“Os confrades tinham por hábito tocar o tambor nos dias de folia. Esta festa, meio sagrada, meio profana, servia para invocar a protecção divina contra as pragas e maleitas que infestavam os campos. Saía pela primeira vez no Domingo de Ressurreição e depois em todos os domingos, até ao dia do Espírito Santo, quando os confrades escolhiam os seus sucessores e o alferes percorria as ruas, indo de porta em porta, com a bandeira, que o povo aguardava para beijar pois era o símbolo do Espírito Santo. A folia cessava nesse dia e entregavam a bandeira, as lanternas e os distintivos ao alferes sucessor. A seguir a estas folias, que tinham música e versos apropriados, (...) seguia-se a Missa na Capela do Espírito Santo e uma procissão pelo povo. Nessa procissão o alferes levava a bandeira e o juiz a vara e o cetro e os mordomos entoavam cânticos próprios.*

*Na véspera do dia de Reis, dois irmãos da Confraria saíam, um vestido de frade e outro de freira, levando o primeiro um maço na mão e o outro uma caldeira e uma campainha.*



Foto 54. Imagem do Espírito Santo de Tinalhas.

*Batiam às portas dos moradores e pediam azeite para alumiar a lâmpada do Espírito Santo, durante todo o ano. Se alguém se recusava a abrir, com o maço arrombavam a porta. Crê-se que foi este peditório que deu origem ao Ah! Que se Cha!.*

### Perpetuação

A riqueza e prestígio não tinham influência na escolha dos mordomos do Espírito Santo. Estes mudavam anualmente mas eram quase sempre vizinhos do Espírito Santo. Os festeiros eram conhecidos publicamente no final da missa do domingo de Espírito Santo.

### Outras festas da comunidade

São outras festas desta comunidade a festa da irmandade da Nossa Senhora do Rosário, a festa da Rainha Santa, as festas de verão, a chocalhada de Santa Bebiana e a festa dos Reis.

Há notícia da existência da festa da irmandade da Nossa Senhora do Rosário nos finais de Setembro ou início de Outubro do ano 1967. Esta festa estava ligada à confraria da Nossa Senhora do Rosário que se venera na igreja matriz (RECONQUISTA, 1967).

A festa da Rainha Santa ou Rainha Santa Isabel realizou-se, pela primeira vez, no ano de 1924 (RECONQUISTA, 1959b). A capela fica a dois quilómetros de Tinalhas. Esta festividade tem carácter de romaria. Em 1959 o programa das festas incluía procissão das velas, para conduzir a Rainha Santa à sua capela, alvíssaras à Rainha Santa, alvoradas musicais e fogo no ar, missa, sermão e procissão (no local da romaria) e, finalmente, o encerramento dos festejos com procissão das velas para reconduzir a imagem à igreja (RECONQUISTA, 1959a).

Em 1994 por desavenças entre a população e o pároco, e posteriormente com o bispo, não se realizou a parte religiosa da festa da Rainha Santa Isabel.

As festas de verão realizam-se no segundo fim de semana de Setembro em louvor do Santíssimo Sacramento e de São Sebastião. A festa do Santíssimo era no domingo e continua a sê-lo. A festa de São Sebastião era na segunda-feira imediata. Recentemente passou a ser realizada no sábado anterior por proposta do padre o que mereceu a aceitação dos paroquianos. “Porque segunda-feira toda a gente quer ir trabalhar.”

Transcreve-se, seguidamente, um texto publicado no semanário RECONQUISTA (1966) acerca da chocalhada de Santa Bebiana.

*“Na nossa terra, S. Bebiana teve a mesma devoção que noutros locais a ter o tão falado S. Martinho. Isso mesmo: nem mais nem menos que advogada dos bêbados, ou melhor dito, das bebadas.*

*S. Bebiana é uma virgem romana de família nobre e cristã. Deu a sua vida, no século IV, em defesa da sua virgindade. Tem a sua festa litúrgica no dia 2 de Dezembro.*

*Pois era na véspera desse dia que, algumas horas após o pôr do sol, os rapazes e os homens se reuniam, tocando chocalhos e campainhas.*

*Organizado o cortejo, lá seguiam entre barulho ensurdecedor dos chocalhos, com o «pregador» à frente. Este, aqui e além, sobe a um balcão e declama os seus versos.*

*Entre outros registamos os seguintes:*

- |   |  |
|---|--|
| <p>1 <i>Meus irmãos, é dia da Santa<br/>As mulheres, p'ra enganarem os homens,<br/>Não bebem o vinho pelo copo,<br/>Mas sim pela cântara.</i></p> <p>3 <i>Na igreja são santas,<br/>Na rua dão ao rabo,<br/>À janela, umas bonecas<br/>E em casa... o diabo.</i></p> <p>5 <i>As mulheres, meus irmãos,<br/>Nem isso lhes dá canseira<br/>Para enganarem os homens<br/>Bebem vinho pela torneira.</i></p> <p>7 <i>Casar um homem neste tempo<br/>É grande, rematada loucura<br/>É abrir por suas mãos<br/>A sua própria sepultura.</i></p> | <p>2 <i>As mulheres meus irmãos,<br/>Não têm coração<br/>Para enganarem os homens<br/>Bebem vinho pelo garrafão.</i></p> <p>4 <i>A mulher é parecida<br/>Com a falsa e matreira mula<br/>Quem não quiser levar coices<br/>Nas mataduras não lhe bula.</i></p> <p>6 <i>As mulheres são como as maçãs<br/>Têm todas mau centro,<br/>São lindas por fora<br/>E muito podres por dentro.</i></p> <p>8 <i>Já Marco Aurélio, grande imperador<br/>Dizia ao senado romano:<br/>Estou casado há seis dias<br/>Já me parecem seiscentos anos.</i></p> |
|---|--|

*E as chocalhadas se vão alternando com as diversas quadras. No final, é nomeada a comissão para o ano seguinte: juiz a mulher mais bebada da terra; vogais, restantes que gostam do «copo».*

Actualmente já não se realizam os chocalhos de Santa Bebiana.

E sobre a festa dos Reis transcrevem-se os seguintes textos.

“São oito horas da noite. Véspera dos Reis Magos. Largo da capela do Espírito Santo em Tinalhas. A corda da sineta encontra-se partida pela criança, que a badalou todo o dia até à exaustão...”

... No interior da capela, uma bancada entre o altar-mor e o corpo da igreja. Os festeiros das festas de Verão (Setembro) tomam posições e preparam as filhós e os copos. Parte do vinho virá mais tarde, ao longo da noite. Passada uma hora, e após um breve ensaio apressado dos músicos com os instrumentos, chegados aos poucos, solteiros à frente e casados atrás, iniciam o cortejo à voz de comando da aparelhagem. Vai-se dar início à procissão dos Três Reis Magos, mais conhecida “Ah! que se chá.”

À frente deste cortejo, um gasómetro aceso ao alto (noutros tempos levado pelo homem mais alto) orienta o cortejo que vai percorrer tudo quanto é rua na aldeia. Durante este, que duraria cerca de duas horas, cantaram-se os seguintes versos, que alternavam entre o grupo de solteiros, à frente, e o de casados, atrás, num autêntico auto dos Reis Magos.

Todos os participantes iam com a cabeça descoberta, com os bonés na mão, com sentido religioso.

Conversando com o senhor José André, de oitenta anos, mestre que foi da Banda Filarmónica de Tinalhas, disse-nos a propósito da evolução desta festa, ao longo da sua vida, que ela teve grandes modificações “como o dia da noite.” E continua: “nada é como era dantes. Antigamente, por onde passava o 'Ah! que se chá' estava tudo iluminado. Às janelas colocavam-se luzes. A minha mãe não tinha candeia nem lanterna iluminava com uma pilha”...

...Na verdade, ainda pudemos verificar alguns pinheiros iluminados a luz eléctrica. Em frente de algumas casas, uma vela de cera na janela. Outras habitações todas iluminadas no interior, com janelas e portas abertas. “Quanto ao auto dos versos, antigamente cantava-se mais. Todos os homens e rapazes vinham participar Agora, poucos cantam.” “Isto é uma festa de homens casados e rapazes solteiros. No grupo dos solteiros já aparecem hoje algumas raparigas. No dos casados, nem uma mulher.”

Do confronto entre gerações surgiram muitas vezes zaragatas. Indagando a origem destas, o nosso interlocutor explicou-nos que “ninguém queria ficar por baixo, ninguém queria calar-se primeiro.” Noutros tempos, cantando sempre os mesmos versos, assim decorria o despique, ao longo de toda a noite, até se declarar um vencedor, no largo da capela, que não tinha madeiro aceso. Só muito recentemente este elemento foi introduzido...

“...Dantes era só um tambor, um bombo da música e um pífaro. Agora já há pratos, instrumentos de metal, cornetas. Durante este século, todos os anos se tem feito esta festa, em Tinalhas...”

Outro centro de interesse é a evolução do bodo oferecido a toda a população.

Hoje, quando termina o cortejo, todos entram na capela, e ali se convive com filhós e copos de vinho.

Antigamente, também se entrava para a capela após o cortejo, mas à medida que ia saindo, é que se dava uma filhó e um copo de vinho. Dentro da capela, não se comia nem se bebia.

“Sabe, naquele tempo” - informaram-nos - “não havia muitas filhós, vivia-se mal. Lutava-se por uma perna de filhó. Nem toda a gente as fazia. As casas mais abastadas é que davam as filhós e o vinho. Não se dava dinheiro. Agora, em vez de darem um pratinho de filhós só dão um garrafão de vinho e dinheiro. As filhós são mandadas confeccionar, anteriormente, pelos festeiros. Se o vinho cresce, é vendido aos taberneiros para as verbas serem gastas na festa de Verão” (RECONQUISTA, 1989).

“...Mas, quem em cinco de Janeiro passar, ao começo da noite, em Tinalhas, notará - perfeito contraste - que na povoação há vida, há animação, há movimento, há alegria.

E é Janeiro! E é Inverno!

É que, pelo dia, tocara já por mais de uma vez a sineta da capela do Espírito Santo a lembrar aos moradores da aldeia - se algum o havia esquecido - que têm de repetir e continuar a velha tradição de o “Ah! que se chá!..”, sem igual nas terras vizinhas.

E, por isso, velhos e novos, todos fiéis mantenedores de antigas usanças, terminados os trabalhos de campo, recolhido o gado, reconfortados eles próprios com a ceia, vão convergindo para o largo da capela do Espírito Santo.

Surge também o tambor da confraria, e vêm igualmente o bombo e os pratos da banda local.

Junto do primeiro forma-se um grupo, em redor dos últimos junta-se outro.

E, todos, descobertos e com a maior religiosidade e unção, começaram a marcha através das ruas da povoação a cantarem com o acompanhamento do tambor: “...E, no respeito que devem à família do Visconde de Tinalhas, os grupos dirigem-se em primeiro lugar para a porta da residência daquele titular, onde cantam todos os versos já referidos.

*Dali seguem para casa do juiz e dos mordomos da Confraria do Espírito Santo, e depois por todas as ruas de Tinalhas, sempre a tocar, sempre a cantar.*

*Enquanto se realiza a função e são percorridas as ruas, os mordomos e as pessoas mais gradas ou de maior devoção, mandam para a sacristia da capela, filhós, vinho e tremoços.*

*E a festa, bem religiosa na intenção e unção, bem pagã na forma, termina sempre pela distribuição do vinho, das filhós e dos tremoços na sacristia ou à porta da capela, a todos os devotos...” (DIAS, 1955, 124-130).*

No passado, era usual neste dia virem pobres das terras em redor para aqui comerem a filhó e beberem um copo de vinho.

### Outros recintos religiosos

Igreja matriz, capela de São Pedro, capela da Rainha Santa Isabel, capela do Senhor do Miradouro, capela de São Sebastião (destruída) e capela de São Jorge (destruída).

### Observações

Existe um largo do Espírito Santo e uma travessa do Espírito Santo.

### Informantes

Regina Maria Eusébio Ramalho Serra, 25 anos (Tinalhas) e Hermínia Nogueira Trindade, 76 anos (Tinalhas).

### Bibliografia

- DIAS, 1955.  
 HENRIQUES, 1993.  
 JORGE, 1996.  
 RECONQUISTA, n° 724, 22 de Março de 1959a.  
 RECONQUISTA, n° 727, 12 de Abril de 1959b:2.  
 RECONQUISTA, n° 819, 15 de Janeiro de 1961a:11.  
 RECONQUISTA, n° 823, 12 de Fevereiro de 1961b:11.  
 RECONQUISTA, de 26 de Março de 1961c:11.  
 RECONQUISTA, n° 985, 22 de Março de 1964:5.  
 RECONQUISTA, n° 1127, 25 de Dezembro de 1966:9.  
 RECONQUISTA, n° 1116, 1967:10.

RECONQUISTA, n° 2037, 11 de Janeiro de 1985:5.

RECONQUISTA, n° 2194, 18 de Março de 1988:5.

RECONQUISTA, n° 2235, 13 de Janeiro de 1989:17.

## 2.27. Torre (Castelo Branco)

### Breve historial

A capela foi reparada em 1994.

### Capela

A capela do Espírito Santo está implantada na entrada sul da povoação, no largo do Espírito Santo. A 50 metros a norte da capela existe uma grande nascente.

A porta principal do templo está voltada a poente e a porta secundária voltada a norte. É uma capela alta quando comparada com as anteriormente citadas. Tem três espaços diferenciados: nave, capela-mor e sacristia.

A nave, além das aberturas já referidas, possui uma pequena janela na parede sul e outra sobre a porta principal. O coro existente na nave é apoiado por duas colunas pintadas de azul e com uma base em granito. As paredes da nave e da capela-mor têm um rodapé em granito e acima deste um friso de azulejos, de fundo azul, até cerca de 1,10 metros de altura. O pavimento está forrado de tijoleira com um corredor central de granito. O tecto está pintado de azul com frisos em azul escuro. Em cada um dos lados do arco triunfal há uma peanha onde assentam a Nossa Senhora do Desterro e o Santíssimo Sacramento. À direita da porta principal há uma pia de água benta.

A passagem da nave para a capela-mor é feita sob um alto arco triunfal de granito de grão grosso.

A capela-mor tem dois altares, um moderno, em granito, e outro primitivo, em madeira, pintado de branco e dourado. O altar-mor tem em cada um dos lados duas colunas com frisos verticais em dourado e capitel coríntio também dourado. No altar-mor estão as imagens do Menino Jesus, com um globo na mão, de Santo António e do Espírito Santo que ocupa o nicho central. Em peanhas incrustadas nas paredes norte e sul estão as imagens da Senhora de Fátima (do lado do Evangelho) e de São José (do lado da Epístola).

A sacristia está adocada à parede norte do templo com porta para o exterior, virada a poente. É um espaço amplo onde se guardam as imagens do Santo António e da Nossa Senhora da Graça.

A capela está aberta ao culto mas, pela falta de padres, só raramente é usada para ofícios religiosos.

Tem uma sineta cujo acesso se faz pelo exterior do templo.

### Imagem

Há duas imagens do Espírito Santo. Uma moderna e outra primitiva. A primitiva é uma imagem em madeira com traços grosseiros e feições orientais (foto 55). Não tem coroa, nem tiara, mas chapéu de forma tronco-cónica. A barba, o bigode e o cabelo estão pintados em castanho escuro. Não veste a indumentária pontifical mas a sacerdotal com casula vermelha debruada e decorada a dourado e alva azul decorada a dourado. Os sapatos são avermelhados. Os dedos estão bem individualizados e seguram os braços transversais da cruz. Os braços do cadeirão são demasiado altos para a figura. Cristo tem a cabeça flectida à direita, olha o solo e veste uma pequena tanga. A cruz tem os quatro braços bem visíveis tendo no segmento superior a inscrição INRI. Sobre a inscrição assenta a pomba com asas fechadas e pintada com cores à base de azul e cinzento.

Quando compraram a imagem nova do Espírito Santo o padre “mandou deitar aquela fora e o meu pai, que era um grande devoto do Espírito Santo, respondeu: «quando o seu pai for velho também o deita de casa para fora? Para esta imagem sempre há-de haver um lugarzinho, nem que seja na sacristia» e assim temos aqui a imagem.”

A segunda imagem do Espírito Santo foi comprada há vinte ou trinta anos. Esta imagem assenta directamente sobre o andor. Estava na capela-mor mas o seu lugar costuma ser na nave.

A imagem é constituída por duas figuras humanas e uma pomba simbolizando o Espírito Santo. As duas figuras humanas estão assentes sobre nuvens. A figura que representa o Pai tem cabelo e barba muito compridos de cor cinzenta. Veste capa azul decorada e debruada a dourado. Na mão esquerda tem o ceptro. Sobre a cabeça tem um círculo dourado de santidade. O Filho tem cabelo e barba castanha. A barba é de menor

tamanho que a do Pai. Veste capa cor-de-rosa forte decorada e debruada a dourado. Tem o braço direito e metade do peito a descoberto. Com a mão e o braço direito segura uma grande cruz.

Entre o Pai e o Filho e sobre as cabeças de ambos está a pomba de asas meio abertas irradiando raios dourados. A imagem é limpa pela zeladora com um pano seco.

### Estandarte



Foto 55. Imagem do Espírito Santo de Torre.

A imagem tem estandarte. No passado havia um estandarte muito grande. Actualmente existe um outro mais pequeno.

### Devoção

Segundo a informante, zeladora da capela do Espírito Santo, a imagem ainda tem muitos devotos “principalmente da Soalheira.” “Vêm cá na época de exames ou da festa a cumprir promessas. Vêm as mães e os filhos, mas as afrontas mandam.”

Em sinal de gratidão oferecem ao Espírito Santo garrafas de azeite, velas e muito raramente figuras de cera.

As pessoas mais velhas chamam Pai Eterno à imagem do Espírito Santo.

### Festa

No domingo de Pentecostes a festa começa com a “arruada” dada pela banda ao povo da Torre. Segue-se o peditório, a missa, a procissão e o arraial.

A missa é dita no largo da capela do Espírito Santo. É uma missa campal. O altar é armado sobre o palco. Na ocasião todo o varandim deste espaço está forrado com colchas. Durante a missa as imagens sacras estão também no exterior da capela, sobre os seus andores.

A procissão segue um sentido contrário ao dos ponteiros do relógio. Na procissão os homens vão à frente, as mulheres seguem-nos em duas filas, depois vai o pálio e a banda segue em último lugar. Na procissão a imagem do Espírito Santo segue também em último lugar. É transportada por homens, geralmente devotos, no cumprimento de promessas.

No passado havia juiz da festa. “O juiz ía à frente a mandar na procissão com um pau na mão.”

Até há poucos anos era costume a imagem sair com a “árvore.” A “árvore” era uma armação composta por um simulacro de caule, na vertical, de onde partiam várias ramificações. O caule era forrado a flanela vermelha e as ramificações com flanela branca ou vermelha.

A “árvore” vai no mesmo andor que a imagem. O próprio andor tem um dispositivo, por detrás da imagem, para fixação da “árvore.” A “árvore demora muito tempo a vestir, vai toda cheia de favinhos e na ponta de cada ramo vai uma bola brilhante de árvore de natal.” O simulacro de caule e as respectivas ramificações vão forrados, sobre a flanela,

com fitas de cetim da cor da flanela. As fitas ofertadas pelos devotos são atadas directamente na “árvore” sobre as anteriores e são de cor azul e vermelha.

Pela altura da festa não faltam cravos “as pessoas de cá têm brio em virem de Lisboa e trazerem um ramo de cravos. No princípio só traziam cravos vermelhos agora já começam a trazer cravos vermelhos e brancos.”

O arraial é à porta da capela. A festa é organizada por quatro festeiros que são nomeados. Num passado recente eram três pessoas. Actualmente são quatro para a festa ficar resguardada da desistência de qualquer um. A riqueza ou prestígio não favorecem a nomeação. Até porque a “festa é arruada quer dizer que vai de casa em casa. Quer queiram ou não fazê-la, bate-se a todas as portas.” Os viúvos e os solteiros não são nomeados.

Uma das muitas funções dos festeiros, ou mordomos como também são conhecidos, é a de dar almoço aos elementos da banda, aos padres, ao fogueteiro e aos agentes da GNR.

Na segunda-feira da festa volta a haver missa, na capela, e no final dela o padre lê os nomes dos novos festeiros.

### Angariação de meios

Todas as despesas da capela (electricidade e reparações) são pagas com um fundo próprio oriundo do lucro das festas e do dinheiro que os devotos colocam no cofre. O padre faz-se pagar pelos seus serviços.

No dia da festa, de manhã, os festeiros, acompanhados pela banda, fazem um peditório pelo povo da Torre e do Lourçal<sup>68</sup>. Nesta ocasião as pessoas dão unicamente dinheiro. Toda a gente contribui. Os emigrantes que não possam participar na festa enviam a dádiva para o Espírito Santo.

Durante a tarde faz-se o ramo. Para o ramo as pessoas “dão o que têm em casa, bolos, pão-de-ló, queijos, cebolas, ou o que a pessoa entender.” Há quem ofereça fogaças. Estes bens são leiloados e quase sempre há despique.

<sup>68</sup> Os festeiros da Torre vão pedir colaboração ao povo de Lourçal para a sua única festa anual. Os festeiros de Lourçal pedem, por sua vez, ao povo da Torre colaboração para as suas quatro festas anuais.

Até há poucos anos, no tempo da festa, havia o hábito de colocar nas mãos do Pai uma fita branca para aí fixarem o dinheiro. “Só que começaram a dizer que pôr lá o dinheiro era um acto de vaidade e eu também concordo com isso. Estar a capela cheia de gente e ir ali e colocar uma nota, eu acho isso uma vaidade. Foi-se exercendo pressão e as pessoas agora já lá não põem dinheiro. A fita vai na mesma. Agora põem o dinheiro na caixa das esmolas”, diz a zeladora.

### Observações

Em Louriçal do Campo há uma imagem da Rainha Santa Isabel, num altar da nave, do lado do Evangelho. Nesta mesma localidade, sobre o arco triunfal da Matriz, há uma grande pomba (mais parecida com uma gaivota), de cor branca e em posição de voo.

### Informantes

Joaquim da Silva Ferreira Parente, 73 anos (Torre) e Maria da Conceição Ferreira, 61 anos (Torre).

## 2.28. Vila Velha de Ródão

### Capela

Não há capela do Espírito Santo.

### Imagem

A imagem do Espírito Santo (foto 56) encontra-se no altar-mor, do lado Epístola, da igreja matriz desta vila. Não há memória de ter saído nas procissões. Não se conhece devoção activa por esta imagem.

A imagem é provavelmente em madeira. Possui cerca de 75 centímetros de altura e assenta sobre uma base circular com aproximadamente quatro centímetros altura de onde irrompem quatro cabeças de anjos. A imagem é constituída pela tríade: ancião, cruz e pomba. A pomba é de cor branca, possui as asas abertas e assenta sobre o topo do braço vertical da cruz. A cruz é em madeira assentando sobre ela Jesus Cristo crucificado, em tanga. O ancião de barbas brancas está sentado sobre nuvens (?).

Enverga um pluvial vermelho sobre uma outra roupagem azul. A cabeça é revestida pela tiara terminando numa cruz papal, bem saliente.

A imagem encontra-se em bom estado de conservação.

Não há bandeira do Espírito Santo.



Foto 56. Imagem do Espírito Santo de Vila Velha de Ródão

## Observações

Há alguns anos atrás ouvimos, mais de uma vez, ao Sr. Inspector Baptista Martins, de Fratel, a seguinte explicação para a maldição de Ródão. “Numa das suas andanças a Rainha Santa Isabel passou o rio Tejo em Vila Velha de Ródão e, na povoação, teria pedido água às mulheres aqui residentes. Recusaram-lha o que terá motivado a seguinte maldição<sup>69</sup>:

Adeus Rodam, adeus Rodam  
Cercada de muita murta  
É terra de muita puta  
Não terás mulheres honradas  
Nem cavalos regalados  
Nem padres coroados.”

## Informantes

Maria Pires do Rosário, 85 anos (Vila Velha de Ródão) e António Bengala Escarameia, pároco de Vila Velha de Ródão.

## Bibliografia

SOROMENHO, 1965.

### 2.29. Zebreira (Idanha-a-Nova)

#### Breve historial

A capela do Espírito Santo serviu de igreja matriz até à data da construção desta última (RECONQUISTA, 1961). Em Março de 1985 “encontra-se esta capela em completa ruína, desde as paredes ao telhado. Em Junho do mesmo ano constitui-se uma comissão que se propõe reconstruir a capela. As obras iniciaram-se com subscrição pública de fundos. As obras terminaram, em Setembro de 1987” (RECONQUISTA, 1985a-d, 1986a-c, 1987a-b).

#### Capela

O templo situa-se no largo do Espírito Santo, na parte sul da povoação. Não são conhecidos poços ou nascentes de água na área da capela.

<sup>69</sup> Desta maldição existe uma versão, citada no Lendário Rodanense (SOROMENHO, 1965), que a associa à lenda do rei Wamba, protagonizada pela respectiva mulher que teria proferido a maldição ao ser castigada por crime de adultério.

Tem a porta principal voltada a nascente e a porta secundária voltada a sul. O interior compreende dois espaços: a nave e a capela-mor.

O tecto da nave é de três planos constituído por placas de cimento. O pavimento é de tijoleira. À direita da porta principal está incrustada na parede uma pia de água benta. À esquerda, desta porta, há uma grande pia baptismal, em granito. O espaço da nave está dividido por um corredor central havendo de ambos os lados bancos com genuflexórios.

Entre a nave e a capela-mor há um arco triunfal, em granito, com impostas.

A capela-mor tem tecto e pavimento semelhante ao da nave e uma estreita janela na parede sul. O altar é moderno, em granito. No altar há uma tábua pintada representando os apóstolos e a Virgem. Sobre cada um deles cai uma língua de fogo. Esta tábua parece ser de grande qualidade e necessita de restauro urgente. Antes da reparação possuía talha barroca no altar. Existem sobre o altar dois candelabros configurando *menorot*. Estão na capela-mor a bandeira do Espírito Santo, resguardada entre lençóis, e um andor, provavelmente da imagem.

#### Imagem

A imagem foi restaurada em 1987. Não tem aspecto de velho (foto 57). O fâcies é emagrecido. Tem tiara com grande cruz no topo. A barba, cabelo e bigode são cinzentos. O pluvial é vermelho, debruado a dourado no exterior e cor-de-rosa no interior. Tem alva de um branco acastanhado. O cíngulo não é visível mas desconhece-se. A estola e os sapatos são pretos.

Os braços do cadeirão são utilizados pela imagem para repousar os seus. O espaldar do cadeirão termina com dois motivos pontiformes. A pomba, de cor branca com tonalidades de cinzento, assenta sobre o travessão horizontal da cruz. O olhar está desviado para a direita e as asas abertas, em posição de voo.

#### Estandarte

A bandeira é de haste central, de estilo moderno. O pano é vermelho, de cetim com barra dourada e franja. Numa das faces podem ler-se “O Divino Espírito Santo” e por baixo “Salvai o povo da Zebreira.” No centro da bandeira figura uma pomba, pintada, de asas abertas em posição de voo. A pomba, com tonalidade azul, está envolvida num halo amarelo. Da pomba saem sete raios que terminam em línguas de fogo. As línguas de fogo estão envolvidas em nuvens.

Pendentes e ao longo da sua largura há fitas de seda. Cinco são brancas, duas amarelas e as outras duas vermelhas. Não contém qualquer inscrição.

A bandeira deve ser guardada numa divisão da casa onde não durma ninguém. Se tal não for possível não pode ficar num quarto onde um homem durma com uma mulher, por causa das relações sexuais. “A bandeira é sagrada.” Devido à proibição apontada é preocupação do juiz saber em que lugar da casa fica a bandeira.

Por ordem do juiz, em 1994 a bandeira ficou guardada na capela do Espírito Santo por achar indigno ficar na casa de um casal que não era casado. Em condições normais a bandeira ficaria em casa da tesoureira.

### Devoção

É costume oferecerem garrafas de azeite para iluminar a imagem do Espírito Santo.

### Festa

Celebra-se o dia do Espírito Santo. Há missa e procissão. Na procissão o andor é transportado pelos mordomos do Espírito Santo. As procissões seguem o sentido contrário ao dos ponteiros do relógio.

Transcreve-se, seguidamente, a descrição que Jaime Lopes DIAS (1953:85-108) fez da festa do Espírito Santo de Zebreira.

#### “1. Tradição e curiosidade das festas

*Nas velhas terras da Egitânia, nasceu, cresceu e tomou foros de vila e município, a que D. Manuel I deu foral em 1530, a povoação de Zebreira, hoje simples freguesia, mas das mais ricas e prósperas do concelho de Idanha-a-Nova.*

*Fiel ao seu passado, conserva na praça, como títulos de linhagem, a antiga Casa da Câmara e o Pelourinho e, dentro do espírito que caracteriza a maioria das terras da Beira Baixa, mantém velhos usos, restos de festas antigas e saudosas entre as quais se destacam, e destacaram sempre, as do divino Espírito Santo.*

*O ritual da confraria, a boda, as merendas de mel, filhós, tremoços e vinho, o segredo, a Noite do Vitó e as touradas, no que foram e ainda são, constituem, e constituíram, sem dúvida alguma um dos mais curiosos capítulos do culto do Espírito Santo na Beira Baixa.”*

Em 1758, através de Frei Manoel L. de Almeida, surge a primeira referência escrita à confraria do Espírito Santo de Zebreira. De então para cá terá persistido.



Foto 57. Imagem do Espírito Santo de Zebreira.

*“2. A confraria*

*As festas do Espírito Santo, que começam em Quinta-feira de Ascensão e vão até Quinta-feira do Corpo de Deus, estiveram sempre, e ainda estão hoje, a cargo de uma confraria composta por quinze membros: um juiz, um alferes, um escrivão, e doze mordomos. Além destes quinze confrades a confraria tem uma tesoureira, a quem incube especialmente guardar a bandeira e cuidar da boda de Domingo do Espírito Santo.*

*O juiz e o alferes são eleitos pelos mordomos dentre deles próprios, no Domingo do Espírito Santo, na sacristia da igreja, antes de começar a missa.”*

*É o caso do actual juiz que ocupa este cargo há trinta e dois anos. A riqueza não é determinante para se chegar a juiz. O juiz tem o direito, e o dever, de expulsar qualquer elemento do grupo caso a sua conduta não se enquadre nas normas do grupo e de velar pelo cumprimento integral do ritual. Os motivos mais comuns de expulsão são o consumo excessivo de bebidas alcoólicas e a pouca urbanidade no acto de comer. Diz então o juiz para o alferes e para o secretário, apontando para o mordomo a expulsar: “a partir de hoje já não voltas mais porque a mesa do Espírito Santo é sagrada.” “O mordomo que se porte bem pode cá andar toda a vida.”*

*“O cargo de secretário é desempenhado obrigatoriamente pelo juiz da confraria cessante, e os mordomos são eleitos pelos mordomos velhos, que escrevem ou mandam escrever num papel os nomes dos que os hão-de substituir, ou os seus nomes, se desejam continuar nos cargos.”*

O cargo de secretário é também sujeito, anualmente, a escrutínio.

*“A tesoureira é escolhida pela tesoureira velha, quando esta não deseja continuar e, em alguns anos, não tem que escolher por haver quem tenha prometido servir nesta qualidade e pedido para lhe ser deitado o Espírito Santo, pedido que, por se tratar de promessa, manifestação viva de devoção, é sempre aceite.”*

Se a tesoureira quiser continuar no ano seguinte expõe esse desejo ao juiz. Este recolhe o parecer da confraria e caso haja acordo a tesoureira mantém-se em funções. Para o lugar de tesoureira tem-se sempre em conta a postura moral e social da candidata. Consta das suas funções a limpeza e embelezamento da capela do Espírito Santo.

*“Para os diversos lugares, com excepção do de tesoureira, são escolhidos, de preferência, rapazes novos, e, noutra tempo, só os solteiros.”*

Hoje todos os elementos são casados; os viúvos e solteiros não são admitidos na confraria. A pessoa interessada em integrar o grupo de mordomos oferece-se à confraria e entrará quando houver lugar. No passado todos os anos saíam e entravam elementos.

*“O que ascende a secretário serve três anos seguidos na confraria: primeiro como mordomo, depois como juiz e finalmente como secretário.*

*Organizada segundo as normas referidas, a lista dos componentes da confraria é entregue ao pároco que, para conhecimento geral, a lê, da base dos degraus do altar-mor, no começo da missa de Domingo do Espírito Santo.”*

Mais recentemente, os elementos que vão integrar a confraria, no ano seguinte, são nomeados pelo pároco no fim da missa do 6º domingo após a Páscoa.

*“A confraria sai pela primeira vez num dos domingos do mês de Setembro para recolher esmolas [ver Angariação de Meios] para as festas, e toma parte em todas as procissões que se realizam em Zebreira (doze ou treze em todo o ano).”*

Actualmente, a confraria, participa nas seguintes cerimónias religiosas: Corpo de Deus, Ascensão de Nossa Senhora, festa de Santo Isidro, quinta-feira da Ascensão, festa da Nossa Senhora da Piedade, festa de Nossa Senhora da Conceição, festa São Sebastião e domingo do Espírito Santo. Não participa nas cerimónias da Semana Santa e na ida ao cemitério no dia dos fiéis defuntos.

*“Faz-se sempre acompanhar do distintivo ou insígnia máxima, a bandeira de damasco encarnado com o Espírito Santo representado em duas pombas: uma, de madeira, a encimar a vara, e outra, desenhada ou bordada numa estampa, pregada no centro do pano da mesma bandeira.*

*Em tempos recuados, a confraria saía todos os domingos durante o período decorrente de Domingo de Ramos a Quinta-feira do Corpo de Deus.*

*No domingo de Setembro destinado ao peditério, percorre ela, ainda hoje, toda a freguesia, e pára, aqui e além, enquanto os mordomos batem a todas as portas e recebem as esmolas (geralmente trigo ou dinheiro) que, mais ou menos, todos os zebreirenses dão.*

*Os confrades, que envergam sempre opas encarnadas, juntam-se em frente da casa da tesoureira e, depois de o alferes receber desta, pela varanda ou janela, a bandeira,*

*marcham pela seguinte forma: à frente, destacados dez ou quinze metros do alferes, dois mordomos, a cantar:*

*Bendito e louvado seja  
O Santíssimo Sacramento da Eucaristia,*

*A que os demais respondem:*

*Fruto do ventre sagrado  
Da Virgem Puríssima Santa Maria!*

*A seguir o alferes com a bandeira e aos lados, alinhados em duas filas com o juiz e o secretário à frente, os restantes.*

*Ao chegarem próximos da igreja, à distância de trinta ou quarenta metros, os mordomos da frente voltam-se para a retaguarda e cantam:*

*Glória, Patri et Filio et Spiritu Santo,*

*A que os demais respondem:*

*Sicut erat in principio et nunc  
Et semper et in saecula saeculorum*

*e, todos em coro:*

*Amem!"*

*O Bendito e Louvado, tal como em Monsanto, varia de entoação consoante o do cerimonial.*

*“O alferes avança com a bandeira e, ao incliná-la para entrar pela porta da igreja, o Juiz e o secretário amparam-na com as suas varas [as varas são iguais; para a reconhecer o juiz actual fez um pequeno sinal na sua] para que não toque no chão.*

*Encosta-a, em seguida à parede do lado esquerdo do altar-mor onde se conserva até à saída da procissão.*

*Enquanto não começa a missa, os confrades dirigem-se à venda (taberna) próxima a beber uma pinga (copos de vinho) que é paga com o produto das multas de que adiante se falará.”*

*Na igreja matriz a bandeira é colocada no limiar da capela-mor do lado do Evangelho. Durante a missa alguns membros da confraria saem para o exterior da igreja.*

*“No final da missa a confraria incorpora-se, mas não canta, na procissão, e, terminada esta, vai entregar a bandeira à tesoureira seguindo pelas ruas, pela forma já descrita, a entoar o Bendito e Louvado!*

*À distância de trinta a quarenta metros da casa da tesoureira, pára e canta Glória Patri, tal como na ida para a igreja.*

### *3. Quinta-feira da Ascensão*

*As festas do Espírito Santo na Zebreira começam, como já se disse, em Quinta-feira de Ascensão com a missa, a que se seguem a entrega da bandeira à tesoureira, a merenda (refeição de tremoços, filhós, mel e vinho) em casa daquela, e a tourada.*

*A assistência à missa faz-se com a bandeira alçada no meio da igreja. A confraria canta então o Bendito e Louvado, enquanto um grupo de crianças percorre o templo, coxia abaixo coxia acima, a lançar flores à bandeira e às pessoas que assistem.*

*No fim da missa incorpora-se na procissão e, terminada esta, dirige-se a casa da tesoureira a entregar a bandeira.*

### *4. A entrega da bandeira à tesoureira*

*Chegados à porta da casa da tesoureira, o juiz, que vai na frente, diz:*

*- Dá licença, nossa tesoureira?*

*Seguem-se o secretário e os mordomos que antes de entrarem, repetem:*

*- Dá licença, nossa tesoureira?*

*O alferes fica à porta até aparecerem à janela ou varanda da casa, o juiz e o secretário.”*

*Actualmente é frequente a bandeira entrar pela porta se esta for suficientemente larga. Se entrar pela janela, ou varanda, este lugar tem que estar revestido com uma colcha de seda para que a bandeira não entre em contacto com o edifício, tal como no Ladoeiro.*

*“Logo que estes aparecem, o alferes aproxima-se e entrega-lhes a bandeira que eles apanham com as varas e, seguidamente estendem sobre uma cama (manta coberta por alvadio lençol de linho) que a tesoureira tem preparada no pavimento da sala.”*

*“Agora a bandeira é arvorada logo que entre na casa da tesoureira e metida entre dois lençóis.” Os lençóis são fechados com alfinetes em todo o perímetro da bandeira.*

*“O alferes entra seguidamente em casa da tesoureira mediante o prévio pedido de licença, e vai juntar-se à confraria já reunida em volta da bandeira: o juiz e o secretário à cabeceira, os mordomos nos dois lados e o alferes ao pés.*

*O juiz solta da bandeira as fitas que devotos ofereceram durante a procissão e entrega-as à tesoureira que as dobra e as coloca num açafate.*

*Tira, em seguida, a pombinha de madeira (Espírito Santo) que encima o pau da bandeira e põe-a sobre um lenço de seda previamente estendido sobre uma mesa, e, finalmente, dobra o pano da bandeira e envolve-o, com o auxílio do alferes, no lençol da cama a que já nos referimos.”*

Actualmente a bandeira não é dobrada. Mantem-se aberta, pendente do tecto ou ao longo da parede de um quarto da casa, forrada pelos dois lençóis.

*O juiz pega na pombinha com o lenço de seda, ordena a toda assistência que ajoelhe, dá a pombinha a beijar a todos, ele próprio a beija depois de também ajoelhar, e diz:*

*“- A pessoa mais velha que está dentro desta sala faça favor de se benzer.”*

Diz o juiz, depois de pendurar a bandeira:

*“- Façam favor se levantar que o nosso juiz vai dar a pombinha a beijar.”*

A pomba e a bandeira não podem ser tocadas directamente com as mãos. Para se manusearem é utilizado um lenço de seda que se entrepõe entre a mão do juiz e a insígnia.

No final deste ritual a pomba é metida dentro de uma caixa que é pendurada. *“A pessoa benze-se e, com ela, todos os presentes. Levantam-se todos em seguida e o juiz entrega a pombinha à tesoureira que a guarda num açafate onde já estão as fitas e os demais pertences da bandeira.*

##### 5. A merenda, o encruzamento e a reza

*O juiz volta-se, a seguir para a tesoureira, e pergunta:*

*- Nossa tesoureira, a mesa está posta?*

*Obtida resposta afirmativa, a confraria e todos os presentes, dirigem-se para a mesa.*

*A uma das cabeceiras estão duas ou três garrafas de litro cheias de vinho, conforme assistem só o juiz e o alferes, ou o juiz, o alferes e o secretário; e ao lado de cada uma um copo.*

*Em Quinta-feira de Ascensão, no Domingo do Espírito Santo e em Quinta-feira do Corpo de Deus, as garrafas são três porque nestes dias assistem sempre o juiz, o alferes e o secretário. Espalhadas pela mesa há bacias de tremoços, tantas quantas as garrafas de vinho.”*

Nesta mesa, recentemente, há também pires para que cada elemento coloque as cascas dos tremoços.

*“Tanto a confraria como os assistentes, conservam-se de pé enquanto o juiz não ordena que se sentem.*

*Não há lugares reservados, a não ser os da cabeceira da mesa, que pertencem ao juiz e ao alferes: o juiz à direita do alferes.*

*Se o secretário está presente, ficam: o juiz ao centro, o alferes à direita e o secretário à esquerda.”*

*“Na mesa sagrada do Espírito Santo estão seis mordomos de um lado e seis mordomos do outro.”*

*“A tesoureira não se senta.*

*Depois de todos terem tomado os seus lugares, o juiz ordena:*

*- Fazem favor de deitar a mão.*

*E todos se servem de tremoços.*

*Em seguida, depois de o juiz e o alferes terem enchido os seus copos de vinho, o juiz cruza os braços, pega nos dois copos, no da direita com a mão esquerda e no da esquerda com a mão direita, e troca-lhes os lugares.*

*O alferes procede de igual forma e os copos voltam, por isso, aos lugares antigos.*

*Se está o secretário, este faz também encruzamento com o copo do alferes, e o alferes repete-o com o do secretário voltando assim os três copos aos lugares primitivos.*

*Todos os movimentos têm que ser feitos com cuidado, porque, se cai gota de vinho na mesa, é devida multa, as multas a que já nos referimos, que, quando cometidas pelo juiz, alferes ou secretário, são pagas em dobro.*

*Terminado o encruzamento, o juiz levanta o seu copo e diz:*

*- Viva a senhora tesoureira! Viva o senhor alferes! Viva o senhor secretário (se está presente)! Vivam os senhores mordomos! Vivam todos quantos aqui estão!*

*Se não se enganou a dar estes vivas, toda a confraria responde:*

*- Viva! Viva! Viva!*

*Se se enganou atalham-no desordenadamente, não o deixam continuar, e dizem:*

- *Vira! Vira! Vira!*

O alferes e o secretário (se está presente) repetem os mesmos vivas, que são correspondidos ou interrompidos pela forma já referida pelo juiz.

As garrafas seguem então pela mesa para todos se servirem e cada um dos mordomos dar os seus vivas e beber o copo de vinho que lhe pertence.

Terminada esta volta de vinho, as garrafas regressam aos seus lugares em frente do juiz, do alferes e do secretário.

O juiz diz então:

- *Quem tem na mão, coma; o que quer dizer que podem comer os tremoços que têm nas mãos mas não tirar mais.*

O que transgredir paga multa.

A tesoureira manda para a mesa travessas com filhós polvilhadas com açúcar e acompanhadas de malgas de mel.

O juiz ordena:

- *Fazem favor de deitar a mão.*

Todos se servem de filhós molhadas em mel, que comem, até que o juiz ordena:

- *Quem tem na mão, coma.*

Como o que suja a alvadia toalha, está sujeito a multa, todos se acautelam e servem com urbanidade.

O juiz, encarregado de vigiar pela candura da toalha, se, não obstante todas as cautelas, vê cair algum pingo de mel ou gota de vinho, logo, implacavelmente anota o facto, impõe multa, e diz:

- *Fazem favor de se levantar que o nosso alferes vai mandar rezar.*

Todos se levantam e o alferes começa:

- *Rezemos um Padre Nosso em louvor do Divino Espírito Santo. (Rezam todos para si.) Rezemos uma Salve Rainha em louvor da Senhora Santana. (Imagem existente na capela do Espírito Santo.) (Rezam.)*

*Rezemos um Padre Nosso, cada um de nós, pelos nossos. (Rezam.)*

*E, finalmente, o juiz, diz:*

- *Faz favor de se benzer a pessoa mais velha que estiver presente. E essa pessoa, que pode ser estranha à confraria, benze-se e todos os demais igualmente se benzem.*

O juiz manda em seguida, assentar todos os da confraria e acrescenta:

- *Fazem favor de deitar a mão.*

Todos se servem de tremoços.

Os confrades que durante a refeição se trataram por senhor, devem, a partir deste momento, chamar-se por tu (se era esta a forma habitual de tratamento). Se o não fizerem pagam multa.

*Bebem em seguida o resto do vinho das garrafas, mas só este!*

O juiz pede à tesoureira, o tabaco, dá um cigarro a cada um dos da confraria e sai acompanhado por todos os presentes.”

Estão três garrafas de vinho. Uma pertence ao juiz, outra ao secretário e outra ao alferes e cada um deles tem um copo. O juiz levanta-se, pega nos copos, troca copos e diz:

“- Cá vai p'ra que viva nosso tesoureiro e nossa tesoureira, nosso juiz, nosso alferes e nosso secretário.”

O juiz manda sentar e sentam-se. Quando é ao fim do obséquio o juiz diz o seguinte:

“- Façam favor de se levantar que o nosso juiz vai mandar rezar.”

“O nosso juiz manda então rezar um *Padre Nosso* em louvor do nosso tesoureiro e da nossa tesoureira, uma *Salvé-Rainha* em louvor da Senhora Santana, a nossa Senhora Santana pertence ao Divino Espírito Santo.”

“- Façam favor de rezar um *Padre Nosso* cada um pelas almas dos seus em voz alta. “

“- Façam favor de rezar um *Padre Nosso* pelas benditas almas que estão nas penas do purgatório, principalmente pelas mais necessitadas.”

Quando acabam de rezar o juiz manda outra vez:

“- Façam favor de se sentar.”

No fim da refeição diz o juiz para a tesoureira:

“- Traga cá o tabaco.”

A tesoureira traz o tabaco e o juiz diz:

“- Quem quiser fumar fume.”

Se por qualquer motivo a tesoureira não fornece o tipo e a quantidade dos alimentos necessários à refeição ritual o juiz pode exigir-los.

O padre só participa neste jantar se for convidado para o fazer. “Nesta mesa sagrada o senhor pároco não tem voz activa para uma palavra. Quem manda é o juiz, o alferes e o secretário. Mas o juiz é que manda mais. Nesta mesa não pode haver mulheres. A mesa sagrada do Espírito Santo é para os mordomos. As mulheres não se sentam lá. E só podemos ser servidos pela tesoureira ou familiares dela.”

#### “6. As touradas

*Pela tarde de Quinta-feira de Ascensão realiza-se a tourada à vara larga a primeira das três que fazem parte do ciclo das festas, no largo do Espírito Santo, assim chamado por ali existir uma capela sob esta invocação. É organizada pelo juiz e pelo alferes. O marido da tesoureira pede os touros aos proprietários (geralmente de Idanha-a-Nova) e o juiz e o alferes encarregam-se de conduzir os animais para a povoação, pagam aos vaqueiros que acompanham o gado, com dinheiro que é angariado durante a tourada, e dão-lhes merenda de pão, chouriço, queijo e vinho.*

*A praça é formada por todo o largo que foi vedado nas suas três saídas, durante a noite anterior à tourada, com carros de lavoura que os festeiros vão buscar onde quer que os encontrem, mesmo sem licença dos seus donos.*

*As trincheiras são feitas com tábuas atadas com cordas, e os touros recolhidos nos quintais anexos ao Largo, de onde saem directamente para serem toureados.*

#### 7. Domingo do Espírito Santo

*No Domingo do Espírito Santo, realiza-se a boda, lauto jantar de muitos e variados pratos, em casa da tesoureira. Não há cerimónias, nem ritual, o vinho é à discrição e há copos para todos. Se está calor, os convivas despem os casacos! Os da confraria, que neste dia comparecem todos, sem excepção, assistem em mesa própria, e, em outras mesas, pessoas da família ou das relações da tesoureira que contribuíram para a boda. Os confrades, terminada a boda, dirigem-se para o largo onde se realiza a tourada, e ao toque das Avé-Marias, ao Sol-posto, conduzem a imagem do Espírito Santo da igreja matriz para a sua capela.*

*Seguem pela seguinte ordem: à frente quatro mordomos (dois velhos e dois ovos) a cantar o Bendito e Louvado e em seguida o alferes com a bandeira. Ao lado a bandeira marcham, em dois grupos, os restantes mordomos, velhos e novos, estes sempre atrás*

*daqueles e a alternarem com eles no cântico do Bendito e Louvado, e, finalmente, o andor com a imagem do Divino Espírito Santo, transportado pelos juizes velho e novo e por dois mordomos!*

*O juiz velho vai na frente, à esquerda, e o novo na frente, à direita. A vara do juiz é conduzida por um mordomo.*

*Em último lugar segue o marido da tesoureira com a cruz alçada, o pároco e o povo. Depositado o andor na capela, o cortejo dirige-se novamente para a igreja, sempre a cantar o Bendito e Louvado, e, depois de ali deixar a cruz segue, também a cantar, para casa da tesoureira velha onde entrega a bandeira pela forma que já se descreveu, com a diferença de que, desta vez, não é desarmada.*

*As duas confrarias (velha e nova) entram na sala onde está posta a mesa para comerem a merenda: tremoços, filhós, vinho e mel, com o ritual já descrito.*

*No final a tesoureira agradece aos confrades velhos a forma como souberam comportar-se. Os confrades erguem-lhe vivas.*

*A bandeira é, em seguida, entregue, pela janela, pela tesoureira ao alferes. Comovida, às vezes a chorar a tesoureira despede-se da bandeira ata-lhe uma fita, oferta sua, e lança sobre ela, muitas flores.*

*Sempre a cantarem o Bendito e Louvado, as duas confrarias seguem pela forma já descrita, até à porta da igreja.”*

*A imagem do Espírito Santo sai uma única vez durante o ano, no dia do Espírito Santo. A tesoureira selecciona os mordomos para transportar a imagem nesse dia.*

*Durante o ano, actualmente, há dois jantares oferecidos pela tesoureira, no domingo do Espírito Santo e no dia 25 de Agosto (data do peditório para angariação de meios). Os jantares são constituídos por sopa de grão com massa, carne de borrego, filhós e vinho.*

#### “8. Transmissão de poderes - O segredo

*Da porta da igreja, sempre a cantar, dirigem-se com a imagem do Divino Espírito Santo para a sua capela e a fazerem transmissão de poderes.*

*Entram apenas cinco pessoas: Os dois juizes, o velho (que passa, como já se disse a secretário) e o novo, e o secretário velho e os alferes novo e velho, este com a bandeira para que esta não toque no chão, o juiz, o secretário velho, e o alferes novo, amparam-na com as suas varas. Os restantes confrades ficam à porta, que se fecha.*

*Dizem então os velhos aos novos, o segredo, que ninguém sabe e que consiste, se fosse divulgado aconteceriam, segundo é crença, grandes males a quem tal fizesse.*

*Há de facto algum segredo?*

*Conseguí apenas saber que, os cinco, ajoelham em volta da bandeira, o juiz e o secretário velhos entregam as suas varas ao juiz e secretário novos e o alferes velho a bandeira ao alferes novo.”*

ANTUNES (1987) descreve da seguinte forma a passagem do segredo:

*“A bandeira do Espírito Santo dá entrada para a capela-mor do templo ficando postada no limiar à esquerda.*

*Na capela-mor é acesa uma vela; a porta de entrada do templo é encerrada, tendo previamente entrado somente os seguintes confrades: juiz cessante e juiz eleito, e se ajoelham no degrau do acesso ao altar onde é venerável a imagem do Divino Espírito Santo.*

*Em postura de prece, se ajoelham.*

*Secretário e alferes ficam atrás desses, a três ou quatro passos de distância, sempre suficiente a não ser audível a frase de transmissão do segredo.*

*A única luz existente no templo é aquela imanente da vela já referenciada, o juiz cessante transmite o chamado segredo, ao juiz eleito.*

*O dito segredo continuará sempre em silêncio e no sigilo de todos os juizes da confraria, que não o poderão transmitir a que pretexto for pois diz-se que a sua transmissão acarretaria danos irreparáveis para esta comunidade em geral.”*

Durante o trabalho de campo o actual juiz confirmou-nos a existência de um segredo. Ainda não o transmitiu porque desde que assumiu este lugar, há 32 anos, nunca foi substituído.

“- Há 32 anos que sou juiz e a mim não me compete falar no segredo do Divino Espírito Santo. Isso não se confessa a ninguém. Eu nunca vou nessa roleta. Se houver algum que me chame para eu dizer o segredo eu não lho digo.

- Assim o segredo termina consigo!? Argumentou-se.

- Num termina senhor. Só direi o segredo a um indivíduo que seja muito meu amigo e que seja muito cristão. Não é a qualquer um que eu digo o segredo.

- Mas quem transmitiu ao senhor o segredo?

- Oh meu amigo eu ando dentro desta igreja desde os nove anos.”

9. A entrega da bandeira à confraria nova

*Realizada a transmissão de poderes e dito «o segredo» abrem a porta da capela, e as confrarias, velha e nova, seguem a cantar o Bendito e Louvado a caminho da casa da tesoureira nova, onde vão deixar a bandeira.*

*À frente vão dois mordomos novos e em seguida dois mordomos velhos, levando já a bandeira e as varas, respectivamente, o alferes e os mordomos novos.*

*A tesoureira nova recebe a bandeira com o cerimonial já conhecido e serve à confraria a merenda: tremoços, filhós, mel e vinho.*

*Corre tudo como já se descreveu na entrega da bandeira à tesoureira com a diferença de os vivos são dados aos confrades velhos e aos novos.*

*Como os dizeres são em maior quantidade, e não falta certa emoção entre os que saem, e hesitação, pela novidade, entre os que entram, os enganos são mais frequentes e portanto as multas em maior número.*

10. A disciplina

*Terminada a refeição o juiz novo entrega à tesoureira a disciplina, papel manuscrito onde figuram os nomes de todos os da confraria e as regras a que todos têm de obedecer, sob pena de pagamento de multa. Eis a disciplina:*

*É proibido sob pena de multa:*

1 – Tratar por tu qualquer dos confrades. O tratamento durante os actos solenes tem de ser sempre cerimonioso: senhor juiz, senhora tesoureira, etc.

2 - Apresentar-se em qualquer acto solene com algum botão desapertado, ponta do lenço à vista, ou alfinete pregado na gola do casaco.

*Em suma, os da confraria têm que apresentar-se decentemente vestidos mas sem quaisquer alamares nem espalhafatos.*

3 - Os mordomos devem usar obrigatoriamente gravata no Domingo do Espírito Santo.

*Se se apresentarem com gravatas em qualquer dos outros dias pagam multa.*

*O juiz e o alferes devem pôr gravata todas as vezes que sai a bandeira. O secretário só leva gravata nos dias de Quinta-feira da Ascensão, Domingo do Espírito Santo e Quinta-feira do Corpo de Deus. Em qualquer dos outros dias, não devem usar gravata.*

*4 - Pagam multa todos os que deixarem cair gota de vinho ou pingo de mel sobre a toalha durante as refeições em casa da tesoureira.*

*5 - Pagam igualmente multa os que se enganarem nos vivas que dão no momento de beberem o vinho durante as mesmas refeições.”*

O pagamento da multa tem quase sempre lugar na taberna mais próxima da casa da tesoureira. No passado consistia no pagamento de meio litro de vinho.

### 11. Noite do Vitó

A festa máxima, ruidosa, foi, em outros tempos, a Noite do Vitó, também chamada da filha, e corresponde à noite de sábado para domingo seguinte ao Domingo do Espírito Santo.”

O informante, António Silva, é de opinião diferente da de Jaime Lopes Dias e associa a noite do Vitó à noite dos madeiros.

*“Manifestação de regozijo e de felicitações, nela apenas tomava parte a confraria nova.*

*Os zebreirenses falam com saudade da alegria e do entusiasmo que reinava Zebreira na Noite do Vitó.*

*Mão amiga foi buscar e recolher de pessoas idosas (entre elas José dos Santos, «Lasca», de mais de setenta anos que cantou a canção que adiante se regista), os elementos que se seguem.*

*A confraria reunia-se, ao começo da noite, em casa da tesoureira, com o ritual já conhecido.*

*Durante o adocicado e avinhado repasto, ovacionava a dona da casa e rezava e cantava a música, arrastada e dolente, de ritmo livre, que se publica e a que chamavam filha.*

1 *Ora na folha da amoreira:  
Ai hei-de escrever o meu nome  
Ora, na folha da amoreira.  
Oh! viva o juiz e o alferes  
Oh! viva a nossa tesoureira!  
Vivó!*

2 *Ora na folha do craveiro:  
Ai hei-de escrever uma carta  
Ora, na folha do craveiro.  
Oh! viva o juiz e o alferes  
Oh! viva a nossa tesoureira!*

3 *Vivó!  
Ora na folha da Alexandria:  
Ai hei-de escrever o meu nome  
Ora, na folha da Alexandria.  
Oh! viva a nova tesoureira  
Oh! viva a nossa confraria.*

5 *Ora, meu raminho de hortelã:  
Ai, divino Espírito Santo  
Ora meu raminho de hortelã.  
Oh! viva o juiz e o alferes  
Oh! vivam quantos aqui estão.  
Vivó!*

7 *Ora, meu divino consolador:  
Ai, divino Espírito Santo  
Ora meu divino consolador  
Oh! consolai a minha alma  
Oh! quando deste mundo for.  
Vivó!*

9 *Vivó!  
Ora noite de tanta alegria:  
Ai, na noite de Vitó,  
Ora, noite de tanta alegria.  
Oh! viva o juiz e o alferes  
Oh! viva a nossa confraria!  
Vivó!”*

No trabalho de campo recolheram-se as três seguintes estrofes, semelhantes às anteriores:

1 *Hei-de escrever o meu nome  
Na folha do papel branco  
Viva o juiz e o alferes  
E o Divino Espírito Santo.*

4 *Vivó!  
Ora na folha da roseira:  
Ai hei-de escrever uma carta  
Ora, na folha da roseira.  
Oh! viva o juiz e o alferes  
Oh! viva a nossa tesoureira.  
Vivó!*

6 *Ora, meu raminho de oliveira:  
Ai, divino Espírito Santo  
Ora meu raminho de oliveira.  
Oh! viva o juiz e o alferes  
Oh! viva a nossa tesoureira.  
Vivó!*

8 *Ora, nosso vizinho mais chegado:  
Ai, divino Espírito Santo  
Ora, nosso vizinho mais chegado.  
Oh! nem por ser nosso alferes  
Oh! me livraste de soldado!*

2 *Hei-de escrever o meu nome  
Na folha da oliveira  
Viva o juiz e o alferes  
Viva a nossa tesoureira  
Viva o juiz e o alferes  
Viva a nossa tesoureira*

VIVA, VIVA, VIVA (gritam todos).

- 3 Hei-de escrever o meu nome  
Na folha do canário (?)  
Viva o juiz e o alferes  
Viva o nosso secretário  
Viva o juiz e o alferes  
Viva o nosso secretário  
VIVA, VIVA, VIVA (gritam todos).

*“Saíam dali todos para a rua a cantar e a dar vivas à tesoureira e ao marido. A música era cantada, em solo, pelo juiz, pelo alferes e pelo tocador de viola, que regia.*

*Todos os da confraria eram obrigados a cantar, cada um pelo menos uma quadra.*

*Os de menos aptidões, cantavam só nas ruas mais escusas.*

*Como atrás se vê pela letra, entoavam, antes de cada quadra, o segundo verso, e seguiam depois com a quadra completa.*

*E como o toque da viola era sem grande beleza, zangarreado, o violista pouco interessava como tocador, o que importava era o canto, e, por isso, ele era, sobretudo, escolhido e considerado por este predicado.*

*A confraria e o tocador percorria todas as ruas da povoação acompanhados de uma caldeira com vinho e um copo.*

*Toda a gente que aparecia bebia, cantava e dava vivas.*

*Em certa altura, a confraria dirigia-se a casa do alferes onde repetia as rezas, a filhota e os comes e bebes, com o ritual conhecido.*

*Terminada a festa em casa do alferes, a confraria continuava pelas ruas a cantar o vito falseteado, ao som da viola, para entrar, finalmente, em casa do juiz onde comia e bebia, rezava e cantava, como nas casas da tesoureira e do alferes. E a marcha recomeçava seguidamente, com a caldeira do vinho, sempre bem abastecida, pelas ruas, com os mesmos anteriores entusiasmos e alegria.*

*Aconteceu algumas vezes, pessoas mais madrugadoras da Zebreira encontrarem, ao nascer do sol, a confraria a caminho do adro, ou já no adro da igreja onde terminava a festa, a gritar os últimos vivós ao juiz, ao alferes, e à tesoureira.*

*O resto do vinho era despejado no adro para que as raparigas (nesse tempo a confraria era, como já se disse, obrigatoriamente composta só de rapazes solteiros) quando fossem à missa, vissem que a festa tinha sido rija e o vinho sobejado.*

## 12. Quinta-feira de Corpo de Deus

*Em Quinta-feira de Corpo de Deus, a confraria assiste à missa e acompanha a bandeira a casa da tesoureira, que oferece tremoços, filhós, vinho e mel, com o cerimonial já descrito.*

*Pela tarde realiza-se a tourada a terceira e a última do ciclo das festas, e com ela terminam as devoções do divino Espírito Santo que foram, e ainda são, paixão e alegria dos arraianos zebreiraenses.”*

## Angariação de meios

A angariação de meios consiste num peditório pela população que reverte a favor da confraria. Esta acção já se realizou na segunda quinzena de Agosto, frequentemente no dia 15. Actualmente é mais frequente no dia 25 do mesmo mês. Integra o grupo que faz o peditório o juiz, o secretário, o alferes e os doze mordomos. O dinheiro, angariado é entregue à tesoureira. No passado revertiam ainda para a confraria os lucros das touradas.

## Outras festas de comunidade

Para uma descrição pormenorizada de todo o ciclo festivo ver ANTUNES (1987).

São outras festas desta comunidade a festa de São Sebastião, a festa de Santo Isidro, a festa da Senhora da Piedade e a festa de São Domingos.

A festa de São Sebastião realiza-se em 20 de Janeiro. Tem três mordomas eleitas anualmente. São raparigas solteiras. “São sempre filhas de gente humilde.” Para mais detalhes consultar HENRIQUES (1993).

As festividades a Santo Isidro começaram nesta povoação na década de 60 quando foi comprada a imagem por subscrição pública.

A festa da Senhora da Piedade tem uma data fixa (8 de Setembro). É uma festa religiosa e laica. Em 1974 houve festa da Senhora da Piedade “...diríamos até que nunca se verificou uma enchente como a deste ano” (RECONQUISTA, 1974).

São eleitas anualmente três raparigas, solteiras, como festeiras. Eram quase sempre recrutadas entre as famílias que melhor viviam. Continua a realizar-se esta festa no início de Setembro com a vertente religiosa e profana. Em 1994 houve tourada “à vara larga.”

A festa de São Domingos realiza-se oito dias depois da Páscoa. É organizada por cinco casais festeiros. ANTUNES (1987) descreve em pormenor estes festejos.

### Outros recintos religiosos

Igreja matriz, capela de São Sebastião, capela de São Pedro, capela da Nossa Senhora da Piedade, capela de Santo Isidro e capela de São Domingos.

### Observações

O informante utiliza muitas vezes o termo “lei” como sinónimo de costume.

A confraria do Espírito Santo não tem sede. Além dos encontros já conhecidos, de todos os elementos, não há outras reuniões. “Porque todos sabem quando a bandeira sai.”

Não existe Misericórdia.

Pelo Natal é costume fazer-se uma fogueira em frente da capela do Espírito Santo.

As confrarias do Espírito Santo de Zebreira e Rosmaninhal, com as suas insígnias, encontravam-se anualmente, na terça-feira após o domingo de Páscoa, na festa de São Domingos (capela que existiu na área do Monte de São Domingos, entre Zebreira e Rosmaninhal). Por desavenças entre os povos de Zebreira e Rosmaninhal deixou de se realizar o encontro.

### Informantes

António Silva, 79 anos, sacristão da povoação (Zebreira). É juiz da festa do Espírito Santo há 32 anos. Logo no primeiro ano que serviu foi eleito para juiz. “Era o meu filho que era alferes mas como foi para carteiro, para fora da terra, pediu-me para fazer o lugar dele. Fui e puseram-me logo em juiz porque eu sempre estive muito ligado à Igreja.”

### Bibliografia

ANTUNES, 1987.  
DIAS, 1944.  
DIAS, 1953.  
HENRIQUES, 1993.

RECONQUISTA, n° 852, 3 de Setembro de 1961:9.  
RECONQUISTA, n°1095, 8 de Maio de 1966:5.  
RECONQUISTA, n° 1522, 14 Setembro de 1974:3.  
RECONQUISTA, n° 2045, 8 de Março de 1985a:13.  
RECONQUISTA, n° 2058, 7 de Junho de 1985b:5.  
RECONQUISTA, n°2061, 28 de Junho de 1985c:5.  
RECONQUISTA, n° 2076, 25 de Outubro de 1985d:7.  
RECONQUISTA, n° 2096, 24 de Março de 1986a:4.  
RECONQUISTA, n° 2105, 23 de Maio de 1986b:13.  
RECONQUISTA, n° 2117, 29 de Agosto de 1986c:7.  
RECONQUISTA, n° 2122, 3 de Outubro de 1986d:7.  
RECONQUISTA, n° 2127, 7 de Novembro de 1986e:13.  
RECONQUISTA, n° 2155, 29 de Maio de 1987a:6.  
RECONQUISTA, n° 2170, 25 de Setembro de 1987b:13.

## 3. Festividades e culto do Espírito Santo no Sul da Beira Interior

### 3.1. Capelas

Nos quatro concelhos alvo desta investigação foram identificadas 28 comunidades com capela, imagem ou festividade dedicada ao Espírito Santo. Na mesma área geográfica, em 1993, foi feito idêntico levantamento das capelas, imagens ou festividades do São Sebastião (HENRIQUES, 1993) tendo sido identificadas em 37 comunidades. Ainda sobre São Sebastião identificámos, posteriormente, mais quatro lugares.

Pelo que se conhece desta área geográfica é provável que o São João, o Santo António e o São Sebastião sejam as principais figuras do panteão regional. O Espírito Santo deve surgir imediatamente a seguir. Superior ao culto dos santos populares só mesmo o culto mariano protagonizado nas muitas Senhoras.

A data da construção da quase totalidade das capelas do Espírito Santo, que identificámos, remonta aos séculos XVI e XVII. Seria muito importante realizar um estudo que explicasse a emergência de capelas do Espírito Santo nestes 200 anos. Capelas anteriores a este período (Alpedrinha) e posteriores (Meimão e Várzea do Pedro o Mouro) surgem fora da área geográfica deste trabalho (SALVADO, 1988).

Das 28 comunidades, actualmente, 19 têm capela e nove não a têm (Escalos Cima, Monfortinho, Monforte da Beira, Proença-a-Velha, Salvaterra do Extremo, São Pedro do

Esteval, Sarzedas, Segura e Vila Velha de Ródão). Nesta listagem há locais que tiveram capela. É o caso de Proença-a-Velha (temos imagem, notícia oral da existência da capela e pode-se observar ainda um nicho que marca o local da capela) e Sarzedas (OLIVEIRA, s/d:121). Em Escalos de Cima existe uma imagem do Espírito Santo, uma rua denominada de Espírito Santo numa das entradas da povoação e ainda o topónimo ribeiro do Espírito Santo junto da citada rua. Julgamos que existiu capela. Em Monfortinho existe uma imagem, uma rua e uma travessa do Espírito Santo e recolhemos a notícia oral da sua existência. Em São Pedro do Esteval existe uma imagem e há um local, no campo, denominado Espírito Santo, com vestígios de paredes grossas. A tradição oral identifica aquele local como capela. Em Monforte da Beira havia imagem e existe uma rua do Espírito Santo. É provável que tenha existido capela, hipótese que defendemos com menos convicção. Em Segura e Salvaterra além da imagem nada mais se conserva. É possível que nunca tenha existido capela. Perante o que se disse coloca-se como hipótese que em alguns destes locais tivesse existido capela do Espírito Santo. Com a degradação e ruína do monumento a imagem teria passado para a igreja e a informação perder-se-ia na memória das pessoas.

Para a antropologia a perspectiva histórica das manifestações é um dado imprescindível para dar resposta a um conjunto muito vasto de problemáticas e, essencialmente, para se conhecer fenómenos de continuidade e transformação.

Das 19 capelas existentes doze estão no interior do perímetro urbano e sete na periferia. Destas doze capelas é também provável que sete, à data da sua construção, se localizassem na periferia do povoado. Alguns dos locais em que se colocou a hipótese de ter existido capela ficam também na periferia da povoação. Deste modo teríamos 14 capelas, em 19 possíveis, na periferia da povoação. No trabalho de São Sebastião este fenómeno ainda é mais evidente.

Colocar capelas no limite do espaço habitacional constituía uma demarcação dos espaços em estruturados e não estruturados. Entre o seguro e o inseguro. Entre o humanizado e o não humanizado. As capelas são marcos que limitam espaços. O seu interior é um espaço fechado seguro e acolhedor. Tal como uma mãe.

A generalidade das capelas e igrejas têm a porta principal voltada para poente. Devem ter seguido a orientação geral da Igreja. À porta principal a poente correspondia o altar-mor a oriente. Estavam assim orientadas para onde Jesus Cristo nasceu. É o que acontece em 15 das 19 capelas inventariadas. Duas estão orientadas a nor-nordeste (Sarnadas de Ródão e Fratel). A capela de Fratel é muito recente e completamente descaracterizada. Parece que a única preocupação foi construir um recinto para

substituir um outro demolido. O caso de Sarnadas é bem diferente (ver 2.22). O recinto parece antigo tendo as paredes mais de um metro de espessura. É uma capela só com um espaço; não há capela-mor.

As duas restantes têm porta principal voltada a nascente (Zebreira e Idanha-a-Nova). Actualmente a Igreja parece já não fazer questão quanto a orientação dos templos. Esta atitude pode explicar a orientação da capela de Idanha-a-Nova que é um edifício recente. Para o caso da Zebreira não lhe encontramos explicação. A não ser que tenha sido construída num período anterior à normalização.

Em São Pedro do Esteval houve, já neste século, alteração da entrada principal da igreja. A sua porta principal estava voltada a nascente. Recebeu obras e foi normalizada; abriram-na a poente.

Do universo de 19 capelas 15 delas estão bem conservadas por necessidade, quando são capelas mortuárias, ou por brio da zeladora.

Há zeladoras que se orgulham da hereditariedade do cargo, com mãe e avó a desempenharem função semelhante (é o que acontece na Torre e em Proença-a-Nova). Observou-se que o lugar de zeladora da capela, em alguns casos, é pertença de uma família.

A zeladora tem a chave e orgulha-se em mostrar a imagem, da sua devoção, aos interessados. São as pessoas mais indicadas para prestar informações acerca da capela em causa. Falam dos conflitos com os padres e defendem “a sua dama.” No cumprimento de promessas nem sempre cumprem as ordens do pároco, como seja, não acenderem velas ou lamparinas às imagens e não aceitarem ex-votos em cera. Mas as zeladoras, imbuídas da mesma religiosidade popular que os ofertantes, compreendem melhor a vontade dos devotos que as ordens do padre, condescendendo assim com os desejos das populações.

Muitas vezes são elas que dão a água e o detergente, que comprem as flores e, em algumas ocasiões, chegam a dar a electricidade, para que a capela esteja como está. Algumas chegaram a referir o desacordo que existe com o pároco no que toca à necessidade de obras. Segundo algumas zeladoras, as verbas são geradas na capela e investidas na igreja ou nem isso.

Duas, de todas as capelas, apesar de terem zeladoras, têm um aspecto de abandono total. Duas outras necessitam de obras sob o perigo de degradação completa do altar e restante espólio (Medelim e Idanha-a-Velha).

Nos recintos que exercem a função de capela de velaturas é, em algumas situações, já desempenhada de modo profissional e não em regime de voluntariado. Em outros casos são os familiares do morto que, após a utilização da capela, se encarregam da sua limpeza.

O número de portas depende do tamanho do templo. Os templos mais pequenos, em número de sete, têm apenas uma porta (Alcafozes, Almaceda, Fratel, Oledo, Penha Garcia, Proença-a-Nova e Sarnadas de Ródão). Alguns destes recintos só têm um espaço. Isto é, não chega a haver o estrangulamento que divide a capela-mor da nave. Os doze restantes têm duas portas. A principal e a secundária. A secundária está maioritariamente voltada a sul.

Doze das capelas têm sacristias. Nem sempre o tamanho do templo tem a ver com a existência ou não de sacristia. Há capelas muito pequenas como a de Almaceda, com sacristia. E há capelas maiores (Oledo e Alcafozes) sem sacristia.

O seu grau de importância é relativo. Algumas destas capelas foram já utilizadas como Matrizes (Alcains, Almaceda e Zebreira) antes da existência das actuais ou durante as suas obras (Rosmaninhal).

Houve capelas que já tiveram funções diferentes das actuais. A de Oledo serviu de escola durante largo período de tempo. A de Rosmaninhal serviu de pocilga.

As capelas de Fratel e Idanha-a-Nova têm, hoje, localização diferente da original em virtude das novas regras de ordenamento urbanístico.

Nas *Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa*, M. ESPÍRITO SANTO (1988:114) a determinada altura refere que: *“temos provas de que, num passado não muito remoto, o culto do Espírito Santo se desenrolava exclusivamente junto da água, sobretudo dos rios; se não houvesse cursos de água na povoação, abria-se um poço para que houvesse presença de água, mas não se trata, neste caso de banhos santos. ... As dezenas de capelas ou igrejas em honra do Espírito Santo que encontramos pelo país estão construídas junto (ou a umas dezenas de metros) de rios ou ribeiros.”*

Perante esta afirmação o trabalho de campo foi também orientado para esta observação. Concluiu-se que das 19 capelas inventariadas 13 têm muito perto poços (dois casos), rios ou ribeiros (dois casos), nascentes (9 casos), algumas vezes já canalizadas para fontes (ver capítulo 2).

No campo, o costume de velar os mortos fora da casa do próprio é um fenómeno recente. Alastrou rapidamente da cidade para o meio rural. Este facto está directamente

relacionado com o modelo social que progressivamente se tem vindo a adoptar. Uma sociedade de base agrícola vai deixando lentamente de o ser.

Hoje nasce-se fora de casa, morre-se fora de casa, está-se cada vez menos tempo em casa. A casa, no seu sentido mais amplo, deixou de ser uma referência fundamental para o indivíduo.

As aldeias vão copiando a cidade e os seus valores. A capela de velaturas prolifera. Porque a capela, com o respectivo orago, deixou também de desempenhar cabalmente a função para que foi construída. Esta é uma nova utilidade. Por vezes é a única forma de proteger ou recuperar o monumento.

Este fenómeno não é novo. Já em 1993 se tinha observado o mesmo em relação às capelas de São Sebastião. Das 19 capelas do Espírito Santo cinco estão, actualmente, transformadas em capelas de velaturas. Por vezes ocorrem vozes muito discordantes como no caso, que chegou às páginas dos jornais, da polémica transformação da capela do Espírito Santo de Alcains em capela mortuária.

### 3.2. Imagens

Numa primeira observação verifica-se que as imagens do Espírito Santo, patentes nas capelas e igrejas, são pouco variadas. Numa observação mais cuidadosa verificam-se diferenças substanciais.

A figura tradicional, que nos habituámos a observar, é a de um homem, velho, barbudo e sentado. É o criador e o arquitecto do mundo. A iconografia religiosa quase não o representa. O Filho, crucificado, surge nas mãos do Pai. Do Filho já nos surgem diversas representações. O Espírito Santo surge representado sob a forma de pomba. Este conjunto é correctamente denominada de Santíssima Trindade.

A imagem protótipo é constituída por uma figura humana, masculina e sentada, uma cruz com Jesus Cristo crucificado e uma pomba. A figura humana veste indumentária pontifical com tiara ou coroa na cabeça, pluvial vermelho, alva clara, cingulo a apertar a alva e estola cruzada sobre o peito. Jesus surge crucificado na cruz, com cabeça flectida à direita e pequena tanga. A pomba poisa sobre o braço superior da cruz.

As imagens de Proença-a-Nova e uma da Torre escapam a este padrão. Estas duas imagens são muito grandes com Pai e Filho lado a lado, ao mesmo nível. A pomba surge entre os dois num plano ligeiramente recuado. As figuras humanas representadas estão sentadas sobre um bloco que simula nuvens. O Pai está representado em ambas com barba comprida e cinzenta e o Filho com barba castanha mais curta. O Velho da

imagem de Proença-a-Nova tem um globo na mão esquerda. O da Torre tem um ceptro na mesma mão. O Filho na imagem de Proença surge com os braços abertos. O da Torre agarra com a mão direita uma enorme cruz. Ambas as imagens são muito recentes.

Foram inventariadas 26 imagens. Em duas localidades foram observadas duas imagens (Idanha-a-Nova e Torre). Por sua vez, identificámos três locais sem imagem (Monforte da Beira, Penha Garcia e Segura). Em todos estes locais há notícia de terem existido. A imagem de Monforte parece estar actualmente num museu, em Portalegre. O mesmo destino terá levado a primitiva imagem de Proença-a-Nova. A de Penha Garcia terá sido roubada! A de Segura é ainda referida por Mário ANDRADE (1949) como estando na igreja matriz.

Das 26 imagens conhecidas 19 estão nas suas capelas, seis estão na igreja matriz e uma está numa outra capela que não é dedicada ao Espírito Santo (capela da Senhora da Consolação, Monfortinho). Entre as imagens que estão nas igrejas temos a certeza de duas terem vindo de capelas (Idanha-a-Velha e Proença-a-Velha). Em relação a duas é grande essa probabilidade (Escalos de Cima e São Pedro do Esteval). Finalmente em Salvaterra e em Vila Velha de Ródão não há notícia nem vestígio de capela.

Algumas destas imagens estão, ou já estiveram, fora do culto. São os casos da imagem de Escalos de Cima que esteve muito tempo numa arrecadação da igreja matriz e da imagem de Proença-a-Velha que esteve muitos anos numa casa paroquial. Há ainda o caso da imagem de Medelim cuja existência era desconhecida apesar de estar na capela - o elevado estado de degradação do recinto impossibilita-o de ser usado em ofícios religiosos. Uma das imagens de Idanha-a-Nova está num corredor dos anexos da capela. Em relação à imagem de Sarnadas de Ródão vale a pena consultar o capítulo 2 (2.22) onde se relatam as circunstâncias do seu aparecimento. O emparedamento da imagem não é inédito. Por exemplo, em Amieira do Tejo, há alguns anos, aquando das obras de restauro da igreja, foram encontradas três imagens emparedadas.

Há várias razões que poderão ter levado ao emparedamento desta imagem: a perseguição ao culto do Espírito Santo; o medo do roubo da imagem e refira-se que esta área foi sempre palco de confrontos guerreiros; ou outras causas. Aceitamos todas as razões por não termos a certeza de nenhuma. Mas é possível, como foi exemplificado, encontrar imagens emparedadas nas capelas e igrejas desde há vários séculos. Era uma forma de as “enterrar” condignamente. Era um modo de sepultamento de imagens em pedra, mas não só. Porque isto de imagens religiosas também é uma questão de moda. Passou a moda das imagens de pedra. Passaram a ser “feias” e então

arrumaram-se. Compravam-se outras novas, mais belas. E as velhas imagens foram emparedadas, continuando a fazer parte da igreja. É preciso ter em conta que as pessoas morriam e também elas eram enterradas no interior das igrejas. Às imagens dava-se o mesmo destino.

Quando as pessoas passaram a ser enterradas no cemitério as imagens tiveram o mesmo caminho. Um bom exemplo é o caso de uma velha imagem de São Sebastião, em Partida, enterrada no cemitério (HENRIQUES, 1993).

Quanto ao aspecto, do Pai Eterno ou Velho, como também é conhecida a maior figura deste conjunto escultórico, poucas vezes surge com aspecto de velho. Geralmente apresenta um fâcies de adulto jovem, com barba, cabelo e bigode grisalho. Outras vezes nem isso. Chama-se a atenção para o caso da imagem de Alameda que representa um adulto pleno de vitalidade e saúde, com as faces vermelhas e gordas, e ainda para a cútis escurecida e o cabelo preto das imagens de Proença-a-Velha e Monfortinho<sup>70</sup>. Quão longe estão estas imagens do fâcies angelical patente nas novas imagens do Espírito Santo ou nas recém restauradas.

Depois do aspecto físico vejamos outros pormenores. Nas vestes pontificais que vestem a generalidade das imagens há elementos que destoam. Nestas vestes sobressai a ausência de tiara ou uma tiara defeituosa ou incompleta. Excluindo as imagens já referidas da Torre e de Proença-a-Nova as onze restantes têm tiara, oito têm coroa aberta ou fechada e duas imagens não foram observadas. Das três restantes, uma tem algo na cabeça tipologicamente entre a coroa e a tiara, outra tem um alfinete na cabeça irradiando raios (Tinalhas) e a terceira tem um chapéu troncónico sem abas (Torre). Atrás fizemos referência a tiaras incompletas ou defeituosas pela falta cruz no topo ou de qualquer uma das três coroas que caracterizam a tiara pontifical. A tiara emana um conceito de poder divino, sagrado, que não é confundido com o poder da coroa, aberta ou fechada. A coroa é sinónimo de poder temporal. É usada por reis e imperadores que governam mortais. O Espírito Santo com coroa confunde poder temporal com poder divino e isto parece um tanto ou quanto herético.

Abordando ainda as imagens chama-se a atenção para a imagem do Espírito Santo (velho) da Torre. Não veste indumentária pontifical mas sacerdotal, com casula, e não

<sup>70</sup> Isto faz lembrar o ideal de mulher e de homem que a poesia popular beirã regista (HENRIQUES, 1995): “cabelo preto às ondas” e pele “morena”. Os habitantes do Rosmaninhal são também conhecidos por “tchamuscados” devido à tonalidade da sua pele.

usa, tiara mas “fez.” Tem fâcies oriental. Era importante ser observado por um especialista.

A pomba, símbolo do Espírito Santo, encontra-se implantada em diferentes lugares da imagem e com diferentes posturas.

Há imagens sem pomba (Castelo Branco, Medelim e Monfortinho). Dizem tê-la perdido. Será esta a verdadeira razão? Uma destas imagens (Monfortinho) também não possui cruz mas continuam todas no altar e são alvo de adoração.

Há duas imagens em que a pomba surge um pouco destacada das restantes representações (imagens modernas de Proença-a-Nova e Torre). Duas das pombas estão fixas no peito da imagem (Alcafozes e São Pedro do Esteval). Duas outras estão no topo da cabeça (Idanha-a-Nova e Oledo). Estas duas imagens são muito semelhantes. Noutras duas, a pomba não está no topo da cruz mas sobre o seu braço horizontal (Alcains e Zebreira). Nas restantes 13 não há uniformidade porque em muitas situações a pomba substitui o segmento vertical da cruz. A postura da pomba também é diferente. Pode-se observar em pleno voo, de asas bem abertas (oito casos), de asas meio fechadas (oito casos) e de asas fechadas (cinco casos).

Relativamente aos cadeirões em que as imagens se sentam podia-se fazer uma tipologia. Optámos por não o fazer. Esclarece-se, entretanto, que a sua variedade se reduz a quatro ou cinco tipos.

Relativamente ao material de construção apenas se identificaram as imagens de pedra pelo seu peso. Neste material encontraram-se sete imagens que provavelmente datam do século XVI (Alcains, Alameda, Castelo Branco, Escalos de Cima, Fratel, Monsanto e Rosmanihal).

Das 24 comunidades com imagens do Espírito Santo só em sete delas é costume sair em procissão. Nas restantes 17 não sai actualmente. Uma “sairam duas ou três vezes e depois deixaram de sair” (por exemplo, em Castelo Branco e Proença-a-Nova). Outras não saem porque “são muito pesadas” e nesta situação incluem-se todas as imagens de pedra. Outros informantes não deram razões objectivas para a sua não participação em procissões. O pendão substitui a imagem.

Muitas das imagens observadas devem ter sido repintadas por amadores (é o caso de Fratel para citar um único exemplo) ou então, o mau estado da sua pintura deve-se ao uso de produtos e métodos contra-indicados para a sua limpeza.

Registe-se o hábito, por exemplo, de limpar a imagem com água dando-lhe depois uma última passagem com vinho branco (Proença-a-Nova). Em 1992 detectou-se uma prática semelhante, em Sobreira Formosa, para a imagem de São Sebastião (HENRIQUES, 1993).

Em Monsanto e Monfortinho estas imagens são limpas com aguardente. Em Sobral do Campo o rosto e as mãos das imagens são limpas com clara de ovo batida em castelo. “Faz máscara e não estraga a pintura.”

Será possível correlacionar produtos com álcool (vinho e aguardente) com a acção de máxima limpeza (esterilização)<sup>71</sup>, sendo por isso usados no que precisa de estar puro, na limpeza de imagens sacras?

A imagem do Espírito Santo é uma imagem perigosa<sup>72</sup> para o dogma da fé. Perigosa pela confusão que pode criar nas mentes de uma população rural, inculta do ponto de vista teológico.

O conjunto escultórico está sabiamente concebido por forma a congregar num só bloco, numa só representação, a ideia da tríade divina. A intenção da imagem é então representar as três pessoas da Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo. Simbolizando o Pai surge o velho, como aquele que perdura, o que tem o poder e o saber. O Filho é o crucificado, imagem com fundamento bíblico. O Espírito Santo é a pomba, uma das formas de que se fez representar materialmente.

Gente sem formação pode abeirar-se da imagem e pensar: estão aqui três deuses. Mas como, se a Igreja diz que existe um único? Na colocação desta questão está o perigo. Está-se então perante uma imagem bem concebida mas que pode ser mal interpretada.

À sombra deste culto, com uma simbologia tão rica, houve quem se aproveitasse para, no interior da Igreja, contestar essa mesma Igreja. E a Igreja perante a situação não tomou uma posição radical. Foi deixando o seu culto um pouco à margem, um pouco no esquecimento. Evitava-se o assunto e não se enfrentava, até porque as organizações sociais que gravitavam em torno deste culto (Misericórdias e confrarias do Espírito Santo) tinham uma grande influência na vida social.

<sup>71</sup> Bactericida de acção mínima no campo científico e de acção máxima na acepção popular.

<sup>72</sup> Por se falar de estatuária “perigosa” noticia-se a existência de duas imagens, proibidas pela Igreja, em Aldeia de Santa Margarida e Alcafozes. Sobraram estas duas imagens do Santíssimo Sacramento, das muitas que havia nesta área.

Apesar do esquecimento e marginalização por parte da Igreja este culto não chegou a sucumbir por estar bem enraizado na população e possuir estruturas sociais que fugiam ao controle da própria Igreja.

Por tudo isto o culto do Espírito Santo pode conter aspectos heréticos e subversivos para a Igreja oficial. O seu aspecto herético/subversivo pode ter contribuído para o “pouco cuidado” que a Igreja teve com as suas capelas e imagens.

### 3.3. Insígnias

As insígnias são alegorias. A bandeira, a coroa e a pomba, em contextos específicos, representam ou transmitem a ideia do Espírito Santo. Para maior detalhe focar-se-á, seguidamente, cada uma das insígnias.

#### 3.3.1. Bandeira

A bandeira é um pedaço de pano sub-retangular que, preso a uma haste, serve como distintivo e identificação. É portadora de sinais específicos que a tornam inconfundível para elementos de determinada cultura.

Uma bandeira do Espírito Santo é imediatamente identificada pela cor vermelha de ambas as faces e por uma pomba ou coroa nela representada. Outros adereços complementam estes.

A bandeira, relativamente ao Espírito Santo, é a mais representativa das insígnias. Dos 28 locais inventariados existe actualmente bandeira em metade deles. Nos outros locais não há bandeira embora, no passado, tenha existido em alguns deles.

No trabalho de campo foi bem mais difícil observar a bandeira que a capela ou a imagem do Espírito Santo. Como dez das 14 bandeiras estão na posse da Igreja poucas foram observadas, porque a pessoa indicada para a mostrar não estava ou não tinha a chave. Além disso, houve situações em que o interlocutor não conhecia o paradeiro da chave que dava acesso ao local onde se guardava a bandeira. Mas, independentemente de todos os condicionalismos, fomos os principais responsáveis por esta circunstância pelo facto de não termos sido suficientemente persistentes.

Em contrapartida, foram observadas, sem grande dificuldade, todas as bandeiras que estão na posse dos festeiros e são três os casos. Uma está na capela devido a uma situação de excepção. Se tal não acontecesse estaria com os festeiros<sup>73</sup>.

Duas das bandeiras passaram recentemente da posse dos festeiros para a Igreja (Monsanto e Salvaterra do Extremo), o que traduz o desaparecimento do grupo que a geria.

Encontraram-se dois tipos distintos de bandeira. A bandeira de modelo antigo é composta por uma haste vertical e uma travessa horizontal que encaixa na primeira. A bandeira para esta haste tem duas bainhas, uma em altura outra em largura, onde entram a haste vertical e a travessa horizontal. Têm estas características as bandeiras de Idanha-a-Nova, Idanha-a-Velha, Monforte, Proença-a-Velha, Salvaterra e Segura. Ainda que esta última seja muito recente foi confeccionada segundo o modelo da anterior, recebendo dela as oleografias centrais<sup>74</sup>.

A bandeira de modelo moderno é constituída por uma haste central tendo, perto do topo, um varão transversal que se introduz na bainha da bandeira. Este é o modelo comum às bandeiras mais recentes.

Os motivos centrais da bandeira são pouco, variados. O mais comum é a pomba. A coroa surge numa das faces da bandeira de Monforte, bordada a branco com pérolas e fios dourados. A imagem do Pai Eterno surge em três bandeiras (Idanha-a-Nova, Idanha-a-Velha e Segura). Línguas de fogo associadas ou não às pombas surgem em duas (Ladoeiro e Monforte).

Em relação a todas as outras, a bandeira de Monforte apresenta duas inovações são: uma bolsa para o dinheiro, que se deixou de pregar nas fitas, e uma aljava onde o alferes introduz a base da haste da bandeira. Nesta bandeira realça-se ainda uma figura numa das faces, composta por um círculo raiado de cor amarela, no interior do qual está inscrito um triângulo azul e no meio deste a pomba de asas abertas. As técnicas de gravação destas imagens são a pintura, o bordado e o recorte de um tecido de cor diferente.

No topo da haste de algumas bandeiras, de modelo antigo (Salvaterra, Segura, Monforte e Zebreira), há uma pomba que é o objecto sagrado por excelência (Segura e Zebreira).

<sup>73</sup> É a bandeira de Zebreira. Em situação comum deveria estar na posse da tesoureira mas o juiz, não reconhecendo idoneidade à tesoureira, ordenou que fosse transferida para a capela.

<sup>74</sup> A bandeira foi substituída em 1992. A anterior durou cerca de 50 anos.

Em alguns casos proíbe-se que seja tocada directamente. No Ladoeiro é também proibido tocar na cruz que encima a haste da bandeira (de modelo moderno). Será uma reminiscência da proibição do toque na pomba?

É costume colocarem fitas na bandeira do Espírito Santo. O único local onde este hábito não se observa é em Monsanto. As fitas são essencialmente de cor branca e vermelha; as cores do Espírito Santo. No Ladoeiro, como se viu, observa-se uma variedade muito grande de cores. As fitas surgem em sinal de promessa e devoção. Muitas têm inscrições, outras não. Mas o objectivo é sempre o mesmo; o oferente continuar ligado ao Espírito Santo. A fita é um pedaço do indivíduo que continua permanentemente junto da divindade. Essa relação é mais forte se a fita tiver o nome. É um modo de continuar protegido. É a perpetuação de si mesmo de que não está ausente uma estratégia de prestígio. O hábito de oferecer fitas está tão difundido que, no Ladoeiro, é necessário um fio na capela para as guardar.

Em Salvaterra do Extremo “os rapazes mediam-se para saber qual é que conseguia dar mais voltas com a bandeira no ar... Quem dava mais voltas com a bandeira não ganhava nada era só o dizer de ter dado mais voltas à bandeira.” Ser o melhor a voltar a bandeira era uma questão de prestígio social e só por isso o faziam. Há que ter em conta que, em alguns locais, à porta do festeiro que serve se faz “dançar a bandeira.” Mas esta última prática é bem diferente, inclusivamente nos objectivos, do despique dos rapazes de Salvaterra.

Em 3.2. foi observado que muitas das imagens do Espírito Santo não participam nas procissões. A imagem é substituída pela bandeira. A bandeira não é o Espírito Santo mas é uma das insígnias utilizadas para o representar.

A bandeira do Espírito Santo pode, em algumas circunstâncias, representar a comunidade. É o caso da bandeira do Rosmaninhal na festa de Santa Madalena. O mesmo ocorre com Oledo, no Ladoeiro e Idanha-a-Nova na festa da Senhora do Almortão.

O sair da bandeira do Espírito Santo, em algumas comunidades, obedece a um ritual complicado (Ladoeiro, Monforte, Monsanto, Zebreira e Segura). Há dias determinados para a sua saída. Há pessoas específicas para a levar. Há gestos próprios da bandeira e do porta-bandeira. Caracterizar cada um destes momentos não é tarefa fácil, porque o próprio ritual se altera com o tempo e se adapta às circunstâncias. Deverá ter-se em conta o ritual que envolvia a bandeira do Espírito Santo de Segura em 1945, bem descrito por Mário Andrade, ou o ritual de hoje que está substancialmente alterado? É

correcto analisar o “mais puro” ou o “adulterado”? E poderemos comparar, por exemplo, o ritual bem vivo do Ladoeiro com o de Monsanto que não se efectua há anos? E quando estamos perante situações de excepção, como é o caso de Zebreira, deve ter-se em conta a excepção ou a regra? Por fim, até que ponto é correcto comparar rituais de há 40 anos, com outros que terminaram há dez anos, com situações de excepção e com outros cujo cerimonial se adapta, ano após ano, às circunstâncias? Tentar-se-á a estabilidade num mar tempestuoso.

Onde existiram, num passado recente, ou ainda existem, organizações específicas da festividade e culto do Divino a bandeira é, durante um ano, quase sempre transportada pelo mesmo indivíduo. Monsanto era a excepção; quem levava a bandeira era o mordomo que havia dado o almoço no domingo anterior. Noutros locais quem transporta a bandeira é denominado alferes e para esta função é escolhido um rapaz solteiro (Ladoeiro, Monforte e Zebreira)<sup>75</sup>.

Havia datas determinadas para a bandeira sair. Estas datas podem variar ligeiramente de comunidade para comunidade e dentro da mesma comunidade do passado para o presente. Comuns a quase todas elas eram os domingos que iam da Ressurreição ao Pentecostes e aqueles que correspondiam às mais importantes festividades da comunidade. Em Segura, de todos os domingos anteriormente referidos e de todas as festas e procissões a bandeira sai, actualmente, quatro vezes por ano: no domingo de Páscoa, na terça-feira de Páscoa (festa de Santa Marina), no domingo do Espírito Santo e no dia do Corpo de Deus. Ladoeiro mantém o calendário não participando, unicamente, na festa da Senhora do Almortão. Em Monforte da Beira a bandeira mantém também o calendário (domingos da Páscoa ao Pentecostes, dia do Corpo de Deus e festa da Nossa Senhora, em 15 de Agosto). Em Monsanto a bandeira deixou de ser gerida pelos festeiros. Quando o era saía nos domingos atrás citados, na quinta-feira da Ascensão e no dia do Corpo de Deus.

A entrada e saída da bandeira da casa do festeiro eram alvo de um cerimonial complexo. A bandeira saía e entrava, quando a arquitectura da casa assim o permitia, através de uma janela ou varanda do primeiro andar. A recepção e a entrega da bandeira era feita por mulheres (Ladoeiro, Monforte e em parte Zebreira). Durante a recepção ou a entrega da bandeira, em alguns locais, a varanda ou a janela era previamente preparada com toalhas e colchas de modo a que não tocasse no edifício.

<sup>75</sup> “Para os diversos lugares, com excepção do de tesoureira, são escolhidos, de preferência rapazes novos, e, noutro tempo, só os solteiros” (DIAS, 1953:87).

Em Monforte havia um elemento que ajudava o alferes a entrar e a sair com a bandeira da igreja, de modo a que não tocasse no chão. Na Zebreira o juiz e o secretário também auxiliavam, com as suas varas, a bandeira a entrar nos edifícios (igreja e casa da tesoureira) ou a sair da igreja.

O cortejo da bandeira, através das ruas da povoação, obedecia a critérios rígidos no modo como cada elemento se dispunha em relação aos outros. A posição relativa de cada elemento tinha a ver com o lugar que ocupava no interior do grupo. Toda a actuação destes grupos de festeiros era marcada pela rigidez hierárquica. Obedeciam a regras há muito estabelecidas, e que todos conheciam, não havendo lugar a mudanças. Quando surgiam eram condenados.

Em Segura a insígnia principal é a bandeira completa. A bandeira assiste a todas as refeições cerimoniais. Guardam-lhe o máximo respeito não se podendo, por isso, voltar as costas à bandeira. Durante a refeição a que assiste, a bandeira é privada da sua pomba, por ser o objecto sagrado por excelência. Mas há cerca de 50 anos não a retiravam. Em Monsanto, a bandeira antes de entrar em casa do festeiro fazia uma vénia como que a cumprimentar os da casa. Aqui, a bandeira não era a insígnia máxima. A insígnia máxima era a coroa. A bandeira assiste, ao lado da coroa, ao desenrolar da refeição cerimonial. No Ladoeiro e na Zebreira as insígnias não assistem à refeição.

De um ano para o outro as insígnias são guardadas, consoante as localidades em casa do elemento que detém maior poder no interior do grupo (Ladoeiro, Idanha-a-Nova e Monforte), em casa da tesoureira (Zebreira) ou em casa do elemento dará o primeiro jantar do ano seguinte (Monsanto).

A força centrípeta da bandeira é de tal modo forte que em Segura, onde não há imagem, nem capela, nem coroa, o ritual mantém-se ainda que alterado. A força catalisadora da bandeira é tão forte que substitui a imagem divina nas procissões e noutros actos religiosos.

### 3.3.2. Coroa

A coroa é um adorno circular usado como símbolo de poder personalizado, temporal ou espiritual.

As coroas do Espírito Santo, desde o século XIX, são obrigatoriamente em prata.

Durante o trabalho de campo deparámos com a existência de seis coroas ligadas ao culto do Espírito Santo, no sul da Beira Interior. Em Monsanto existem duas coroas, uma

“antiga e com mais poder” e outra “mais nova.” As outras coroas encontram-se em Idanha-a-Nova, Ladoeiro, Monforte e Salvaterra do Extremo.

Actualmente, as coroas de Monsanto e Salvaterra estão na posse da Igreja. As restantes estão na posse dos festeiros. Não foi possível observar as coroas que se encontram na posse da Igreja, pelos mesmos motivos que foram referidos em relação às bandeiras.

As coroas saem, ou saíam, nas mesmas ocasiões que a bandeira e que todas as restantes insígnias. Para a saída eram ornamentadas com cravos naturais (Ladoeiro e Salvaterra) ou flores de papel (Monforte da Beira).

Durante a sua utilização é proibido pegar-lhe directamente com a mão. Assim, em Monsanto e em Idanha-a-Nova utiliza-se uma salva para transportar a coroa. Em Salvaterra utiliza-se “um cestinho de verga forrado com rendas.” No Ladoeiro a própria corta tem uma pega usando-se, ainda, um lenço branco para impedir o contacto entre a mão e a pega. Em Monforte a coroa vai suspensa, por uma fita, do pescoço da criança. Há, ainda, um grande pano de damasco vermelho com o qual a criança a segura na base.

Em Monsanto a coroa é a principal insígnia. Nos outros locais é uma insígnia importante mas não tão representativa como a bandeira.

Nesta região não há lugar à coroação de humanos. Em Monsanto dá-se a coroação, por breves minutos, da imagem do Espírito Santo. Parece o recarregar da coroa com a energia divina que depois passará aos humanos. No domingo de Pentecostes realiza-se a procissão com a imagem do Espírito Santo. Nesta procissão a imagem vai coroada com a coroa antiga e o festeiro que serve, nesse domingo, leva a coroa nova.

A coroa em Monsanto vai “*engrinaldada e ornamentada com cordões, brincos e outros objectos de ouro*” (DIAS, 1948:130). Este pormenor não é referido por Maria Leonor BUESCU (1984) e no trabalho de campo ninguém o referiu.

A coroa é sempre transportada por indivíduos do sexo masculino. São crianças que a transportam em Monforte da Beira e Idanha-a-Nova. Em Monforte a criança não ultrapassa geralmente os seis ou sete anos de idade. Em Idanha a criança tem dez a doze anos. Nos outros locais (Ladoeiro, Monsanto e Salvaterra) a coroa é levada por adultos que integram o grupo de festeiros. No Ladoeiro é o coroeiro que a transporta. É também ele o responsável máximo do grupo. Em Monsanto era transportada pelo festeiro que servia nesse domingo. Em Salvaterra era a pessoa que a tinha em casa; o

marido levava a bandeira e a mulher a coroa. Ou então pedia-se a alguém para levar a bandeira e o chefe de família levava a coroa. Nesse caso, quem transportava a bandeira era convidado para o almoço.

### 3.3.3. Pomba(s)

A pomba é uma escultura, em madeira, que representa a ave do mesmo nome. A dimensão da escultura é variável. Foram observadas pombas no Ladoeiro, em Monforte, em Segura e na Zebreira. Em Monforte, actualmente, não lhe atribuem qualquer importância. Está colocada no topo da haste da bandeira exibindo pintura em dourado e prateado. É pouco menor que uma pomba de tamanho natural.

No Ladoeiro as pombas são duas pequenas esculturas colocadas, cada qual, no topo de uma vara. Por serem de tamanhos diferentes tomam as designações de pomba grande e pomba pequena. Hierarquicamente ficam imediatamente abaixo do coroeiro; primeiro a pomba grande e depois a pomba pequena. As varas das pombas perderam qualquer funcionalidade para além do suporte das pombas.

Na Zebreira a pomba está colocada no topo da haste da bandeira. É um objecto sagrado por excelência. Toma parte activa no ritual. É retirada da bandeira pelo juiz, envolvida num lenço de seda e dada a beijar a todos os presentes, independentemente de pertencerem ou não à confraria. No final é completamente embrulhada no lenço e entregue à tesoureira que a guarda, juntamente com as outras insígnias. Simboliza o poder divino.

A pomba de Segura é de tamanho menor que o natural, tem cor branca e as asas abertas. É também colocada no topo do pau da bandeira. Actualmente é considerada um objecto sagrado. É um símbolo do poder divino. Não se lhe toca directamente com a mão, mesmo estando fora de uso. Utiliza-se um lenço de seda branco para o manuseamento da pomba. É retirada da bandeira antes de se iniciar, a refeição a que a bandeira assiste.

### 3.3.4. Varas

As varas são objectos cilíndricos de madeira, de diversos tamanhos, usados pelos festeiros do Espírito Santo. São um símbolo de poder temporal.

Foram observadas no Ladoeiro, em Monforte, em Segura e na Zebreira.

No Ladoeiro as varas suportam a pomba grande e a pomba pequena, já mencionadas.

Em Monforte há duas varas. Ou, mais correctamente, uma vara e um ceptro. A vara tem cerca de 140 centímetros de comprimento e possui no topo uma flor de papel, vermelha. A vara é transportada pelo rei e, actualmente, não tem função activa no ritual. O ceptro tem cerca de 50 centímetros de comprimento e é mais grosso que a vara. Está enfeitado em quase todo o seu comprimento com flores vermelhas e folhas verdes, de papel. É transportado pelo juiz e também não tem função activa no ritual.

Em Segura cada um dos homens que ladeiam o porta-bandeira levam uma pequena vara que termina num ramallete de flores vermelhas e folhas verdes, também de papel.

Na Zebreira, onde todo o ritual é mais ascético, não há flores nas duas varas. As varas pertencem ao juiz e ao secretário. Estes elementos, com as varas, ajudam a bandeira a entrar na casa da coroeira e na igreja, evitando que toque no chão ou nas paredes.

### 3.3.5. Velas

As velas são velas comuns de cera. Foram observadas em três comunidades (Ladoeiro, Monforte e Monsanto).

No Ladoeiro são em número de quatro. Participam no ritual de forma passiva. São decoradas com cravos sempre que acompanham a bandeira.

Jaime Lopes DIAS (1953:110) denomina-as tochas, em Monforte da Beira. São duas velas decoradas no corpo com flores vermelhas de papel. Durante a missa, na Matriz, são acesas nos altares secundários da nave. Uma do lado da Epístola, outra do lado do Evangelho.

Em Monsanto as velas são duas e tomam a designação de lanternas.

## 3.4. Deve e haver

O culto do Divino Espírito Santo responde a preocupações de índole individual. Nunca a comunidade, colectivamente, o invoca para um fim comum e concertado entre todos, ao contrário do que acontece, por exemplo, com o culto a São Sebastião que responde a solicitações de ordem individual e de ordem colectiva (HENRIQUES, 1993).

A maioria das divindades está especializada nas respostas que podem oferecer aos seus devotos. Isto é, para um problema específico recorre-se a uma divindade específica, tal como se recorre a um médico especialista. Muitas das divindades especializaram-se em determinadas benesses.

Com o Divino Espírito Santo tal não acontece. Recorre-se a ele como se a um médico generalista. Não há especificidade no pedido. Durante o trabalho de campo houve sempre dificuldade em encontrar informantes que isolassem o pedido.

Para melhor quantificar e caracterizar a devoção de uma comunidade, pelo “seu” Espírito Santo ou as suas insígnias, avaliou-se o tipo de relação existente entre pessoas e a divindade de acordo com a seguinte tipologia: culto activo, culto pouco activo e culto passivo.

Dentro do culto activo incluímos todas as comunidades que fazem festa, aquelas cuja capela é visitada com regularidade e aquelas onde ocorrem dádivas à imagem ou às insígnias. Integram este grupo 16 das 28 comunidades observadas.

Incluídas no culto pouco activo estão as comunidades que não fazem festa mas onde ocorre alguma actividade religiosa em redor da capela, da imagem ou das insígnias do Divino. Neste grupo incluem-se quatro aglomerados populacionais: Alcains, Fratel, Rosmanihal e Salvaterra do Extremo.

Finalmente, foram integradas no culto passivo as comunidades em que não se observou nenhuma actividade baseada na capela, na imagem ou nas insígnias do Espírito Santo. Neste grupo estão incluídas oito povoações: Escalos de Cima, Idanha-a-Velha, Medelim, Penha Garcia, Proença-a-Velha, Sarzedas e Vila Velha de Ródão.

Relativamente à quantidade e à qualidade das manifestações dos devotos para com a imagem do Divino, ou as suas insígnias, as zeladoras contradizem a opinião dos padres locais. Os padres defendem que as imagens do Espírito Santo têm pouco culto. As zeladoras, que têm as chaves das capelas, que estão no local, dizem precisamente o contrário.

Apesar da dificuldade em especificar o tipo de solicitação dirigida ao Espírito Santo obtiveram-se os seguintes resultados: pedindo “sabedoria” / “inteligência” para os seus; “para passarem nos exames”; “para serem bons estudantes” (Almaceda, Alcains, Oledo, Proença-a-Nova, Torre e Tinalhas). Na época dos exames, as mães da Soalheira costumam ir à Torre pedir boa-sorte para os seus filhos ou cumprir promessas. Em Oledo “os meus pais diziam-me para rezar três *Avé-Marias* ao Espírito Santo para nos abrir a inteligência.” Em Proença-a-Nova alguns professores e alunos, por altura de exames, faziam uma novena ao Espírito Santo para “que os iluminasse, para terem boas notas.”

Na doença, solicita-se saúde ao Espírito Santo em Alcafozes, Monsanto e Sobral do Campo. Por ocasião de grandes aflições invoca-se o Espírito Santo em Proença-a-Nova e Sobral do Campo. Em Monforte o recurso aplica-se aos animais doentes. Mas, como alguém sintetizou, “as afrontam mandam.”

Como já se disse, o indivíduo negocia com a divindade como se fosse seu semelhante e, perante o cumprimento do pedido, o devoto obriga-se a pagar o que ajustou.

O serviço prestado a esta divindade é pago preferencialmente em dinheiro. O pagamento em dinheiro está generalizado por toda esta área. Oferecem fitas à bandeira em dez das comunidades observadas. Oferecem azeite para o “alumiar” em oito destas povoações e em seis delas oferecem velas com o mesmo fim. Prometem participar como elementos activos nas suas festas (festeiros) em quatro delas (Monsanto, Segura, o alferes no Ladoeiro e a tesoureira na Zebreira). Estas comunidades raramente oferecem ex-votos em cera.

Em 1992, por ocasião da realização do trabalho sobre São Sebastião, já se tinha observado, embora de forma menos evidente, a ligeireza com que se promete e a ligeireza com que se paga. A troca com o divino está banalizada. Por exemplo, perante um pedido concedido a devota compra uma vela e vai entregá-la à zeladora. Raramente vai à capela. A zeladora encarregar-se-á de a pôr a arder quando puder. Na oferta de azeite passa-se algo idêntico. A devota passa a garrafa de azeite à zeladora e o seu dever acabou. A zeladora manterá a lamparina acesa quando e enquanto puder.

Os párocos locais vão combatendo estas práticas e dando instruções às zeladoras para evitarem participar nesta forma de relacionamento com a divindade. Incentivam o pagamento das promessas em dinheiro e não em géneros ou através de práticas que a Igreja não recomenda<sup>76</sup>. Mas, como se disse, essas práticas estão mais próximas da acepção religiosa da população do que da do padre.

<sup>76</sup> Para a população não é a mesma coisa pagar em géneros, com práticas religiosas ou com dinheiro. A retribuição à divindade através do envolvimento do indivíduo é bem mais importante que a dádiva anónima que o dinheiro protagoniza. Até porque a troca directa é frequente. O mundo rural prefere viver, sentir e participar publicamente nesta relação com o Divino. No trabalho de campo foi documentado um exemplo deste tipo de relação e dos pontos de vista extremados, da acepção popular e da posição religiosa. Um indivíduo havia prometido levar, na procissão, determinada santa. O padre opôs-se, “queria que a santa fosse levada por outros quatro rapazes, filhos dos ricos, que também haviam prometido. Mas eu também prometi e abalei da sacristia já a ferver. Quando ia a sair o padre chamou-me e disse-me: «olha lá o tempo que prometeste de andar com um bocado de madeira às costas aí pela rua, porque não prometeste dinheiro» e respondi-lhe «se calhar o que o senhor padre quer é dinheiro mas de mim não o

### 3.5. Prestações alimentares

Para enquadramento das prestações alimentares ligadas ao Espírito Santo, no ciclo anual de distribuições e redistribuições desta área, foi elaborado o Quadro 12. Tentou-se que o quadro fosse o mais completo e o mais sintético possível.

Da análise do quadro conclui-se que a região ocidental da área em estudo é relativamente pobre neste tipo de manifestações. Surgem unicamente dois bodos, em Peral e São Pedro do Esteval (concelho de Proença-a-Nova), ambos desactivados há algumas décadas. No concelho de Vila Velha de Ródão não há referências a manjares cerimoniais restritos ou alargados. Na região oriental da área investigada ocorrem 18 das 20 prestações alimentares registadas, oito no concelho de Castelo Branco e dez no concelho de Idanha-a-Nova.

Registaram-se prestações alimentares ligadas a festividades praticamente ao longo de todo o ano. Pode afirmar-se que figuram no quadro quase todos os ciclos festivos. O ciclo mais representativo é o que vai da Páscoa ao Pentecostes.

O ciclo de prestações alimentares ligadas ao Espírito Santo inicia-se no Domingo de Páscoa e termina no dia do Corpo de Deus<sup>77</sup>. Podemos dividir o tipo de alimentação em dois grupos: os jantares com carne de cabra ou ovelha e as merendas de tremoços<sup>78</sup>, filhós e vinho. Quanto ao número de participantes as prestações alimentares dividem-se em prestações alimentares restritas e prestações alimentares alargadas.

Nas participações alimentares restritas tomam parte os elementos obrigatórios (festeiros do ano) e os convidados de quem oferece o jantar. Observam-se no Ladoeiro, em Monforte da Beira, em Monsanto e na Zebreira. No capítulo 1 foi descrita a ocorrência de uma prestação alimentar restrita (jantar do Espírito Santo no Ladoeiro e de uma prestação alimentar alargada (distribuição de tremoços).

Em Monforte da Beira os jantares também têm âmbito restrito. No passado só os festeiros participavam. Só depois destes estarem saciados e fora de casa é que a dona

de casa podia convidar os vizinhos para comerem e beberem. Com a melhoria da situação económica o número de convidados foi amentando progressivamente.

Em Monsanto o jantar estava disciplinado; não havia lugar para o imprevisto ao nível das ementas. Era constituído por quatro pratos, queijo, azeitonas e vinho. Era uma refeição altamente ritualizada, com rezas e cânticos no início e no intervalo de cada prato. No final dos quatro pratos vinha um prato “surpresa” com raminhos de flores que os comensais metiam na lapela do casaco.

Na Zebreira observam-se dois tipos de refeições. As merendas e a boda. As primeiras são refeições cerimoniais altamente ritualizadas. Há regras a cumprir, gestos, palavras próprias e rezas. A boda, que se realiza no domingo do Espírito Santo, é constituída por “*lauto jantar de muitos e variados pratos, em casa da tesoureira. Não há cerimónias nem ritual, o vinho é à discrição e há copos para todos*” (DIAS, 1953:97).

Tem vindo a aumentar, consideravelmente, o número de convidados do festeiro que dá o almoço. No passado restringia-se aos festeiros e ao pessoal da casa (Ladoeiro, Monforte e Monsanto) Em consequência das melhorias na situação socioeconómica participam, actualmente, largas dezenas de indivíduos e amigos (ver 1.5.7.).

As prestações alimentares alargadas são caracterizadas pela participação voluntária. Não há limitação no número de participantes. Não há convidados. Incluem-se neste grupo as cerimónias referidas, no Quadro 12, em Castelo Branco, Alameda, Segura, Monfortinho e Salvaterra do Extremo.

O bodo de Castelo Branco foi uma acção aparentemente isolada. Realizou-se em 1878, na Devesa, na segunda-feira do Espírito Santo. Foi uma iniciativa dos oficiais de Cavalaria 8. É referido por António ROXO (1890:226-227) como “*bodo aos presos, e aos pobres na Deveza.*”

Quadro 12. Prestações alimentares festivas no sul da Beira Interior

LOCAL	ÉPOCA DO ANO	TIPOS DE ALIMENTOS	BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL	NOTAS
Tinalhas	Festa dos Reis	Filhós e vinho	DIAS, 1955:124 RECONQUISTA, 13.1.89 Ver Tinalhas (2.26)	Não activo <sup>79</sup>

leva» e voltei-lhe as costas, deixei-o. Fui para o pé da santa, vesti uma das opas que lá estava. Nisto entram pela coxa acima os quatro ricos, rapaziada nova, e um deles quis tirar-me a opa. Eu fui, peguei-lhe na camisa e nas calças e dei-lhe um belo safanão e ele foi chamar o padre. Veio depois o padre e disse para o rico «deixa lá, isto são bichos do campo, são hereges, deixá-los». Deus me perdoe mas a partir daí nunca mais gramei esses cabrões”.

<sup>77</sup> Incluem-se neste ciclo os bodos da Senhora da Consolação de Salvaterra do Extremo e de Monfortinho.

<sup>78</sup> Termo usado por Jaime Lopes Dias para designar as refeições de tremoços e filhós com ou sem mel.

<sup>79</sup> Segundo informação deixou de realizar-se depois da capela se ter transformado em capela de velaturas.

FESTA DO ESPÍRITO SANTO NO LADOEIRO E NO SUL DA BEIRA INTERIOR

Francisco José Ribeiro Henriques

Lardosa	São Sebastião	Filhós, tremoços e vinho	HENRIQUES, 1993	Activo
Louriçal do Campo	São Sebastião	Filhós, tremoços e vinho	DIAS, 166:55-62	Activo
São Miguel de Acha	São Sebastião	Picas (tipo de bolo)	HENRIQUES, 1993	Não activo
Alcafozes	Semana Santa	Ceia “comer a parva”	Ver Alcafozes (2.1)	Activo
Segura	Semana Santa	Ceia	Ver Segura (2.24)	Activo
Cast. Branco	Espírito Santo	Bodo	ROXO, 1890:226-227 Ver Cast. Branco (2.4)	Não activo
Almaceda	Espírito Santo	Bolinhos de trigo	Ver Almaceda (2.3)	Não activo
Ladoeiro	Espírito Santo	Tremoços e jantares	Ver capítulo 2	Activo
Monforte da Beira	Espírito Santo	Tremoços e jantares	DIAS, 1953:109 Ver Monforte (2.11)	Activo
Monsanto	Espírito Santo	Jantares	BUESCU, 1984:60-61 DIAS, 1948:130 Ver Monsanto (2.13.)	Não activo
Segura	Espírito Santo	Filhós, tremoços e vinho	ANDRADE, 1988:131-136 Ver Segura (2.24)	Activo
Zebreira	Espírito Santo	Filhós, tremoços e Vinho e jantar	DIAS, 1953:85-108 Ver Zebreira (2.29)	Activo
Salvaterra do Extremo	2ª feira de Páscoa	Carne de ovinos, caprinos, vinho e pão	RECONQUISTA, 9.4.61 Ver Salvaterra (2.19)	Activo
Monfortinho	5º feira de Pascoela	Carne de ovinos, caprinos, vinho e pão	MESQUITA, 1984:60 DIAS, 1948:133 Ver Monfortinho (2.12)	Activo
Rosmaninhal	São João	Ensopado de borrego, Tremoços e vinho	MESQUITA, 1984:44-46 Ver Rosmaninhal (2.18)	Activo
Monforte	São João	Broas	DIAS, 1953:112-122	Activo
Alcains	Agosto-São Pedro	Papas	DIAS:1944:99 BEIRA BAIXA, 20.8.49 Ver Alcains (2.2)	Não activo
S. Pedro do Esteval	Agosto-3º domingo	Carne (boi) e pão (trigo)	DIAS, 1948:154 Ver S. Pedro Esteval (2.20.)	Não activo
Peral	Dia Todos Santos	Pão, vinho, peixe frito e azeitonas	DIAS, 1967:109-110	Não activo

Em Almaceda era costume, até terminarem com a folia do Espírito<sup>80</sup>, haver todos os anos, no dia do Espírito Santo, bolinhos de trigo para as crianças e vinho e tremoços para a restante população.

Em Segura a prestação alimentar tem duas componentes: no interior da casa do festeiro participa a confraria do Espírito Santo (carácter restrito, 12 homens e 12 raparigas solteiras); numa mesa colocada no exterior da casa (carácter alargado) todos se podem servir. Esta refeição realiza-se em todas as ocasiões em que a bandeira sai (domingo de Páscoa, terça-feira de Páscoa, domingo de Pentecostes e dia Corpo de Deus).

<sup>80</sup> A folia foi proibida por D. José Alves Mattoso em 15 de Maio de 1928. A fonte do texto da carta episcopal, que a seguir se transcreve, é o Boletim da Diocese da Guarda, de Maio 1928.

“FOLIAS DO ESPÍRITO SANTO

Tendo chegado ultimamente ao nosso conhecimento que nalgumas freguesias da Nossa diocese ha as chamadas Folias do Espírito Santo; considerando que, sendo uma cousa inteiramente profana, se intromettem nos actos religiosos; e cumprindo-Nos pôr termo a estes abusos, que tanto escandalo dão e que de modo nenhum podemos tolerar.

Havemos por bem determinar o seguinte:

1º Ficarão, ipso facto, interdictos não só os templos religiosos (igreja e capellas) onde a folia entrar, mas tambem, neste caso, os membros da mesma folia e todas as todas pessoas que derem causa ao mencionado interdicto.

2º Incurrerão tambem ipso facto em interdicto os membros da folia, se esta se incorporar em qualquer procissão; e em tal caso não poderá esta realizar-se nos anos seguintes, enquanto Nós a não autorizarmos expressamente.

E na mesma pena ficarão incursos os fieis que cooperarem na participação da folia em procissão ou actos religiosos.

3º Prohibimos os Rev. Parochos ou qualquer outro sacerdote de ler na igreja ou capella os nomes das pessoas que hão de constituir a folia.

Guarda, 15 de Maio de 1928.

JOSÉ, Bispo da Guarda”

Em Almaceda “a folia foi proibida por um padre que cá estava, mas teve que fugir à pressa porque o quizeram matar. Depois ele abalou e a igreja estava fechada e também diziam que a capela [do Espírito Santo] estava interdita.”

De outro informante soubemos que “no ano em que não houve folia encheram-se as oliveiras de uma doença. Depois arragaram-se outra vez à festa mas já não faziam a folia”.

Moisés ESPÍRITO SANTO (1988:116) refere que “em Capinha [aldeia do distrito de Castelo Branco] uma praga de gafanhotos voltou quando um ano se suspendeu a saída da folia; quando se restabeleceu, a praga deixou as árvores e as searas, e foi bater contra as paredes da capela do Espírito Santo”. Esta citação foi retirada por Moisés Espírito Santo da obra de António José Salvado Mota, *Monografia de Alpedrinha, Tipografia Particular e Curiosa do Autor*, Alpedrinha 1933.

Em Salvaterra do Extremo e em Monfortinho realiza-se em dias distintos (ver Quadro 12), um bodo à Nossa Senhora da Consolação. Os bodos surgem, na tradição oral desta área, como uma reacção da comunidade a calamidades naturais. Estas duas manifestações têm carácter muito alargado. Nelas participam pessoas provenientes de uma ampla região e a sua organização não está ligada às festividades do Espírito Santo.

Como se disse, podemos dividir as refeições em dois grandes grupos: jantares de carne e merendas de filhós, tremoços e vinhos.

Os jantares de carne podem ser observados no Ladoeiro, em Monforte da Beira, em Monsanto e nos bodos de Salvaterra do Extremo e Monfortinho. Nos jantares de carne não entrava carne de porco, que era sinónimo de quotidiano e não de excepção. Na actualidade já se utiliza, ocasionalmente, este tipo de carne.

Em Monforte da Beira as ementas alteraram-se, qualitativamente, de “pão, tremoços, queijo, azeitonas e vinho” para lautos almoços com grande variedade de pratos. No passado, a ementa do almoço de um casamento tinha a mesma constituição que a de um jantar do Espírito Santo.

No Ladoeiro observou-se idêntica evolução, com enriquecimento das ementas em variedade e quantidade.

Em Monsanto os jantares são compostos por quatro pratos. Existe ainda um quinto prato “surpresa.” Os quatro primeiros pratos utilizam como principal ingrediente a carne de ovelha ou cabra. Inicia-se a refeição com a “sopa seca.” Esta sopa é feita com a água da cozedura da carne à qual se junta couves. Esta mistura é vertida em travessas cheias com fatias de pão. O segundo prato é confeccionado com o sangue do animal morto, fressura (pulmões, coração e traqueia) e brulhões (“maranho” recheado com pequenos pedaços de tripa e pontas de carne). O terceiro prato é constituído somente por carne cozida, sem qualquer acompanhamento. O quarto prato é um ensopado da carne das rezas sacrificadas. Há sempre pão, queijo, azeitonas e vinho com fatura. O quinto prato vem para a mesa oculto. É a surpresa. Dentro da terrina ou da travessa surgem raminhos de flores que cada conviva coloca na lapela.

Nos bodos de Salvaterra do Extremo e Monfortinho as ementas são muito semelhantes. A carne é de cabra e de ovelha. Esta carne, no passado, era oferecida. Nos dias que correm é comprada<sup>81</sup>. Na véspera, a meio da tarde, há a “prova dos rins” e de outras

<sup>81</sup> No passado ofereciam-se animais e outros géneros alimentares. No presente as ofertas são em dinheiro.

miudezas dos animais. No almoço do dia do bodo (que se inicia às 9.00 horas) há arroz com tripas e outras vísceras. A ementa do bodo, propriamente dita, é constituída por arroz de carne e chanfana, um tipo de ensopado. Vinho e pão são sempre servidos à discrição.

Os bodos de Salvaterra do Extremo e Monfortinho são duas formas, exemplares, de redistribuição alimentar. São festas que envolvem encargos muito elevados recebendo, em contrapartida, todo o apoio da comunidade. Eram, e são, momentos festivos amplamente participados onde a vertente religiosa não está excluída.

O pão distribuído nos bodos referidos e no de São Pedro do Esteval (ver Quadro 12) “não apodrece” e são-lhe atribuídas funções terapêuticas. Por isso, há o hábito de guardar o pão distribuído.

As merendas de filhós, tremoços e vinho são uma constante em todo o sul da Beira (festa de São Sebastião em Lardosa e Louriçal do Campo, festa do Espírito Santo em Segura e Zebreira e festa dos Reis em Tinalhas). Por vezes surgem apenas dois daqueles alimentos: tremoços e vinho (festa do São João no Rosmaninhal).

Na festa de São Sebastião, na Lardosa, os cascoréis (semelhantes a filhós) são oferecidos pelos festeiros. Participam na missa, na capela São Sebastião, em louvor do orago e no fim da missa são distribuídos com vinho, no largo fronteiro à capela<sup>82</sup>. Em Louriçal do Campo o bodo da festa de São Sebastião, no que toca a comensalidade, é semelhante ao da Lardosa<sup>83</sup>.

Em Segura, todas as vezes que sai a bandeira do Espírito Santo há um festim com tremoços e filhós, alargado a toda a população, e com tremoços, filhós e vinho para os elementos da confraria. A mesa das mordomas é servida com sumos. A mesa alargada a toda a população é colocada em frente da casa de quem faz a festa e nos últimos dois anos já incluiu vinho. A população contribui para este manjar oferecendo, a quem faz a festa, géneros alimentares (óleo, farinha e azeite) e vinho. Raramente oferecem dinheiro. Mulheres amigas e familiares ajudam a festeira a fazer as filhós.

<sup>82</sup> Para esta temática e lugar ver o trabalho, inédito, realizado em 1993 por Sónia Pires e Olga Saúde, alunas da licenciatura de Antropologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

<sup>83</sup> Ver o trabalho, inédito, realizado em 1993 por Rosa Maria Barrento e Rita Castelo Branco, alunas da licenciatura de Antropologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Em Tinalhas a distribuição de filhós, vinho e tremoços tem lugar na noite de 5 para 6 de Janeiro na capela do Espírito Santo. É a festa dos Reis. A comida e a bebida são oferecidas pela população. Após a transformação da capela do Espírito Santo em capela de velaturas deixou-se de realizar este festim.

Na Zebreira a merenda inclui os mesmos alimentos que em Segura e ainda mel. O mel é usado para barrar as filhós.

No Rosmaninhal, pela festa de São João, os tremoços e o vinho circulam profusamente. Não há restrições a pessoas nem limitação à quantidade de alimentos. Ao alferes do ano anterior compete oferecer os tremoços. A oferta do vinho, ou outras bebidas, é da responsabilidade do alferes desse ano. A festa do São João em Monforte da Beira é, do ponto de vista alimentar, semelhante à do Rosmaninhal.

Existem grandes semelhanças, dos pontos de vistas alimentar e ritual, entre as festas de São João de Monforte e do Rosmaninhal e algumas festas do Divino Espírito Santo da área estudada (Ladoeiro e Monforte).

### 3.6. Proibições e multas

A multa é uma forma de punição por uma infracção cometida. É frequente a sua instituição em grupos hierarquizados. Os seus objectivos são a manutenção da disciplina, da unidade e da inalterabilidade. No sul da Beira Interior a multa é utilizada pelas confrarias ou organizações similares. Estes grupos possuem um sistema de regras, escritas ou não, visando a manutenção da ordem estabelecida. As sanções são sempre da responsabilidade do juiz.

Estas estruturas sociais ligadas ao culto do Espírito Santo surgem-nos no Ladoeiro, em Monsanto, em Segura e na Zebreira.

No Ladoeiro, como tivemos oportunidade de constatar, a multa penaliza unicamente quem perdeu o cravo. O coroeiro dita a sentença que deve ser paga em vinho. Há cerca de 14 anos a multa também se aplicava à falta de pontualidade do festeiro.

Em Monsanto “havia uma multa, em dinheiro, para quem se embebedava. Mas no meu tempo nunca sucedeu porque eu repreendia-os logo no principio”, acrescenta o sacristão. Este grupo de festeiros e os dois seguintes são caracterizados pela rigidez e ascetismo das suas práticas.

A Zebreira é o único local onde as regras ainda vigoram. Esta circunstância deve-se, certamente, ao facto de o lugar de juiz ser ocupado há 32 anos pela mesma pessoa. O

código de disciplina que se transcreveu no capítulo 2 (ver 2.29) ainda se encontra em vigor.

As multas são pagas em dinheiro que é gasto na compra de vinho para a confraria.

Em Segura as regras disciplinares eram, em 1945, as que transcrevemos no capítulo 2 (ver 2.24).

Do conjunto de deveres citados resta apenas em vigor o segundo. No presente, ninguém pode voltar as costas à bandeira durante a merenda. Actualmente existe uma outra proibição que não é mencionada por Mário de Andrade; a proibição de entrada de qualquer outra pessoa na sala da merenda. É feita excepção a quem serve os festeiros. O transgressor paga a multa que é imediatamente imposta pelo juiz. Esta forma de multa está completamente banalizada e transformou-se numa outra forma de angariação de fundos. As multas hoje aplicadas deixaram de constituir um acto importante para a manutenção do cerimonial e transformaram-se numa “brincadeira.”

### 3.7. “Para tourada são os de Idanha”

A ligação das festividades do Espírito Santo às touradas locais revelou-se menos significativa do que presumimos no início. “*O bodo com o abate de touros e corrida prévia era a mais importante cerimónia popular dos distritos de Leiria e de Santarém. Por vezes a única em muitas freguesias. Também se deduz muito claramente que as festas do Espírito Santo nestes distritos tinham os favores da burguesia urbana*” (ESPÍRITO SANTO, 1988:138).

As touradas inventariadas, em número de nove, realizam-se todas no concelho de Idanha-a-Nova. O objectivo foi identificar a existência de touradas em locais onde existe, ou existiu, culto e festividade ligada ao Espírito Santo.

Das nove touradas referidas quatro surgem ligadas à festa do Espírito (Alcafozes, Idanha-a-Nova, Segura e Zebreira). As cinco restantes estão associadas a acontecimentos diferentes.

Até há poucos anos os touros eram emprestados pelas “casas ricas” de Idanha-a-Nova. Eram levados aos locais da festa pelos vaqueiros, daqueles proprietários, de colaboração com os festeiros. Os festeiros ficavam incumbidos de alimentar os vaqueiros durante o período de ausência das terras do seu patrão.

Era nos meses de Abril ou Maio que se realizavam a maioria das touradas. Eram touradas à vara larga. Em Zebreira realizavam-se três touradas. A primeira tinha lugar

na quinta-feira de Ascensão e era organizada pela confraria do Espírito Santo. O marido da tesoureira pedia os touros ao proprietário. O juiz e o alferes conduziam os animais, de colaboração com os vaqueiros. A tourada realizava-se no adro da capela do Espírito Santo depois de devidamente preparado (DIAS, 1953).

Em Idanha-a-Nova, Alcafozes e Segura a tourada era no domingo de Pentecostes. Em Segura já não se realiza. Quando se realizava era à porta da capela da Misericórdia.

Em Idanha-a-Nova continuam a ser famosas as touradas do Espírito Santo. Jaime Lopes DIAS (1955:144-152) descreve uma destas touradas e termina a sua descrição deste modo: *“...e entre o calor já rijo dos últimos dias de Junho, entre o entusiasmo delirante de uma população que encontra nas suas touradas à vara larga um dos seus mais tradicionais, característicos e queridos divertimentos, esquecida já aquela barbarie de outros tempos em que a Mordomia matava, em plena praça, o último boi, o «redadeiro», o povo de Idanha deseja e quer que não acabem, que não lhes proibam as suas «tourédas» .”*

Continua a realizar-se a tourada do Espírito Santo em Idanha-a-Nova. Actualmente os touros são alugados. Para cobrir esta despesa as pessoas dão uma contribuição voluntária. São as mulheres dos festeiros que, à porta do recinto, oferecem uma pequena flor de papel aos espectadores recebendo em contrapartida uma contribuição monetária.

Em Alcafozes a tourada realizava-se no adro da igreja. Recentemente construíram um recinto adequado. Os touros que no passado pertenciam “às famílias ricas de Idanha” são hoje alugados.

Os cinco outros locais com tourada, não associada à festa do Espírito Santo, são Idanha-a-Velha, Ladoeiro, Oledo, Proença-a-Velha e Rosmaninhal.

Em Proença-a-Velha já não se realiza há muitos anos. Tinha lugar no largo do Curro e os touros vinham “dos grandes lavradores.”

No Rosmaninhal não havia propriamente tourada. Havia “chega de bois” pela feira de 30 de Maio. Este tipo de prática é mais comum no norte do país, com o boi do povo. Aqui “estes bois tinham o privilégio de pastarem pelo meio do pão e pelo meio das cevadas. Os lavradores queriam-nos era gordos e suficientemente fortes para derrotar os restantes” (ver 2.18). Já não se realiza.

Em Idanha-a-Velha a tourada realiza-se por ocasião da festa da Nossa Senhora da Conceição, no último domingo de Maio. Até há pouco tempo era feita num largo central

da povoação. Actualmente construíram, junto da capela do Espírito Santo, um recinto apropriado. No passado os touros eram emprestados “pelas casas ricas de Idanha.” Presentemente também são alugados.

Em Oledo há tourada pela festa de São Pedro. É mesmo o que resta da parte laica desta festividade. No passado, “não podia haver festa de São Pedro sem haver tourada. Os touros vinham da casa do marquês da Graciosa e da casa do senhor Trigueiros Aragão. No primeiro dia vinham da casa do senhor marquês, porque o gado era mais forte. No segundo dia, que o pessoal andava mais cossa, vinham da casa Trigueiros. Não se pagava pelos touros. Dava-se apenas de comer aos homens que vinham com o gado. Na véspera partiam daqui quatro ou cinco homens com um saco de pão com chouriços e iam ajudar a buscar o gado. Agora paga-se 50 ou 60 contos pelo aluguer dos touros, que vêm de Flor de Rosa. A tourada é na rua. Por isso fecham as ruas que vão ter em frente da igreja” (ver 2.14).

No Ladoeiro há memória de sempre se fazer tourada, pela festa de Santo Isidro. No passado fechavam o largo da Praça (em frente da junta de freguesia) com os carros de bois. Na actualidade fazem o mesmo com os tractores.

Num passado, ainda recente, os touros tinham todos a mesma origem (as “casas ricas” de Idanha-a-Nova). Era nesta localidade que viviam ou estavam sediados os grandes latifundiários da campina.

As touradas de que se foi tratando são espectáculos com larga participação popular. Nelas o espectador pode passar de sujeito passivo a activo, caso queira. Enquadram-se no que se pode designar garraiada.

No lendário popular desta área os bois determinam, geralmente, uma nova localização para as povoações, após uma primeira implantação sucessivamente devastada (Malpica do Tejo) (ACÇÃO REGIONAL, nº 134) ou alvo do ataque das formigas (Janeiro de Cima, Ladoeiro) (MOURA, 1994 e HORMIGO, 1979). Relembramos que para o bodo de São Pedro do Esteval era morto um boi. Não há registos de ser previamente corrido.

### 3.8. Da diversidade à unidade

O calendário gregoriano celebra o Espírito Santo cinquenta dias depois da Páscoa. Comemora-se nesta ocasião a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos reunidos em Jerusalém. É uma festa herdada pelos cristãos, por um fenómeno de continuidade, da festa judaica do *shavuot*.

A festa do Espírito Santo corresponde à festa judaica do Dom da Lei ou festa da Renovação da Aliança.

Jaime Lopes DIAS (1963:149) refere que no dia do Espírito Santo há “festas e romarias às dezenas em toda a Província.” Actualmente esta já não é a realidade. Vejamos porquê.

No sul da Beira Interior cumpre-se, quase sempre, o calendário religioso festejando o Espírito Santo sete semanas após a Páscoa. Diz-se “quase sempre” porque há duas excepções: Monfortinho e Sobral do Campo.

A aldeia de Monfortinho festeja o Espírito Santo num fim-de-semana de Setembro, não fixo. A data depende da disponibilidade do padre. É em Setembro “que é por causa de cá estar mais gente, mais emigrantes” (ver 2.12). É uma festa de cariz religioso.

Em Sobral do Campo a festividade realiza-se no último domingo de Junho. Afirmando não terem conhecido outra data.

Para as festividades do São Sebastião observou-se, em 1992, que a alteração da data da festa era um meio de defesa da própria festa. Ou mudava para os meses de Maio a Setembro ou definhava e morria. Relativamente ao Espírito Santo este fenómeno não se verifica. A festa morre mas não se altera a data.

Os lugares que festejam o Espírito Santo fazem-no no fim-de-semana de Pentecostes. Outros iniciam os festejos no domingo de Páscoa. Outros ainda iniciam-nos na quinta-feira da Ascensão. Nas duas últimas modalidades podem-se prolongar as festividades para além do dia de Pentecostes.

No primeiro grupo, dos que festejam o Espírito Santo no seu dia, estão incluídas as povoações de Alcafozes, Almaceda, Oledo e Torre. As que se alargam, na actualidade, por um período maior são Idanha-a-Nova, Ladoeiro, Monforte, Segura e Zebreira. Em todos os locais do primeiro grupo a festa dura dois ou três dias, sendo semelhante às festas comuns com arraial.

Em Alcains e Proença-a-Nova já houve festa laica.

As festas do Espírito Santo sem arraial verificam-se apenas em Ladoeiro, Monfortinho e Zebreira. Todas as outras, com maior ou menor impacto, fazem arraial. Em todas as localidades os festejos duram mais de um dia.

O número de festeiros chamados a organizar as festas varia entre o mínimo de um (Segura)<sup>84</sup> e o máximo de 15 (Zebreira). Com três festeiros surgem Idanha-a-Nova e Oledo, com quatro a Torre, com seis Alcafozes, com sete Monforte e Almaceda e, finalmente, Ladoeiro com oito.

Na festa do Espírito Santo, como em qualquer outra festa, cada grupo de festeiros tenta fazer melhor que o do ano anterior. O ideal é que o conjunto, a banda, o ribombar dos foguetes, a quantidade de participantes e o lucro sejam superiores aos das anteriores comissões. E que seja também melhor quando comparada com as festas da vizinhança.

Na festa do Espírito Santo este desafio pode passar pelo jantar oferecido, pela quantidade de dinheiro entregue ao padre, pela não ocorrência de problemas ou pelo comportamento dos festeiros.

A designação que toma cada um dos festeiros varia de comunidade para comunidade. Verificou-se, entretanto, que as pessoas usam habitualmente a designação de festeiro (em sentido geral) e não o nome específico da sua função. A designação própria usada no interior do grupo e permite evidenciar a função que aí exerce.

A designação de juiz, que é o responsável máximo do grupo, foi encontrada em Monforte da Beira e Zebreira. Com a mesma função no grupo inventariaram-se as designações de coroeiro (Ladoeiro)<sup>85</sup>, presidente (Alcafozes) e tesoureiro (Almaceda). A designação de alferes foi registada no Ladoeiro, Monforte, Zebreira e Rosmaninhal. Aplica-se ao indivíduo responsável pela bandeira. Esta designação foi encontrada associada às festas do Espírito Santo (Monforte e Zebreira) e do São João (Monforte e Rosmaninhal). Tesoureiro ou tesoureira, conforme o cargo é desempenhado por um homem ou por uma mulher, é a designação do indivíduo responsável pelas finanças do grupo. Utiliza-se em Alcafozes, Monforte e Zebreira. O secretário ou rei, como também é conhecido em Monforte, exerce ainda funções em Alcafozes e Zebreira. Padrinhos foi a designação encontrada para designar os dois mordomos da festa do Espírito Santo em Monforte e da festa do São João em Monforte e Rosmaninhal.

Qualquer festa para sobreviver necessita de meios. Entretanto, a festa do Espírito Santo tem a particularidade de usar apenas os meios próprios dos festeiros (Ladoeiro, Monforte, Segura e Monsanto). Por isso, pode-se afirmar que a festa do Espírito Santo tem uma forte componente de gasto individual.

<sup>84</sup> Em Segura os 24 mordomos não colaboram na organização da festa; apenas participam na festa que é organizada por um único indivíduo.

<sup>85</sup> É também designada coroeiro a criança que em Monforte da Beira transporta a coroa.

Isto não invalida que a festeira (mulher do festeiro) receba qualquer oferta, quase sempre em géneros, de familiares ou amigos. Mas não há angariação pública de meios visto que o grupo de participantes é sempre restrito. Só participam os convidados.

Foram identificados três modos de angariação de meios para a festa do Divino: o ramo; o peditério porta a porta e o leilão da perna do andor. O ramo é o mais utilizado dos meios de angariação de fundos e consiste na recepção de bens para leiloar. Os festeiros que realizam o ramo aguardam a entrega dos produtos, num local previamente preparado e do conhecimento público, frequentemente junto da igreja matriz ou da capela do Espírito Santo. Recentemente as dádivas em dinheiro têm sido superiores às de produtos. Para cada festa pode-se fazer mais do que um ramo. Esta angariação de meios é utilizada só ou acompanhada de outras modalidades. Foi o que constatámos em Alcafozes, onde se fazem três ramos nos três domingos imediatamente anteriores ao domingo do Espírito Santo. Em Idanha-a-Nova os familiares, os amigos, ou quem deve obrigações aos festeiros do Espírito Santo vão, num dia convencionado de Agosto, “bater os pães-de-ló ao Espírito Santo” (ver 2.8). Estes pães-de-ló são leiloados, no centro da vila, no domingo imediato. Em Oledo e Monfortinho fazem um pequeno ramo, “um ramozito.”

O peditério porta a porta é outra forma, muito comum, de angariação de meios. Para este peditério, no passado, as pessoas contribuíam quase sempre com géneros. Estes bens eram depois leiloados. No presente as dádivas são em dinheiro. Esta modalidade é utilizada nas localidades de Alameda, Torre e Zebreira. O peditério em Zebreira é feito em Agosto e reverte para a confraria do Espírito Santo não sendo, apenas, destinado à festa.

O leilão da perna do andor era outro modo muito comum de angariação de dinheiro para a festa, até à sua proibição pela Igreja. Realiza-se ainda em Alcafozes, no adro da igreja, momentos antes de se iniciar a procissão.

O sistema de multas é unicamente usado em Segura (ver 2.24). Com o dinheiro assim obtido oferecem um baile à população (redistribuição) ou compram qualquer bem de interesse colectivo (por exemplo uma aparelhagem de som para a igreja).

Em Monforte da Beira o dinheiro oferecido à bandeira do Espírito Santo tem o mesmo fim que o atrás indicado.

Para além de todos os meios referidos e sempre que há arraial é feita a exploração de um bar pelos elementos da comissão da festa.

A posse e a aplicação do dinheiro oriundo das festividades de uma divindade, tal como em 1992 já se havia concluído por ocasião do trabalho sobre São Sebastião, é um dos grandes motivos de confronto entre populações e párocos. Porque, uns e outros, têm objectivos e perspectivas diferentes quanto à sua aplicação.

Encontrámos diferentes formas destinadas a perpetuar a festa e a mantê-la, tanto quanto possível, viva e activa. Os festeiros de cada ano têm, em todas essas modalidades, uma grande responsabilidade na continuidade da festa. Sob diversas formas, são eles que seleccionam os seus continuadores. Por sua vez, os festeiros nomeados não querem ser colocados em falta. Não querem ser responsabilizados pela quebra da sequência ritual sob pena de incorrerem numa condenação social, “porque se houver um que diga que não, que não quer saber, toda a gente fica a saber e a pessoa fica sempre um pouquinho em baixo”, como dizia alguém em Alameda.

A roda, como sistema de escolha dos novos festeiros, é uma das modalidades identificadas durante este estudo. Está em vigor no Ladoeiro, em Monforte, na Torre e no Sobral do Campo. Em relação ao Ladoeiro já foi devidamente tratada no capítulo 1.

Em Monforte da Beira o sistema actualmente em vigor é substancialmente diferente do descrito por Jaime Lopes DIAS (1953:109-111). Os mordomos da festa do Espírito Santo já não são escolhidos “entre os principais da povoação”, nem representam cada uma das sete partes da aldeia. Actualmente desconhecem mesmo essa relação. Apesar da agonia em que vive a festa do Espírito Santo, nesta localidade, o que resta é um sistema de roda falido. Entrega-se a bandeira a quem a aceite e os restantes festeiros são os vizinhos imediatamente a seguir. Não são previamente ouvidos quanto à sua integração no grupo. Esta situação cria mal-estar e desistências. Num passado ainda recente “parece ter existido grupos pré-formados. Assim sabiam quando era uma família eram todas as outras desse mesmo grupo” (ver 2.11).

Na Torre vigora um sistema em tudo semelhante ao do Ladoeiro. “A festa é arruada quer dizer que vai de casa em casa. Quer queiram ou não fazê-la bate-se a todas as portas.” Estão excluídos do grupo os solteiros e os viúvos.

O Sobral do Campo está dividido em quatro áreas. Cada uma destas áreas organiza durante o ano todas as festas da comunidade. No passado recente o método era semelhante só que a unidade era a rua.

Em Segura a festa é realizada por quem tenha feito promessa e os interessados inscrevem-se na confraria.

Em Monsanto havia um “núcleo duro”, isto é, um grupo de pessoas que tinham prometido fazer a festa “até poderem.” Paralelamente havia um conjunto flutuante de indivíduos. Todos os elementos deste grupo tinham feito promessa.

Na Zebreira o lugar de tesoureira era habitualmente ocupado por quem havia prometido desempenhá-lo.

Em Alameda os festeiros de um ano escolhem os do ano seguinte.

Na Zebreira os elementos da confraria votam em si, no caso de desejarem manter o cargo, ou num novo elemento se pretenderem sair.

Observa-se uma ascensão da mulher em toda a organização da festa. No entanto, a festa do Espírito Santo não é disso um bom exemplo. No passado, em Alcafozes, a festa era organizada por homens. No presente é organizada por homens e por um número igual de mulheres. Relativamente a Segura a mordomia descrita por Mário de ANDRADE (1949:331-336) não incluía raparigas. Actualmente o seu número é igual ao dos homens. Em Monforte, nos nossos dias, as mulheres parecem terem um maior protagonismo que os homens.

É uma tendência natural porque esta área está marcada por uma forte emigração masculina. Paralelamente, no palco social tem-se dado um nivelamento entre os dois sexos. Finalmente, a esperança de vida das mulheres é maior contribuindo para que as aldeias estejam cheias de viúvas.

Mesmo assim pode afirmar-se que a festa do Espírito Santo é uma festa masculina. O homem está à boca de cena e a mulher nos bastidores. Quase que apetece afirmar que o homem festeja e a mulher cultua. Por isso é convicção assente, no Ladoeiro, que a festa do Espírito Santo é uma festa de homens embora a competição passe, essencialmente, pelas mulheres na organização do jantar e no arranjo da capela.

Contrariamente ao que Jaime Lopes Dias afirmava, em meados do século, não foi observada a associação da festividade do Espírito Santo ao grupo social com melhores disponibilidades financeiras. Se está associada a um grupo específico é ao dos reformados, devido à sua maior disponibilidade de tempo.

Em suma, cada comunidade procurou criar as estruturas de perpetuação que melhor a servissem e alterou-as segundo as suas conveniências.

#### 4. Fecho e do muito que ficou por dizer

A festa é um processo. Por esse motivo optamos por não tirar conclusões. Afirmações conclusivas, se as há, estão distribuídas ao longo do texto.

A concepção de festa difundida e defendida pela Igreja não é semelhante à comungada pelas populações rurais desta área. É antigo o conflito entre as duas concepções. Nas décadas de 40, 50 e 60, do nosso século, a Igreja voltou a demarcar-se, sem ambiguidades, da perspectiva popular de festa.

Vejamos um exemplo, dos muito que surgiram nesta época nos órgãos de comunicação social desta área, subscrito pelo padre Manuel Boavida (RECONQUISTA, 26.8.1945).

*“Antigamente, só havia festas religiosas: hoje há festas religiosas e cívicas. As festas religiosas; outrora tinham, apenas, o nome de religiosas, porque, de facto, eram mero pretexto para verdadeiras orgias. Em tais festas, os “festeiros” eram tudo; o pároco era nada. Eram os “festeiros” que arrecadavam os rendimentos do santo que se festejava quem convidava a música quem dava jantar pantagruélico quasi sempre aos senhores padres, à música, aos presidente, tesoureiro e secretário e mordomos da festa e quem pagava aos senhores padres e regateava o pagamento da cera para a missa da festa.*

*O pároco não era procurado para cousa alguma! As festas eram de nomeada e as igrejas cada vez se encontravam mais abandonadas.*

*Mas, porque não dizê-lo? quanto mais as festas retumbavam ao som da charanga e dos foguetes rijos mais crescia a confraria dos devotos do Deus Baco: houve festas que foram verdadeiros bacanais!*

*Em 1926 o Concílio Plenário em Braga e os prelados dirigem as suas atenções para as festas. O canon 324 do referido Concílio prescreve o seguinte: «como não é lícito misturar as cousas sagradas com as profanas, esforcem-se de ordinário, quanto puderem, para que não haja durante as festas religiosas divertimentos profanos, sobretudo arraiais nocturnos que frequentemente se convertem em injúrias de Deus e ruína dos bons costumes.»*

*A este canon segue-se o 325 que diz: «o Concílio proíbe que por ocasião das festas, se realizem no adro ou junto à igreja bailes e espectáculos.»*

*Esta legislação, por si prova bastante quanto as festas religiosas tinham perdido o verdadeiro significado de “religiosas.”*

*Hoje porém, tudo está a entrar na normalidade, o que é pena porém, é haver, ainda tanto dinheiro para as festas cívicas.”*

Lê-se num parágrafo, de um outro artigo, relativo à festa de Nossa Senhora dos Remédios (Perais, Vila Velha de Ródão) surgido na RECONQUISTA em 3 de Setembro de 1961 que: *“quaisquer divertimentos profanos que briguem com a moral serão considerados como revolta contra as leis diocesanas e um ultrage aos pedidos de Nossa Senhora em Fátima.”*

Há muito que deixaram de aparecer, na imprensa regional, artigos em que os representantes da Igreja criticam e proibem os costumes e os lugares da festa.

Houve, há já alguns anos, um deslocamento das preocupações da Igreja. Das actividades e lugares da festa a sua reivindicação passou a incidir sobre o aspecto financeiro da mesma. Hoje, a grande preocupação dos párocos locais é o dinheiro. Este aspecto está bem patente no artigo do padre Manuel Boavida de que se fez parcial transcrição.

O conflito actual, entre o padre e as populações locais, reside na posse do dinheiro do santo. Em lugares onde o conflito está resolvido houve como que uma divisão da festa em duas partes: laica e religiosa. Cabe ao padre o dinheiro do peditório da missa, do cofre do santo, das promessas ao santo (dinheiro colocado muitas vezes no manto, na fita, no andor ou mesmo numa bolsa usada para o efeito). Nestas circunstâncias não é renumerado pelos seus serviços e todas as despesas (obras, restauros e outras) referentes à igreja, ou capela, são da sua conta.

Nos locais onde o conflito está por resolver os festeiros são proprietários de todo o dinheiro da festa (excepto o recolhido no peditório da missa), mas pagam ao padre os seus serviços e têm a seu cargo todas as despesas inerentes à capela. Nestas comunidades o padre tem vindo a exigir o que já conseguiu nas anteriores.

A Igreja partilha uma concepção de festa em que as emoções, o imprevisto, o orgástico, o excesso, a desordem estão ausentes. Oferece, em contrapartida, uma festa recatada, ordeira, previsível e submissa.

Pelas diferentes concepções de festa verifica-se que pouca paz tem havido entre párocos e populações. A festa e o modo como ambos a concebem tem sido um pomo de discórdia.

Na perspectiva popular a festa não é um corpo amorfo. É uma estrutura viva, actuante, em alteração permanente ainda que o cerne se mantenha. As alterações observam-se

sobretudo ao nível do que é acessório e periférico. As mudanças dão-se ano após ano e ao fim de algum tempo são notórias, em relação ao que foi a festa no passado. A introdução de novos elementos contribui para a sua própria existência. A festa, com tudo o que lhe é inerente, ou muda ou morre.

A renovação dos festeiros contribui para a revitalização da festa, porque evita saturação, introduz a competitividade e as inovações (elementos salvíficos da festa). Nesta perspectiva a responsabilidade pela manutenção da festa tem uma base maior, porque diz respeito a muitos e não apenas a um grupo restrito. Assim, a participação de novos indivíduos, anualmente, ajuda a mantê-la mais viva, mais activa e participante. E existe também a saudável rivalidade entre as comissões, cada uma a querer fazer mais e melhor que a anterior. Esta rotação de festeiros dá à festa um novo espírito e a sua morte não é tão fácil. Se fosse, por exemplo, o mesmo grupo a organizá-la haveria uma inevitável cristalização. Nesta modalidade qualquer transformação seria mais difícil de introduzir e a tendência geral seria para o definhamento, contra a renovação. Se os festeiros não mudam, morrem os festeiros, morre a festa. Porque a festa sendo pertença de um grupo restrito de pessoas não é vivida socialmente e, conseqüentemente, a comunidade alheia-se da sua responsabilidade social.

Factores de ordem demográfica são importantes causas para a morte da festa. Toda a área onde incidiu este trabalho é caracterizada, a partir da década de 60, por uma diminuição significativa da população. A emigração leva-a ora para os grandes centros urbanos do litoral, ora para fora do país. Nas aldeias ficam crianças e velhos. As crianças crescem e partem da aldeia. Ficam os velhos e com eles a incapacidade para manter todas as festas da comunidade. A festa não prescinde de energia jovem. Deste modo morreram muitas festas e outras, para não morrer, tiveram de adaptar-se. Outras, ainda, reduziram-se à missa e à procissão.

Um dos mecanismos de defesa da festa, no seu conjunto, foi a redução da sua distribuição ao longo dos doze meses do ano, como acontecia no passado, para um ou dois meses, no presente, correspondentes ao período em que a comunidade se restaura, com a chegada dos emigrantes. Temos assim, por exemplo, as festas de São Sebastião em Agosto e do Espírito Santo em Setembro.

As comissões de festas passaram também, em muitos casos, a incluir pessoas que residem fora da localidade, por exemplo em Lisboa e em França. Há festas cuja comissão é constituída por três pessoas residentes na aldeia, três outras residentes em Lisboa e mais três residentes em França. E se a festa prescindir desta gente não prescinde do seu dinheiro.

O retorno de indivíduos à aldeia, em situação de reforma, veio dar à festa um novo alento. O tempo dirá se é a sua revitalização ou a sua morte adiada.

As comunidades com maior poder económico e mais poupadas pela emigração poucas festas viram morrer; houve, predominantemente, um reajustamento das suas datas. Estas comunidades viram ainda nascer novas festas (festa dos bombeiros, festa dos caçadores, festa dos Antónios, festa das Marias e outras) de características diferentes (os grupos sociais que as apoiam são, quase sempre, menores e mais especializados).

A festa é um elo extraordinariamente eficaz de ligação entre os membros de uma comunidade ou entre vizinhos, porque actualiza e intensifica as relações sociais. A religião é quase um mero pretexto. É mais importante o corpo, o prazer e o exibir-se que o ascetismo religioso. Se o cristianismo não soubesse recuperar a parte lúdica da festa nunca se teria imposto. O mais importante é as pessoas juntarem-se, conviverem, conhecerem-se. Foi sempre assim. A divindade é o pretexto que as reúne.

A região em estudo passou por um período de grande crise nas décadas de 60 e 70. Foram a emigração interna e externa, como já se escreveu, a guerra colonial, a falência do sector agrícola e outros factores que levaram e levam a um despovoamento contínuo do interior. O modelo de desenvolvimento que os políticos propõem continua a não passar pelo Homem.

Os que ficaram passaram a ver o seu espólio cultural como algo ultrapassado face aos valores da moda vindos da cidade. A cidade com o seu ruído, as suas luzes e as suas promessas, atraía e despovoava o campo. Por sua vez as festas rurais, com uma forte vertente litúrgica, eram vistas como a antítese da modernidade.

Nas comunidades que conseguiram manter alguma dinâmica, como Castelo Branco, Alcains, Idanha-a-Nova, Vila Velha de Ródão e Ladoeiro, entre outras, tem vindo a aumentar o número das suas festividades. Este facto, segundo alguns autores, pode ser atribuído a uma libertação crescente do homem em relação ao trabalho, tendo como consequência primeira um aumento dos tempos livres e do consumo.

Ao longo das páginas anteriores (e no trabalho sobre São Sebastião, realizado em 1992), foi possível observar que o ritmo das celebrações festivas está a mudar. Muitas das festividades que, num passado ainda recente, estavam ligadas ao ciclo produtivo celebram-se, na actualidade, em ocasiões de maior conveniência. Assim, muitas das festas que se celebravam ao longo do ano passaram para o verão para assegurar uma

maior participação de pessoas<sup>86</sup> e, em consequência, uma maior rentabilidade financeira. O ciclo festivo que estava distribuído ao longo do ano, numa relação directa com o calendário agrícola, concentrou-se nos meses de verão.

A passagem das festas para o verão tem muito a ver com o ciclo de trabalho - férias do regime industrial do país e da Europa. São festas que estão muito ligadas aos tempos livres. São festas direccionadas para uma comunidade extensa ao invés, por exemplo, das festas do Espírito Santo. São festas onde a vertente lúdica é muito importante. O que não acontece na generalidade das festas do Divino. Tem havido inovação e um crescente interesse por estas festas de verão, quase sempre em honra da divindade local, o que pode ser confirmado pelo valor crescente dos orçamentos.

Quase não há lugar para as festas que Jeremy Boissevain designa de retorno à tradição. É o que acontece, pelo menos, nas comunidades que não conseguiram inverter o processo de desertificação humana. A festa dos madeiros no Ladoeiro e a festa do Espírito Santo em Segura são um bom exemplo de revitalização, de renascimento da festa, do retomo à tradição, porque, num passado recente, houve anos em que não se realizaram. Nesses anos as comunidades viram-se privadas de algo herdado e, não querendo um sentimento de culpa em relação aos vindouros<sup>87</sup>, fizeram renascer a festa. Torna-se assim mais compreensível a insistência dos elementos do Ladoeiro quando questionados quanto à motivação para ser festeiro? “É para a tradição não acabar”, “para manter a tradição” respondiam. Parece haver intenção em preservar.

Também o poder político local tem vindo a apostar na revitalização de algumas festas como forma de fomentar o turismo (Nossa Senhora do Almortão, Nossa Senhora da Azenha, entre outras) colaborando na reconstrução e reparação dos templos, criando infra-estruturas no local ou melhorando vias de comunicação locais. A câmara municipal de Idanha-a-Nova tem feito um esforço exemplar para desenvolver um dos melhores produtos económicos que este concelho pode oferecer - o turismo.

<sup>86</sup> Esta área geográfica é muitíssimo rica neste tipo de exemplos como são: a festa de Santo António em Sobral do Campo que passou de Setembro para Agosto, “por causa dos emigrantes. «É quando ela dá mais dinheiro»”; as festas de São Sebastião que se realizam em Agosto e Setembro na Aldeia de Santa Margarida, em Escalos de Baixo (transferida de Maio para Agosto), na Lousa (transferida de Setembro para Agosto), na Mata (transferida de Setembro para Agosto), na Póvoa Rio de Moinhos (transferida de Outubro para Agosto), em Monsanto, em Sarnadas de Ródão e em Tinalhas.

<sup>87</sup> Foi o que aconteceu com a última comissão do bodo de São Pedro do Esteval. Todos os informantes e registos escritos afirmam que “o bodo morreu porque houve uma comissão que não o fez num ano e depois nunca mais o fizeram”.

O declínio nesta área é, sobretudo, um resultado da queda do próprio modelo social. A sociedade agrária praticamente desapareceu. Monforte e Rosmaninhal, com a sua propriedade e produção, são disso o melhor exemplo. O homem é pago para não produzir, para não colher. Os rituais perderam a sua função de marcar as fases do ciclo agrícola. O tempo industrial é outro. A indústria impôs ao campo uma nova grelha de tempo.

A revitalização de algumas festas é ainda possível porque os valores sociais da modernidade são questionados. Isto leva a uma revalorização do tradicional e do estilo de vida rural. Uma evidência desta tendência são as largas dezenas de casas de aldeia que, nesta área, os cidadãos compram para repousar, passar o fim-de-semana, relaxar. O campo dá-lhes o que a cidade lhes nega; o refúgio, a independência e a oportunidade de serem eles mesmos.

A descentralização tem também contribuído para a revitalização da festa. Os concelhos têm mais autonomia e as populações locais marcam a sua diferença, em termos culturais.

As festas inventadas estão bem patentes no Ladoeiro (festa dos marinheiros, festas onomásticas e outras), em Castelo Branco (festa da cerveja e festas da cidade), em Ródão (festa do emigrante, festa dos bombeiros, festa do Benfica, festa do Sporting e festa do idoso), entre outras localidades.

O retorno de emigrantes está a dar uma nova energia à festa, porque são pessoas reformadas, com tempo disponível<sup>88</sup> e com razoável poder económico.

As festividades do Espírito Santo no sul da Beira Interior são festas polarizadas numa comunidade (Almaceda e Oledo), na vizinhança da capela (Sarnadas de Ródão) ou num grupo restrito de famílias (Monsanto, Ladoeiro, Zebreira e Monforte). Não há participação de elementos estranhos à comunidade. Esta é uma característica comum às festividades do ciclo do inverno e da primavera. Torna-se assim num meio extraordinariamente eficaz de reforço dos laços de parentesco e de vizinhança.

A festa do Espírito Santo em geral, e no Ladoeiro em particular, sofreu uma perda de competitividade quando comparada com o passado. Os almoços conjuntos da marcação

<sup>88</sup> Se no passado a riqueza era indispensável para gerir a festa no presente o factor determinante é o tempo. A festa deixou de ser gerida pelos ricos ou remediados (encontrámos na literatura e no trabalho de campo várias referências que o confirmam) e passou a sê-lo pelos reformados. Não se exclui, entretanto, o factor político. O 25 de Abril trouxe alterações significativas na organização da festa. Destronou famílias que a geriam em círculo fechado. Democratizou a festa.

e da festa dos madeiros fizeram desaparecer toda a disputa que existia. No passado o festeiro ao levar almoço para si e para os seus convidados pretendia levar mais e melhor que os restantes festeiros. Também já não há disputa no carregamento do madeiro. É a máquina que o carrega. Nos jantares a disputa passou também a ser menor porque são frequentemente servidos no restaurante. Assim, qualquer falha é imputada ao restaurante e não ao festeiro. Quando o jantar é em casa cada festeira esforça-se por servir uma refeição farta e bem confeccionada, para que o seu jantar seja o melhor. Resta um pouco de competitividade entre as mulheres na decoração da capela do Espírito Santo.

Anualmente, cada grupo de festeiros compara-se com o anterior, para que não fique aquém.

Mas, numa sociedade tão competitiva como a nossa, as medidas anteriormente tomadas não prefigurarão a abolição da competitividade na festa? Para a competitividade o nosso dia a dia não é já suficiente?

Com base neste trabalho julgamos poder afirmar que o culto do Espírito Santo, nesta área, entrou em decadência há muito tempo. Há muitos sinais que o confirmam: as capelas que não foram reconstruídas mas de que temos notícias históricas (Vila Velha de Ródão, Idanha-a-Velha, Oledo só recentemente foi reconstruída); as capelas que foram substituídas por outras (Sarzedas) ou abafadas (Sarnadas de Ródão); as capelas que são alvo de incúria (Proença-a-Velha) ou abandonadas (como a capela do Rosmaninhal que terá já sido utilizada como pocilga); o transporte de imagens para museus (?) sem que sejam substituídas; o abandono de imagens em arrecadações (Escalos de Cima e Proença-a-Velha); a reprovação, pelo bispo, da vontade de um grupo de devotos em restaurar a capela do Espírito Santo (RECONQUISTA, 17.8.1952); a proibição das folias do Espírito Santo pelo bispo da Guarda D. José Alves Mattoso, em 15 de Maio de 1928<sup>89</sup>; finalmente, as raras notícias que surgem nos jornais regionais relativas ao culto e à festividade do Espírito Santo<sup>90</sup>. Surge, em contrapartida, abundante noticiário sobre festividades religiosas como o Sagrado Coração de Jesus, a Senhora de Fátima e o Sagrado Lauperenne, só para citar alguns exemplos.

Hoje, com o agonismo das confrarias do Espírito Santo dá-se a domesticação das raras folias. Assistimos, desde há uma década, a uma recuperação das suas capelas e a um regresso das imagens aos altares. Estamos agora perante um culto puro, asséptico, livre

<sup>89</sup> Ver nota 12 do capítulo 3.

<sup>90</sup> O jornal a RECONQUISTA é propriedade da fábrica da igreja paroquial de Castelo Branco.

de toda a carga perigosa já referida! Carga perigosa porque o culto do Espírito Santo e as respectivas organizações populares que o promovem saem fora do controle da Igreja, embora utilizem os seus oficiantes. Ou o renascimento do culto terá alguma relação com a revitalização da festa?

Subjacentes à festa e culto do Espírito Santo tivemos oportunidade de conhecer dois tipos de grupos: o grupo fechado ou dogmático (Monsanto e Zebreira) e o grupo aberto (Ladoeiro, Segura e Monforte). O primeiro é caracterizado por um ritual muito rígido, completamente fechado à inovação. Mantém no seu seio um grupo fixo de elementos que controlam a estrutura e impedem a inovação. São festas que tendem a morrer com a morte do “núcleo duro.” O grupo aberto, mantendo os objectivos e a ritualidade fundamental, vai-se alterando e adaptando às novas realidades. Os seus membros são renovados anualmente. Estes grupos têm maior possibilidade de sobreviver.

Deste modo não se augura um futuro radioso para a confraria do Espírito Santo da Zebreira. Cremos que sobreviverá pouco tempo após a morte do seu juiz<sup>91</sup>.

Mas se as festas do Espírito Santo, ou outras festas religiosas, estão em crise e não conseguirem sobreviver outras irromperão a ocupar o seu espaço, a não ser que não haja pessoas para as inventar.

Tendo em conta a distribuição das festas, capelas e imagens pode-se concluir que o culto do Espírito Santo, tal como o de São Sebastião, parece ter-se instalado em comunidades com estruturas sociais bem definidas. A distribuição das capelas obedece ao modelo já encontrado para São Sebastião; a região oriental apresenta profusão de capelas, festas e imagens e a região ocidental escasso número delas.

Concluiu-se também que o padre, apesar da sua pouca interferência na festa, é um elemento imprescindível para sancionar os actos da própria festa. Mas nesta área o padre é um “bem” raro. Existem pouquíssimos e as necessidades são grandes. Como é um agente indispensável e nem sempre pode estar presente, os rituais colectivos começam a sofrer acertos condizentes com a sua disponibilidade. Por isso, começam a ocorrer fenómenos até aqui pouco habituais como sejam: a incerteza quanto à data da festa (Monfortinho), dependente da disponibilidade do padre; os conflitos com o padre que levam à anulação de cerimónias religiosas (missa em Sobral do Campo e festa do Espírito Santo em Monfortinho), à realização da festividade sem a sua presença (Tinalhas); o adiamento da procissão para o domingo seguinte, se o padre não tiver

tempo no domingo indicado (Alcafozes); a alteração da data da festa de São Sebastião de segunda-feira para o sábado anterior (Tinalhas), ou de domingo para o sábado anterior, porque “domingo está o padre muito ocupado” (Monfortinho e Proença-a-Nova).

E do muito que ficou por escrever outros se ocuparão se nos faltar ensejo de voltar ao tema.

## Bibliografia

### 1. Obras fundamentais

BOISSEVAIN, Jeremy (1992), *Revitalizing European Ritual*, London and New York.

LEAL, João (1994), *As Festas do Espírito Santo nos Açores, Um Estudo de Antropologia Social*, Publicações D. Quixote, Lisboa.

MALINOWSKI, B. (1922), *Argonauts of the Western Pacific*, London.

### 2. Obras gerais

ALMEIDA, Fortunato de (1967-1971), *História da Igreja em Portugal*, 4 Vol., Porto e Lisboa.

BEAR, M. (1991), *Ritual Writing, Ceremonial Feasting*, Times Literary Supplement, 4621.

BELO, António José (s/d), *O Meu Livro*, Lisboa.

*BÍBLIA SAGRADA* (1992), Edição Difusora Bíblica, 16ª edição, Lisboa.

BOWEN, J. R. (1989), *Poetic Duels and Political Change in the Gayo Highlands of Sumatra*, *American Anthropologist*, p.91.

BRITO, Joaquim Pais de (1989), *O Atlas Etnológico e a Carta das Fogueiras Anuais*, Estudos em Homenagem a Ernesto Veiga de Oliveira, p.521-536.

BRITO, Joaquim Pais de (1990), *As Rodas de Rio de Onor: Um Princípio Estrutural e Estruturante*, *Análise Social*, vol. XXV, p.511-543.

CAILLOIS, Roger (1988), *O Homem e o Sagrado*, Edições 70, Lisboa.

CARDOSO, Luis, *Dicionário Geográfico de Portugal*, transcrito nos Estudos de Castelo Branco, n° 41/42, Outubro 1972.

<sup>91</sup> O Sr. António Silva é juiz da confraria do Espírito Santo da Zebreira há 32 anos.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (1993), Gráfica de Coimbra, Coimbra.

DIRECÇÃO GERAL DE ESTATÍSTICA (1933 e 1934), *Censo da População de Portugal -1930*, Imprensa Nacional, 3 vol. Lisboa.

DUVIGNAUD, Jeán (1991), *Fêtes et Civilisations*, Actes Sud.

ESPIRÍTO SANTO, Moisés (s/d), *A Religião Popular Portuguesa*, Edições A Regra do Jogo, Lisboa.

ESPIRÍTO SANTO, Moisés (1988), *Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa*, Assírio e Alvim, Lisboa.

ESPIRÍTO SANTO, Moisés (s/d), *Origens do Cristianismo Português*, Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (1984), *A Invenção das Tradições*, São Paulo.

IMPRESA NACIONAL (1916), *Censo da População de Portugal - 1911*, Lisboa.

IMPRESA NACIONAL (1923 e 1925), *Censo da População de Portugal - 1920*, Lisboa.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (1944), *VIII Recenseamento Geral da População - 1940*, vol. VI, Distrito de Castelo Branco, Lisboa.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (1952 e 1953), *IX Recenseamento Geral da População - 1950*, Lisboa.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (1960), *X Recenseamento Geral da População - 1960*, Lisboa.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (1973), *XI Recenseamento Geral da População - 1970*, Lisboa.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (1981), *XII Recenseamento Geral da População e II Recenseamento Geral da Habitação - 1980*, Lisboa.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (1991), *XIII Recenseamento Geral da População e III Recenseamento Geral da Habitação - 1991*, Lisboa.

LAN, D. (1985), *Guns and Rain: Guerrillas and Spirit Mediums in Zimbabwe*, London James Curry.

LEAL, Pinho (s/d), *Portugal Antigo e Moderno*, Vol. IX, Lisboa.

MAUSS, Marcel (1950), *Ensaio Sobre a Dádiva*, Edições 70, Lisboa.

NAZARETH, J. Manuel (1988), *Princípios e Métodos de Análise da Demografia Portuguesa*, Editorial Presença, Lisboa.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga (1984), *Festividades Cíclicas em Portugal*, Lisboa.

RIBEIRO, Orlando (1986), *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, 4ª edição, Livraria Sá da Costa, Lisboa.

RIBEIRO, Orlando (1987), *Mediterrâneo, Ambiente e Tradição*, 2ª Edição, Fundação Calouste Gulbenkian.

RIBEIRO, Orlando; LAUTENSACH, Hermann (1987), *Geografia de Portugal, Vol. I*, Edições João Sá da Costa, Viseu.

RIBEIRO, Orlando; LAUTENSACH, Hermann (1988), *Geografia de Portugal, Vol. II*, Edições João Sá da Costa, Viseu.

RIBEIRO, Orlando; LAUTENSACH, Hermann (1989), *Geografia de Portugal, Vol. III*, Edições João Sá da Costa, Viseu.

RIBEIRO, Orlando; LAUTENSACH, Hermann (1991), *Geografia de Portugal, Vol. IV*, Edições João Sá da Costa, Viseu.

RIEGLHAUT, Joyce (1982), *O Significado Religioso do Anticlericalismo Popular*, Análise Social, vol. XVIII, p.1213-1230.

SANTA MARIA, Frei Agostinho de (1933), *Santuário Mariano e História das Imagens Milagrosas de Nossa Senhora, e das Milagrosamente Aparecidas, em Graça dos Pregadores, e dos Devotos da Mesma Senhora*, 2ª edição, Lisboa.

TAVARES, Maria José Ferro (1991), *Características do Messianismo Judaico em Portugal*, Estudos Orientais II, p.245-266, Lisboa.

VEYNE, P. (1990), *La Sociétés Romaine*, Sueil.

KAYSERLING, M. (1971), *História dos Judeus em Portugal*, Editora Pioneira, S. Paulo.

### 3. Bibliografia específica do Espírito Santo

CENTENO, Yvete (1984), *O Evangelho Eterno e a Doutrina Maçónica de Lessing*, Impérios do Espírito Santo e a Simbólica do Império, II Colóquio Internacional de Simbologia, Angra do Heroísmo.

CORTESÃO, Jaime (1980), *Os Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, 3ª edição, Lisboa.

FARINHA, Maria das Mercês M. de Meneses de Almeida, (1991), *As Festas do Espírito Santo: Elementos para a sua Compreensão*, Universidade Nova de Lisboa, Inédito.

LEAL, João (1984), *Etnografia dos Impérios de Santa Barbara, (Santa Maria, Açores)*, Instituto Português Património Cultural, Departamento de Etnologia, Lisboa.

LEAL, João (1989), *As Romarias Quaresmais de São Miguel (Açores)*, Estudos em Homenagem a Ernesto Veiga de Oliveira, p.409-436.

PEREIRA, J. A. (1950), *Sobre as Festas do Espírito Santo - Censuras e Leis da Autoridade Diocesana desde 1560*, Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira, n° 8:58-63, Angra do Heroísmo.

QUADROS, António (1987), *Portugal Razão e Mistério - O Projecto Áureo ou o Império do Espírito Santo*, Guimarães Editores, Lisboa.

SALVADO, Maria Adelaide Neto (1988), *A Devoção ao Espírito Santo na Beira Baixa*, Biblioteca da Escola Superior de Educação de Castelo Branco, manuscrito inédito.

SARAIVA, Sérgio Gaspar; FREITAS, António Manuel Correia; GAUDÊNCIO, Pedro Miguel Aguilár e MARTINS, Augusto Alberto G. Queiró (1993), *O Culto do Espírito Santo e as Organizações Comunitárias (na zona da Cova da Beira)*, Universidade da Beira Interior, Covilhã, inédito.

SIMÕES, Manuel Breda (1985), *O Espírito da Santa Cruzada e a Cruzada do Espírito Santo*, edição do Gabinete de Estudos de Simbologia, Cavalaria Espiritual e Conquista do Mundo, Instituto Nacional de Investigação Científica, p.165-175, Lisboa.

SILVA, Agostinho (1985), *Dez Notas Sobre o Culto Popular do Espírito Santo*, Impérios do Espírito Santo e a Simbólica do Império, II Colóquio Internacional de Simbologia, p.173-174, Angra do Heroísmo.

SOARES, Maria Micaela (1983), *Os Impérios Populares*, Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa, III Série, n° 88, 1° tomo (1982), p.99-30 fotografias e gravuras.

#### 4. Bibliografia etnográfica geral

DIAS, Jaime Lopes (1944), *Etnografia da Beira*, vol. I, 2 edição, Lisboa.

DIAS, Jaime Lopes (1948), *Etnografia da Beira*, vol. VII, Lisboa.

DIAS, Jaime Lopes (1953), *Etnografia da Beira*, vol. VIII, Lisboa.

DIAS, Jaime Lopes (1955), *Etnografia da Beira*, vol. III, 2° edição, Lisboa.

DIAS, Jaime Lopes (1963), *Etnografia da Beira*, vol. IX, Lisboa.

DIAS, Jaime Lopes (1964), *Etnografia da Beira*, vol. II, 2° edição, Lisboa.

DIAS, Jaime Lopes (1966), *Etnografia da Beira*, vol. V, 2° edição, Lisboa.

DIAS, Jaime Lopes (1967), *Etnografia da Beira*, vol. VI, 2° edição, Lisboa.

DIAS, Jaime Lopes (1970), *Etnografia da Beira*, vol. X, Lisboa.

DIAS, Jaime Lopes (1971), *Etnografia da Beira*, vol. VI, 2° edição, Lisboa.

DIAS, Jorge (1950), *O Essencial Sobre os Elementos Fundamentais da Cultura Portuguesa*, Lisboa.

HENRIQUES, Francisco; CANINAS João (1991), *Poesia Popular dos Cortelhões e dos Plingacheiros*, Preservação n° 12:158, Vila Velha de Ródão.

HENRIQUES, Francisco (1993), *Culto a São Sebastião no Sul da Beira Interior – Primeira Leitura*, inédito.

HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João (1995), *A Representação da Mulher e do Homem na Poesia Popular do Sul da Beira Interior*, Ibn Maruán, edição da Câmara Municipal de Marvão, n° 5, Marvão, p.113-126.

LOBO, Ernesto Pinto (1988), *Beira Baixa*, Edição Mobil, p.199, Rio Tinto.

MARCELO, M. Lopes (1993), *Beira Baixa*, Lisboa.

MOURA, José Carlos Duarte (1992), *Contos Mitos e Lendas da Beira - Por Terras da Beira*, Castelo Branco.

SALVADO, António (1985), *A Poesia Popular da Beira Baixa*, Adufe, n° 2, p.25-40, Castelo Branco.

#### 5. Monografias e bibliografia por concelhos

##### Castelo Branco

AGOSTINHO, Rafael, (1982), *Subsídios para uma Monografia de Salgueiro do Campo*, Castelo Branco.

BARGÃO, J. D. (1945), *Monografia de Salvaterra do Extremo*, Lisboa.

BELO, José Antunes (1985), *Benquerenças - no Espaço e no Tempo*, edição do autor, Castelo Branco.

CASTELO BRANCO, Manuel da Silva (1985), *Subsídios para o Estudo da Toponímia Albicastrense no Século XVI*, Adufe, n° 2, p.7-23, Castelo Branco.

CASTELO BRANCO, Manuel da Silva (1990), *Assistência aos Doentes na Vila de Castelo Branco e seu Termo, entre finais do Séc. XV e Começos do XVII*, Medicina na Beira Interior da Pré-História ao Século XX, 2, p.7-20, Castelo Branco.

JORGE, Horácio Brás (1996), *Tinalhas - Meu Berço, Minha Raiz*, edição do autor, Castelo Branco.

LEITE, Ana Cristina (1991), *Castelo Branco*, Lisboa.

LOURENÇO, Artur (1985), *Monografia da Freguesia de Santo André das Tojeiras*, Lisboa.

LEITÃO, Luis (1991) *Partida, Comunidade da Zona do Pinhal na Beira Baixa - Esboço Monográfico*, Fundão.

MARTINS, Manuel Alfredo de Moraes (1986), *Malpica do Tejo - Terra Pobre, Povo Nobre*, Instituto Superior Ciências Sociais e Políticas, Lisboa.

MATOS, Joaquim Pires de (1983), com colaboração de José Valentim de Matos PRATA, *Juncal do Campo. Um Pouco da sua História*, Castelo Branco.

NUNES, António Pires e João Henriques RIBEIRO (1980), *Castelo Branco e a sua Região - História - Arte - Etnografia*, Coimbra.

OLIVEIRA, Acácio C. (s/d), *Sarzedas e o seu Termo, Aspectos Geográficos, Históricos e Etnográficos*, Castelo Branco.

RIBEIRO, J. Cardoso (1953), *Castelo Branco e o seu Alfoz*, Castelo Branco.

ROQUE, Sanches (1975), *Alcains e sua História*, Castelo Branco.

ROXO, António (1890), *Monographia de Castello Branco*, Elvas.

SANTOS, Manuel Tavares (1958), *Castelo Branco na História e na Arte*, edição do autor, Porto.

SILVA, J. A. Porfírio da (1853), *Memorial Chronologico e de Castelo Branco*, Lisboa.

### **Idanha-a-Nova**

ANDRADE, Mário Marques de (1988), *Subsídios para a Monografia de Segura*, edição do autor, Tomar.

ANTUNES, António Rodrigues (1987), *Subsídios Para a Monografia da Zebreira*, 2 Volumes, Biblioteca Municipal de Castelo Branco, inédito.

BARGÃO, J. D. (1945), *Monografia de Salvaterra do Extremo*, Lisboa.

BUESCU, Maria Leonor Carvalhão (1984), *Monsanto, Etnografia e Linguagem*, Editorial Presença, Lisboa.

CARVALHO, António (1991), *O Culto do Espírito Santo na Raia: Um Culto Cripto-Judaico*, Aldeia Viva, Outubro, Monsanto.

CARVALHO, António Maria Romeiro de (1992), *Acerca do Openfield e Pastos Comuns no Concelho de Idanha-a-Nova nos finais do Antigo Regime a partir de Albert Silbert*, Forum Sociológico, n°1, p.19-33, Lisboa.

CARVALHO, António M. (1993), *A "Procissão dos Homens" no Ladoeiro: Espaço, Tempo e Ritos Agrários Quaresmais numa aldeia da Raia Centro*, Forum Sociológico, n°3, p.33-47, Lisboa.

CHAMBINO, Mário Lobato (s/d), *Projecto de Monografia do Rosmaninhal*, inédito.

CRESPO, Firmino (1985), *A Vila de Idanha-a-Nova*, Lisboa.

FERREIRA, Seomara da Veiga; COSTA, Maria da Graça Amaral da (1970), *Etnografia de Idanha-a-Velha*, edição da Junta Distrital de Castelo Branco, Coimbra.

FERREIRA, Seomara da Veiga; COSTA, Maria da Graça Amaral da (1971), *Orações do Dia e da Noite em Idanha-a-Velha*, Arquivo de Beja, vol. XXV-XVII (1968-1970), p.85-97, Beja.

GOUVEIA, Jorge (1990), *A Casa Tradicional do Ladoeiro*, Preservação, n° 9-11, p.7-13, Vila Velha de Ródão.

HENRIQUES, Francisco, Carlos CANINAS e António HENRIQUES (1982), *Levantamento de Algumas Gravuras Antigas Sobre Rocha do Sul da Beira Interior*, Beira Alta, vol. XLI, fascículo 3, p.703-715.

HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João Carlos; CHAMBINO, Mário (1993), *Carta Arqueológica do Tejo Internacional*, vol. 3, Preservação, n° 14 - 16, Vila Velha de Ródão.

HORMIGO, José J. M. (1979), *Ladoeiro - História Breve*, edição do autor.

LOBO, Ernesto Pinto; LUCAS, Francisco António D'Ordaz Caldeira (1972), *Subsídios para a História e Conhecimento de Penha Garcia*, Castelo Branco.

MARROCOS, António Capêlo Manzarra (1936), *Idanha-a-Velha*, Famalicão.

MESQUITA, Jorge Eduardo P. B. Lobo de (1984), *Festa e Estratificação Social na Campina*, Departamento de Antropologia, Universidade Nova de Lisboa, inédito.

### Proença-a-Nova

CATHARINO: Manuel Alves (1933), *Monografia do Concelho de Proença-a-Nova*, Lisboa.

VILHENA, M. Assunção (1995), *Gentes da Beira Baixa - Aspectos Etnográficos do Concelho de Proença-a-Nova*, Lisboa.

### Vila Velha de Ródão

AFONSO, Arnel (1985), *As Alvíssaras (Sarnadas de Ródão)*, Adufe, n°2, p.81 Castelo Branco.

HENRIQUES, António (1981), *Alguns Apontamentos Relacionados com Lendas e Factos Contidos na Etnografia de Sarnadas de Ródão*, Preservação, n°4, Vila Velha de Ródão.

HENRIQUES, Francisco; CANINAS, J. (1986), *Nova Contribuição para a Carta Arqueológica dos Concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa (2)*, Preservação, n° 7, Vila Velha de Ródão.

PAULA e SÃO (1983), *Levantamentos Culturais na Freguesia de Sarnadas de Ródão*, Biblioteca do Centro Municipal de Cultura de Vila Velha de Ródão, inédito.

SILVA, Armando Dinis; GUIMARÃES, Maria Manuela Jesus (1992), *Vale do Homem*, edição policopiada, Vale do Homem.

SOROMENHO, Paulo Caratão, (1965), *Lendário Rodanense*, Revista de Portugal, Série A, vol. XXX, p.430-447, Lisboa.

### Áreas limítrofes

CUNHA, José Germano da (1892), *Apontamentos para a História do Concelho do Fundão*, edição fac-simile do Jornal do Fundão, Lisboa.

FERREIRA, J. C. Lobato (1984), *Monografia da Antiga Vila de Belver (da Ordem de S. João do Hospital)*, edição da Câmara Municipal de Gavião, Damaia.

FIGUEREDO, José F. (1956), *Monografia de Nisa*, edição fac-simile, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Nisa.

GARCIA, Maria Antonieta (s/d), *Os Judeus de Belmonte - Os Caminhos da Memória*, edição do Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

LANDEIRO, José Manuel (1982), *O Concelho de Penamacor*, 2ª edição, Fundão.

MAPONE (1975), *Castelo Novo, Estudos Para Uma Monografia*, Coimbra.

MOTA, António José Salvado (1933), *Monografia de Alpedrinha*, Tipografia Particular, Alpedrinha.

MOURA, José Diniz da Graça Motta e (1877), *Memória Histórica da Notável de Nisa*, edição fac-simile, Lisboa.

SOUSA, Tude Martins de; RASQUILHO, Francisco Vieira (1936), *Amieira do Antigo Priorado do Crato*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, edição fac-simile, Figueira da Foz

### 6. Dicionários e enciclopédias

*DICIONÁRIO DA HISTÓRIA DE PORTUGAL*, dirigido por Joel Serrão, 4 vol. Iniciativas Editoriais.

*GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA*, Editorial Enciclopédia Limitada, Lisboa - Rio de Janeiro.

*LEXICOTECA, MODERNA ENCICLOPÉDIA UNIVERSAL*, Edição do Círculo de Leitores.

POLIS (1984), *ENCICLOPÉDIA VERBO DA SOCIEDADE E DO ESTADO*, sob patrocínio da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa, Vol. 2, Lisboa.

POMO (1991), *PORTUGAL MODERNO - TRADIÇÕES*, Lisboa.

PORTUGAL, DICIONÁRIO HISTÓRICO, CHOROGRAPHICO, BIOGRAPHIC, BIBLIOGRAPHICO, HERÁLDICO, NUMISMÁTICO E ARTÍSTICO, 8 volume 1909, Lisboa.

## 7. Jornais

ACÇÃO REGIONAL, Castelo Branco (números avulsos).

ALDEIA VIVA, Penha Garcia (números avulsos).

BEIRA BAIXA (1937-1976), Castelo Branco.

MANCHA VERDE (1987-1994), Proença-a-Nova.

O CONCELHO DE VILA VELHA DE RÓDÃO (1982-1994), Vila Velha de Ródão.

PORTAS DE RÓDÃO, Vila Velha de Ródão (números avulsos).

RAIANO, Idanha-a-Nova (números avulsos).

RECONQUISTA (1949-1994), Castelo Branco.

TERRAS DA BEIRA, Castelo Branco (números avulsos).

**Anexo 1** Letra das quadras cantadas no tractor do coroeiro e repetidas ao longo do percurso.

Alegram-se os céus e a terra  
 Cantemos com alegria  
 Alegram-se os céus e a terra  
 Cantemos com alegria  
 Já vi nascer o Menino  
 Filho da Virgem Maria  
 Já vi nascer o Menino  
 Filho da Virgem Maria  
 Entrai pastores entrai  
 Por esses portões sagrados  
 Entrai pastores entrai  
 Por esses portões sagrados  
 Vinde a adorar o Menino  
 Numas palhinhas deitado  
 Vinde a adorar o Menino  
 Numas palhinhas deitado  
 Entrai pastores entrai  
 Por esses portões sagrados  
 Entrai pastores entrai  
 Por esses portões sagrados  
  
 Vinde a adorar o Menino  
 No seu sagrado nascimento  
 Vinde a adorar o Menino  
 No seu sagrado nascimento

Natal, Natal  
 Natal, Natal  
 Filhós com vinho  
 Não fazem mal

Oh meu Menino Jesus  
 Oh meu Menino tão belo  
 Logo no dia em que nasceste  
 Na noite do caramelo  
 Logo vieste nascer  
 Na noite do caramelo

Agora é qu'ela vai boa  
 Agora é qu'ela vai boa  
 Roubaram-nos o garrafão

Tinha três fiquei com quatro  
 Olha a falta qu'eles dão

Na noite, na noite  
 Na noite do Natal  
 Na noite, na noite  
 Na noite do Natal  
 Vamos andando pró adro  
 Que os madeiros estão a arder  
 O presépio está armado  
 O Menino por nascer  
 Agora é qu'ela vai boa  
 Agora é qu'ela vai boa  
 Vamos dar uma volta ao adro  
 Vamos já ver o braseiro  
 Viva o reboque do alferes  
 E também o do coroeiro.  
 Oh meu Menino Jesus  
 Quem te lavou as calcinhas  
 Oh meu Menino Jesus  
 Quem te lavou as calcinhas

Foi a mulher, do Titó  
 Mais a mulher do Jeirinhas  
 Foi a mulher do Titó  
 Mais a mulher do Jeirinhas

**Anexo 2** Transcrição de uma das anedotas.

“Os santos estavam todos lá no céu numa grande masmorra e disseram para São Pedro:

- Oh São Pedro arranja-nos lá um distraimento, estamos fartos daqui estar.

Bem, lá combinaram fazer uma caçada. Mas disse São Pedro:

- Vão fazer a caçada mas quando ouvirem as 12 badaladas baixem as armas. Não atirem um tiro.

Andavam na caçada e deram as 12 badaladas. Tudo baixou as armas e nisto pomba. Ouviu-se um tiro.

Quem foi? Quem não foi? E São Pedro viu que tinha sido São José e chamou-o e disse-lhe:

- Oh São José o que é que tu fizeste? Então eu tanto pedi...

Resposta do São José:

- Sabe São Pedro essa estava cá atravessada há muito. E indica com o dedo para o pescoço.

É que Nossa Senhora, mulher do São José, engravidou por obra e graça do Espírito Santo.”

**Anexo 3** Guião utilizado no trabalho de campo**Capela**

- Em relação à povoação, onde está implantada?
- Descrever, sumariamente, a área envolvente da capela.
- Possui, perto, algum poço, nascente, fonte ou está construída junto de algum curso de água?
- Descrição arquitectónica do exterior da capela (atenção à existência de símbolos).
- Descrição arquitectónica do interior da capela.
- Imagens sacras que existem no monumento.
- O monumento está actualmente aberto ao culto?
- Quando é utilizada para culto?
- Para que serve actualmente a capela?
- Quem preserva a capela?
- Quem paga as despesas inerentes à preservação da capela (reparações)?
- Quem paga as despesas inerentes à manutenção da capela (água, electricidade e limpeza)?

- Quem cuida da higiene da capela?
- Quem tem a chave? Porquê essa pessoa?

**Imagem**

- Onde está a imagem? (igreja, capela, outro local)
- De onde veio?
- Onde se encontra actualmente? (altar, sacristia, nave, outro local)
- Lembra-se de ter estado noutro sítio?
- Ainda tem devotos?
- Descrição da imagem e do seu estado de conservação.
- Quem tem pago as despesas de conservação da imagem?
- Quem limpa a imagem do Espírito Santo? Quando? Com que produtos?
- Costuma sair em procissões? Quais? Quando?
- Quando regressa à igreja ou à capela?
- De que forma regressa? (em procissão, de outro modo).
- Foi sempre assim?
- Quem transporta a imagem nas procissões? Porquê?
- E no passado como era?
- As pessoas ainda gostam da imagem?
- É uma imagem bonita?
- De que imagem é que gosta mais?
- Há afilhados do Espírito Santo?
- Na imagem habitual do Espírito Santo, veneram o ancião, a pomba ou a cruz?

**Bandeira/Estandarte**

- Qual o tamanho do estandarte?
- É pesado?
- Quantas faces tem?
- Em cada uma das faces tem o mesmo motivo? - Há ramagens na bandeira?
- Qual a cor predominante?
- Tem franja? Qual é a cor e o comprimento? - Qual o tipo de tecido?
- O que representa? Descrevê-lo.
- Onde se guarda?
- Que cuidados se tem com ele?
- Em que procissões é que sai?

**Espírito Santo**

- Que outros nomes toma o Espírito Santo? (o céu, o altíssimo, o misericordioso, o bendito, o divino, o augusto, o senhor, o pai eterno, adonai, o santo)
- Como se representa o Espírito Santo? (pomba, coroa, varinha, escultura, estandarte, outra forma).
- Em que parte da festa há rituais em que entram ramos de árvore?
- Qual a espécie botânica utilizada? Porque? Por quem? Para quê? Quando? Como?
- O Espírito Santo protege as pessoas de quê?
- Quais são os atributos do Espírito Santo? (o São Sebastião protegia da guerra, da fome e da peste).
- Será possível associar o Espírito Santo às ceifas? (no tempo das ceifas, manifestações com espigas de trigo, outras formas).

**Festa**

- A festa do Espírito Santo é fruto de alguma promessa? (história que justifique a capela ou festa).
- Conte a história.
- Quando é a festa do Espírito Santo? Já se conheceu outra data?
- Porque houve alteração?
- Quem a organiza?
- Onde se faz a festa?
- Por ocasião da festa as pessoas decoram a aldeia?
- É costume erguerem altares, tronos ou outras estruturas?
- Quem tem estas funções?
- É pago para o efeito?
- Que outros nomes tem a festa do Espírito Santo?
- Que tipo de donativos fazem ao Espírito Santo?
- Em que ocasiões utilizavam indumentária específica? Descrever os fatos e mencionar as ocasiões.
- Há missa? E procissão?
- Paga-se aos párocos os seus serviços?

**Procissão**

- Quando se faz?
- Quais são as figuras sacras que participam?
- Qual o percurso e o sentido da procissão?

- Quem a organiza e disciplina?
- Qual o lugar dos homens, das mulheres, das crianças e do padre?
- Quais as bandeiras que participam?
- Quem transporta o andor? Porquê?
- Há leilão ou compra da perna do santo?
- Quando se efectua o leilão? Quem o faz e organiza?
- Marcam-se as pernas do andor?
- Há ofertas ao santo?
- Na procissão podem ver-se espigas de trigo ou bolos (geralmente nas ofertas dos crentes)?
- Que tipo de ofertas?
- Onde são colocadas?
- A quem pertence o dinheiro obtido na procissão?
- A quem pertence o dinheiro obtido no leilão?

**Promessas**

- Que graças pedem ou pediam?
- Em que tipo de aflições recorrem ao Espírito Santo?
- Há hábito de oferecer ex-votos ao Espírito Santo?
- Acendem-se ou acendiam-se velas ao Espírito Santo? Quando? Porquê?
- Quem, como e onde organiza o ramo?
- Quantas vezes no ano?
- Que bens colocam, ou colocavam no ramo? São fruto de promessa?
- Onde, como e por quem se processa a venda dos bens colocados no ramo?
- Para quem reverte o dinheiro obtido?
- Qual o destino do dinheiro obtido?

**Juiz/Coroeiro**

- Há juiz?
- Que outros nomes pode tomar o responsável pela festa? (imperador, Espírito Santo, alferes).
- Qual o símbolo do juiz? (coroa, vara, facha de linho, lenço de mulher sobre a cabeça, outro).
- Se utilizar mais que um símbolo em momentos diferentes mencionar os momentos e os símbolos.
- Os juizes são por devoção ou por promessa?
- Quem não pode ser juiz? As mulheres podem? E as crianças?

- Houve alteração com o tempo?
- Para se ser juiz é preciso ser rico? (ou melhor que se enriqueceu)
- Nestes últimos anos quem tem sido juiz? O que fazem? São pessoas remediadas? São emigrantes? São pessoas que vieram do nada?
- Há juizes já assegurados para o futuro?
- O juiz é coroado?
- Quem o coroa?
- Nesta coroação quem participa? E o padre?
- Qual a função do padre? O que faz?
- Em que sítio se dá a coroação? (igreja, entrada da povoação, outro local)
- Quem transporta o símbolo (coroa, vara) do juiz?
- Quais são as funções do juiz? É ele que manda em tudo?
- Qual é a participação do juiz nas despesas da festa?
- O juiz assiste ao desfile das ofertas?

### Foliã ou giros

- O que é a folia?
- Quando se faz a folia?
- Onde se desenrola a folia?
- Para que serve?
- Quem participa? Com que fim?
- Descrever a folia.
- O que se canta por ocasião dos giros ou folias?
- Quem canta?
- Recolher os cânticos.
- Que instrumentos musicais levavam pela rua? Quantos? A quem pertenciam? Quem os transportava?
- Como vão vestidas as pessoas? (não esquecer o juiz, os pajens e os elementos mais importantes da festa).
- Levam opas? Vão com os fatos de cada um? Levam algo na cabeça?
- Leva o juiz um pano de linho nos ombros?
- Leva um lenço de mulher, de cores garridas, na cabeça?
- E um chapéu tipo tiara na cabeça? Quem o fez? Que materiais utilizou? O chapéu de um ano podia ser utilizado no ano seguinte? Qual o tamanho?
- O pendão sai nas folias? Na altura é dado a beijar na rua? Porquê?
- Quem transporta nestas ocasiões o pendão? Porquê ele e não outro?
- Além da folia há qualquer outro tipo de dança? Qual? Descreva-a.

- Com que outros elementos se pode distinguir o juiz?

### Noite do Vitó ou da filhota (COREA, dança)

- (noite de sábado para domingo de Pentecostes, Zebreira)
- Como se chama a noite de sábado para domingo de Pentecostes?
  - Já ouviu falar na noite do vitó ou filhota?
  - O que é o vitó e a filhota?
  - Quando se fazia?
  - Em que consistem estas manifestações de alegria? O que faziam as pessoas?
  - Quem está proibido de participar nestes folguedos?
  - Quanto tempo dura? As pessoas dormiam?
  - As pessoas dançavam o São Vitó ou a corea?
  - Como é que as pessoas ficavam depois da dança? (prostração, excitação, outro estado)

### Despesas

- Quem contabiliza e fiscaliza os donativos?
- Quem paga aos padres?
- Quem paga a tourada?

### Comensalidade

- Há comensalidade colectiva?
- Quando? Onde (descreva o espaço físico)? Porquê?
- Quem organiza o bodo?
- Havia abate de animais? Quantos? Que animais?
- Quem os pagava? Quem os matava?
- Antes de os matarem havia garraizada?
- De onde costumavam vir estes animais?
- Como são as ementas? Descrever a confecção e a composição.
- Quando se começam a confeccionar?
- Que tipo de instrumentos utilizam?
- A quem pertencem estes instrumentos?
- Quem come e bebe?
- Os ricos participam?
- Os pedintes participam ou participavam?
- Vêm pedintes e outras pessoas do aro?
- Qual o papel do padre?

- O que se bebe?
- Qual é quantidade por pessoa? Há limitações?
- Qual a origem dos bens alimentares para o bodo?
- Qual a origem dos meios para aquisição destes bens?
- Qual a origem dos ingredientes?
- A cada responsável quanto poderá custar a festa, por ano?
- Os homens e as mulheres chegam a ficar bêbados?

### **Jantares do Espírito Santo**

- Há jantares do Espírito Santo?
- Quem os organiza?
- Porque se organizam?
- Quem os paga?
- Quantas pessoas participam? Quem?
- Participam todas as pessoas da casa onde se realiza o jantar? Mulheres? Crianças?
- Alguém é excluído? Porquê?
- Quantos jantares se realizam?
- Em que dias da semana?
- A que horas começa o jantar?
- Quanto tempo pode demorar um jantar?
- Em que sítio da casa é servido?
- O que se come?
- O que se bebe?
- Quem serve à mesa?
- Onde é que as mulheres intervêm?
- O que costumam fazer os participantes antes do jantar? Folia?
- Descrição do cerimonial do jantar (beijara pomba, começar a comer, benzer-se, silêncio ou ruído, outros actos).
- Qual é a cor da toalha usada na mesa? E de que material?
- Reza-se durante o jantar? O quê? Em honra de quem?
- Há troca de copos de vinho?
- Quem faz essa troca? Porquê?
- Há multas para quem sujar a toalha?
- Do que consta a multa? Qual o seu valor?
- Quem é que as aplica?
- A que se destina o dinheiro obtido pelas multas anteriores?
- Que artefactos entram nos rituais do jantar?

- Durante o jantar dão-se vivas?
- Durante o jantar como se tratam as pessoas entre si? Por senhor ou por tu?
- Há manual de disciplina? Onde o podemos encontrar?
- Há prato surpresa no final do jantar? De que jantar? De todos?
- Em que consiste a surpresa?
- Onde vem a surpresa?
- Quem encara a surpresa em primeiro lugar?
- Tenta-se primeiro adivinhar a surpresa?
- Durante o jantar há quem pergunte a razão de ser das coisas? Porquê?
- Durante o jantar onde se coloca a coroa ou o estandarte do Espírito Santo?
- Existe a pedra da honra? Para que servia? Onde estava implantada? Qual o nome que toma?

### **Confraria**

- Quantos elementos possui a confraria?
- Qual a função da confraria?
- Onde é a sua sede?
- Quem pode fazer parte da confraria?

### **Perpetuação**

- Quem escolhe os mordomos?
- Quem está proibido de ser mordomo do Espírito Santo?
- Como se chama o grupo de pessoas que perpetuam a festa?
- De quantos elementos é composta?
- Quando se faz a transmissão de poderes?
- Onde se faz a transmissão de poderes?
- Quem participa?
- O que fazem?
- Em que consiste a transmissão de poderes?
- Qual o nome e a função de cada elemento? (rei, alferes, mordomos, outros)
- Qual a função destes mordomos?
- As mulheres podem pertencer à comissão de festas do Espírito Santo?
- Quem e quando pode ser eleito ou nomeado? São as figuras mais importantes da terra?
- Quando e como é dado conhecimento público dos nomes que constavam deste grupo?
- Há possibilidades de recusa? Qual o castigo?
- Canta-se quando há passagem de poderes? O quê?

- É verdade que há um segredo que se transmite de uma mordomia para a outra?
- O que acontece se esse segredo for revelado?
- Quando é transmitido esse segredo?
- Quem o transmite e quem o recebe?
- Onde se transmite o segredo?

### **Baile**

- Quando se faz?
- Onde se realiza?
- Quem pode participar?
- Qual a duração do baile?
- Que tipo de música contratam para o animar?
- Quem paga?

### **Comunidade**

- Nesta comunidade quais são as festas que se realizam entre a Páscoa e o Corpo de Deus?
- Há folias, mesmo que relativas a outras festas? Quais?
- Em que época do ano? Descrever minuciosamente a folia.
- Há na povoação algum círio? (deslocação de uma povoação atrás de um pendão, sob a forma de procissão, a qualquer lugar santo em obediência a um voto antigo)
- Quem o organiza? Porquê? Como se organiza? Com que meios? Quem participa? Qual o objectivo? Quando se faz?

### **Outros**

- Há histórias ou ditos da Rainha Santa? Recolher o seu conteúdo.
- Há tourada ou garraiada na festa?
- Quando? Em que sítio?
- Quem paga estas despesas?
- De onde vêm os touros?
- Havia abate de animais? Quantos? Que animais?
- O *Bendito* da Igreja é igual ao *Bendito* do povo (ou *Bendito* contra as trovoadas)?
- Há Misericórdia?
- Quem se responsabiliza pelo transporte dos madeiros do Natal?